



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Luiz Felipe Melo Eduardo


**Mídias e manifestação popular: um embate de posicionamentos discursivos
entre a imprensa brasileira e as mídias alternativas**

Rio de Janeiro

2015

Luiz Felipe Melo Eduardo

Mídias e manifestação popular: um embate de posicionamentos discursivos entre a imprensa brasileira e as mídias alternativas.



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística

Orientador: Bruno Deusdará

Rio de Janeiro

2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

E24 Eduardo, Luiz Felipe Melo.
Mídias e manifestação popular: um embate de posicionamentos discursivos entre a imprensa brasileira e as mídias alternativas / Luiz Felipe Melo Eduardo. – 2015.
247 f.

Orientador: Bruno Deusdará.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Análise do discurso - Teses. 2. Mídia social - Teses. 3. Movimentos de protesto - Brasil – 2013 – Teses. 4. Telejornalismo – Aspectos políticos - Teses. 5. Imprensa – Brasil – 2013 – Teses. I. Deusdará, Bruno. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 82.085:[070:363.233]

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Luiz Felipe Melo Eduardo

**Mídias e manifestação popular: um embate de posicionamentos discursivos entre a
imprensa brasileira e as mídias alternativas**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em 30 de março de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Bruno Deusdará (Orientador)
Instituto de Letras - UERJ

Prof. Dr. Guilherme Nery Atem
Universidade Federal Fluminense

Prof^a. Dra. Poliana Arantes
Instituto de Letras - UERJ

Rio de Janeiro

2015

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a família Melo Eduardo, sobretudo a meus pais Gilvan e Rosangela por terem me ensinado a ter perseverança e correr atrás dos meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por ter me dado a permissão de chegar até aqui, e por toda força concedida na concretização do meu sonho.

Aos meus pais, Gilvan e Rosangela, simplesmente por terem me feito existir, por tudo que sou, por terem me ajudado nas horas difíceis e me estimulado a prosseguir na minha caminhada.

Aos meus irmãos, Carlos Renato Melo Eduardo, Silvana Melo Eduardo e José Eduardo Neto, pelo incentivo a prosseguir na evolução dos meus estudos e na realização dos meus objetivos.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), através da bolsa de fomento que contribuiu para a aquisição de livros e no aprimoramento deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Bruno Deusdará, pela excelente orientação ao longo do desenvolvimento desta dissertação, com preciosas dicas de leitura e incentivo a me dedicar e trilhar um belo caminho no mundo acadêmico. Além disso, agradeço pela contribuição no meu enriquecimento profissional, por sempre ter acreditado no meu potencial e nas primorosas reflexões acerca do trabalho do professor e da relação entre mídia e política, que tanto me entusiasma.

Ao Prof. Dr. Décio Rocha, pelas excelentes aulas, dicas de leitura e reflexões referentes aos estudos discursivos, a pesquisa científica e ao trabalho do professor.

Ao Prof. Dr. Guilherme Atem, pelas excelentes dicas de leitura, assim como pelas conversas e reflexões acerca da comunicação social, sobretudo da área de jornalismo.

À Prof^a. Dr^a Poliana Arantes e ao Prof. Dr. Alexandre Cadilhe, por terem aceito participar da banca deste trabalho.

À Prof^a. Dr^a. Michelli Bastos Ferreira, pela grande contribuição na construção da minha vida acadêmica desde a graduação, acrescentando com dicas de leitura e total incentivo no meu desenvolvimento profissional e acadêmico.

A todos os meus professores de graduação e pós-graduação, pelas aulas, com constantes ensinamentos, que sempre me fizeram crescer profissionalmente.

Aos colegas do mestrado, pelos debates em sala de aula e nas reuniões da disciplina ‘pesquisa orientada’, que contribuíram para reflexões acerca dos estudos discursivos e do desenvolvimento desta dissertação.

Aos colegas de graduação.

Enfim, a todos aqueles que torceram por mim.

O Analfabeto político

O pior analfabeto é o analfabeto político
Ele não ouve, não fala, nem participa dos
acontecimentos políticos.

Ele não sabe que o custo de vida, o preço
do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel
do sapato e do remédio
dependem de decisões políticas.

O analfabeto político é tão burro que
se orgulha e estufa o peito dizendo que odeia política.

Não sabe o imbecíl que, da sua ignorância nasce a prostituta,
O menor abandonado, o assaltante e o pior dos bandidos
que é o político vigarista, pilantra,
o corrupto e o lacaio dos exploradores do povo

Bertold Brecht

RESUMO

EDUARDO, Luiz Felipe Melo. *Mídias e manifestação popular: um embate de posicionamentos discursivos entre a imprensa brasileira e as mídias alternativas*. 2015. 247f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Objetiva-se, neste trabalho, compreender as lutas de resistência e os poderes que estão em jogo no contexto de manifestações populares de dois mil e treze, no Brasil, realizando uma análise discursiva de duas notícias televisivas. Por meio deste estudo, analisamos a imagem construída acerca dos participantes e suas motivações e entendemos como a grande imprensa retratou as manifestações em contraponto com o que foi apresentado nas novas mídias alternativas, elegendo como entradas linguísticas as designações atribuídas aos eventos e aos seus participantes e as vozes relatadas nas notícias. O estudo que ora se apresenta trata de uma análise do discurso midiático, segundo a teoria da AD de linha francesa, com base, nos postulados de Maingueneau (2008b), através da semântica global proposta pelo autor. Consideramos ainda que uma entrada que privilegia o estudo dos performativos e pressupostos (Rocha, 2014) vem permitindo avanços notáveis nos encaminhamentos de uma perspectiva discursiva. Para fundamentar nossa abordagem teórica, seguiremos a perspectiva dialógica da linguagem (Bakhtin, 2003) e a noção de gêneros do discurso através dos critérios de Maingueneau (2011). Além disso, abordaremos as noções de poder e as lutas de resistência (Foucault, 1979) e a produção de subjetividade por meio dos agenciamentos e das máquinas de expressão (Guattari & Rolnik, 2005). Através de um estudo sobre as imagens no campo midiático, pretendemos desnaturalizar a visão de que o telejornal apresenta a verdade única e concreta em suas notícias, mostrando que essas notícias são apenas uma das diversas perspectivas de realidade possíveis, seguindo os postulados de Wolff (2005). O *corpus* de análise selecionado foi obtido a partir da página na internet do telejornal, com a retirada dos vídeos das manifestações dos dias vinte e três e vinte e quatro de julho de dois mil e treze, pelo *site* do Jornal Nacional, da Rede Globo de televisão. Com esses vídeos, poderemos observar que as polêmicas e os posicionamentos discursivos entre as diferentes mídias são evidenciados e perpassam esse evento. Busca-se, enfim, realizar uma análise mais apurada do discurso midiático, que, por sua vez, evidencie a relação entre as modalidades da linguagem: verbal e não verbal e o seu funcionamento. Como resultados, observamos que as notícias podem apresentar um descolamento entre as modalidades da linguagem, ou seja, entre o que é falado e o que é mostrado ao telespectador. Sendo assim, a parte verbal (designações) evidencia um possível equilíbrio entre policiais e manifestantes, diferentemente, do que pudemos identificar na parte não verbal (vozes e imagens) da notícia. Por fim, através desse deslocamento percebemos que a ideia de um aparente “equilíbrio” entre as “partes” é mas um efeito produzido pela própria linguagem do que uma evidência empírica exterior à notícia.

Palavras chaves: Análise do discurso. Mídia. Manifestação. Semântica global. Polêmica.

Performativos.

ABSTRACT

EDUARDO, Luiz Felipe Melo. *Media and popular demonstration: a clash of discursive positions between the Brazilian press and alternative media*. 2015. 247f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Objective, in this work, understand the struggles of resistance and the powers that are at stake in the context of popular demonstrations two thousand and thirteen in Brazil, performing a discursive analysis of two television news. Through this study, we analyze the image constructed about the participants and their motivations and understand how the mainstream media portrayed the demonstrations as opposed to what was presented in the new alternative media, choosing language as inputs the designations given to the events and their participants and the voices reported in the news. The study presented here is an analysis of media discourse, according to AD Theory French line, based on the postulates of Maingueneau (2008b) through the global proposed by the author semantics. Still consider that an entry that favors the study of performative and assumptions (Rocha, 2014) has enabled remarkable advances in referrals from a discursive perspective. To support our theoretical approach, we will continue the dialogue perspective of language (Bakhtin, 2003) and the notion of speech genres through Maingueneau criteria (2011). In addition, we discuss the notions of power and the struggles of resistance (Foucault, 1979) and the production of subjectivity through the assemblages of expression and machinery (Guattari & Rolnik, 2005). Through a study of the images in the media field, we aim to deconstruct the view that television news presents a unique and concrete truth in their news, showing that these news are just one of several possible perspectives of reality, following Wolff's postulates (2005). The selected corpus of analysis was obtained from the television news page on the Internet, with the removal of videos of demonstrations by day eleven twenty-four p.m. July two thousand and thirteen, the site of the National Journal, the Globo television. With these videos, we can see that the controversies and discursive positions between different media are disclosed and underlie this event. Seeks, in short, conduct a more detailed analysis of the media discourse which, in turn, highlight the relationship between the modalities of language: verbal and non-verbal and functioning. As a result, we observed that the news may present a detachment between the modalities of language, that is, between what is said and what is shown to the viewer. Thus, the verbal part (designations) shows a possible balance between police and protesters, differently, than we identified in the non-verbal part (voices and images) News. Finally, through this shift we realize that the idea of an apparent "equilibrium" between "parts" is but an effect produced by the language than empirical evidence outside the news.

Keywords: Discourse analysis. Media. Demonstration. Global Semantic Controversial performative

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Designações entre a oposição: Manifestantes x Policiais - Notícia 23/07/2013	235
Tabela 2 –	Designações do evento e do lugar - Notícia 23/07/2013	237
Tabela 3 –	Designações entre a oposição: Manifestantes x Policiais - Notícia 24/07/2013	239
Tabela 4 –	Designações do evento e do lugar - Notícia 24/07/2013	242
Tabela 5 –	Vozes entre a oposição: Manifestantes x Policiais – Notícia 23/07/2013 ...	243
Tabela 6 –	Vozes entre a oposição: Manifestantes x Policiais - Notícia 24/07/2013	245

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise do Discurso
AL	Alagoas
AM	Amazonas
AP	Amapá
BA	Bahia
CE	Ceará
DETRAN	Departamento Estadual de Trânsito
DF	Distrito Federal
ES	Espírito Santo
GO	Goiás
Facebook	Rede social
FIFA	Federação Internacional de Futebol
HPGE	Horário Político Gratuito Eleitoral
JE	Jornal Extra
JN	Jornal Nacional
JO	Jornal O Globo
MG	Minas Gerais
MPL	Movimento Passe Livre
MS	Mato Grosso do Sul
MT	Mato Grosso
NINJA	Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil

PA	Pará
PB	Paraíba
PE	Pernambuco
PI	Piauí
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PR	Paraná
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PT	Partido dos Trabalhadores
PT do B	Partido Trabalhista do Brasil
RJ	Rio de Janeiro
RN	Rio Grande do Norte
RO	Rondônia
RR	Roraima
RS	Rio Grande do Sul
SC	Santa Catarina
SE	Sergipe
SP	São Paulo
TO	Tocantins
TRF	Tribunal Regional Federal
Twitter	Rede social

SUMÁRIO

	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	14
1	AS MANIFESTAÇÕES E AS GRANDES EMPRESAS DE COMUNICAÇÃO	23
1.1.	Introdução	23
1.1.1.	<u>As manifestações populares de 2013</u>	24
1.1.2.	<u>Relações com outras manifestações populares da história do Brasil e os fóruns democratização da mídia</u>	35
1.1.3.	<u>Os desdobramentos das manifestações e a crise da representação</u>	39
2	DISCURSO E PODER	43
2.1	Pressupostos teóricos: poder	43
2.1.1.	<u>Sociedade disciplinar e de controle</u>	43
2.1.2.	<u>O poder em Foucault</u>	46
2.1.3.	<u>As lutas de resistência</u>	47
2.1.4.	<u>A produção de subjetividade em Deleuze e Guattari</u>	50
2.1.5.	<u>Máquinas de expressão e agenciamentos coletivos de enunciação</u>	51
2.2.	Pressupostos teóricos: discurso	56
2.2.1.	<u>Introdução</u>	56
2.2.2.	<u>Dialogismo da linguagem e polifonia</u>	57
2.2.3.	<u>A relação entre as modalidades da linguagem: verbal e não verbal</u>	61
2.2.4.	<u>A escola francesa da Análise do discurso</u>	63
2.2.5.	<u>A Semântica Global e seus planos constitutivos</u>	65
2.2.6.	<u>Os estudos pragmáticos da língua: performativos e pressupostos</u>	70
2.2.7.	<u>A polêmica da interincompreensão e a identidade discursiva</u>	71
3	NOTÍCIAS DE UM TELEJORNAL: A CARACTERIZAÇÃO DE UM GÊNERO	75
3.1.	Introdução	75

3.1.1.	<u>Pressupostos metodológicos</u>	76
3.1.2.	<u>O recorte do corpus e a documentação das manifestações</u>	76
3.1.3.	<u>Os modelos de transcrições dos materiais</u>	78
3.2.	Gêneros do Discurso: definição a partir de Mikhail Bakhtin e Dominique Maingueneau	79
3.2.1.	<u>A perspectiva de Mikhail Bakhtin</u>	80
3.2.2.	<u>A perspectiva de Dominique Maingueneau</u>	83
3.3.	O gênero notícia no campo da comunicação: os conceitos de imagem	87
3.3.1.	<u>O percurso da imagem em Wolff (2005)</u>	88
3.4.	Caracterização do gênero notícia de telejornal	93
3.4.1.	<u>Introdução</u>	93
3.4.2.	<u>O gênero notícia de telejornal</u>	94
4	OS SENTIDOS DAS MANIFESTAÇÕES DE ACORDO COM AS MODALIDADES DA LINGUAGEM	100
4.1.	Introdução	100
4.1.1.	<u>Notícia do dia 23 de julho</u>	103
4.1.2.	<u>As alianças e oposições entre os participantes a partir de suas designações</u>	104
4.1.3.	<u>O embate de vozes reportadas nas manifestações de 2013</u>	116
4.1.4.	<u>As imagens das manifestações nas narrativas midiáticas</u>	120
4.2.	Notícia do dia 24 de julho	128
4.2.1.	<u>As alianças e oposições entre os participantes a partir de suas designações</u>	129
4.2.2.	<u>O embate de vozes reportadas nas manifestações de 2013</u>	136
4.2.3.	<u>As imagens das manifestações nas narrativas midiáticas</u>	138
4.3.	Diferentes Abordagens: Grande Imprensa x Mídia NINJA	144
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	150
	REFERÊNCIAS	155
	ANEXO A – Levantamento de materiais.	160
	ANEXO B – Links com os materiais levantados nessa dissertação	172

ANEXO C – Transcrição do Vídeo 1: 23 de julho de 2013	184
ANEXO D – Transcrição do Vídeo 2: 24 de julho de 2013	195
ANEXO E – Transcrição do vídeo: 22 de julho de 2013 (Mídia NINJA)	204
ANEXO F – Transcrição do vídeo: 22 de julho de 2013 (Mídia NINJA)	213
ANEXO G – Transcrição do vídeo 1: 23 de julho de 2013 (Performativos)	220
ANEXO H – Transcrição do vídeo 2: 24 de julho de 2013 (Performativos)	228

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao longo dos estudos desta dissertação, diversos questionamentos nos afligiram sobre o modo como os principais meios de comunicação de massa abordaram as manifestações brasileiras de 2013. Nesse sentido, o tema desta dissertação nasceu a partir desses questionamentos, que geraram grande discussão na sociedade, através do embate entre as diferentes perspectivas apresentadas pela grande imprensa brasileira e pelas novas mídias alternativas.

Além desses questionamentos, também percebemos que as motivações da juventude brasileira foram bastante debatidas por diversos ramos de atividade humana como: a mídia, o poder político, assim como por sociólogos e pela própria população, através das novas redes sociais. Por outro lado, esses mesmos jovens, que tiveram seus anseios e questionamentos tornados objetos de reflexão e debate pelas grandes empresas de comunicação, realizaram protestos e cantaram palavras de ordem contrárias ao monopólio dos meios de comunicação. Essa tensão integra o conjunto das motivações da presente pesquisa.

Portanto, vale ressaltar que, nesta dissertação as implicações do pesquisador serão essenciais para a sua construção metodológica, conforme discutiremos nos parágrafos a seguir. Dessa forma, nestas *considerações iniciais*, abordaremos aspectos importantes na organização desta pesquisa como: as motivações que guiaram a elaboração desta dissertação, pautada em uma análise discursiva de enunciados produzidos no campo da comunicação, assim como seus objetivos, justificativa, relevância social e a ordenação e construção de cada capítulo deste trabalho.

Durante dois meses de intensas manifestações populares de rua, a imprensa brasileira, através de seus meios de comunicação de massa, tentou estabelecer as pretensas reais motivações e apresentou sua concepção sobre esse momento histórico. No entanto, a perspectiva dessa abordagem foi duramente criticada pela sociedade em geral, refletida por meio das novas mídias alternativas, que tiveram grande destaque nesses dois meses. Sendo assim, construímos os objetivos desta pesquisa através desses questionamentos.

Nesse sentido, organizamos esta pesquisa através de uma relação com marcas importantes na construção de um país e de uma sociedade democrática: a prática política, as manifestações sociais e a mídia. Assim, esses questionamentos e as várias demandas sociais foram responsáveis pela elaboração deste trabalho. Com esses questionamentos, este estudo

procura responder ao seguinte problema de pesquisa: Que sentidos foram atribuídos às manifestações populares pela grande imprensa brasileira?

A partir dessas motivações, definimos que o objetivo geral desta dissertação é discutir os sentidos atribuídos às manifestações pela imprensa brasileira, compreendendo as lutas de resistência e os poderes que estão em jogo nesses eventos. Além desse objetivo geral, ressaltamos alguns objetivos específicos na construção deste trabalho:

- (i) analisar as designações atribuídas aos eventos e seus participantes;
- (ii) identificar as vozes presentes nesses eventos;
- (iii) analisar a imagem construída acerca dos participantes e suas motivações;
- (iv) entender como a grande imprensa retratou as manifestações em contraponto com o que foi apresentado nas novas mídias alternativas.

De acordo com o recorte proposto nos objetivos citados acima, pretendemos contribuir socialmente na compreensão dessas manifestações que se disseminaram por todo Brasil. Ao longo desses dois meses, muitas características dessas manifestações geraram dúvidas sociais como as reais motivações do propalado “despertar” da população, as contradições da cobertura da grande imprensa em geral, a legitimidade democrática desses eventos e a importância do surgimento das novas redes sociais e mídias alternativas. Com este trabalho, procuraremos esclarecer essas características que suscitaram indagações acerca de eventos recentes e pouco estudados até o momento.

Para isso, discutir os sentidos atribuídos pela grande imprensa brasileira a essas manifestações, assim como as designações, as vozes e as imagens construídas a partir da apresentação desses eventos, são essenciais para compreender um embate de posicionamentos discursivos entre a imprensa brasileira e novas mídias alternativas.

Cabe salientar que, este trabalho entende a imprensa como os principais meios de comunicação de massa do país, representados nos diversos suportes midiáticos possíveis (televisão, rádio, jornais impressos e internet). Sobre as mídias alternativas, compreendemos os novos dispositivos comunicacionais que surgem como uma forma alternativa a hegemonia da mídia tradicional (mídia NINJA, *sites*, revistas e rádios comunitárias).

Além disso, poderemos entender o funcionamento do gênero do discurso selecionado no *corpus* desta pesquisa: a notícia veiculada por um telejornal. Assim, através desses objetivos visamos contribuir no esclarecimento das lutas de resistência e dos poderes que estão em

jogo através dos agenciamentos coletivos de enunciação e da produção de subjetividade presentes nesses eventos.

Nesse sentido, com um trabalho sobre as notícias televisivas, a relação entre a linguagem verbal e não verbal traz questões importantes para este estudo como os paradoxos das imagens veiculadas nesse meio de comunicação de massa, em contraponto com o que foi divulgado nas novas mídias alternativas e que ganharam destaque nesse momento histórico do país.

Desse modo, esta dissertação seguiu alguns passos na construção desta descrição empírica: a seleção e delimitação do *corpus*, a definição dos objetivos da pesquisa, a escolha das marcas linguísticas a serem analisadas nos objetos de estudo do trabalho, e a reflexão acerca dos modos de transcrição desses materiais. Sendo assim, neste trabalho, primeiramente, delimitamos o *corpus*, e em seguida discutimos os objetivos, a metodologia e as marcas linguísticas que iríamos analisar.

O *corpus* selecionado é pautado por notícias veiculadas na imprensa sobre as manifestações populares que marcaram a história do Brasil, nos meses de junho e julho de 2013. Através desta pesquisa, estabelecemos um levantamento inicial de cento e um materiais: oitenta e nove notícias veiculadas na televisão, dez capas de jornais impressos e dois vídeos de uma mídia alternativa.

Em seguida, através desse levantamento, definimos que as notícias veiculadas nos dias vinte e três e vinte e quatro de julho, que retratavam a prisão do estudante Bruno Ferreira Telles, acusado de portar e lançar um artefato explosivo (coquetel molotov), em direção a policiais militares, seriam ideais para termos acesso aos embates entre a grande imprensa e as mídias alternativas ao noticiar as manifestações.

Esses materiais abrangem diversos aspectos que ganharam destaque durante as manifestações como: o papel das redes sociais e mídias alternativas, as motivações dos participantes, as contradições apresentadas na imprensa brasileira, os atos propalados como vandalismo, o comportamento autoritário da polícia militar e os confrontos entre manifestantes e policiais.

Por meio desses materiais, busca-se, enfim, realizar uma análise mais apurada do discurso midiático, que, por sua vez, evidencie a relação entre as modalidades da linguagem: verbal e não verbal, o seu funcionamento e a produção de sentido das notícias veiculadas neste campo discursivo, por meio dessa relação.

Após definirmos os objetos de estudo e os objetivos desta pesquisa, procuramos analisar as marcas linguísticas que mais se destacavam nas notícias organizadas neste levantamento de

materiais, visando definir o aparato teórico-metodológico essencial para uma análise discursiva deste projeto. Através dessa reflexão, percebemos que a semântica global, proposta por Maingueneau (2008b), seria ideal para uma análise tanto de aspectos verbais, quanto não verbais essenciais na construção das notícias veiculadas na televisão.

Ao refletirmos sobre os objetivos, pretendemos discutir as duas modalidades da linguagem: verbal e não verbal. Dessa forma, através da semântica global, poderemos compreender os sentidos de acordo com a parte não verbal dos materiais, ou seja, as imagens e as vozes presentes nesses eventos. Além disso, para uma análise da parte verbal desses materiais, seguiremos a sugestão de Rocha (2014) voltada a uma análise dos estudos performativos da palavra a partir da construção de enunciados, visando evidenciar o papel da linguagem como ação e perceber que muitos eventos apresentados na grande imprensa não são empíricos, mas sim ações realizadas pela própria linguagem.

Desse modo, a análise que será realizada neste trabalho segue os postulados da linha francesa de Análise do Discurso. A teoria da Análise do Discurso (doravante, AD), em sua vertente francesa, torna-se adequada a uma análise deste perfil, já que vai além do dito e contempla aspectos que condicionam o sujeito linguístico e sua fala, predeterminando o que ele pode ou não dizer em uma determinada conjuntura histórico-social.

Além dos critérios selecionados, realizamos o último passo da construção metodológica deste trabalho: uma reflexão acerca dos modos de transcrição desses materiais. Nesse sentido, após os passos descritos nos parágrafos anteriores, discutimos os modos de transcrição adequados a uma análise discursiva de notícias veiculadas em emissoras de TV.

Após esta discussão, decidimos organizar a transcrição dos textos a serem analisados, através de um quadro, com uma divisão entre os momentos da notícia, compreendida como uma narrativa, de acordo com as mudanças das imagens transmitidas aos telespectadores. Com isso, elaboramos um quadro (Anexos C e D) expondo o que era narrado pelos locutores (âncora e repórter) e as imagens que eram veiculadas a essas notícias.

Dessa forma, assim como organizamos esse quadro, também realizamos uma transcrição pautada em blocos temporais, ou seja, de acordo com cada virada temporal e a progressão lógica dos fatos da narrativa. Por meio da transcrição desses blocos, poderemos construir enunciados voltados a refletir a linguagem como ação, através dos performativos e da realização de atos através da natureza verbal do texto, ambos citados nos parágrafos anteriores e sugeridos por Rocha (2014).

Ao discutirmos sobre a metodologia desta pesquisa, podemos destacar que este trabalho é construído à luz de uma pesquisa inspirada nas críticas do movimento institucionalista à

pesquisa tradicional, se opondo a concepção positivista de neutralidade dos pesquisadores em seus trabalhos acadêmicos, assim como da mídia em geral.

Por meio dessa reflexão, podemos compreender que esta construção procura estabelecer um novo parâmetro para as pesquisas acadêmicas. Dessa maneira, ela se opõe à visão tradicional da isenção do pesquisador na elaboração de seus trabalhos. Com isso, temos a concepção de que as implicações do sujeito-pesquisador são essenciais na construção do saber científico.

Essa concepção surgiu após debates na análise institucional, com autores como Lapassade e René Lourau. Diante desse novo modelo de elaboração de pesquisa, novos conceitos até então desprezados pela visão tradicionalista do positivismo foram elaborados. Lourau trouxe os conceitos de dispositivo e implicação, que romperam com a visão vigente até aquele momento e apresentaram novas formas de reflexão acerca do campo de pesquisa.

Segundo Lourau, a noção de implicação está atrelada aos vínculos afetivos, profissionais, institucionais e políticos dos pesquisadores com suas pesquisas, além de suas relações sociais e de seu lugar na história. Uma maneira de observar como têm se dado nossas intervenções cotidianas. Assim, analisar todos os possíveis atravessamentos presentes nas pesquisas, além das produções sócio-culturais, políticas e econômicas que constituem os sujeitos que dela participam.

Com isso, a análise das implicações do pesquisador traz para o campo de pesquisa sentimentos, emoções, ações, acontecimentos e percepções que eram desprezadas na análise tradicional e racionalista. Essa visão discute a posição inquestionável e sagrada do especialista, tentando desconstruir essa posição de neutralidade e de verdades absolutas.

Sobre a noção de dispositivo, podemos observar que ela sempre apresenta uma função estratégica e expõe uma relação de poder na pesquisa. Enfim, a questão não é como o pesquisador aparece em sua pesquisa, mas sim como esse processo se estabelece e de que forma são feitas as escolhas ao longo do trabalho, através da função estratégica dos dispositivos escolhidos e da metodologia de pesquisa.

De acordo com Gilles Deleuze, cada dispositivo tem um regime de luz, que determina a maneira como essa luz recai sobre o objeto, fazendo com que ele apareça em determinado momento. Assim, esse regime determina o que o pesquisador iluminará através do dispositivo e de suas implicações e o que ele vai deixar invisível, ou seja, a maneira como ele pretende realizar uma análise do objeto, em detrimento a outras diversas formas de análises e metodologias possíveis.

Nesse sentido, não há autonomia nos dispositivos, eles funcionam de acordo com o modo de sujeição em que foram produzidos e construídos. Os dispositivos trabalham na formação dos sujeitos, que são determinados de acordo com a sua função estratégica de fazer ver e falar.

Essa função estratégica é chamada de curvas da visibilidade, segundo Michel Foucault. São essas curvas que permitem que o dispositivo ganhe forma, cores e textura. Elas fazem com que as relações de poder e o jogo de forças dos dispositivos apareçam. Dessa maneira, nesta dissertação pretendemos iluminar as forças que estão em jogo no confronto de posicionamentos discursivos entre as abordagens da grande imprensa e das novas mídias alternativas, no contexto de manifestações populares no Brasil.

Seguindo a lógica das noções de implicações e dispositivo, podemos destacar que nossas implicações na elaboração desta pesquisa são: o entusiasmo pela comunicação social, sobretudo a área do jornalismo, assim como o interesse pelos estudos de linguagem, análise do discurso e o desenvolvimento da política nacional em todas as suas vertentes. Com efeito, visamos neste trabalho reunir todas as áreas de atividade humana citadas e realizar uma análise transdisciplinar.

O estudo aqui proposto subdivide-se em cinco momentos. Nestas *considerações iniciais* tivemos a introdução do projeto com traços importantes para a construção teórico-metodológica de toda a pesquisa: introdução, objetivos (gerais e específicos), problema, composição metodológica e justificativa.

Em seguida, no primeiro capítulo, realizaremos uma contextualização do momento histórico em que os objetos de estudo desta dissertação se encontram: as manifestações populares de 2013, no Brasil. Dessa forma, poderemos compreender os momentos que antecederam esses eventos, destacando as tensões em torno da apresentação das manifestações na grande imprensa brasileira, em contraponto com o que foi apresentado na mídia alternativa.

Por meio desse capítulo, seguiremos uma contextualização pautada no que foi veiculado pelo JN nesses dois meses de manifestações. Essa contextualização visa estabelecer uma documentação do momento histórico das manifestações e demonstrar que as contradições nas abordagens do telejornal não aconteceram apenas nos materiais presentes no *corpus* desta pesquisa, mas sim em diversos momentos desses dois meses de intensas manifestações por todo Brasil.

Ao observarmos essa contextualização poderemos identificar que as manifestações de 2013 começaram com eventos organizados pelo Movimento Passe Livre, contra o aumento

nas passagens dos transportes públicos nas principais capitais do país. Em seguida, com a aproximação de eventos esportivos de proporções mundiais no país, poderemos observar o desenvolvimento de novas urgências e demandas sociais, como a crítica aos valores exorbitantes utilizados na construção dos estádios para esses eventos.

Com isso, evidenciaremos algumas contradições das reformas urbanas, realizando um contraponto com o atual modelo de cidade criticado por parte da população e pelo MPL: dos megaeventos e megaempreendimentos. Para isso, realizaremos uma associação importante das contradições sociais da concepção atual de cidade, criticada por muitos movimentos sociais com as contradições do início do século XX, com a reforma do ‘Bota Abaixo’, do ex-prefeito Pereira Passos.

No item posterior, realizaremos um contraponto desses eventos com outras manifestações ocorridas em diferentes momentos da história do país: as ‘diretas já’, com as diversas manifestações em prol do fim da ditadura militar que assombrou o país durante mais de vinte anos e a favor da instauração da democracia no país. Além dessa manifestação, mencionaremos o forte clamor popular do início dos anos noventa no Brasil, com a presença dos caras pintadas, ou seja, a juventude brasileira que foi às ruas exigir o *impeachment* do, até então, presidente Fernando Collor de Mello.

Na parte final desse item, abordaremos um aspecto importante que ganhou destaque e foi evidenciado através das contradições entre as abordagens da grande imprensa e das novas mídias alternativas, no contexto de manifestações populares no Brasil de 2013. Esse aspecto é referente à luta dos fóruns especializados pelo fim do monopólio econômico estabelecido nos atuais meios de comunicação do Brasil, com a proposta de democratização da mídia.

No terceiro item desse capítulo, discutiremos os desdobramentos dessas manifestações, com as leis e emendas que criminalizaram os movimentos sociais e as manifestações de rua, os pactos da presidenta Dilma Rousseff, assim como a atual crise da democracia representativa e as lutas por uma maior participação popular nas decisões políticas do país.

No segundo capítulo, abordaremos noções essenciais para entender as manifestações de 2013. Essas noções são as relações de poder e suas lutas de resistência, propostas por Michel Foucault (1979). Além dessas noções, discutiremos conceitos de dois autores Gilles Deleuze e Félix Guattari (2005), os agenciamentos coletivos de enunciação e a produção de subjetividade.

A partir da discussão desses conceitos, poderemos compreender o poder como uma rede que perpassa as relações humanas, estando em toda parte, sem ser representado por uma instituição ou figura central. A noção de poder, pensada desta maneira, como aborda Foucault,

é essencial para o entendimento da construção e organização das manifestações populares do Brasil. Assim como, as lutas de resistência a estes poderes instituídos e naturalizados em nossa sociedade.

Ainda neste capítulo, abordaremos a subjetividade como produção, através das máquinas de expressão, dos agenciamentos coletivos de enunciação e da singularização. Assim, a subjetividade está em constante produção, sendo agenciada por diversas máquinas de expressão, que perpassam os sujeitos. Ao compreendermos a noção de subjetividade desta maneira, percebemos que os sujeitos podem se reinventar através da singularização, como forma de resistência a diversos aspectos que os assujeitam.

Mais adiante, pretendemos aprofundar duas noções importantes para compreender os gêneros do discurso e a perspectiva de linguagem privilegiada neste projeto: o dialogismo da linguagem e a polifonia, seguindo os postulados de Bakhtin (2003) e Maingueneau (2011). Além disso, abordaremos a relação entre as modalidades da linguagem: verbal e não verbal e as teorias discursivas presentes na metodologia desta pesquisa. Neste sentido, discutiremos as marcas da análise do discurso, de base enunciativa, seguindo os postulados de Dominique Maingueneau (2008b).

Por meio desse aparato teórico, abordaremos a semântica global, teoria utilizada para a análise dos objetos de estudo deste projeto, por meio de seus planos constitutivos e do primado do interdiscurso.

Em seguida, discutiremos a sugestão de Rocha (2014) para um estudo sobre os performativos, que atendem a este trabalho, pois refletem a linguagem como ação e visam construir enunciados que retratam ações a partir da natureza verbal do texto. Além dos estudos dos performativos, elucidaremos a noção de pressupostos também destacada nos estudos pragmáticos da língua.

Além da semântica global e dos estudos pragmáticos, nesse capítulo discutiremos a presença do outro nos embates de posicionamentos discursivos, através da urgência das polêmicas e da noção da interincompreensão. Através dessa perspectiva, poderemos compreender que a alteridade e a identidade discursiva não podem ser estudadas separadamente e que as polêmicas são necessárias para evidenciar as fronteiras entre os diferentes posicionamentos discursivos de um mesmo campo. Dessa forma, a presença do outro é essencial, para que um discurso se autoafirme e se sobreponha sobre o simulacro do Outro, ou seja, sobre a imagem que é estabelecida desse outro. Assim, esse discurso se aproxima do outro e evidencia a interincompreensão.

Mais adiante, no terceiro capítulo, abordaremos a construção metodológica da seleção e recorte do *corpus* (Anexos C e D) e do levantamento de materiais (Anexo A) desta dissertação. Além disso, elucidaremos os quadros presentes nos anexos deste trabalho, explicando o que cada um deles representa e qual o intuito metodológico para a análise desta dissertação.

Em seguida, aprofundaremos a noção de gêneros do discurso proposta por Bakhtin (2003), assim como sua sistematização no campo da comunicação, através de critérios institucionais e situacionais, propostos por Maingueneau (2011). Por meio desta noção, poderemos discutir critérios como: finalidade, estatuto legítimo dos enunciadores, as coordenadas de tempo e espaço, a organização textual e o aparato midiático, chamado mídiu.

No discurso midiático, como poderemos verificar através deste estudo discursivo a partir de um contexto de manifestações populares no Brasil, veiculadas em um telejornal, as imagens não verbais são extremamente importantes na construção de sentido das notícias pautadas e apresentadas aos telespectadores. Por ser um meio de comunicação que alia tanto a linguagem verbal, quanto a não verbal, as imagens atreladas aos discursos proferidos nesses contextos são essenciais para a construção da relação dialógica da linguagem.

Com isso, abordaremos a relação entre a linguagem verbal e a não verbal produzida em enunciados do campo da comunicação. Neste campo discursivo, as imagens são extremamente importantes para compreender o funcionamento destes gêneros. Portanto, discutiremos os paradoxos produzidos pelas imagens e as ilusões imaginárias que elas podem suscitar nos meios de comunicação de massa, sobretudo na televisão, através dos postulados de Wolff (2005). Na última parte desse capítulo, realizaremos a caracterização do gênero notícia televisiva pautada nos critérios citados nos parágrafos anteriores.

No quarto capítulo, realizaremos a análise dos dois vídeos, referentes à mudança de abordagem da prisão do estudante Bruno Ferreira Telles, após a ampla divulgação de um vídeo por parte de uma mídia alternativa, que cobriu as manifestações ao vivo na internet, a mídia NINJA. Esse vídeo inocentou o estudante, desmentindo a versão apresentada pelo Jornal Nacional e evidenciou as tensões estabelecidas entre as abordagens dos grandes veículos de comunicação do Brasil e as novas mídias sociais e alternativas.

Cabe ressaltar que, os dois vídeos do grupo mídia NINJA, citados no JN, serão utilizados na análise no momento em que procuraremos estabelecer um contraponto entre a imprensa brasileira e as novas mídias alternativas. Dessa forma, essa análise será pautada nos objetivos desta pesquisa, seguindo os postulados apresentados nos parágrafos anteriores.

1 AS MANIFESTAÇÕES E AS GRANDES EMPRESAS DE COMUNICAÇÃO

1.1 Introdução

No presente capítulo, pretendemos organizar uma contextualização dos dois meses de manifestações populares, que se disseminaram por todo o Brasil, em 2013. Essa contextualização será pautada em notícias veiculadas no telejornal de maior audiência do país, o JN. Cabe salientar que realizaremos uma análise crítica dessas notícias que visam contribuir para a compreensão desse momento histórico do país, com destaque especial para as tensões em torno de como eles foram divulgados pelas grandes empresas de comunicação do Brasil, em contrapartida com o modo que foi abordado pela mídia alternativa.

Por meio dessa contextualização que pretende destacar o desenvolvimento dessas manifestações por todo Brasil, realizamos um levantamento de notícias voltado a estabelecer uma documentação desse momento histórico e demonstrar que as contradições das abordagens da imprensa brasileira não ocorreram apenas nos materiais presentes no *corpus* desta pesquisa, mas em diversos momentos desses dois meses de manifestações por todo o país.

Os acontecimentos serão apresentados de maneira cronológica, de acordo com a abordagem do JN, e realizaremos uma análise crítica de como essas notícias foram veiculadas no telejornal, com ênfase nos embates entre as abordagens da imprensa brasileira e das novas mídias e revistas alternativas. Além dessas notícias, utilizaremos nessa discussão informações sobre o Movimento Passe Livre (MPL), através do *site* do grupo e de obras acerca das manifestações de 2013.

Dessa maneira, iniciaremos a contextualização discutindo os primeiros protestos contra os constantes aumentos das passagens dos transportes públicos, em 2013. O grupo responsável pela organização desses protestos foi o Movimento Passe Livre (MPL), que luta em prol de um transporte público gratuito e sem qualquer vínculo com a iniciativa privada.

Em seguida, com a proximidade da Copa das Confederações, torneio teste para a Copa do Mundo de 2014, pudemos observar a emergência de novas demandas sociais e a propagação dessas manifestações por todo Brasil. Logo, através dessas manifestações, a abordagem dos grandes veículos de comunicação, assim como seu monopólio, foi constantemente criticada pela população brasileira e criou-se um embate entre as abordagens dos principais veículos de comunicação e das novas mídias alternativas.

Esses aspectos são importantes para compreender todo o contexto das manifestações e as redes que são produzidas, ou seja, pontos de polêmica que ganharam destaque na grande imprensa. Os aspectos que serão privilegiados nessa contextualização são: o movimento passe livre, a relação com a organização dos megaeventos e com a noção de cidadania, a atuação da polícia militar, a desmilitarização da polícia, a crise da democracia representativa, o papel das mídias alternativas através do embate com as abordagens veiculadas na grande imprensa e as repostas dos governos a essas manifestações.

No segundo item, na tentativa de completar um sentido sobre as manifestações de rua de 2013, faremos menção a outras grandes manifestações populares que marcaram a história do Brasil: as ‘Diretas, Já’ e o ‘Fora Collor’. Além disso, abordaremos a discussão em torno da democratização da mídia e das críticas ao monopólio econômico do acesso aos principais veículos de comunicação do país.

Mais adiante, no terceiro item, serão apresentados os desdobramentos desses protestos, isto é, episódios que foram resultados das grandes manifestações de 2013 como: o destaque dos *Black blocs* nas cenas midiáticas, a proibição das máscaras por parte do poder político, o pacto da presidenta Dilma Rousseff e a crise do sistema representativo de democracia.

1.1.1 As manifestações populares de 2013

Durante os meses de junho e julho de 2013, o enunciado mais comentado no Brasil foi “O gigante acordou”. Um enunciado importante para compreender um pouco mais sobre as manifestações e os diversos sentidos que foram atribuídos através dele. Dessa forma, o que se sugere através desse enunciado é que o país viveu um longo momento de apatia política e o vocábulo “acordou” pressupõe que a população movimentou-se após longos anos desde a última grande manifestação popular, em prol do *impeachment* do então presidente Fernando Collor de Melo.

Esse “despertar” do gigante ganhou ampla divulgação nas cenas midiáticas com constantes manifestações que começaram a se disseminar pelo Brasil. As manifestações adquiriram força através da principal rede social do país no momento, o *facebook* - uma rede na qual seus usuários compartilham conteúdos, notícias, experiências e grupos de interesses diversos. Com o advento *internet*, a informação passou a ser transmitida em tempo real e os acessos às notícias de todas as áreas de conhecimento foram ampliados através das redes sociais e dos diversos *sites* e *blogs* presentes nesse mundo digital. Assim, com o crescimento

das novas redes sociais, tivemos a elaboração de novos dispositivos de debate e reflexão sobre as notícias divulgadas nos grandes veículos de comunicação do país.

Além das redes sociais, diversas revistas e *sites* alternativos ganharam destaque na mídia nacional. Mais especificamente, revistas como ‘Caros Amigos’, ‘Carta Capital’ e ‘Brasil de fato’. Com essas redes sociais, revistas e *sites* alternativos, as manifestações ganharam força e foram expandidas por todo o Brasil. Por meio dessas revistas, podemos observar diferentes visões sobre as manifestações, realizando um contraponto com o que foi noticiado na grande imprensa.

As manifestações populares que antecederam os dois meses discutidos nesta dissertação começaram através de pequenos protestos contra o aumento no preço das passagens dos transportes públicos nas principais capitais do país. Essas manifestações foram organizadas pelo Movimento Passe Livre.

Acreditamos em uma nova forma de se fazer política e não nos organizamos para eleições. Pressionamos o governo por políticas públicas, mas defendemos na nossa prática cotidiana que existe política além do voto. No entanto, é preciso deixar claro que ser “apartidário” não significa ser “antipartidário”. Militantes de partidos políticos são totalmente bem vindos para colaborar na luta por passe livre. (Site do Movimento Passe Livre)¹.

Para isso, o MPL realiza diversas críticas às empresas que dominam a organização dos transportes públicos no país. Porém, apesar do monopólio dessas empresas e dos constantes aumentos no valor das passagens, a qualidade do serviço decaiu com diversos acidentes levando cidadãos a óbito. A baixa qualidade dos transportes trouxe diversos problemas para a população como: a péssima qualidade dos veículos e a dupla função do motorista.

Nessa dupla função, por exemplo, o motorista também exerce a atividade de trocador, algo ilegal, pois desvia a atenção deste trabalhador ao dirigir uma condução com diversos passageiros. Uma ideia extremamente contraditória, pois a exemplo do que o DETRAN recomenda: total atenção dos motoristas ao dirigir seus veículos, o TRF também considera indício de crime doloso utilizar o celular ao volante, algo que tira tanto a atenção do cidadão, quanto a dupla função imposta aos motoristas de ônibus do país.

Além de ser a favor da gratuidade na tarifa, o MPL também luta a favor de uma alteração na visão de cidade e sociedade. O domínio dos transportes públicos pelas grandes empresas privadas cria uma barreira física que determina os usos e fluxos dos indivíduos em sua cidade. O movimento é a favor da retomada desse espaço urbano pelos indivíduos e

¹ O endereço eletrônico do Movimento Passe Livre é: <<http://saopaulo.mpl.org.br/apresentacao/>>

contra essa visão mercadológica que bloqueou a circulação do trabalhador nas cidades do país, limitando-os à sua condição de mercadoria e sua força de trabalho.

Dessa forma, observa-se que, mais do que uma preocupação que se restrinja aos transportes públicos, esse movimento luta contra as contradições do acesso do trabalhador às riquezas do espaço urbano e coloca simbolicamente a ideia das catracas dos transportes públicos como uma barreira física a esse possível acesso.

“As catracas dos transportes são uma barreira física que discrimina, segundo o critério da concentração de renda, aqueles que podem circular pelas cidades daqueles condenados à exclusão”. (MARICATO, 2013, p.15).

Com isso, a visão mercadológica criticada pela autora pode ser evidenciada não apenas na organização dos transportes, como em diversos aspectos da cidade. Segundo a perspectiva do MPL, essa é a concepção de cidade que impera atualmente no Rio de Janeiro, um modelo ligado a interesses privados, a grandes empresas e empreiteiras. Uma gestão voltada a uma rede de negócios, com privilégios a empresas que dominam a organização dos transportes coletivos da cidade. Um foco no transporte rodoviário, com ônibus lotados, em péssimas condições de uso e com aumentos constantes e aviltantes nos valores, prejudicando a população que depende desse transporte para se locomover pela cidade.

De acordo com o histórico do MPL, as primeiras manifestações do movimento ocorreram em agosto de 2003 com a “revolta do Buzu” na Bahia, dez anos antes das grandes manifestações estudadas nesta dissertação. Um ano depois, em junho de 2004, novos protestos aconteceram especificamente na cidade de Florianópolis, e foram nomeados de “revolta de catraca”. Segundo o MPL, esses protestos conseguiram barrar um aumento no valor das passagens e aprovou a lei do passe livre estudantil no Estado. Em seguida, os protestos se repetiram ao longo dos anos em diversos estados, até eclodir as grandes manifestações de 2013.

O MPL foi batizado na Plenária Nacional pelo passe livre, em janeiro de 2005, em Porto Alegre, mas antes disso, há seis anos, já existia a Campanha pelo Passe Livre em Florianópolis. Fatos históricos importantes na origem e na atuação do MPL são a Revolta do Buzu (Salvador, 2003) e as Revoltas da Catraca (Florianópolis, 2004 e 2005). (Site do Movimento Passe Livre)

Nesse momento, apresentaremos uma breve cronologia das manifestações de 2013 através das notícias do JN. Essa cronologia é importante para compreender como esses protestos cresceram e se desenvolveram por todo o Brasil. No final do mês de maio, os

prefeitos das principais capitais do Brasil propuseram um aumento no valor das passagens dos transportes coletivos. O acréscimo, na maioria das cidades, foi de vinte centavos. Esse aumento causou ainda mais revolta no MPL que continuou a se manifestar contra os problemas nos transportes. No estado de São Paulo, o governador Geraldo Alckmin (PSDB) também determinou um aumento no valor das passagens dos trens e metrô.

Em junho, a primeira manifestação que ganhou destaque nas cenas midiáticas aconteceu no dia seis, na cidade de São Paulo. Esse protesto aconteceu devido ao aumento de vinte centavos na passagem do transporte público, de três reais, para três reais e vinte centavos. Dessa manifestação foi enfatizado pelo JN, uma possível obstrução das principais avenidas da cidade de São Paulo, o que gerou confrontos entre manifestantes e policiais na Avenida Paulista.

Após esse evento, constantes manifestações aconteceram na cidade de São Paulo em dias consecutivos. No dia seguinte, tivemos uma nova manifestação, realizada nas principais avenidas da cidade, como a Avenida Rebouças e a Marginal Pinheiros. Nessa manifestação, novamente as atitudes propaladas como vandalismo ganharam as cenas midiáticas do JN, com uma matéria mostrando o confronto entre manifestantes e policiais, com pichações, bombas e os reflexos da manifestação do dia anterior.

Segundo o repórter César Galvão, “A manifestação de ontem assustou os moradores da cidade.” (Notícia do dia 13 de junho de 2013 – Nº8 do levantamento de materiais presentes no anexo A desta dissertação). Esse relato demonstra novamente o sentido das ruas como praças de enfrentamento e briga territorial.

No dia dez de junho, as manifestações chegaram ao Rio de Janeiro. Nessa cidade, o reajuste no valor dos transportes públicos também foi de vinte centavos. No JN, o repórter André Trigueiro abordou, novamente, a perspectiva de apenas um lado, ou seja, dos atos agressivos partindo apenas dos manifestantes ao sobrevoar a Avenida Presidente Vargas, no centro da cidade. No dia onze de junho, uma nova manifestação foi organizada pelas redes sociais na capital paulista. Novamente o confronto entre manifestantes e policiais foi abordado, agora pela repórter Graziela Azevedo.

Até o momento citado no parágrafo anterior, as notícias focalizavam os atos propalados como vandalismo, abordando os confrontos entre polícia e manifestantes partindo apenas de um lado. Nesse sentido, o JN retratava os manifestantes como um grupo homogêneo, generalizando, assim, os atos destacados. Esses aspectos podem ser observados na citação abaixo sobre a manifestação carioca do dia treze de junho.

Segundo a repórter Bette Lucchese: “... Manifestantes e PMs estão frente a frente / Os manifestantes fazem provocações o tempo todo. / A confusão começou há pouco, quando os manifestantes jogaram pedras em policiais militares, que tiveram que reagir...” (Notícia do dia 13 de junho de 2013 – Nº8 do levantamento de materiais presentes no anexo A desta dissertação).

Conforme foi explicitado, a repórter cita que os policiais tiveram que reagir às atitudes agressivas dos manifestantes. Assim, ela destaca que as provocações e confusões partiram apenas de um lado, ou seja, do lado dos manifestantes. Essa abordagem pode estabelecer o sentido de que as manifestações populares eram perigosas e violentas, podendo assustar e afastar os telespectadores do propósito democrático e cidadão que é protestar e cobrar os seus direitos.

Como podemos observar neste estudo, além das manifestações citadas nos parágrafos acima, no dia treze de junho, quarto dia consecutivo de protestos, novas cidades ganharam destaque nas cenas midiáticas como: Manaus (AM), Natal (RN), Sorocaba (SP), Maceió (AL), Curitiba (PR) e Porto Alegre (RS).

No dia quatorze de junho, a Comissão de Direitos Humanos da OAB declarou ser inaceitável a postura adotada pelos policiais militares nessas manifestações e, em uma atitude de pretensão equilíbrio, também condenou os intitulados atos de vandalismo dos manifestantes. Nesse sentido, essa nota composta em um tom aparentemente imparcial da instituição, reforça o sentido de que existem dois lados nas manifestações e que ambos têm se excedido em determinado momento dos eventos.

Após essa nota, podemos observar um deslocamento sutil da cena midiática que vinha se consolidando ao longo dos dias citados nos parágrafos anteriores. Portanto, antes dessa nota, as cenas retratavam os confrontos partindo sempre dos manifestantes, não demonstrando os dois lados, citados pela nota da OAB. Um exemplo desse deslocamento é a manifestação na capital paulista no dia quatorze de junho, a quarta consecutiva, na qual a âncora Patrícia Poeta cita que “a manifestação, que começou pacífica, foi marcada por excessos da polícia e, no fim, por atos de vandalismo de quem protestava.” (Notícia do dia 14 de junho de 2013 – Nº12 do levantamento de materiais presentes no anexo A desta dissertação)

O momento era de Copa das Confederações, torneio teste para a Copa da FIFA e as grandes empresas internacionais de comunicação estavam com os olhos voltados para o Brasil. Um momento propício para a disseminação das manifestações por todo o país e para que diversas novas pautas aparecessem no cenário nacional. Então, novas pautas começaram a aparecer nas cenas midiáticas, como as reivindicações contra os valores exorbitantes usados

na construção dos estádios para a Copa do Mundo, enquanto os serviços públicos continuavam decaindo de qualidade. Além de Brasília (DF), outras cidades protestaram contra os gastos da copa como: Porto Alegre (RS) e São Paulo (SP).

Dessa forma, percebemos que a partir desse momento, com a aproximação de um evento esportivo de nível mundial, houve uma contribuição para o destaque de novas emergências e demandas sociais por meio de enunciados produzidos pelos manifestantes das cidades que sediaram os jogos da Copa. Segundo a âncora Patrícia Poeta, “um grupo diz que duzentas mil pessoas foram despejadas em todo o país por causa das obras da Copa de 2014.” (Notícia do dia 18 de junho de 2013 – Nº22 do levantamento de materiais presentes no anexo A desta dissertação).

Com esses enunciados produzidos pelas novas emergências e demandas sociais, as grandes manifestações adquiriram um lema: “Não é por vinte centavos, é por direitos.”. Esse lema seria uma resposta aos principais integrantes da grande imprensa que colocavam os protestos atrelados apenas ao valor do aumento das passagens nas principais capitais do país. No entanto, as manifestações adquiriram proporções nacionais e as reivindicações eram maiores que apenas a revogação do aumento das passagens nos transportes públicos.

Assim, com essas novas demandas sociais, surgem nas pautas de reivindicações dos manifestantes duras críticas a uma visão mercadológica de cidade que impera no Rio de Janeiro, segundo a perspectiva de grande parte da população. Essas críticas foram representadas através de cartazes e palavras de ordem contra uma cidade neoliberal, voltada para os megaeventos, que muitas das vezes não deixa qualquer legado à população.

Um exemplo dessa falta de legado são os ‘elefantes brancos’, ou seja, estádios que não serão mais utilizados com tanta frequência após o evento esportivo, como os exemplos de Manaus e Cuiabá. Esses estados não têm grandes clubes de futebol no cenário nacional e por esse motivo, os estádios podem ficar inutilizados durante meses. Além da falta de um legado e de melhorias nas condições de vida, uma gestão voltada aos megaeventos trabalha com uma visão de democracia direta do capital, se transformando na cidade-negócio, flexível com as parcerias que lhes interessam, criando novas formas de relacionamento entre Estado, capital privado e cidade.

“A cidade dos megaeventos precipita, intensifica, generaliza a cidade de exceção e democracia direta do capital. A FIFA e o COI, verdadeiros cartéis internacionais associados a corporações nacionais e interesses locais, recebem do governo da cidade: isenções de impostos, monopólio dos espaços publicitários, monopólio dos equipamentos, esportivos resultantes de investimentos públicos. São neoliberais, mas adoram um monopólio.” (MARICATO, 2013, p.439).

Por meio desta pesquisa, encontramos no *site* de notícias da Globo ‘G1’, diversas fotos com os vários cartazes que representavam as urgências e demandas sociais presentes nas heterogêneas motivações apresentadas pela população brasileira nessas manifestações. Dessa maneira, podemos citar alguns enunciados reproduzidos através de cartazes que criticavam essa visão de cidade-negócio, como: “Era um país muito engraçado, não tinha escola, só tinha estádio” e “Queremos hospitais ‘padrão FIFA’”(Fotos dos cartazes presentes no site G1 – Dia 19 de junho de 2013)

Com o que expõe na crítica a essa visão mercadológica de cidade, podemos estabelecer relações com revoltas ocorridas no início do século XX, por meio da transição da monarquia para a república, através das transformações urbanas que o Rio de Janeiro sofreu nesse período. Essas mudanças evidenciam um novo projeto de administração da cidade, pautado em um novo desenho de circulação das pessoas e dos serviços oferecidos ao cidadão. A articulação entre esses dois momentos de bifurcação do projeto de cidade pode ser evidenciada através de uma entrevista do prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, do PMDB, concedida ao jornal impresso ‘O Globo’.

Nessa entrevista concedida na campanha ao pleito de 2012, o prefeito tenta vincular sua imagem às reformas urbanas do prefeito Pereira Passos² no início do século XX.

A partir dessa pretensa revolução urbana, diversas modificações modernas ocorreram na cidade, pelo viés do saneamento e da urbanização. Contudo, essas mudanças apresentaram várias contradições sociais e suscitaram a criação e expansão das favelas, e a exclusão das minorias sociais, que foram esquecidas durante essas transformações tão desejadas pela população carioca do início do século XX, com a transição da monarquia para a república.

De acordo com Santucci (2008), esse processo de remodelação urbana aconteceu através de dois elementos: o fascínio e o medo. Com o fascínio pelas transformações urbanas, o Rio de Janeiro adquiriu, assim, o título de Cidade Maravilhosa, em mil novecentos e oito. “A cidade embelezada pela arquitetura da *belle époque* e habitada por um povo cordial. A capital da república, um lugar de todos, cariocas ou não, e centro das transformações que repercutiram por todo o país (SANTUCCI, 2008, p. 14).

Em relação ao elemento medo, a autora retrata que a vida na cidade já era perigosa no início do século XX. Com esse processo de remodelação urbana, o padrão e os modelos de vida da população foram afetados, com as minorias sociais representadas pela população economicamente desfavorecida, repleta de ex-escravos, capoeiras, entre outros membros da

² Pereira Passos foi prefeito da cidade do Rio de Janeiro no período entre 1902 e 1906 e foi responsável por uma transformação urbana, moderna e cosmopolita na cidade, com a revolução conhecida como ‘Bota-Abaixo’.

sociedade que foram marginalizados diante dessas transformações, que exerce ligação direta com a evolução das favelas cariocas.

“A vida no Rio de Janeiro já era muito perigosa naqueles dias. O cidadão em fase de adaptação aos modos de vida moderna experimentava diversos sobressaltos diante da invasão de novidades bárbaras apresentadas sucessivamente e que se opunha a velha ordem.” (SANTUCCI, 2008, p.14).

Por meio dessa associação, Eduardo Paes tenta vincular sua imagem apenas às grandes transformações urbanas, esquecendo as contradições sociais do governo municipal de Pereira Passos. Dessa forma, podemos compreender que o atual momento da cidade voltada para o negócio, com os grandes eventos e empreendimentos, também apresenta contradições sociais, pois diversas pessoas foram despejadas de suas casas em locais de obras para a Copa do Mundo, de 2014. Uma visão mercadológica, voltada para grandes transformações na cidade, preocupada com a visão turística, esquecendo das mazelas e desigualdades sociais de várias regiões da cidade, sobretudo o subúrbio carioca.

Com a disseminação das manifestações por todo o Brasil, podemos observar através das notícias veiculadas no JN, que esses eventos ganharam proporções mundiais. Devido aos holofotes estarem voltados para o Brasil, as manifestações foram veiculadas em jornais e *sites* internacionais como o ‘*The New York Times*’, o ‘*The Washington Post*’ e a rede ‘*CNN*’, ambos norte-americanos, a rede britânica ‘*BBC*’, e o jornal espanhol ‘*El País*’.

As manifestações ganhavam cada vez mais força e apelo, sendo noticiadas nos mais importantes jornais do mundo. Assim, essas manifestações populares ganharam destaque no cenário mundial, sendo as primeiras manifestações de rua do país de proporções mundiais da era digital e globalizada dos computadores e das novas redes sociais.

Com o sutil deslocamento citado dos parágrafos anteriores, os desmandos e as atitudes descabidas da polícia nas manifestações começaram a ganhar destaque nas cenas midiáticas. Essas atitudes já eram elucidadas nas principais redes sociais por pessoas que participaram das manifestações. Além desses relatos, os *sites* das revistas alternativas como ‘*Carta Capital*’, ‘*Brasil de Fato*’ e ‘*Caros Amigos*’, faziam uma reflexão sobre esses possíveis atos violentos dos policiais militares das principais cidades do país.

Nesse momento é citada pelos grandes meios de comunicação, uma mídia alternativa, que foi criada em 2011, a mídia NINJA, cuja sigla significa Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação. Esse grupo formado dois anos antes das manifestações de junho foi responsável por transmitir em tempo real momentos das principais manifestações do país. Os

vídeos do grupo foram bastante acessados, sendo um novo canal de divulgação dos atos, compartilhando notícias e uma nova perspectiva de análise sobre as principais manifestações de 2013.

No dia dezessete de junho, em Brasília, um protesto ocorreu com cinco mil pessoas em frente ao Congresso Nacional e uma nova pauta apareceu nas matérias do JN. A reivindicação contra o Projeto de Emenda Constitucional (PEC) no 37, proposta pelo deputado federal do PT do B do Maranhão, Lourival Mendes que consistia na limitação do poder de investigação do Ministério Público, retirando a possibilidade deste órgão realizar investigações criminais. Após o forte apelo popular contra esse projeto de lei, que foi chamado de “emenda da impunidade”, tivemos uma votação no Congresso Nacional, em que quatrocentos e trinta deputados votaram contra a instauração dessa lei. Sendo assim, a desaprovação dessa lei parece representar uma vitória para as manifestações populares brasileiras.

Ainda sobre essa manifestação organizada na cidade de Brasília, o JN retratou através da relação entre as linguagens verbal e não verbal, que os manifestantes invadiram o espelho d’água e subiram o teto do Congresso Nacional. Nessa manifestação, a presidenta Dilma se pronunciou pela primeira vez sobre a onda de protestos através de uma nota de sua assessoria. Segundo a presidente, “as manifestações pacíficas são legítimas e próprias da democracia”.

No dia dezoito de junho, diversas cidades realizaram manifestações com novas pautas como o fim da corrupção com cinco mil pessoas em Maringá, cidade do Paraná e Rio Branco, capital do Acre. Outras cidades também tiveram manifestações como Vitória (ES), Curitiba (PR), Belo Horizonte (MG), Florianópolis (SC), Juazeiro do Norte (CE), São Gonçalo (RJ) e Rio de Janeiro.

As primeiras vitórias do movimento passe livre aconteceram com a redução nos valores das passagens em Porto Alegre, Cuiabá, João Pessoa e Recife. Nesse mesmo dia, a presidenta Dilma se pronunciou publicamente pela primeira vez e não apenas por nota de sua assessoria. Segundo a presidenta, “a grandeza das manifestações comprovou a energia da democracia brasileira.” (Notícia do dia 18 de junho de 2013 – Nº21 do levantamento de materiais presentes no anexo A desta dissertação).

Num momento histórico, duas mil pessoas manifestaram-se em Londres em apoio às reivindicações brasileiras, o mesmo ocorreu em Lisboa. Trata-se de mais um efeito do intenso intercâmbio de informações que garante a circulação de notícia não apenas pelos grandes meios, mas também por formas alternativas, como as redes sociais e os coletivos de mídia alternativa. As manifestações ganhavam cada vez mais destaque no mundo e os brasileiros

que moram no exterior davam apoio, apesar da distância, as manifestações por todo o país, adquirindo, assim, proporções mundiais.

No dia dezenove, tivemos manifestações em São Luís, no Maranhão, São Paulo, Brasília (DF), Fortaleza (CE), Belo Horizonte (MG), Niterói (RJ), Cabo Frio (RJ) e Vitória da Conquista (BA) contra a corrupção e em prol de melhorias na saúde e na educação. Um momento marcante na história dos protestos ocorreu em Niterói, cidade metropolitana do Rio de Janeiro, com o fechamento da ponte Rio - Niterói devido ao avanço de manifestantes em direção ao elo entre as duas cidades.

Esse dia também foi marcante, pois os prefeitos das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, Fernando Haddad, do PT e Eduardo Paes, do PMDB, anunciaram a revogação dos aumentos dos valores das passagens dos transportes públicos. Uma vitória dos movimentos passe livre, mostrando que a população e a juventude têm força de mudar e melhorar o país, além dessa concepção de cidade-negócio.

Ao longo do ano, as manifestações conseguiram reverter o aumento em mais de cem cidades no país. Entretanto, as vozes nas ruas ganharam cada vez mais força, demonstrando que o movimento contra o aumento das passagens foi apenas a faísca que precisava para incendiar uma população que buscava uma sociedade e um país mais justo.

São esses movimentos e dinâmicas que vêm agora à tona. Trazem para nossas cidades e para a esfera pública o frescor do que ainda não foi contaminado pela ideologia do empreendedorismo e do individualismo competitivo que prendem a totalidade da vida social. (MARICATO, 2013, p.40).

No dia vinte, diversas cidades tiveram manifestações³, mostrando o crescimento desse movimento por todo o Brasil. Segundo manifestantes nas mídias alternativas e *sites* alternativos, mais de um milhão de pessoas foram às ruas, tomando a Avenida Presidente Vargas, no centro do Rio. Entra em debate nas redes sociais e nos *sites* alternativos, então, o real número de manifestantes nas capitais do Brasil. Muitos manifestantes acusaram a grande imprensa de deturpar os números dos protestos e de esconder diversos fatos da população.

Os casos de repressão e violência policial constantemente apresentados nas mídias alternativas ganhavam cada vez mais destaque nas redes sociais. Dessa maneira, esses casos começam a surgir nas cenas midiáticas, com o sutil deslocamento citado nesta

³ Lista de manifestações ocorridas no dia vinte de junho de 2013 e citadas pelo JN: Florianópolis (SC), Recife (PE), Belém (PA), Rio de Janeiro (RJ), Nova Iguaçu (RJ), São Paulo (SP), Ribeirão Preto (SP), Vitória (ES), Salvador (BA), Imperatriz (MA), Belo Horizonte (BH), Fortaleza (CE), Teresina (PI), Natal (RN), João Pessoa (PB), Maceió (AL), Aracajú (SE), Goiânia (GO), Macapá (AP), Palmas (TO), Manaus (AM), Porto Velho (RO), Porto Alegre (RS), Santa Maria (RS), Campo Grande (MS), Cuiabá (MT), Curitiba (PR), Boa Vista (RR).

contextualização. No dia vinte e um de junho, o repórter Pedro Vêdova, do canal Globo News, das organizações globo, foi atingido por uma bala de borracha na testa. Segundo o âncora William Bonner, “não havia nenhum conflito no local onde o repórter estava no momento em que foi atingido.” (Notícia do dia 21 de junho de 2013 – Nº55 do levantamento de materiais presentes no anexo A desta dissertação).

No dia vinte e dois de junho, a presidenta Dilma propôs alguns pactos para melhorar os serviços públicos. Nessa data houve pequenas manifestações em Brasília, Fortaleza, São Paulo, Rio Branco, Curitiba e no Rio de Janeiro. Já no dia vinte e quatro, a presidenta propôs cinco pactos, procurando atender às vozes das ruas. Esses pactos serão discutidos no terceiro item deste capítulo

Apesar do sutil deslocamento citado anteriormente, o JN, especificamente nas notícias veiculadas dos dias vinte e um de junho e dezoito de julho, colocou apenas imagens ‘exclusivas’ dos atos intitulados de vandalismo por parte dos manifestantes, sem qualquer relato ou comentário de um enunciador jornalista. Novamente, o foco nos atos violentos é evidenciado, propagando um possível sentido negativo a essas manifestações democráticas e cidadãs.

Em julho, uma manifestação foi marcante, pois jovens foram alvos de prisões arbitrárias e um desses eventos será analisado neste trabalho. A prisão do jovem Bruno Ferreira Telles, acusado de portar e lançar um artefato explosivo contra policiais. Esse caso foi solucionado através da divulgação de vídeos pela mídia NINJA, que inocentavam o jovem, mostrando que ele não portava qualquer artefato explosivo. Com a presença dessa mídia alternativa nas notícias do principal telejornal do país, percebemos o embate entre duas diferentes perspectivas sobre as manifestações e um ponto de extrema polêmica.

Ao longo das manifestações que agitaram o Brasil, diversas atitudes repressivas foram apresentadas pela polícia militar em várias cidades do país, lembrando momentos da ditadura que assolou o país durante mais de vinte anos. Muitos cidadãos foram detidos devido ao uso do vinagre, líquido que ficou marcado nessas manifestações, pois aliviava os efeitos das bombas de gás lacrimogêneo que foram lançadas nos confrontos entre policiais e manifestantes.

Outra reflexão é sobre o uso das balas de borracha como arma não letal. Muitos manifestantes foram alvejados a esmo, sendo atingidos em regiões da face, como: O repórter fotográfico Sérgio Andrade da Silva e a repórter da folha de São Paulo, Giuliana Vallone, que foi atingida em uma região próxima aos olhos.

Em suma, entra em debate a real função e o preparo da polícia militar para atuar em grandes manifestações populares como essas e a desmilitarização dessa corporação. Conforme essa visão, a polícia militar apresentou ao longo das manifestações, atitudes violentas e repressivas no controle das manifestações, similares a ditadura militar. Com isso, a visão de uma desmilitarização voltada a aproximar a corporação da sociedade foi debatida no poder político e em diversos fóruns sociais.

Segundo a proposta de emenda 51/2013, de autoria do senador Lindbergh Farias (PT-RJ), os órgãos de polícia devem ser organizados em carreira única, ou seja, unindo o desenvolvimento dos trabalhos ostensivo e investigativo, das polícias militar e civil. Dessa forma, cria-se uma nova estruturação da segurança pública e um planejamento mais adequado de trabalho, não focando na eliminação de um inimigo, mas sim na construção de uma cidadania, garantindo, assim, todos os direitos dos cidadãos no sistema democrático brasileiro.

1.1.2. Relações com outras manifestações populares da história do Brasil e os fóruns democratização da mídia

Neste item, pretendemos mencionar outras grandes manifestações populares da história do Brasil na tentativa de discutir os aspectos mais importantes desses eventos, assim como compreender os sentidos das manifestações 2013. Além disso, ao discutirmos as relações com outras manifestações populares que marcaram o país, abordaremos um aspecto importante para esse trabalho, que foram os questionamentos acerca do monopólio das grandes empresas de comunicação. Para isso, discutiremos os fóruns e os diversos movimentos em prol de uma democratização da mídia.

As manifestações de 2013 tiveram aspectos extremamente importantes que as diferenciavam de outros protestos marcantes da história do país. Essas manifestações apresentaram pautas heterogêneas, ou seja, eram muitas vezes que defendiam e lutavam por diversas demandas sociais em um mesmo protesto. Como pudemos observar no item anterior, as reivindicações do MPL contra o aumento nas passagens dos transportes públicos foram apenas uma faísca, que incendiou e ganhou as ruas de todo o Brasil nos meses de junho e julho.

Portanto, não existia apenas um objetivo e uma motivação social, como foi o caso da última grande manifestação popular no Brasil, pedindo o *impeachment* do, até então, presidente Fernando Collor de Melo, em 1992. Desse ato surgiram os famosos “caras pintadas”, jovens que pintaram o rosto de verde e amarelo e foram às ruas lutar em prol da renúncia do presidente.

Diversas manifestações contra a corrupção e a favor da renúncia do presidente Fernando Collor de Melo aconteceram em 1992. Segundo a capa do jornal Folha de São Paulo, no dia quatorze de agosto foi realizado no Rio de Janeiro o maior ato pelo *impeachment* de Collor. De acordo com o que foi apresentado nesta capa: “Foi realizado ontem no Rio o maior ato pelo *impeachment* desde o início do Collorgate. A manifestação reuniu 10 mil pessoas, segundo a PM. Os organizadores falam entre 25 mil e 50 mil.” Esse fato mostra que desde a última grande manifestação popular do país, a estimativa do número de participantes era contraditória. Neste sentido, essa contradição também ocorreu nas manifestações de 2013 e foi duramente criticada pela população nas redes sociais.

As manifestações de noventa e dois entraram pra história com palavras de ordem como: “Fora Collor!”, “*Impeachment* Já!”. O presidente Collor renunciou horas antes de ser retirado da presidência. Apesar dessa estratégia, ele não escapou da punição e teve oito anos sem poder se candidatar a qualquer cargo público. Uma vitória da juventude brasileira, que foi às ruas protestar em prol de um país mais justo e igualitário.

Na década de oitenta, com vinte anos de ditadura, o Brasil também presenciou uma das maiores manifestações do país, as ‘Diretas Já’. Esses protestos também tinham apenas uma pauta, diferente das manifestações de 2013. O movimento lutava por eleições diretas para presidência da república, após o enfraquecimento da ditadura. Segundo a capa do jornal Folha de São Paulo, mais de um milhão de pessoas foram ao Vale do Anhangabaú, no centro de São Paulo, no dia dezesseis de abril de 1984.

Ao observarmos as manifestações de 2013, percebemos que além das diversas pautas, elas apresentaram um aspecto importante que foi o seu apartidarismo. Assim, grande parte dos manifestantes não aceitaram estabelecer vínculos do movimento com qualquer bandeira partidária, mostrando que os protestos eram realizados e idealizados pela população brasileira e o despertar de sua juventude. Houve nesse movimento uma tentativa de desvincular a esfera representacional e institucional das grandes manifestações, colocando esses atos como populares e não dependentes da esfera político-partidária.

Esse aspecto mostrou que a taxa de apartidarismo é cada vez mais alta no Brasil e que este conceito não está atrelado à despolitização do movimento. O movimento é político, social

e democrático, mas não tem qualquer indicação a um partido político, justamente pela forte desconfiança que paira sobre os atores políticos e sobre a crise do sistema de uma democracia representativa vigente no Brasil, traço marcante desse momento histórico que será discutido no próximo item deste capítulo.

Outra característica das manifestações de 2013 é a forte presença das redes sociais, tidas como responsáveis pelo desenvolvimento e a disseminação do movimento, assim como nas grandes manifestações mundiais do século XXI, como a primavera árabe. Uma mídia nova e extremamente importante para o fortalecimento da democracia e da cidadania. As redes sociais trouxeram a possibilidade de analisar um mesmo assunto por diversos ângulos e pontos de vista, algo inimaginável anteriormente, já que as grandes empresas de comunicação apresentam apenas uma visão acerca das notícias que divulgam.

A grande imprensa, sobretudo a televisão, pode exercer uma forte influência na cabeça dos cidadãos brasileiros, através da relação dialógica e dos agenciamentos que ela estabelece com seus telespectadores, na divulgação das notícias e através de seus programas. Apesar da criação das novas mídias, a televisão é responsável por dar visibilidade pública aos cidadãos, ou seja, incluí-los no espaço formador da opinião pública, devido a sua popularidade no Brasil e no mundo. Logo, nada acontece no mundo, sem que a televisão esteja presente.

“Nas sociedades contemporâneas, não obstante a velocidade das mudanças tecnológicas, sobretudo no campo das comunicações, a centralidade da velha mídia – televisão, rádio, jornais e revistas – é tamanha que nada ocorre sem seu envolvimento direto e/ou indireto”. (MARICATO, 2013, p. 89)

No Brasil, ao longo do estabelecimento desse aparato midiático como o mais acessado pela população em diversas classes sociais, criou-se um monopólio por parte dos detentores das principais empresas de comunicação do país. Para isso, os principais veículos de comunicação do país são monopolizados por famílias de alta classe social. A partir dessa visão, criaram-se fóruns em prol de uma democratização da mídia e o fim desse monopólio.

O principal deles é o FNDC – Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação. Segundo a perspectiva abordada por esse fórum, apesar do Brasil ser um país pautado em uma democracia representativa, a atual concepção dos veículos de comunicação apresenta uma concentração econômica que limita a liberdade de expressão das diversas instâncias e pluralidades sociais nos principais veículos de comunicação do país. Dessa forma, esse fórum visa estabelecer debates que reflitam sobre os questionamentos citados no trecho abaixo.

“(…) A liberdade de expressão não deveria ser para todos e não apenas para os grupos que representam os interesses econômicos e sociais de uma elite dominante? Existem espaços para a produção e veiculação de conteúdos dos diversos segmentos da sociedade na mídia brasileira?”. (Site do FNDC)⁴

Com o advento da *internet* e o desenvolvimento das redes sociais e das novas mídias alternativas, essa discussão ganhou destaque e com esses novos dispositivos tivemos a propagação e multiplicação das vozes no cenário midiático. No entanto, ainda nesse novo espaço midiático, os grandes veículos de comunicação estabelecem seu monopólio e concentração econômica a partir de sua divulgação nas redes sociais e *sites* institucionais.

Nesse sentido, com as grandes manifestações discutidas neste trabalho, esse debate adquiriu ainda mais força, devido aos questionamentos que afligiram a população acerca das diferentes perspectivas abordadas pelas grandes empresas de comunicação, em contraponto com o que foi apresentado pelas novas mídias alternativas. Assim, essas diferentes concepções de um mesmo evento geraram grande discussão nos fóruns e redes sociais, com duras críticas à visão apresentada pelos principais veículos de comunicação do país.

Como observamos na contextualização proposta no primeiro item deste capítulo, através desses questionamentos, uma mídia alternativa que transmitiu ao vivo pela *internet* as manifestações cariocas ganhou destaque nesse contexto enunciativo, a mídia NINJA. No caso selecionado para a análise deste trabalho, essa nova mídia adquiriu um sentido extremamente positivo ao solucionar o caso da prisão arbitrária do estudante Bruno Ferreira Telles, desmentindo a versão inicial veiculada no JN, praticamente condenando o estudante, através de vozes institucionais que adquirem credibilidade ao concederem entrevistas ao telejornal: o procurador Eduardo Lima Neto e o relações públicas da polícia militar, coronel Frederico Caldas.

Em seguida, a presidenta Dilma Rousseff, durante sua campanha eleitoral à presidência da república, no pleito de 2014, assumiu um compromisso de discutir um projeto de lei de iniciativa popular da mídia democrática, uma reivindicação histórica dos fóruns e de parte da sociedade brasileira, que adquiriu destaque nas redes sociais, com as contradições citadas no parágrafo anterior. Essa iniciativa é uma reivindicação dos fóruns que procuram defender a liberdade de expressão a todos os brasileiros nos meios de comunicação do país, rejeitando a atual configuração estabelecida através do monopólio econômico.

⁴ O endereço eletrônico do Fórum Nacional de Democratização da Mídia é: <<http://www.fndc.org.br/>>

“É indispensável, portanto, que uma reforma política inclua a regulação das comunicações como garantia que se estabeleçam as condições para a formação de uma opinião pública capaz de agregar mais vozes ao debate público, vale dizer, para que mais brasileiros – e não só os rebeldes urbanos – sejam democraticamente representados.” (MARICATO, 203, p.94).

No próximo item deste trabalho, serão abordados os diversos acontecimentos que se desenvolveram a partir das manifestações de 2013, como a resposta dos governos a esses protestos, criminalizando as manifestações através da proibição do uso de máscaras em protestos de rua. Além disso, discutiremos o surgimento no cenário nacional dos *black blocs*, os acontecimentos de repressão policial e a crise da democracia representativa, com forte apelo popular na luta por maior participação nas decisões políticas do país.

1.1.3. Os desdobramentos das manifestações e crise da representação

Neste item, pretendemos discutir alguns desdobramentos das manifestações como: a legitimidade democrática desses eventos, o surgimento dos *black blocs* nos cenários midiáticos, proibição do uso de máscaras em protestos de rua, o pacto da presidenta Dilma Rousseff, e a crise do sistema representativo da democracia brasileira. Esses elementos são importantes para compreender a força que essas manifestações tiveram no cenário nacional e para entender que eles geraram diversos momentos importantes para a história do país.

Com o foco inicial abordando apenas os atos agressivos e pretensamente desmedidos por parte de manifestantes, a grande imprensa estabeleceu um possível sentido de que os atos eram violentos e atrapalhavam a ordem pública, com o fechamento de ruas, e a depredação de prédios públicos e históricos por parte dos manifestantes. Dessa forma, muitos programas de TV debateram sobre a legitimidade democrática desses eventos.

Ao longo do mês de junho, as manifestações se expandiram por todo o Brasil e ganharam destaque mundial. Nesse sentido, como já apontado anteriormente, houve um deslocamento sutil no que foi veiculado pela grande imprensa, e os atos desmedidos da polícia militar começaram a surgir nas cenas midiáticas. Assim, percebemos que o JN também apresentou um deslocamento na visão homogênea das primeiras manifestações. Por meio desse deslocamento, observamos a diferenciação entre manifestação pacífica e minoria radical, retratando os grupos de forma heterogênea.

A partir dessa diferenciação, começaram a surgir nas cenas midiáticas à figura dos Black blocs⁵ e a utilização das máscaras nos protestos. Esse grupo divulgava uma estratégia de manifestação anarquista, que visava questionar o sistema vigente e todas as suas contradições.

A participação desse grupo causou polêmica nas cenas midiáticas e trouxe uma reação por parte dos governantes. No dia dez de setembro de 2013, foi aprovada no Congresso Nacional a proibição das máscaras em qualquer protesto do país, de acordo com a lei 2.405, proposta pelos deputados Domingos Brazão e Paulo Melo, ambos do PMDB, do Rio de Janeiro.

Segundo o deputado Paulo Melo (PMDB), “mantivemos o espírito do projeto, que é impedir que mascarados continuem afrontando as autoridades e a população, e impedindo as pessoas de se manifestarem livremente.” (Notícia do dia 10 de setembro de 2013 – Portal G1). Essa lei gerou revolta por parte de alguns deputados que foram contra a proibição das máscaras nos protestos. Conforme o deputado Marcelo Freixo (PSOL), “esse projeto de lei lamentavelmente aprovado na Alerj é inconstitucional. O uso de máscara não é anonimato. A máscara é um símbolo de protesto.” (Notícia do dia 10 de setembro de 2013 – Portal G1)

Dessa forma, as manifestações estabeleceram novas polêmicas através de seus desdobramentos e do debate em torno da utilização das máscaras e da presença dos *black blocs* nesses eventos. Cabe ressaltar que a representação do objeto máscara teve grande destaque com a disseminação das manifestações por todo o Brasil, sobretudo nos dois vídeos que serão analisados nesta dissertação.

Aprofundando a discussão na mídia sobre a legitimidade democrática dessas manifestações, no dia vinte e um de junho, a presidenta Dilma se pronunciou na grande imprensa e propôs um pacto para melhorar os serviços públicos. Em seu pronunciamento de dez minutos, a presidenta condenou os atos de vandalismo de uma minoria e elogiou as manifestações pacíficas que se estenderam por todo o país. “Elas (as manifestações) demonstram a força da democracia e o desejo da juventude de fazer o Brasil avançar.” (Notícia do dia 22 de junho de 2014 - Nº 62 do levantamento de materiais presentes no anexo A desta dissertação)

Em seguida, a presidenta propôs algumas providências para atender as vozes das ruas como: a criação de um plano de mobilidade urbana, a contratação de médicos do exterior para

⁵ *Black bloc* (do inglês *black*, preto; *bloc*, agrupamento de pessoas para uma ação conjunta ou propósito comum, diferentemente de *block*: bloco sólido de matéria inerte) é o nome dado a uma tática de ação direta, de corte anarquista, empreendida por grupos de afinidade que se reúnem, mascarados e vestidos de preto, para protestar em manifestações de rua, utilizando-se da propaganda pela ação para desafiar o establishment e as forças de ordem. *Black bloc* é basicamente uma estrutura efêmera, informal, não hierárquica e descentralizada. Unidos, seus integrantes pretendem adquirir força suficiente para confrontar as forças da ordem. (Wikipédia)

realizar atendimentos no SUS e a utilização de cem por cento dos recursos do petróleo para educação. A presidenta afirmou que está ouvindo a população e que o dinheiro gasto nos estádios da copa são frutos de financiamento. Segundo Dilma, este financiamento será pago pelas empresas e pelo governo.

Diante desses constantes protestos durante a Copa das Confederações, dos casos de confronto entre manifestantes e policiais e das atitudes repressivas da polícia militar pelo país, a presidenta do Brasil acenou, no dia vinte e cinco de junho a possibilidade de discutir sobre um possível plebiscito com a tão esperada reforma política. Contudo, apenas propostas de mudança estrutural foram apresentadas, em determinadas regras eleitorais.

Neste mesmo dia, a presidenta apresentou alguns pactos a serem discutidos e votados na Câmara. Os pactos apresentados foram voltados a aspectos como economia, reforma política, saúde, educação e transportes. Dilma propôs aos prefeitos e governadores a aprovação desses cinco pactos que seriam a responsabilidade fiscal e o controle da inflação, o plebiscito para uma futura reforma política, o projeto de melhorias na saúde e a contratação de médicos estrangeiros. Para a educação, a presidente propôs cem por cento dos royalties da exploração do petróleo para a educação e um “salto de qualidade” nos transportes públicos.

A partir desse contexto de manifestações populares no Brasil, várias polêmicas foram instauradas e diversos debates puderam ser realizados acerca dos questionamentos da sociedade, que apresentaram demandas de diversas naturezas como: política, econômica, social, transporte, minorias sociais, monopólio da mídia, direitos e deveres dos cidadãos, desmilitarização da polícia, entre outras.

Dessa maneira, como pudemos observar neste item, a partir das manifestações tivemos diversos desdobramentos e reflexões. Uma dessas reflexões é o embate entre democracia representativa e participativa e o propalado clamor popular por uma reforma política em todo o sistema político-eleitoral brasileiro. Segundo Japiassú & Danilo Marcondes (2008), democracia seria: “Regime político no qual a soberania é exercida pelo povo, pertence ao conjunto dos cidadãos que exercem o sufrágio universal.” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2008, p. 67)

O exemplo da democracia brasileira é o modelo representativo, ou seja, o eleitor cede poder a seus “representantes”. Criam-se, então, os políticos profissionais, aqueles escolhidos pelo povo, através de votação, como seus representantes na organização do país, em suas diversas cidades e regiões. Retoma-se, então, a grande discussão acerca dessa representação. Nos tempos atuais, a democracia passou a ser representação, perdendo a noção de

participação, presente na origem do termo. Uma representatividade extremamente desgastada devido aos diversos escândalos que figuram a política no país.

De acordo com os autores, sobre a diferenciação entre democracia participativa (direta) e representativa (indireta): “Democracia direta é aquela em que o poder é exercido pelo povo, sem intermediário; democracia representativa é aquela na qual o povo delega seus poderes a um parlamento eleito...” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2008, p.67)

No Brasil, a população é obrigada a ceder poder a um representante, não podendo decidir diretamente sobre as questões que lhe afetam. Uma contradição, pois segundo a constituição brasileira, as eleições do país são livres. Essa obrigatoriedade do voto é uma das maiores contradições da noção de democracia apresentada no Brasil. Portanto, o momento em que esse poder é cedido através das eleições é retratado nas cenas midiáticas como o ápice de um país democrático, sendo chamado de “festa da democracia” pelo jornalista do JN, William Bonner. Entretanto, essa festa democrática nada mais é do que a lembrança de uma democracia representativa.

Contudo, as eleições podem ser consideradas um momento de usurpação da decisão pelo grupo a favor do voto nulo, contra o voto obrigatório e a corrupção do país. Esses pequenos grupos consideram que a “festa da democracia” é o momento mais antidemocrático de todo o regime brasileiro. Uma contradição entre eleições livres e a obrigatoriedade do voto. A democracia deve ser um exercício diário, de cidadania e não apenas em época de eleições.

Antes das manifestações de 2013, o país passou por um longo processo de apatia em relação à política nacional e aos seus representantes, segundo os possíveis sentidos dos enunciados produzidos pelos próprios manifestantes como observamos no primeiro item deste capítulo. O principal enunciativo produzido pelos manifestantes era: “O Gigante Acordou”

Diante dessas manifestações, assuntos pertinentes à atual situação do país tiveram destaque nas redes sociais. Debates como: a reforma política, o voto por lista na câmara de deputados e as melhorias na educação, saúde, segurança e transporte público, entre outros.

Com o pensamento de uma reforma política, contradições tornam-se evidentes nas redes sociais como: os obscuros financiamentos de campanhas eleitorais, a desigualdade econômica entre partidos e candidatos, a discrepância entre o tempo de cada candidato no HPGE, a votação fechada no Congresso Nacional, e a falta de participação popular nas decisões políticas do país.

Sobre o financiamento de campanhas eleitorais, podemos observar que a prestação de contas é obscura, sem qualquer lisura e transparência, evidenciando possíveis atos de corrupção. Além do financiamento, outra característica do sistema político-eleitoral que foi

discutido após as manifestações foi a discrepância em relação ao tempo que cada candidato tem na grande imprensa, sendo determinado através das coligações e da quantidade de partidos aliados, estabelecendo, assim, uma extrema desigualdade política.

Outro ponto discutido é a votação aberta no congresso. Essa possível mudança procura expor os votos de todos os parlamentares, visando a uma maior transparência nestas decisões. A população teria uma noção sobre os votos de todos os políticos da casa, aumentando a confiança e o desejo de participar ativamente da democracia brasileira.

Essas são algumas das reivindicações da população, parte da população anseia ter a possibilidade de cassar os mandatos de parlamentares envolvidos em escândalos de corrupção, participando ativamente da democracia vigente no país. Assim, a população poderia se envolver ativamente nas decisões políticas, de maneira democrática, apresentando projetos de leis de iniciativa popular, dando fim ao voto obrigatório, entre outras questões importantíssimas para uma mudança radical e transparente do sistema eleitoral brasileiro.

Esses foram alguns desdobramentos das manifestações de 2013 que marcaram o despertar da população. As maiores mobilizações de rua do país após vinte e um anos, gerando grande repercussão nacional e internacional. As primeiras manifestações populares brasileiras da era da internet, com características próprias e grande destaque na imprensa mundial.

2 DISCURSO E PODER

2.1 Pressupostos Teóricos: Poder

2.1.1. Sociedade disciplinar e de Controle

Neste capítulo, pretendemos compreender dois aspectos que podem contribuir na compreensão em torno das manifestações de junho de 2013: as relações de poder e as lutas de resistência propostas por Michel Foucault (1979) ao longo de seus estudos. Além dessas noções, também discutiremos uma visão acerca da produção de subjetividade, através dos agenciamentos coletivos de enunciação, das máquinas de expressão e da singularização, seguindo os postulados de Gilles Deleuze (2005), Rolnik (2005) e Félix Guattari (2005).

Este é um capítulo importante na construção desta dissertação, pois Foucault (1979) compreende o poder através das forças que estão em jogo nas relações humanas e nesta

dissertação pretendemos entender não só essas forças e relações, como a manifestação popular, ou seja, uma forma de luta de resistência aos poderes instituídos através das relações do indivíduo com as diversas instituições que os cercam.

Ao longo deste capítulo, poderemos entender que a subjetividade humana está em constante produção, através dos agenciamentos e das máquinas de expressão. Os indivíduos podem, através das singularidades, resistir as instituições que os assujeitam. Por meio desse pensamento, compreenderemos que as manifestações populares de 2013 devem ser entendidas como uma mobilização que segue o modelo rizomático, ou seja, deve ser entendido não a partir de uma única causa, mas sim através de uma cartografia, que mapeia os agenciamentos que norteiam as relações humanas.

Além disso, ainda neste capítulo, aprofundaremos a segunda parte teórica desta dissertação. Essa parte é referente à análise do discurso e terá discussões acerca das seguintes teorias: a semântica global e seus planos constitutivos, a polêmica da interincompreensão, a relação entre as modalidades da linguagem (verbal e não verbal), o dialogismo, a polifonia e os estudos pragmáticos.

Primeiramente, para compreendermos as noções citadas nos parágrafos anteriores, ou seja, as relações de poder, lutas de resistência e a produção de subjetividade, necessitamos, realizar um contraponto entre os dois diferentes modelos de sociedade propostos pelos autores em seus estudos: as sociedades disciplinar e de controle.

Segundo o pensamento de Foucault (1987), a sociedade seria composta por um modelo disciplinar, com a presença de diversas instituições voltadas para a ordem e a disciplina social. Este modelo de sociedade se constituiu através das diversas mudanças sociais ocorridas nos séculos XVIII e XIX, que culminaram no crescimento de diversos dispositivos responsáveis pela disciplina e domesticação dos corpos no século XX.

Ao refletirmos sobre essas mudanças sociais, podemos assinalar que a consolidação do capitalismo em grande parte do mundo, o nascimento das repúblicas, assim como o surgimento do Estado Nação e, posteriormente, o advento da modernidade foram essenciais para o fortalecimento desses mecanismos de disciplina.

Esses mecanismos foram organizados através de obras arquitetônicas que explicitavam a emergência de uma modulação no exercício do poder: escolas, igrejas, prisões, hospitais, fábricas, entre outras. Nessas obras fechadas, ocorrem mecanismos de dominação através de normatização e vigilância, produzindo assujeitamento, em que são fixados por meio das relações e redes de poder que perpassam os indivíduos.

De acordo com a perspectiva de Foucault (1979), o poder não pertence a essas instituições, pois ele está em toda parte e não é algo que o sujeito possa adquirir em determinado momento da vida. Nesse sentido, o poder está presente em todas as relações humanas, desde a mais banal, até as mais complexas, em que a presença do poder é explícita, como no âmbito político e econômico, por exemplo.

Nas instituições do modelo disciplinar, temos aspectos como o confinamento de indivíduos e as punições. Em seus estudos das prisões, Foucault (1987), observou que as punições se exerciam pelo viés do sofrimento físico e da humilhação, dentro desses confinamentos de poder. Estes mecanismos disciplinares visavam dividir os sujeitos, como forma de organizar o espaço, o tempo, as atividades e, assim, controlar a sociedade como um todo.

A partir dos estudos do autor sobre as prisões, temos a configuração de um modelo de disciplina, que, segundo ele, se inspira no panóptico. Este modelo seria realizado através de uma vigilância velada nessas instituições disciplinares, ou seja, sem que o vigiado perceba que está sendo observado, tendo que modificar suas atitudes diante de um possível controle, isto é, vigiando a si mesmo. Doravante este arquétipo de prisão e vigilância foi propagado em outras instituições da sociedade como escolas, manicômios e hospitais.

Diante desta organização, nasceu um modelo de sociedade, em que a dominação não é explícita, como na sociedade disciplinar. Com a passagem da modernidade para a contemporaneidade, deslocamentos nas formas de exercício da relação de poder conduziram a uma transição da sociedade disciplinar, tal como pensou, Foucault (1987), para a sociedade de controle, denominação proposta por Gilles Deleuze (1995).

Essa sociedade de controle teria suas condições de emergência com a vida agitada e estressante da contemporaneidade e o desgaste das instituições disciplinares imperialistas. Com esta modulação de poder pautada através do controle, os indivíduos se tornam menos limitados e controlados de maneira implícita, virtual, através de uma constante vigilância por meio de câmeras, se opondo às punições dos dispositivos arquitetônicos da sociedade disciplinar.

No modelo da sociedade de controle, os mecanismos e as instituições arquitetônicas não deixaram de existir, porém a dominação se tornou mais fluída e virtual, atuando, assim, em todas as esferas sociais. Desta forma, o poder ganhou contornos de invisibilidade, ou seja, não era configurado em torno de uma figura central, e estaria em toda parte, controlando as ações dos indivíduos e suas conexões sociais, assim como as relações com sua produção de trabalho e com os saberes instituídos.

Um exemplo desse tipo de exercício do controle a céu aberto são as diversas câmeras espalhadas pelas ruas e estabelecimentos públicos do mundo, vigiando todos os atos da população, muitas das vezes, sem que os indivíduos percebam que estão sendo observados e controlados. Nesse sentido, as formas de dominação nessas duas sociedades apresentam suas modulações, passando da dominação e ordem social por parte das obras fechadas, para um controle em todas as esferas da sociedade. Além disso, com esta vigilância implícita, temos a presença da visibilidade humana na sociedade de controle, no sentido de que os indivíduos visam ser notados a qualquer custo.

Em seguida, no próximo item, poderemos observar a dimensão paradoxal dessas redes sociais que ganharam destaque na organização das manifestações de junho. Assim como uma nova perspectiva da noção de poder, importante para compreender as diversas redes e relações que culminaram com o desenvolvimento dessas manifestações e das motivações da juventude brasileira como forma de resistência e contestação aos poderes instituídos na sociedade contemporânea.

2.1.2. O poder em Foucault

Ao longo de seus estudos sobre a sociedade disciplinar, Foucault (1979) realiza um trabalho a partir de um modelo genealógico, procurando compreender o poder disciplinar presente na modernidade. De acordo com essa visão, o poder é exercido na vida cotidiana dos sujeitos, com a presença de diversos dispositivos arquitetônicos que produzem uma rede de dominação e disciplina na sociedade moderna.

Desta forma, o autor propõe uma nova visão sobre a noção de poder e as diversas relações que esta noção exerce na sociedade disciplinar, tanto entre os seres humanos e os dispositivos de sujeição, quanto através do próprio corpo e da individualização dos sujeitos. Segundo essa perspectiva, o poder não é estudado como um objeto fixo, que qualquer sujeito pode obtê-lo quando bem entende, mas sim um exercício de múltiplas sujeições em constante funcionamento na sociedade. Ao contrário de outras perspectivas, como a visão marxista de poder, esta noção em Foucault (1979) não está só atrelada às lutas de classes sociais pela detenção deste poder.

De acordo com os estudos do autor, o poder está em toda parte e não é representado por uma instituição ou estrutura, que estabeleça uma repressão social.

“O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles.” (FOUCAULT, 1979, p.104).

Em todas essas instituições de dominação, produz-se a massificação dos corpos. Nesse sentido, o autor também realizou uma análise do exercício do poder sobre corpos, o denominando de biopoder. Como pudemos observar na introdução deste capítulo, na concepção da sociedade disciplinar, existe uma relação entre os mecanismos de poder e o corpo. Segundo o autor, nesta visão, produzem-se os corpos dóceis, que seriam aqueles que se manipulam e se modelam facilmente a rede de poderes instituída.

Nesse sentido, observa-se o surgimento de uma figura como a do soldado e seus traços corporais diante das ordens de seus superiores na hierarquia militar. Assim, a noção de docilidade se refere à maneira como os corpos se transformam em corpos manipuláveis, podendo ser domesticados. “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado.” (FOUCAULT, 1987, p. 163)

Com isso, por meio dessa noção de poder através das relações e não de uma figura central e estática, poderemos compreender a construção e organização das manifestações populares do Brasil, através das diversas redes de poder instituídas por meio desses eventos. Além disso, outra abordagem de Foucault (1995) é essencial para o entendimento das manifestações populares de 2013: as lutas de resistência a esses poderes instituídos e naturalizados em nossa sociedade. No próximo item, discutiremos sobre essas lutas, que estão diretamente ligadas a noção de poder exposta nesse item.

2.1.3. As Lutas de Resistência

Para compreendermos a noção de poder discutida no item anterior, é necessário assinalar as estratégias que se opõem às múltiplas relações de poder e mecanismos de sujeição instituídos na sociedade disciplinar. Desse modo, Foucault ressalta a importância dos estudos acerca dessas estratégias de resistência, como forma de esclarecer os pontos de aplicação e os métodos usados na elaboração das relações de poder.

“Para usar uma outra metáfora, ela consiste em usar esta resistência como um catalisador químico de modo a esclarecer as relações de poder, localizar sua posição, descobrir seu ponto de aplicação e os métodos utilizados. Mais do que analisar as relações de poder através de sua racionalidade interna, ela consiste em analisar as relações de poder através do antagonismo das estratégias.” (DREYFUS, H; RABINOW, 1995, p.234).

Segundo o autor, onde há poder, sempre haverá lutas de resistência. Portanto, a proposta seria estudar o que se opõe a esses poderes instituídos na sociedade moderna, em relações transversais como, por exemplo, o poder do homem sobre a mulher, do médico sobre o paciente, da administração político-econômica sobre os modos de vida da população, entre outras lutas que visam resistir e se contrapor aos poderes estabelecidos.

Para o autor, o poder é inerente ao ser humano na história da humanidade e pressupõe a existência do outro. Nessa relação com o outro, o sujeito pode exercer poder sobre algo ou alguém. Assim, para compreender as relações de poder, o autor procurou observar o lado do dominado, como o lado da mulher, do paciente, entre outras, assim como as formas de resistência inerentes a essas relações.

Dessa forma, as lutas de resistência apresentam diversos aspectos importantes, que as caracterizam e contribuem no entendimento de como as redes de poder e sujeição são aplicadas e instituídas na sociedade. Essas lutas são transversais, ou seja, acontecem em vários lugares do mundo, envolvendo diferentes classes sociais e organizações político-econômicas, como podemos identificar nos movimentos sociais estudados nesta dissertação, com as manifestações de junho no Brasil, assim como a primavera árabe, e em outras manifestações populares do mundo.

Além deste aspecto, as lutas de resistência também são caracterizadas pelo imediatismo. Por meio desse aspecto, elas visam atender a demandas imediatas, da atualidade. Um exemplo desse imediatismo foram as primeiras manifestações de junho de 2013, organizadas pelo movimento passe-livre, que lutava contra as formas de poder exercidas por empreiteiras e empresas de ônibus, no atual modelo de transporte público do Brasil.

Como foram expostas na contextualização do primeiro capítulo desse trabalho, estas empresas detêm o monopólio do transporte público no Brasil. No entanto, a qualidade desses transportes decaiu, e os valores das tarifas sofrem constantes reajustes, o que parece evidenciar uma dimensão paradoxal das lutas, que não se reduzem a oposições binárias e estão conectadas sempre com outras lutas. Desse modo, o movimento passe livre seria uma forma de resistência a esse cenário de poder, que essas empresas exercem sobre parte da população brasileira. Vale ressaltar a importância deste movimento para as manifestações de

junho, pois foi a partir da resistência deste movimento, que as manifestações se disseminaram por todo o Brasil, como foi apontado na contextualização do primeiro capítulo.

Ao discutirmos sobre os materiais presentes no levantamento realizado neste trabalho. Em uma aproximação ao material a ser analisado, percebemos diversas lutas de resistências acontecendo ao longo das manifestações de 2013. Como podemos observar, com o crescimento desses eventos, as demandas apresentadas foram diversas, atendendo a questionamentos de várias ordens: política, econômica, social, institucional, midiática, entre outras.

A partir dessa perspectiva, o autor trabalhou em diversas áreas de atividade humana e expôs que essas lutas questionam o estatuto dos indivíduos na sociedade, como direito de ser diferente, assim como a noção de verdade cristalizada através dos poderes instituídos. Ao observarmos os questionamentos do estatuto dos indivíduos, podemos exemplificar as lutas representadas pelas minorias sociais, como as lutas dos homossexuais no Brasil, por diversos direitos como o casamento civil.

Essas lutas de resistência também podem se opor aos efeitos de poder pautados pelo privilégio do saber. Assim, nessas lutas o que se coloca em questão são as diversas maneiras pelas quais os saberes são instituídos e os modos como eles circulam na sociedade.

Segundo Foucault, existem três tipos de lutas de resistência na sociedade: contra as formas de dominação, exploração e contra aquilo que liga o indivíduo a si mesmo. As lutas contra as formas de dominação seriam referentes às dominações étnicas, sociais e religiosas presentes na sociedade, como as formas de resistência às exclusões sociais, como racismo presente no mundo. Sobre as lutas contra a exploração, o autor se refere às formas que separam os indivíduos de sua produção.

Além dessas duas formas de dominação, podemos identificar as lutas contra a ligação interna do indivíduo. Essas lutas são referentes às resistências contra as formas de sujeição, submissão, individualidade e alienação da subjetividade. Elas procuram novas formas de existência, através das relações humanas, em detrimento do individualismo, objetivação, e formação de um sujeito ideal.

Seguindo o pensamento dessa terceira dominação, Foucault (1995) também propôs estudar as formas como os seres humanos se tornam assujeitados a estes poderes. Desta forma, as lutas de resistência também podem ser internas ao sujeito, ou seja, podem girar em torno de questões identitárias, em que os seres humanos adotam o seguinte questionamento: quem somos nós?

De acordo com o autor, por meio dessas lutas de resistências, existem dois tipos de sujeitos: interno e externo. O sujeito interno seria referente aos aspectos internos e particulares do ser humano, já o sujeito externo seria a forma como o ser humano se apresenta perante a sociedade. Além disso, o autor explicita que o ser humano pode estar sujeito a alguém, isto é, assujeitado por controle e dependência a alguém ou a sua própria identidade, por meio da consciência ou autoconhecimento.

Como foi apontado no item anterior, além do poder nas relações humanas e nos mecanismos disciplinares, Foucault propôs a noção de biopoder, que se refere ao poder voltado à disciplina dos corpos e a regulação das coletividades. Ao realizar um contraponto a essas redes de poder que assujeitam os corpos dóceis, Miskolci (2006) propõe a noção de corpos elétricos, baseada no poema de Walt Whitman “Eu canto o corpo elétrico”.

Segundo os autores, essa noção seria uma resistência ao assujeitamento da identidade, através da criação do corpo ideal na sociedade pelos mecanismos disciplinares. Na atualidade, a corporificação das identidades é atrelada ao uso de exercícios físicos e clínicas de estética, sendo veiculadas de forma massiva pela mídia mundial.

Essa noção está associada à estética da existência proposta por Foucault em seus estudos sobre os poderes ligados ao corpo. Por meio deste conceito, os sujeitos procurariam novas práticas e relações identitárias, visando resistir a essas regras disciplinares que aprisionam o corpo humano em modelos amplamente divulgados pela mídia, em um ato de devir, desconstruindo representações sociais.

2.1.4. A produção de subjetividade em Deleuze e Guattari

Com a transição da sociedade disciplinar para a sociedade de controle, podemos assinalar uma nova perspectiva acerca dos estudos sobre a subjetividade humana. De acordo com a filosofia de Deleuze e Guattari, esses estudos partem de um modelo descritivo e metodológico chamado rizoma, pautado na multiplicidade, nas conexões e na heterogeneidade. Ao observarmos as ideias elucidadas pelos autores, podemos compreender que a noção de rizoma parte da estrutura de algumas plantas, que apresentam brotos que podem ramificar-se a qualquer ponto. "Qualquer ponto de rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo" (DELEUZE; GUATTARI, 2005, p. 15)

Esse modelo se baseia na ideia de uma cartografia, ou seja, um mapa de redes, relações e agenciamentos entre os indivíduos e os saberes, em uma geografia do pensamento. Nesse

sentido, o pensamento rizomático se opõe ao modelo arbóreo, que centraliza a construção do pensamento a partir de um ponto, seguindo uma analogia ao nascimento e crescimento de uma árvore na natureza. Sendo assim, através dessa reflexão, a subjetividade está em constante produção por meio das relações e desse mapa do pensamento humano, se diferenciando da visão de categorias estáveis e oriundas apenas de um ponto.

“Desta forma, a importância da noção de rizoma de Deleuze e Guattari é capital, posto que é subversão de uma "imagem dogmática do pensamento" que procede por hierarquizações, categorias estáveis (identidade, consciência, poder) em prol de uma outra concepção de pensamento, que é puro movimento criado.” (SOARES; MIRANDA, 2005, p.412).

Cabe salientar que, o estudo desenvolvido nesta dissertação segue o modelo rizomático, pois interpreta os objetos de estudo, através de uma rede de relações e agenciamentos enunciativos, com diversas demandas e motivações, ao contrário do pensamento tendo origem em apenas um ponto e se desenvolvendo a partir dele.

Dessa forma, podemos observar a importância dos conceitos que serão abordados neste item. Esses conceitos visam propor uma nova concepção da subjetividade humana, por meio dos agenciamentos de enunciação, das máquinas de expressão e da singularidade, que procuram estabelecer uma visão de resistência ao assujeitamento que atravessa e imobiliza os indivíduos e sua subjetividade.

Portanto, estes conceitos da filosofia de Gilles Deleuze e Felix Guattari, serão articulados com o aparato teórico desta dissertação, as abordagens teóricas da análise do discurso de base enunciativa e as noções de gêneros do discurso.

2.1.5. Máquinas de Expressão e Agenciamentos coletivos de enunciação

Ao longo de suas reflexões, Guattari e Rolnik (2005) discutiram o desenvolvimento da subjetividade abordada como produção, nos estudos dos sujeitos e suas relações com o mundo. Primeiramente, esta concepção dissocia dois traços historicamente similares nos estudos dos sujeitos: a noção de subjetividade e os indivíduos.

De acordo com Guattari e Rolnik (2005), os indivíduos são modelados e registrados por uma produção de massa, ou seja, produzidos por diversos dispositivos estabelecidos em uma sociedade capitalista. Desta forma, os autores visam construir uma nova percepção acerca da

subjetividade, não deixando de lado aspectos da relação dos sujeitos com estes dispositivos que os assujeitam e modelam seus comportamentos e desejos.

Neste sentido, percebemos a importância desta perspectiva para os estudos desta dissertação, pois as emissoras de TV também são dispositivos que constroem modelos de sujeitos através de sua relação com os telespectadores, com a propaganda, seus produtos midiáticos e das diversas abordagens na construção e veiculação de suas notícias.

A partir deste novo estudo sobre as relações humanas, os autores expõem que a subjetividade é difundida, primeiramente, por meio do social e, posteriormente, vivida pelos indivíduos através de exercícios de suas singularidades. “A subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares.” (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 33).

Por meio dessas formas particulares de se assimilar as subjetividades, os autores elucidam que estas vivências podem ser estabelecidas de duas diferentes maneiras: através da alienação e da opressão. A vivência por meio da alienação se refere à visão de que os sujeitos recebem esta subjetividade da coletividade e não a modifica, sendo submissos a este controle.

Na vivência frente à opressão, podemos observar que os indivíduos se apropriam desta subjetividade, criando novas formas de resistência e reflexão sobre ela, constituindo, assim, um processo de singularização. Através deste pensamento, podemos compreender que esta vivência seria um meio de resistir às produções dominantes, criadoras de modelos que assujeitam os indivíduos.

Portanto, os sujeitos são assujeitados por dispositivos de diversas naturezas compostos na sociedade. Estes dispositivos se apresentam como componentes desta concepção de subjetividade, sendo de vários domínios como o corpo, a lei, a polícia, a política, a economia, a mídia, entre outros.

Ao retratar esses mecanismos, os autores propõem uma visão de uma subjetividade capitalística. Desta forma, a influência do capitalismo no século XX, no momento de elaboração dessa perspectiva de subjetividade como produção, é extremamente importante e exerce papel fundamental englobando todos esses mecanismos citados.

Neste sentido, no desenvolvimento desta proposta de uma produção de subjetividade, os autores trabalham com um período histórico em que a crescente visão capitalista se solidificou no mundo. Guattari chama esta perspectiva de capitalismo mundial integrado (CMI), no qual a concepção hegemônica da busca incessante, pela constante produção e pelo lucro se consolidaram no viés econômico do mundo.

Esta concepção econômica de mundo interfere, na atualidade, não só na economia mundial, como em diversos outros aspectos da vida dos sujeitos como: as relações humanas, os modos de se relacionar, se vestir, se alimentar

“A ordem capitalística produz os modos das relações humanas até em suas representações inconscientes: os modos como se é ensinado, como se ama, como se trepa, como se fala, etc. Ela fabrica a relação com a produção, com a natureza, com o corpo, com a alimentação, com o presente, com o passado e com o futuro, em suma, ela fabrica a relação do homem com o mundo e consigo mesmo” (GUATTARI; ROLNIK, 2005 , p.42).

Sendo assim, muitos destes componentes exercem uma produção de poder, segundo a concepção dos autores, atravessam e constituem a produção no nível inconsciente. Deste modo, a singularização seria uma maneira de resistir a essas máquinas de semiotização, se opondo à alienação, diante da recepção da subjetividade coletiva através desses mecanismos presentes na sociedade.

Observa-se, portanto, que, na perspectiva dos autores, não se pode compreender o que habitualmente se entende por individualização como sinônimo de singularização. Neste ponto, destacamos a diferença que os autores propõem entre os vocábulos individualização e singularização. A singularização remete a novas formas de produção de subjetividade e uma vivência através da opressão, da resistência aos mecanismos de ordem capitalística, que pretendem justamente individualizar, ou seja, criar modelos de vida, que aprisionam e assujeitam os indivíduos. Portanto, a singularização seria efetivada por novas formas de se produzir subjetividade, modos de relação com o outro. A instauração de novos dispositivos com o intuito de modificar a sociedade. Ao observarmos os objetos de estudo deste trabalho, percebemos que as manifestações populares de 2013 tiveram este caráter, de questionar e resistir a diversos dispositivos dos quais os indivíduos são assujeitados como o poder político, econômico e a mídia.

Neste mesmo contexto, podemos observar o destaque da mídia NINJA, que trouxe questionamentos e resistência ao monopólio midiático e a falta de democracia dos meios de comunicação de massa do Brasil. Esse novo dispositivo presente nas redes sociais fez a cobertura de grande parte das manifestações realizadas no Rio de Janeiro, trazendo uma nova perspectiva acerca desses movimentos, além de novos mecanismos de debate e informação e a contribuição para o esclarecimento dos eventos em torno da prisão do estudante Bruno Ferreira Telles, presente no *corpus* desta pesquisa.

Com esses mecanismos modeladores, que assujeitam os indivíduos, podemos aprofundar duas noções importantes para compreender a subjetividade como produção: máquinas de expressão e agenciamentos coletivos de enunciação. Segundo os autores, o sistema maquínico se refere às forças que atravessam os sujeitos produzindo sua subjetividade. Com isso, diversos aspectos, tanto sociais, quanto individuais, agenciam os sujeitos e constituem este conceito: os seus desejos, as formações culturais e psicológicas e as regras e convenções da sociedade.

Em suma, as máquinas agenciam estas forças heterogêneas, transformando continuamente os sujeitos e se opondo à visão de sujeitos ideais, que se formaram com a visão empirista das teorias que antecederam esta perspectiva. Assim, o sujeito está rodeado de máquinas nas diversas áreas presentes em sua volta, agenciando as diversas forças que perpassam e produzem suas subjetividades.

Nesta perspectiva, tanto a esfera social, como a individual, são descentradas por meio dessas máquinas de expressão que podem ser de natureza tanto extra-pessoal, quanto de infrapessoal. Com isso, o estudo não é centralizado em apenas uma das esferas presentes na vida do indivíduo. Segundo os autores, o que podemos observar na subjetividade individual são as diversas determinações coletivas de várias esferas.

Ao refletirmos sobre a visão dos autores de que a subjetividade não é algo concreto, como foi abordado por outros autores anteriores a esta perspectiva, percebemos que esta noção está em constante produção. Ou seja, a subjetividade sempre abre possibilidades para uma reinvenção, para novos mecanismos de relações entre os indivíduos.

Logo, os autores propõem uma noção de subjetividade como produção que perpassa por determinações da coletividade de diversas esferas como: midiáticas, econômicas, tecnológicas, entre outras. Neste sentido, os indivíduos sofrem intervenções do coletivo que afetam a sua individualidade. Assim, podemos observar o caso do quadro metodológico desta dissertação, que retrata um momento em que diversas individualidades se uniram em uma manifestação popular, cobrando a atenção a várias demandas diferentes e determinações de esferas de diversas naturezas.

Além da máquina de expressão e dos modos de vivenciar esta subjetividade, os autores também abordam a noção de agenciamentos coletivos de enunciação. Segundo Guattari e Rolnik (2005), a subjetividade dos sujeitos seria produzida através dos agenciamentos. Desta forma, os autores propõem uma nova perspectiva acerca dos estudos da subjetividade humana, atrelada a máquinas de expressão, que atendem tanto a uma concepção individual e infrapessoal, quanto a aspectos coletivos e extrapessoais.

“A subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação. Os processos de subjetivação, de semiotização – ou seja, toda a produção de sentido, de eficiência semiótica - não são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egoísticas, microssociais), nem em agentes grupais.” (GUATTARI; ROLNIK, 2005 , p.31).

Esta perspectiva se assemelha a noção de gênero abordada no capítulo anterior, que pressupõe a presença do outro em uma interação verbal. Desta forma, esta visão de agenciamentos de enunciação mantém uma relação com a polifonia proposta por Bakhtin (2003), e discutida no capítulo anterior. Portanto, diariamente os sujeitos são perpassados por várias vozes que circulam em sua vida, a partir de contextos institucionais diversos. Os agenciamentos dariam conta dessas vozes, que circulam em diversas atividades e das relações humanas.

Neste sentido, esta noção pode ser articulada às abordagens discursivas de base enunciativa e os estudos de gêneros do discurso, apresentados no capítulo anterior. Ou seja, uma articulação entre os estudos da subjetividade humana e os postulados da linguística.

Ao propor a noção de agenciamentos coletivos de enunciação, o autor associa este estudo ao discurso indireto livre, com a presença da polifonia, ou seja, das diversas vozes que perpassam um discurso e a enunciação do coletivo, através das interpretações e propagações de um discurso através deste coletivo e a explicação de todas essas vozes presentes nos enunciados transmitidos em uma interação verbal.

Assim, este conceito é atrelado aos poderes instituídos na sociedade, e as máquinas de expressão citadas nos parágrafos anteriores. Por meio destes agenciamentos trazem questões como os devires, os afetos e os territórios. Neste sentido, a noção de territórios se refere à visão de pensamento dos autores de que a linguagem é um mapa e não um decalque.

Compreende-se assim que a linguagem não é algo que está dado, fixo na realidade, mas sim um mapa de possibilidades e variações constantes ao longo da história da língua. “O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente”. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 19) Aberta a estas múltiplas modificações e entradas, ao contrário do pensamento arbóreo, a linguagem como mapa, com diversas territorialidades, também pode apresentar linhas de fuga, novas conexões e entradas, através da desterritorialização.

Ao longo desse estudo, os autores realizam, assim, uma cartografia através do modelo rizomático, da produção de subjetividade, através desses conceitos abordados neste capítulo, criando uma micropolítica. Esta noção é construída, pois estes conceitos estão ligados, como pudemos observar neste item, a questões de poder e a organização capitalística mundial. Desta

forma, compreendemos que esta nova visão acerca da subjetividade como produção é importante para um estudo sobre manifestações sociais.

Como pretendemos analisar manifestações populares, esta visão de subjetividade é essencial para compreender como se desenvolvem os agenciamentos coletivos e a produção de subjetividade das motivações da população. Deste modo, a noção de agenciamento estaria ligada às relações que os sujeitos podem ter com os diversos signos apresentados tanto através do nível da linguagem e da expressão, como os agenciamentos de enunciação, quanto pelos conteúdos expostos nas máquinas de expressão.

Por meio deste capítulo, compreendemos a importância dos conceitos abordados para um estudo sobre as manifestações de 2013. Neste sentido, entender a noção de poder através das relações entre os indivíduos e com as instituições, é essencial para um estudo sobre a maneira como a mídia veiculou essas manifestações em seus diversos gêneros, através das motivações da juventude brasileira.

Além disso, entendemos estas manifestações como lutas de resistência às diversas redes de poderes instituídas em vários segmentos da vida dos indivíduos. Estas lutas procuram atender a diversas demandas e contestam poderes de naturezas diferentes presentes na sociedade contemporânea, que assujeitam, alienam e individualizam os seres humanos.

Essas manifestações surgiram através das redes agenciadas pelos indivíduos com as máquinas de expressão e a singularização aos mecanismos de assujeitamento presentes na sociedade. Desta forma, entendemos a importância destes conceitos discutidos e aplicados neste capítulo para o estudo desta dissertação.

Em seguida, no próximo item deste capítulo, discutiremos os pressupostos teóricos relacionados a análise do discurso como: a semântica global e seus planos constitutivos, a polêmica da interincompreensão, o dialogismo da linguagem, a polifonia, a relação entre as modalidades da linguagem (verbal e não verbal) e os estudos pragmáticos, através dos performativos e dos pressupostos.

2.2 Pressupostos Teóricos: Discurso

2.2.1 Introdução

No presente item, discutiremos a fundamentação teórica desta pesquisa, ressaltando a importância de privilegiar um quadro teórico de base enunciativa, da análise do discurso, por meio de uma perspectiva dialógica da linguagem. De acordo com os estudos discursivos, a partir dos postulados de Maingueneau (2008b), através de uma semântica global, esta parte será dividida em sete subitens, abordando as teorias discursivas privilegiadas nas análises propostas nesta dissertação.

Primeiramente, discutiremos duas noções importantes para compreender a perspectiva de linguagem proposta por Mikahil Bahktin (2003), através dos gêneros do discurso: o dialogismo da linguagem e a polifonia. Além dessas noções, também discutiremos a relação entre a linguagem verbal e não verbal, através dos postulados de Wolff (2005).

Em seguida, no segundo subitem abordaremos aspectos importantes da escola francesa de análise do discurso, de base enunciativa, como a perspectiva de linguagem e a noção de ‘discurso’ elucidadas por Maingueneau (2008a), em seus estudos. Além disso, apresentaremos a importância deste aparato teórico-metodológico para este trabalho, voltado a uma análise discursiva de duas notícias de TV.

Por fim, abordaremos a teoria utilizada na análise dos vídeos presentes no *corpus* deste trabalho: a semântica global. Por meio desta teoria, poderemos analisar diversos planos constitutivos presentes nos discursos: a intertextualidade, o vocabulário, o tema, o estatuto do enunciador e do destinatário, a dêixis enunciativa, os modos de enunciação e os modos de coesão. Nesse sentido, através de um estudo da semântica discursiva, poderemos analisar tanto aspectos verbais, quanto não verbais presentes nos enunciados do campo da comunicação. Além da semântica discursiva, abordaremos os estudos pragmáticos, assim como a polêmica da interincompreensão e a identidade discursiva.

2.2.2 Dialogismo da linguagem e Polifonia

Em primeiro lugar, vale ressaltar que, no terceiro capítulo desta dissertação discutiremos a noção de gênero do discurso proposta por Bakhtin (2003) e sistematizada por Maingueneau (2011), através de aspectos situacionais e institucionais. Neste subitem, aprofundaremos duas marcas linguísticas extremamente importantes para os estudos discursivos de base enunciativa: o dialogismo da linguagem e a polifonia.

Dessa forma, Bakhtin (2003) propôs em seus estudos, que a comunicação é estabelecida através de enunciados concretos, que são relacionados com contexto comunicacional, com a linguagem sendo social, ao contrário de outros autores da linguística, como Ferdinand Saussure. Segundo Bakhtin (2003), aprender a falar é aprender a estruturar enunciados, ou seja, o falante da língua produz e se comunica através de enunciados e não de palavras ou orações isoladas, como é colocado pela gramática tradicional da língua. A fala é moldada pela relação com o outro, pelo diálogo e pelos gêneros do discurso.

Nesse sentido, ao contrário de outros autores do estudo da linguagem, o autor estabelece que por meio deste diálogo, sempre haverá uma resposta ativa do interlocutor, ou seja, ele sempre vai concordar, discordar, responder, entre outras atitudes. Com isso, podemos compreender um aspecto importante para os estudos bakhtinianos, a atitude responsiva ativa, em que o autor propõe que toda atividade discursiva pressupõe uma resposta, através de um processo ativo de fala, ao contrário da idéia tradicional de uma recepção passiva em uma interação verbal.

A partir da atitude responsiva ativa, em que qualquer atividade discursiva pressupõe um diálogo, o autor também expõe que a compreensão pode ter um lapso de tempo em determinados gêneros secundários, como no gênero lírico, por exemplo. Esse lapso é chamado de compreensão responsiva de ação retardada, pois mais tarde o que foi ouvido será ecoado nos discursos seguintes do ouvinte. O locutor sempre espera uma resposta do seu ouvinte, seja ela qual for. Na produção de enunciados, o locutor também seria um respondente, pois seu texto pressupõe a existência de um sistema de língua e de outros gêneros anteriores, conhecidos por esse locutor.

Assim como as respostas sonoras e corporais, existe também a resposta muda, que também pode configurar uma compreensão de ação retardada, como cita o autor. Neste caso, o ouvinte não apresenta uma resposta aparente, mas é afetado de alguma maneira pelos enunciados que lhe são transmitidos. Além das respostas efetivas, como aquelas evidenciadas pelas cartas dos leitores ou pelos índices de audiência, as mídias impressa e televisiva afetam diretamente a subjetividade do telespectador e leitor.

Seguindo esta lógica, o ouvinte pode ser afetado pelos diversos produtos midiáticos que são apresentados nos vários gêneros desse campo discursivo. Os enunciados presentes na mídia em geral, podem causar aos receptores diversas reações posteriores ao diálogo. Os receptores podem concordar, discordar, demonstrar afeições, ser influenciados em suas opiniões, ser persuadidos a comprar determinado produto, entre outras reações a partir da interpretação, compreensão e apreensão dos enunciados proferidos pelos gêneros midiáticos.

Dessa forma, o autor rejeita o modelo de comunicação em que o ouvinte primeiro receberia passivamente um enunciado, e somente após sua decodificação é que poderia assumir a posição ativa de locutor e emitir enunciados. Considerando o enunciado como uma unidade real comunicação, a troca verbal passa a ser, portanto, delimitada pela alternância dos sujeitos falantes, isto é, pautada no diálogo entre os sujeitos e na transferência da palavra do locutor para o ouvinte.

Assumindo a interação como evento fundamental para que ocorra a troca verbal, o diálogo é a forma básica da comunicação. Esta ligação é estrita através dessa alternância de vozes dos sujeitos falantes. Essa troca verbal ligada à situação de comunicação estabelece a tônica de uma visão dialógica da língua. Desse modo, o dialogismo da linguagem traz a forte presença das réplicas. As réplicas apresentam relações que não existem em sistemas gramaticais ou em outras unidades da língua. As réplicas apresentam relações de pergunta e resposta, afirmação e consentimento, entre outros diálogos que implicam na presença do outro na interação verbal.

Estes fatores podem ser observados em uma das notícias do levantamento de materiais (Anexo A). A manifestação retratada aconteceu na Avenida Presidente Vargas, no Rio de Janeiro, no dia vinte de junho de 2013. No caso da capa do jornal ‘extra’, o tema do enunciado “Não foi passageiro” seria a continuação dos protestos, apesar da revogação da tarifa dos transportes públicos do município. Afinal, esse era o principal objetivo das manifestações naquele momento, segundo os principais meios de comunicação do país. Essa perspectiva foi extremamente questionada por parte da população brasileira.

Ao analisarmos esse enunciado, também podemos perceber o sentido de que os manifestantes presentes naquele evento não são apenas passageiros dos transportes públicos. Com isso, esse enunciado evidencia a existência de outras demandas sociais e polêmicas por trás das motivações da população brasileira, que foi às ruas protestar.

A partir da perspectiva dialógica da linguagem, um enunciado não é autossuficiente e indiferente aos outros enunciados. Eles refletem uns aos outros e se determinam pela alternância dos sujeitos falantes. Os enunciados encontram em sua expressividade ecos de outros textos, retomando a idéia de atividade responsiva ativa proposta pelo autor. Uma alternância de vozes e textos, que apresentam uma inter-relação mútua, através de sua alteridade, em um processo dialógico da linguagem.

Assim, ao observarmos os materiais presentes no levantamento (Anexo A) realizado nesta dissertação, podemos compreender que as notícias, seja em qual aparato midiático forem produzidas, apresentam ecos com outros enunciados, de outras atividades da comunicação

humana. No gênero selecionado, os enunciados produzidos dialogam com outros gêneros como o posicionamento dos grandes meios de comunicação do país e de alguns membros da política brasileira.

Como percebemos através deste estudo, esse gênero cristalizou os objetivos das manifestações, colocando o aumento de vinte centavos nas passagens no transporte público como o único objetivo da população. Além desses enunciados, podemos observar um diálogo com os enunciados produzidos pela juventude brasileira, ao proferir o discurso: “Não é por vinte centavos, é por direitos”

Ao refletir sobre essa visão dialógica da linguagem, Bakhtin (2003) propõe aos estudos de linguagem o conceito de polifonia. Essa noção foi transportada dos estudos sobre a música e ganhou uma nova configuração em seu trabalho sobre as obras do célebre escritor Fiodor Dostoievski. A polifonia seria a presença de outras vozes nas enunciações de diversas atividades da existência humana.

“Nossa fala, isto é, nossos enunciados (que incluem as obras literárias) estão repletos de palavras dos outros, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo que assimilamos, reestruturamos, modificamos.”. (BAKHTIN, 2003, p.314).

Nas notícias levantadas neste estudo, por exemplo, podemos observar diversas vozes que perpassam esses enunciados. As vozes dos manifestantes, de grande parte da mídia e de muitos representantes da política nacional, isto é, o embate de vozes questionando os objetivos das grandes manifestações que eclodiram por todo Brasil e ganharam destaque em toda a imprensa nacional.

Além de Bakhtin (2003), Maingueneau (2011) também contribuiu com estudos sobre a noção de polifonia. Ao longo desse estudo, o autor propõe a noção de polifonia como pode ser observada nos parágrafos anteriores, referindo-se às diversas vozes que perpassam os enunciados produzidos. Assim, o autor realiza uma diferenciação entre os romances monofônicos, com a presença de apenas uma voz e os polifônicos, com a presença de outras vozes.

Desse modo, o autor trouxe uma grande contribuição para os estudos enunciativos, ao aproximar esta noção dos estudos das letras. No entanto, esta noção foi ganhando novos estudos e Maingueneau (2011) a aproxima da análise do discurso, apresentando diferenças em relação à concepção de Bakhtin (2003), que centralizava seus estudos em obras literárias e nos estudos romanescos.

Segundo Maingueneau (2011), a polifonia seria as múltiplas vozes presentes nos discursos proferidos por um enunciador. Portanto, através dos enunciados produzidos ocorre um embate entre diversas outras vozes. Dessa forma, o autor enriquece a visão bakhtiniana, trazendo diversos aspectos como a fala e formas de se produzir um discurso. “A polifonia da análise do discurso é um fenômeno de fala e, nesse sentido, concreto” (2012, p. 388). As novas formas de se produzir um discurso são: o discurso direto, direto livre, indireto, indireto livre e o relatado.

Nesta dissertação, privilegiaremos o discurso relatado, presente nos enunciados produzidos em gêneros do campo da comunicação, ou seja, a forte presença de outras vozes nesses enunciados noticiados nos principais meios de comunicação de massa. “O discurso relatado constitui uma enunciação sobre outra enunciação; põem-se em relação dois acontecimentos enunciativos, sendo a enunciação citada objeto da enunciação citante” (2011, p. 139)

2.2.3 A relação entre as modalidades da linguagem: verbal e não verbal

No item anterior, vimos que a contribuição de Bakhtin (2003) permitiu abordar os enunciados como indissolivelmente associados ao contexto no qual emergem. Para o autor, qualquer enunciado é fragmento de um diálogo e seu valor só pode ser atribuído como resposta aos que o precederam e, simultaneamente, antecipação de outros enunciados futuros

Nesse item, aprofundaremos a relação entre as modalidades da linguagem: verbal e não verbal na visão dialógica da linguagem. Dessa forma, as imagens produzidas no campo discursivo analisado nesta dissertação, o campo da comunicação, podem suscitar através dos agenciamentos e das relações com os espectadores, diversas emoções, através de sua produção em diferentes aparatos midiáticos como a televisão, o jornal impresso, as revistas e a internet.

A partir dessa perspectiva, Wolff (2005) discute o que realmente são as imagens produzidas pela humanidade. Segundo ele, imagens não são traços, rabiscos, círculos e formas, mas sim a representação que elas exercem na sociedade. Para o autor, a imagem começa no momento em que o indivíduo não percebe o suporte material, ou seja, quando passamos a reconhecer uma figura conhecida na imagem, a representação desta figura.

Como, por exemplo, a imagem de uma pessoa socialmente reconhecida como o artista Charles Chaplin. Ao olharmos para esta imagem, não percebemos as formas e rabiscos. Na verdade, concebemos a representação do próprio artista. Deste modo, a imagem representa o que está ausente, isto é, ela torna presente algo que está ausente. As imagens se assemelham a algo, e sempre representam e mantêm relação com o que está ausente.

Seguindo sua discussão teórica acerca das imagens, o autor retoma a idéia de Platão de três condições para a relação entre a imagem e aquilo que ela representa. Segundo Platão, a imagem não deve apresentar todas as características do objeto representado. Assim, o autor aborda que “A imagem não pode então ter todos os traços de seu modelo, sob pena de se confundir com ele” (WOLFF, 2005, p. 22)

Portanto, a imagem não deve se assemelhar por completo com o objeto no qual representa. Dessa forma, podemos compreender através dessa reflexão, que o autor estabelece diferenças entre as noções de semelhança, igualdade e identidade. A imagem deve ser semelhante ao objeto representado e não totalmente igual, pois o objeto apresenta uma identidade própria e a imagem nunca poderá ser esse objeto.

Em seguida, Wolff (2005) recupera em Platão uma segunda característica das imagens, que é o de ser múltipla, isto é, existem diversas imagens para representar um mesmo objeto. O objeto é único, mas passível de apreender várias representações. Além disso, o autor apresenta a terceira característica que seria a inferioridade ontológica da imagem com o que ela representa. Essa relação acontece, pois a imagem não é o ser, ela é apenas imitação. Uma imitação reproduzível, sobretudo a partir da modernidade e da reproduzibilidade técnica.

Segundo Wolff (2005), é na relação entre imagem e linguagem que se instaura o poder das imagens produzidas. Os homens têm a capacidade de compreender as imagens, de tornar visível o que está ausente, seja através da produção interna pela imaginação, ou pela circulação dessas imagens e da linguagem humana.

De acordo com este pensamento, diferentemente dos animais, os homens apresentam a capacidade de compreender os símbolos linguísticos e as imagens. Ao pensarmos sobre esses dois sistemas dos homens, podemos notar diferenças significativas como: as semelhanças entre a representação e o objeto representado. Assim, as imagens expõem semelhanças com o objeto representado, ao contrário do signo linguístico, que não apresenta qualquer relação com o objeto. Um exemplo disso é a palavra “gato”, que é expressa através de diferentes signos, nas diversas línguas do mundo e não tem qualquer relação com o animal gato, residindo neste exemplo a arbitrariedade da linguagem.

Esta arbitrariedade acontece através do sistema da língua, das diferenças do vocábulo “gato” com outros itens lexicais deste sistema. No entanto, podemos observar outras diferenças na relação entre a representação e o objeto representado, através desses dois sistemas presentes no homem: o sistema sonoro, a linguagem e o visual, as imagens. Ao contrário dessa arbitrariedade presente na linguagem, as imagens representam diretamente o objeto. O meio sonoro é temporal e facilita a troca entre os indivíduos, já o meio visual, estabelece a representação coletiva e é espacial.

Para entendermos as diferenças na relação entre imagem e linguagem e a maneira como elas representam algo, precisamos compreender os conceitos de três tipos de representações: ícone, índice e símbolo. Os ícones representariam os objetos através de semelhanças. Deste modo, as imagens produzidas na humanidade seriam ícones por serem construídas através das semelhanças com o objeto representado. Além desse conceito, o autor também expõe a noção de índice. Este conceito seria representado por indícios, ou seja, um exemplo deste conceito é a fumaça que pode ser entendida como indício de fogo pelos animais.

Diferentemente desses dois conceitos, os símbolos estariam atrelados a convenções sociais. Um exemplo deste conceito são as palavras escritas e orais que representariam símbolos da linguagem humana. Como pudemos observar nos parágrafos acima, o exemplo da palavra gato apresentado pelo símbolo linguístico não apresenta similitude com o animal, ao contrário de uma imagem que represente este animal.

Portanto, por meio dessas diferenciações, podemos notar que a relação entre as duas modalidades da linguagem: verbal e não verbal são extremamente importantes na construção do gênero notícia veiculado ao aparato midiático: televisão. Assim, essas duas modalidades são essenciais para que a televisão construa sentido através de suas notícias.

2.2.4 A escola francesa da Análise do discurso

Em primeiro lugar, é preciso ressaltar que a análise do discurso surgiu através dos estudos da escola francesa em meados dos anos sessenta, com o autor Michel Pêcheux, e sua análise automática do discurso. Como podemos observar, ao longo desses estudos, este aparato teórico-metodológico apresentou uma nova reflexão acerca de uma análise de textos, atrelada ao contexto sócio-histórico no qual eles estão inseridos e suas condições de produção,

nas diversas áreas de atividades humanas. Até então, a materialidade linguística e os aspectos históricos eram estudados como dois campos distintos e abordados separadamente.

Para compreendermos melhor o surgimento deste aparato, necessitamos entender que ele surgiu no contexto de uma discussão acerca da aproximação entre texto e contexto. Neste momento histórico, tínhamos uma tradição relacionada à conjuntura intelectual, com o trabalho de interpretar textos eruditos, com a análise de conteúdo, norte-americana, de Bardin.

Segundo Bardin, a análise de conteúdo seria um instrumento que visava à interpretação de textos, assim como a tradição hermenêutica, entretanto norteadas por aspectos técnicos que lhe garantiam cientificidade. Todavia, esta teoria não estabeleceu uma relação entre as estruturas linguísticas e as psicológicas ou sociológicas, apostando em uma suposta exterioridade do contexto em relação aos textos. Sendo assim, ela apresenta insuficiências na relação entre texto e contexto, em suas análises de base quantitativa.

Além dessa insuficiência, a análise de conteúdo também apresenta um aspecto que naturaliza a linguagem como mero instrumento de informação, algo que simplifica o poder da linguagem nas diversas atividades humanas. Com isso, através dos postulados de Pêcheux, tivemos diversas críticas a essa visão que mascara processos extremamente relevantes para uma análise de textos como: o contexto sócio-histórico, a noção de discurso e sua relação com ideologia e a prática política e os diversos modos de se produzir esse discurso, variando conforme as suas condições de produção.

“(…) a relação entre prática política e discurso – relação que, ao longo do tempo, vinha sendo mascarada pela adoção de um método instrumental de linguagem, concepção extremamente redutora que, ao privilegiar o plano das ‘comunicações’ entre os homens, não faz senão recobrir os processos pelos quais agentes do sistema de produção são colocados em seu lugar”. (ROCHA; DEUSDARÁ, 2006, p.45).

Dessa forma, ao contrário da análise de conteúdo, a análise do discurso trabalha com os sentidos produzidos através desses discursos por meio das condições de produção do seu contexto sócio-histórico e não com uma simples interpretação do que está velado no texto. Portanto, este aparato teórico-metodológico retoma a relação entre o texto e seu contexto, através da noção de discurso, dos modos de dizer e dos embates entre as forças que estão em jogo em determinado contexto e nas diversas práticas languageiras.

Assim, a análise do discurso se desenvolveu bastante e, na atualidade, existem muitos estudiosos e linhas voltadas ao estudo do “discurso”, com diferentes formas e designações para o termo. Podemos observar estudos marcantes como a linha francesa que será privilegiada neste trabalho, os estudos semiolinguísticos de Patrick Charaudeau, os estudos

norte-americanos, mais voltados para a noção de pragmática, com os atos de fala, de Austin e o trabalho de Norman Fairclough, ligado à análise crítica do discurso, sob a perspectiva sistêmico-funcional da linguagem.

Primeiramente, vale ressaltar que, privilegiaremos a análise do discurso de base enunciativa, pois através dela poderemos realizar uma análise não só da materialidade linguística (o dito), como de suas marcas sócio-históricas, de seu contexto. Nesse sentido, por meio deste aparato teórico-metodológico, poderemos aprofundar este estudo em diversos aspectos como os modos de dizer e as forças e os sentidos que estão em jogo em determinados discursos.

A partir da concepção de linguagem deste aparato teórico-metodológico, cabe salientar que esta pesquisa não procura retratar a linguagem como representação, mas sim através de uma relação íntima com o mundo, ou seja, produzindo sentidos por meio da sua relação com as condições de produção e o contexto sócio-histórico, nos quais estes discursos estão inseridos.

No que concerne à noção de discurso, através da perspectiva apontada pela escola francesa, podemos entender esta noção como qualquer manifestação comunicativa, seja ela escrita ou oral, verbal ou não verbal, que ganha significação a partir do papel que assume em determinada situação de comunicação.

Nesse sentido, Maingueneau (2008b) propõe a noção de discurso assumida em um interdiscurso, ou seja, para compreender um enunciado produzido, é necessário relacioná-lo com outros, através da relação dialógica da linguagem. Assim, esses enunciados só adquirem sentido a partir dessa relação e no interior de um universo discursivo, como observaremos no próximo subitem deste capítulo.

2.2.5 A Semântica Global e seus planos constitutivos

Ao longo de seus estudos discursivos, Maingueneau (2008b) abordou a polêmica entre dois discursos do campo religioso: o dos jansenistas e o dos humanistas devotos. Por meio deste estudo, o autor propôs um novo aparato teórico-metodológico, que procura estudar como os diversos planos constitutivos do discurso se organizam, com seus aspectos tanto verbais, quanto não verbais: a semântica global.

Dessa maneira, esse aparato realiza um estudo em que relaciona o discurso com seu contexto sócio-histórico. “(...) nós nos situaremos no lugar em que vêm se articular um funcionamento discursivo e sua inscrição histórica, procurando pensar as condições de uma ‘enunciabilidade’ passível de ser historicamente circunscrita.” (MAINGUENEAU, 2008b, p.17).

Assim, o autor privilegiou a materialidade linguística e estabeleceu uma semântica discursiva, isto é, um aparato teórico-metodológico em que apreende a construção de sentido dos discursos, de uma maneira global, através de todas as suas dimensões, tanto na materialidade linguística, como nos contextos enunciativos.

De acordo com o autor, existe um espaço que precede o discurso, uma força organizadora, de trocas e relações entre vários discursos, chamado interdiscurso. Seguindo o pensamento sobre o interdiscurso, o autor organiza uma divisão entre os conjuntos que perpassam esse espaço que precede o discurso. Neste sentido, podemos identificar três diferentes conjuntos: universo, campo e espaços discursivos.

Dessa forma, o universo discursivo se refere ao conjunto de formações discursivas de todos os tipos, que interagem em uma conjuntura dada. Dentro desse universo, temos os diversos campos discursivos, que apresentam relações heterogêneas e uma mesma função social. Nesta dissertação, por exemplo, realizaremos um estudo do campo da comunicação, voltados a transmitir informação à população. Esses campos se delimitam em uma região determinada do universo discursivo. Dentro de cada campo, existe um espaço discursivo, ou seja, subconjuntos de formações discursivas que o analista julga relevante para evidenciar.

Assim, através da interação desses conjuntos, Maingueneau (2008b) aborda o embate de posicionamentos discursivos dentro do campo religioso. Portanto, neste trabalho, privilegiaremos o espaço discursivo do telejornal, na construção de sentido e na veiculação de suas notícias. Para essa análise, selecionamos dois materiais visando compreender a relação entre o posicionamento discursivo da grande imprensa e o das mídias alternativas.

A partir da semântica global, o analista do discurso pode transitar em diversos planos que não devem ser estudados isoladamente. Com isso, os planos devem ser analisados e entendidos como um todo e o interdiscurso deve ser apreendido na relação entre esses planos, ou seja, a força organizadora que precede os discursos é compreendida através da relação dos conjuntos explicitados nos parágrafos anteriores: universo, campo e espaço discursivo. Nessas relações, podemos observar restrições semânticas, isto é, critérios que definem o que é possível ser enunciado ou não no interior de um posicionamento discursivo.

“Um procedimento que se funda sobre uma semântica global não apreende o discurso privilegiando tal ou tal de seus ‘planos’, mas integrando-os a todos, tanto na ordem do enunciado quanto na da enunciação.”. (MAINGUENEAU, 2008b, p.78).

Desse modo, os planos constitutivos seriam: a intertextualidade, o vocabulário, o tema, o estatuto do enunciador e do destinatário, a dêixis enunciativa, os modos de enunciação e os modos de coesão. A ordem de estudo desses planos é apresentada de maneira arbitrária pelo autor ao longo de sua obra, pois não haveria um plano hierarquicamente superior aos demais.

Por meio desses planos constitutivos, Maingueneau (2008b) propõe a ideia de que em torno dos diversos campos discursivos existe um embate entre posicionamentos discursivos. Com isso, os sentidos que esses embates adquirem podem ser compreendidos através de uma semântica discursiva, em uma análise que vai além do dito, e observa o contexto sócio-histórico em que esses discursos são produzidos e esses embates são criados.

Em relação ao plano da intertextualidade, Maingueneau (2008b) relata que existe um intertexto do discurso, que seria o conjunto de fragmentos que o discurso cita efetivamente. Além desse intertexto, o autor divide o plano da intertextualidade em dois tipos de relações que a competência discursiva define como legítimas: relações internas e externas.

Assim, podemos compreender que a intertextualidade interna seria o duplo trabalho da memória discursiva no interior do campo. Já a intertextualidade externa se refere à relação que um discurso exerce com outros campos, sendo citáveis ou não. Ao longo desse estudo, Maingueneau (2008b) também cita a noção de interdiscursividade, que seria a relação entre os diversos discursos, com a presença de um discurso em vários outros.

Em seguida, ao refletirmos sobre o plano do vocabulário, percebemos que ele procura compreender o modo como os semas se comportam nos discursos nos quais são inseridos. Dessa forma, o autor retrata a palavra como um signo de pertencimento, determinando as formações discursivas e ideológicas presentes nos contextos.

Sendo assim, a palavra em si mesma não constitui uma unidade de análise, ela precisa estar inserida em um campo discursivo. Logo, as restrições do universo lexical devem ser estudadas inseparadamente da situação de comunicação, constituindo um território de convivência. Uma mesma unidade lexical pode apresentar explorações semânticas diferentes em diversos discursos.

Sobre o tema como plano constitutivo da semântica global, podemos compreender que o autor propõe que esse plano se refere a “aquilo de que um discurso trata, em qualquer nível que seja” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 85) Assim como a palavra no vocabulário do

segundo plano, o tema em si não é importante, mas sim o seu tratamento semântico, a sua função em determinado contexto discursivo.

O autor também elucida que existem temas específicos de cada discurso, que explicam as relações semânticas que são privilegiadas com o seu sistema de coerções. Ele também divide os temas impostos a determinados discursos em compatíveis e incompatíveis. Os temas compatíveis seriam aqueles que convergem com o sistema de coerções semânticas. Já os temas incompatíveis seriam os que não convergem com esse sistema, mas que mesmo assim, estão integrados em virtude da proposição.

Os temas também podem ser específicos, ou seja, próprios a um discurso, tendo uma relação semântica com seu sistema de coerções. Um exemplo desses temas específicos são as eleições, os sistemas políticos, a democracia, a cidadania, entre outros temas referentes ao discurso político.

Além desses três planos, o autor também propõe o estatuto do enunciador e do destinatário como um plano da semântica global. Esse estatuto legitimaria os dizeres dos interlocutores em determinados discursos. O estatuto pode apresentar uma dimensão institucional que relaciona as falas do enunciador e do destinatário com diversas fontes de saber, levando assim à dimensão intertextual.

Desse modo, esse plano abarca outros conceitos importantes para compreendermos toda teoria de Maingueneau (2008b). Conceitos como a relação de alteridade com o Outro e o etos, que seriam as imagens constituídas pelo enunciador, nas diversas situações de comunicação. Os etos legitimam o dizer dos interlocutores em uma enunciação, e estabelecem os papéis que cada um deles exerce em uma interação verbal. Para o autor, o etos é natural de toda enunciação, e está presente em todos os enunciados, até nos mais banais.

“Os diversos modos da subjetividade enunciativa dependem igualmente da competência discursiva, sendo que cada discurso define o estatuto que o enunciador deve conferir-se e o que deve conferir seu destinatário para legitimar o seu dizer.”.
(MAINGUENEAU, 2008b, p.91).

O autor também elucida o plano da dêixis enunciativa. Na linguística, esse conceito se refere ao conjunto de coordenadas espaço-temporais que um ato discursivo pode apresentar. Desse plano, as noções de cena enunciativa, cronografia e topografia são essenciais para apreender a noção de dêixis nos estudos discursivos do autor. “O ato de enunciação supõe a

instauração de uma “dêixis” espaciotemporal que cada discurso constrói em função de seu próprio universo.” (MAINGUENEAU, 2008b, p.93)

Além desses planos, o autor também apresenta o modo de enunciação, que seria o sexto plano apresentado por ele ao longo de sua obra. Essa noção se refere aos modos como os discursos são proferidos e à noção de gênero do discurso que será elucidada no terceiro capítulo desta dissertação. Assim como essa noção, também podemos observar o tom, a voz, a oralidade, o ritmo, o caráter, a incorporação e o próprio corpo, como modos de construir e proferir uma enunciação.

O modo de coesão também é importante para os estudos da semântica global. A coesão seria a maneira pela qual um discurso se constrói nas redes de suas remissões internas, e dos modos de encadeamento do discurso. Ela se aproxima da noção de coesão da linguística textual, por meio das noções de anáfora e catáfora.

Com isso, podemos ressaltar que selecionamos a semântica global como teoria fundamental na análise da parte não verbal desses materiais, pois através dela poderemos analisar diversos planos constitutivos da linguagem e entender o funcionamento do gênero notícia, veiculado na televisão. Portanto, como discutimos durante toda esta dissertação, os aspectos não verbais são extremamente importantes para esse suporte midiático, e através dos planos da semântica global poderemos identificar as vozes presentes nesses eventos e analisar a imagem construída acerca dos participantes e suas motivações.

Ao aprofundarmos os estudos sobre a semântica discursiva, percebemos que era necessário selecionar uma teoria que abarcasse um estudo sobre a parte verbal dos materiais presentes no *corpus* desta pesquisa. Dessa forma, a partir da semântica global, seguimos a sugestão de Rocha (2014), que apresentou um estudo sobre os performativos, seguindo os estudos pragmáticos de Austin e associou esses estudos com a análise do discurso de linha francesa.

Sendo assim, ao seguirmos essa sugestão, para uma análise apurada das designações dos eventos e seus participantes, aprofundaremos um estudo pautado na ligação entre a pragmática e a análise do discurso, refletindo a linguagem como forma de ação sobre o mundo, no intuito de uma análise da parte verbal das notícias. O estudo sobre os performativos será elucidado no próximo item desta dissertação, assim como a noção de pressupostos, ou seja, as informações que estão implícitas na análise de um texto.

2.2.6 Os estudos pragmáticos da língua: performativos e pressupostos

Ao observarmos a notícia veiculada em um telejornal, percebemos que as duas modalidades da linguagem são extremamente importantes para compreendermos o funcionamento desse gênero. Com isso, tanto o verbal, quanto o não verbal são importantes para a análise dos materiais presentes no *corpus* desta pesquisa.

Como elucidamos no item anterior, para uma análise da parte não verbal desse material, voltado a uma discussão sobre os sentidos a partir das vozes e imagens dessas notícias, selecionamos a semântica global como aparato teórico-metodológico ideal para compreender esses aspectos. Desse modo, ao refletirmos sobre a melhor entrada linguística para uma análise da outra modalidade da língua, a parte verbal, compreendemos que a partir da semântica global, podemos seguir a sugestão proposta por Rocha (2014) dos estudos dos performativos.

Por meio dessa sugestão, podemos compreender a linguagem como ação e intervenção, através de sua performatividade elucidada por Austin, no início dos estudos pragmáticos, especificamente na teoria dos atos de fala. Em outras palavras, esse estudo performativo realiza uma reflexão sobre a linguagem e evidencia que a produção da fala humana não é feita por simples enunciados pautados em declarações, mas sim em ações através da linguagem. Nesse sentido, podemos perceber que nessas notícias muitos eventos e atos são realizados pela própria linguagem, ou seja, pela natureza verbal dos materiais.

Um exemplo dessa teoria são os atos de condenar, batizar, ordenar, entre outras ações que podem ser praticadas através da produção de enunciados numa interação verbal, na reflexão da língua em uso. Como podemos perceber, essa teoria compreende a linguagem como ação sobre o mundo e esse papel pode estabelecer diversas relações entre os homens.

“A investigação das interações verbais tem contribuído para reafirmar uma tal perspectiva, na medida em que a palavra desempenha um papel de regulação/construção do vasto leque de relações que se estabelecem entre os homens: relações de dominação, de enfrentamento, de definição de identidades, de produção de diferentes modos de subjetivação.” (ROCHA, 2014 , p.623).

Desse modo, podemos perceber que nessas notícias muitos eventos e atos são realizados pela própria linguagem, ou seja, pela natureza verbal dos materiais. Em suma, a análise das designações será pautada nessa teoria, assim como nos atos iloutórios. Esses atos referem-se à força performativa da linguagem e aos modos de dizer e de como os enunciados são recebidos

pelo interlocutor, através da força em que são produzidos. Para isso, construímos uma lista de enunciados ligados a essa perspectiva da linguagem como ação, a partir de uma análise apurada dos blocos temporais de cada notícia presentes nos anexos desta pesquisa.

Além dessa força ilocucionária, também fará parte desta análise à perspectiva dos pressupostos da língua. Essa estratégia argumentativa compreende que por trás de um enunciado concreto, existem informações implícitas que complementam as interpretações de um texto. Um exemplo dessa estratégia pode ser identificado no seguinte enunciado: “Bruno parou de fumar.” Ao refletirmos sobre os pressupostos deste enunciado, percebemos que há uma informação implícita logicamente evidenciada pelo verbo parar, isto é, a informação de que Bruno fumava regularmente.

2.2.7 A polêmica da interincompreensão e a identidade discursiva

Neste item, discutiremos a perspectiva proposta por Dominique Maingueneau (2008b) em relação ao embate de posicionamentos discursivos e a presença do outro na instauração da emergência de polêmicas. Segundo o autor, o embate é realizado não na compreensão do outro, mas sim na interincompreensão, constituindo, assim, sua própria identidade sobre um simulacro do Outro.

Vale ressaltar que essa abordagem é importante para este estudo, pois através do contexto de manifestações populares que se disseminaram por todo o Brasil, em 2013, foram evidenciadas tensões entre dois diferentes posicionamentos discursivos no campo midiático. Essas perspectivas foram retratadas pelas novas redes sociais que criticaram as abordagens da grande imprensa, em contraponto com o que foi apresentado pelas novas mídias alternativas, especificamente, a mídia NINJA, que transmitiu ao vivo as manifestações através da internet.

Dessa forma, podemos observar o caráter institucional do JN, que é exposto em vários momentos dos materiais presentes no levantamento inicial (Anexo A). Essa característica construiu ao longo dos anos um etos de credibilidade, imparcialidade e a visão cristalizada de que as notícias veiculadas nesse telejornal se apresentam como uma verdade única e concreta dos fatos. Para isso, esse telejornal se auto-afirma sobre as demais mídias e emissoras através do ‘padrão globo de qualidade’. Com as mídias alternativas, essa visão não foi diferente e pode ser elucidada na análise presente no quarto capítulo desta dissertação.

Portanto, através dessa visão proposta por Maingueneau (2008b), poderemos abordar todas as polêmicas que atravessam os materiais presentes no *corpus* desta pesquisa, e entender

como essa relação com o outro se estabelece nos enunciados presentes em determinado campo discursivo, em uma visão dialógica da linguagem, constituindo, assim, a identidade discursiva.

De acordo com essa perspectiva, o discurso estabelece através dos posicionamentos, um embate entre as polêmicas com um simulacro do Outro, ou seja, a imagem construída desse Outro. Dessa forma, podemos observar a proposta de uma tradução do outro, no sentido de evidenciar as polêmicas entre os discursos, se colocando no sentido de se auto-afirmar sobre esse simulacro, através de uma não-compreensão do posicionamento dele. Logo, essa não-compreensão é constitutiva e não uma falha do enunciador, e deve ser estudada junto com os enunciados e as regras de sua formação discursiva.

“Para elas, não há dissociação entre o fato de enunciar em conformidade com as regras de sua própria formação discursiva e de “não compreender” o sentido dos enunciados do Outro; são duas facetas do mesmo fenômeno. No modelo, isso se manifesta no fato de que cada discurso é delimitado por uma grade semântica que, em um mesmo movimento, funda o desentendimento recíproco.”. (MAINGUENEAU, 2008b, p.91).

Com isso, as fronteiras entre os dois discursos são evidenciadas e as polêmicas se mostram necessárias para estabelecer uma diferenciação entre os posicionamentos, constituindo, assim, as identidades desses discursos. Nesse sentido, determinado discurso institucional se protege através de uma aproximação com o discurso do simulacro do Outro, na tentativa de adaptar esse discurso a seu favor, na forma de crítica e da não-compreensão a partir da tradução do seu posicionamento. A partir dessa configuração, a identidade discursiva é construída através das relações de alteridade.

Sendo assim, a tradução do Outro não é realizado no sentido literal da palavra, mas sim no intuito de reinterpretar os semas positivos e negativos de cada formação discursiva desse Outro e evidenciar as polêmicas entre os diferentes discursos e posicionamentos. Por meio dessa construção temos o discurso agente que se coloca como tradutor do Outro e o discurso-paciente, que seria aquele que é apreendido e traduzido. Com isso, um discurso pode dissociar ou integrar os discursos de seu Outro, para dessa maneira estabelecer sua identidade.

Para esse exemplo, o autor cita as polêmicas entre dois discursos da França do século XVII, especificamente do campo religioso: o humanismo devoto e o jansenismo. Nesse contexto, o jansenismo tem uma visão de monopólio e recusa a constituição de uma ordem. Dessa forma, esse posicionamento estabelece uma polêmica e a não-compreensão por parte

dos humanistas devotos, que podem construir duas estratégias de interpretar e traduzir o simulacro do outro (a construção da imagem do jansenismo): integração e exclusão.

A exclusão seria baseada na tradução dos semas negativos, que evidenciam a polêmica, fazendo, assim, com que os humanistas devotos rejeitem o universo semântico do Outro (jansenismo) Além da exclusão, Maingueneau (2008b) também propõe a estratégia da integração, que seria se apropriar do discurso do Outro, no intuito de criticá-lo e de adaptá-lo a seu favor. Nesse contexto, a estratégia seria o humanismo devoto integrar o discurso do Outro, como forma de criticar a intenção de estabelecer um monopólio no campo religioso. “Como se vê, a formação discursiva não define somente um universo de sentido próprio, ela define igualmente seu modo de coexistência com outros discursos.” (MAINGUENEAU, 2008b, p.106).

Maingueneau (2008b) também propõe duas noções importantes para compreender a polêmica da interincompreensão que são os níveis dialógicos e polêmicos. Cabe salientar que, o autor entende polêmica não como uma controvérsia violenta externa, mas sim “uma relação explícita entre duas formações discursivas.” (MAINGUENEAU, 2008b, p.107). No nível dialógico, temos a interação constitutiva, que foi elucidada nos parágrafos anteriores, Já no nível da polêmica, temos a heterogeneidade mostrada, através da citação.

A citação é um recurso importante na polêmica, pois apresenta fragmentos localizáveis do Outro. Segundo o autor, esse recurso aparece como um engodo necessário, ou seja, uma estratégia de evidenciar a polêmica através da citação e, assim, criticá-la. Através da citação, temos o enunciado, que é dotado dos planos constitutivos de uma semântica discursiva.

Desse modo, a polêmica é constitutiva de toda formação discursiva e os interlocutores sempre estarão envolvidos na polêmica que se apresenta como uma ameaça recíproca. Uma ameaça que pressupõe ataque e defesa de posicionamentos discursivos nos diversos campos possíveis. Além das ameaças ligadas à semântica discursiva, temos o intuito de polemizar, ou seja, destacar os erros do adversário publicamente.

“Trata-se, nesse caso, de desqualificar o adversário mostrando que ele viola as regras do jogo (mentindo, produzindo citações inexatas, informações errôneas, sendo incompetente, pouco inteligente, etc...). Por esse caminho tenta-se tirar do enunciadador seu direito à palavra, independentemente de todo conteúdo.”. (MAINGUENEAU, 2008b, p.110).

Ao longo dos estudos sobre a polêmica, o autor cita que esse mecanismo no interior de formações discursivas é evidenciado através da convergência. Logo, não é a divergência que prevalece nesse mecanismo, pois estar em desacordo sobre algo, pressupõe um acordo

partilhado. Dessa maneira, conforme discutimos nesse item, a identidade discursiva só é constituída através do estabelecimento das fronteiras com o Outro.

Portanto, essa perspectiva é importante para compreendermos o embate de posicionamentos discursivos e as tensões entre os sentidos apresentados pela imprensa brasileira as manifestações populares de 2013, em contrapartida com as abordagens das novas mídias alternativas.

3 NOTÍCIAS DE UM TELEJORNAL: A CARACTERIZAÇÃO DE UM GÊNERO

3.1 Introdução

Neste capítulo, pretendemos delinear os aspectos mais relevantes na caracterização do gênero notícia de telejornal, visando discutir a configuração do gênero, seguindo os postulados de Dominique Maingueneau (2011), assim como a construção metodológica desta dissertação, com o levantamento de materiais e o recorte do *corpus*. Além disso, também discutiremos a elaboração das transcrições deste trabalho e os quadros com as vozes e designações dos participantes das duas notícias selecionadas no *corpus* desta dissertação.

Procurando estabelecer uma organização dos pontos a serem abordados, o capítulo será organizado em cinco itens, apresentando conceitos importantes para uma caracterização efetiva do gênero notícia televisiva. Primeiramente, abordaremos a construção metodológica desta dissertação, através da descrição detalhada das etapas de composição do levantamento de materiais e dos materiais presentes nos anexos deste trabalho.

Em seguida, no terceiro item, serão elucidados os conceitos de gênero do discurso, seguindo os postulados de dois autores importantes para os estudos de linguagem: Mikhail Bahktin (2003) e Dominique Maingueneau (2011). Com a discussão sobre esse conceito, será estabelecido um contraponto, buscando as semelhanças e diferenças entre as perspectivas apresentadas pelos dois autores.

No quarto item deste capítulo, pretendemos discutir os paradoxos existentes nas imagens produzidas no campo da comunicação, especificamente na televisão. Esses paradoxos podem ser elucidados através da ilusão imaginária e das noções de opacidade e transparência das imagens, seguindo os postulados de Wolff (2005). Além desses aspectos, nesse item evidenciaremos a importância da relação entre a linguagem verbal e não verbal no gênero notícia, veiculada em um telejornal.

Mais adiante, no quinto item, realizaremos uma caracterização do gênero notícia veiculada em um telejornal, privilegiando o conceito de gênero do discurso elucidado por Maingueneau (2011), através de seus critérios operacionais: finalidade, estatuto dos enunciadores legítimos, coordenadas de tempo e espaço, organização textual e mídiun.

3.1.1 Pressupostos metodológicos

3.1.2 O recorte do *corpus* e a documentação das manifestações

Como podemos observar ao longo do estudo apresentado até aqui, este trabalho é pautado em como os meios de comunicação do Brasil apresentaram as manifestações de 2013. Nesse sentido, conforme foi exposto nas considerações iniciais realizamos um levantamento de materiais presentes nos veículos de comunicação, referentes aos dois meses (junho e julho) em que as manifestações se expandiram por todo o país.

Dessa forma, na busca por materiais de análise, decidimos efetuar um recorte específico nesse levantamento, selecionando notícias voltadas a manifestações ocorridas nos dois estados mais ricos do país, Rio de Janeiro e São Paulo. Apesar desse recorte geográfico, alguns materiais específicos foram selecionados, como a presença das manifestações fora do país, os pronunciamentos da presidenta Dilma Rousseff e a nota da OAB sobre os excessos nas manifestações por parte tanto dos manifestantes, quanto dos policiais.

Com isso, através desse levantamento pretendemos construir uma documentação do momento histórico das manifestações, visando evidenciar as contradições nas abordagens da grande imprensa brasileira. Assim, através dessa documentação poderemos demonstrar que essas contradições não aconteceram apenas nos dois materiais presentes no *corpus* desta pesquisa, mas sim em diversos eventos apresentados durante esses dois meses de manifestações pelo Brasil.

Ao realizarmos esse levantamento, procuramos notícias veiculadas em dois suportes midiáticos distintos: o telejornal e o jornal impresso. Conforme a pesquisa foi avançando, decidimos escolher materiais da mesma instituição, as organizações Globo, uma das maiores organizações de comunicação do Brasil. Portanto, os materiais referentes ao telejornal (JN) foram retirados do *site* ‘globo vídeos’, onde são organizados os vídeos de todos os programas da Rede Globo de televisão e dos *sites* de dois importantes jornais impressos do Rio de Janeiro: ‘O Globo’ e ‘Jornal Extra’.

Sobre o *site* ‘globo vídeos’, ele é organizado em seções, dividindo os vídeos de cada programa da emissora. Na página voltada ao JN, temos uma seção com as edições completas do telejornal e outra com os diversos vídeos referentes às notícias de cada edição. Sendo assim, buscamos na seção voltada aos momentos do telejornal e selecionamos oitenta e nove

vídeos, desses dois meses de manifestações. Em relação ao *site* dos dois jornais impressos citados no parágrafo acima, selecionamos dez capas desse período histórico do país.

Além dos materiais desses dois suportes midiáticos, selecionamos dois vídeos do grupo mídia NINJA, que foram citados no JN, especificamente no caso da prisão do estudante Bruno Ferreira Telles. Esses dois vídeos solucionaram esse caso, referente aos dois materiais presentes no *corpus* desta pesquisa. Desse modo, esses dois vídeos serão utilizados no capítulo de análise, especificamente no subitem em que realizaremos um contraponto entre as abordagens da imprensa brasileira e das novas mídias alternativas.

Por meio desse levantamento inicial e as motivações elucidadas nas considerações iniciais deste trabalho, construímos os objetivos desta pesquisa. Após essa definição, observamos as marcas linguísticas a serem analisadas nessa dissertação. Dessa forma, poderemos abordar aspectos importantes acerca das manifestações e de como elas foram apresentadas por meio desses veículos midiáticos, discutindo as lutas de resistência, os poderes que estão em jogo nesses eventos e a realização de um contraponto com as novas mídias alternativas.

Nesse sentido, ao realizarmos a seleção de um gênero do campo da comunicação para esta pesquisa, a escolha de um gênero (notícia) presente em um suporte midiático extremamente popular e amplamente acessado pela população como a televisão foi determinante. Assim, através dele poderemos abordar uma relação importante na construção desse gênero discursivo, entre as duas modalidades da linguagem: verbal e não verbal.

Ao longo da história da televisão no país, esse meio de comunicação se tornou o mais acessado pela população brasileira, em todas as classes sociais. Com essa popularização da televisão, a rede Globo se consolidou na liderança da audiência em grande parte dos horários da programação brasileira, sobretudo no horário nobre, com suas telenovelas e o principal telejornal da emissora, o JN⁶. Dessa forma, por este motivo selecionamos materiais do JN para o *corpus* desta pesquisa, assim como o suporte midiático mais acessado pelos brasileiros.

Portanto, segundo a pesquisa brasileira de mídia, realizada em 2014, que identifica os hábitos de consumo de mídia da população brasileira, retrata que o meio de comunicação mais acessado do Brasil continua sendo a televisão, apesar da expansão da internet por todo país.

⁶ O JN foi criado em 1969 e teve como seus primeiros apresentadores os renomados jornalistas Cid Moreira e Hilton Gomes. Ao longo dos quarenta e cinco anos em que se encontra no ar, o telejornal se consolidou na liderança de audiência do gênero e conquistou um enorme prestígio perante a sociedade. Além disso, o telejornal ganhou diversos prêmios da área como o Emmy e passou por diversas transformações em seu cenário, aberturas, assim como várias mudanças entre os âncoras e repórteres.

Segundo essa pesquisa, “97% dos entrevistados afirmaram ver TV, um hábito que une praticamente todos os brasileiros, com independência de gênero, idade, renda, nível educacional ou localização geográfica. (PESQUISA DE MÍDIA, 2014, p. 7). Ainda sobre essa pesquisa, 76,4% dos brasileiros entrevistados preferem a TV, seguindo as características frisadas pelos entrevistadores: mobilidade, dinamismo e custo.

Sendo assim, através dessa documentação, selecionamos dois materiais que evidenciam as polêmicas entre as abordagens da imprensa brasileira e das novas mídias alternativas. Essas notícias retratam o caso da prisão do estudante Bruno Ferreira Telles, acusado de ter lançado contra policiais um artefato explosivo (coquetel molotov), algo destacado no primeiro material.

No entanto, na segunda notícia temos uma mudança de posicionamento, devido a uma intervenção externa, isto é, vídeos de uma mídia alternativa (Mídia NINJA) que comprovaram que o estudante não portava qualquer artefato ou mochila no momento de sua prisão. Assim, o JN apresentou uma mudança de posicionamento em relação a prisão do estudante, após observar sua notícia sendo desmentida, por uma mídia sem qualquer vínculo institucional.

Nesse sentido, por meio dessas polêmicas poderemos aprofundar os estudos pautados nos aparatos teóricos que foram discutidos no capítulo anterior e na relação entre o verbal e o não verbal, visando atender aos objetos e ao problema desta pesquisa.

3.1.3. Os modelos de transcrições dos materiais

Conforme explicitamos nas considerações iniciais, ao selecionarmos os materiais de análise, discutimos qual seria a forma mais adequada de transcrevê-los para realizar a análise deste trabalho. Dessa forma, percebemos que seria necessário dois modelos de transcrições, visando uma análise aprofundada das duas modalidades da linguagem, extremamente importantes para um estudo sobre o gênero notícia, veiculado em um telejornal: a modalidade verbal e a não verbal.

Desse modo, procurando compreender a parte verbal da notícia, isto é, as designações atribuídas aos eventos e seus participantes, realizamos uma transcrição a partir de uma divisão dos blocos temporais desses materiais. De acordo com cada virada temporal e a progressão lógica dos fatos da notícia, compreendida como uma narrativa, um bloco é constituído e transcrito nos anexos deste trabalho (Anexos G e H). Logo, por meio desses blocos, seguimos

a sugestão de Rocha (2014), e construímos enunciados a partir da ideia dos atos performativos de Austin.

A partir da sugestão de Rocha (2014), podemos compreender a linguagem como forma de ação sobre o mundo e perceber que muitos eventos e atos apresentados no telejornal são realizados pela própria linguagem, ou seja, pela natureza verbal desses materiais.

Além da transcrição em blocos temporais, visando um estudo apurado da parte verbal desses materiais, realizamos outro modelo de transcrição, voltado a uma análise da parte não verbal das duas notícias do *corpus* desta pesquisa, ou seja, as imagens construídas acerca dos participantes e suas motivações e as vozes presentes nesses eventos.

Esse modelo de transcrição é pautado em um quadro dividindo a locução da imagem, ou seja, o que é falado e o que é mostrado nesses materiais. Nesse sentido, a progressão dos fatos dessa notícia são evidenciadas a partir das mudanças das imagens. Com isso, poderemos compreender que as imagens e a relação entre as linguagens: verbal e não verbal são essenciais para compreender o funcionamento dos discursos proferidos na televisão e deste aparato midiático como gênero do discurso.

3.2 Gêneros do Discurso: definição a partir de Mikhail Bakhtin e Dominique Maingueneau

Neste item, pretendemos discutir a noção de gênero do discurso, originalmente concebida por Mikhail Bakhtin (2003) e posteriormente sistematizada pelo linguista Dominique Maingueneau (2011). Ao longo deste item, serão elucidados os aspectos expostos pelos dois autores e serão debatidas as diferenças e semelhanças entre esses aspectos, além da importância desse estudo para a análise do *corpus* desta dissertação.

Em primeiro lugar, para enriquecer este estudo, é essencial destacar a importância dos estudos enunciativos para este trabalho, assim como a utilização da noção de gêneros do discurso. O conceito de gênero do discurso aborda os enunciados ligados ao momento sócio-histórico em que eles são produzidos. Esta ligação é importante para compreender os enunciados presentes no *corpus* desta pesquisa.

Com essa perspectiva, poderemos compreender o funcionamento e as principais marcas do gênero selecionado para uma análise discursiva de base enunciativa, assim como entender o diálogo desse gênero com outros enunciados e a situação de comunicação em que eles são

produzidos, relacionando-os com traços institucionais, sociais e culturais. Além disso, poderemos observar diversas marcas linguísticas nesse gênero como as diferentes modalidades da linguagem e as interpretações de códigos tanto verbais, quanto não verbais.

3.2.1 A perspectiva de Mikhail Bakhtin

Bakhtin (2003) propõe em seu estudo sobre gêneros do discurso aspectos para entender o funcionamento e a importância dessa reflexão. Para o autor, os usos de linguagem são indissociáveis das diferentes esferas da atividade humana, a partir das quais eles são produzidos. A relação entre as diversas esferas da atividade humana e a linguagem acontece através de “formas relativamente estáveis de enunciados orais ou escritos” (2003, p.279), que podem ser chamados de gêneros do discurso.

Em sua explanação acerca da teoria sobre os gêneros do discurso, o autor expõe alguns aspectos importantes como a distinção entre gêneros primários e secundários, o dialogismo da linguagem, representado pela atividade responsiva ativa e a polifonia, discutida no capítulo anterior. Além desses aspectos, ele apresenta marcas características da noção de gênero como: conteúdo temático, estilo e construção composicional.

Os enunciados apresentam circunstâncias específicas e suas finalidades podem ser encontradas tanto por marcas como: o seu conteúdo temático, o estilo e a construção composicional, quanto por recursos referentes à língua: lexicais, fraseológicos e gramaticais.

“O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional”. (BAKHTIN, 2003, p.279).

Os gêneros do discurso estão presentes na linguagem humana e são essenciais para o melhor entendimento da língua e dos diálogos. Segundo Bakhtin (2003), sem a presença dos gêneros na interação verbal, a comunicação seria impossível.

O estudo evidenciado por Bakhtin (2003) foi importante para os estudos de linguagem, pois não havia uma reflexão acerca dos gêneros do discurso, até então. Os gêneros estudados eram os literários, contudo em uma visão especificamente artístico-literária e não de natureza verbal, não voltada para a diferenciação da produção dos diversos enunciados entre si. Na

antiguidade, os gêneros retóricos foram estudados por Aristóteles, entretanto, nada de relevante em torno da natureza linguística do enunciado foi acrescentado nas épocas que sucederam esses estudos.

Seguindo a lógica de que a comunicação humana é estabelecida através de enunciados ligados a diversos contextos em que são produzidos, o autor também expõe a noção de economia cognitiva, que seria o fato de um locutor dominar vários gêneros do discurso.

Os gêneros variam conforme a posição social, a relação pessoal e diversas outras circunstâncias dos parceiros. Eles apresentam um tom determinado de acordo com essas variações. Assim como as esferas da atividade humana em diversos campos e domínios ideológicos como o educacional, o jornalístico, o religioso, o publicitário, entre outros, a linguagem apresenta uma variedade inesgotável de enunciados. Essa variedade evidencia, assim, a heterogeneidade dos gêneros do discurso.

Nesse sentido, a heterogeneidade dos gêneros pode ser observada em diferentes universos, desde os mais complexos, aos mais casuais, apresentando, assim, uma diversidade funcional. Eles apresentam enunciados em diversos níveis como um simples diálogo cotidiano e formas complexas como um romance literário.

Para uma divisão mais contundente acerca de gêneros tão heterogêneos, o autor propõe a diferenciação entre os gêneros do discurso primários e secundários. Os primários são referentes à comunicação verbal espontânea, simples. Já os secundários estão presentes em uma comunicação mais cultural e complexa como: o romance e o discurso científico. Esses gêneros podem estar inseridos entre si, como, por exemplo, um bate papo informal inserido em um romance. De acordo com o autor, essa distinção entre os dois gêneros é importante para compreender a natureza complexa do enunciado e seus aspectos essenciais.

“A distinção entre gêneros primários e secundários tem grande importância teórica, sendo esta a razão pela qual a natureza do enunciado abrangeria seus aspectos essenciais (...). A inter-relação entre os gêneros primários e secundários de um lado, o processo histórico de formação dos gêneros secundários do outro, eis o que esclarece a natureza do enunciado (e acima de tudo, o difícil problema da correlação entre língua, ideologias e visões de mundo)”. (BAKHTIN, 2003, p.282-283).

Além da idéia da heterogeneidade dos gêneros, Bakhtin (2003) apresenta outra vantagem propiciada pela reflexão sobre o estudo dos gêneros. Essa vantagem reside na possibilidade de discutir a idéia tradicional de colocar o receptor da interação como um ser passivo de percepção e compreensão da fala, se opondo ao processo ativo da fala do emissor.

O autor propõe a idéia de uma atividade responsiva ativa, ou seja, toda uma atividade discursiva pressupõe uma resposta.

Então, o ouvinte pode concordar, discordar, completar, adaptar, aprontar pra executar uma nova sentença, entre outras atitudes ativas de resposta à fala do locutor. A resposta pode não necessariamente ser fônica, ela pode vir através de uma reação corporal, quando o ouvinte receber uma ordem ou um pedido.

“De fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor”. (BAKHTIN, 2003, p.291).

Portanto, tomado sempre como parte de um diálogo, o enunciado tem sua totalidade definida não pela finitude da estrutura gramatical que o compõe, mas pela possibilidade de assegurar uma atividade responsiva. Dessa forma, a totalidade do enunciado depende de três fatores para sua delimitação.

O primeiro fator é o tratamento exaustivo do tema do enunciado, que varia de acordo com as esferas da comunicação humana. No segundo fator, temos o intuito discursivo, ou seja, a finalidade do enunciado produzido. Em uma comunicação já conhecida pelos parceiros, a captação do assunto dos enunciados anteriores é assimilada com mais facilidade, pois eles partilham dos mesmos valores e conteúdos já conhecidos anteriormente. O terceiro fator seria ligado ao estilo, isto é, à forma composicional, o modo como os falantes organizam suas falas e à escolha dos gêneros discursivos.

Ao construir um discurso, o falante tem em mente todo o enunciado, tanto em sua forma de gênero, quanto em sua intenção discursiva. As palavras e as orações ganham esses aspectos de gênero ao se tornarem enunciados, ao serem identificados e caracterizados nos vários discursos existentes, com seus temas, estilos, composições, expressividade, contextos, tom e intencionalidade.

Segundo Bakhtin (2003), “apenas o contato entre significação linguística e a realidade concreta, apenas o contato entre a língua e a realidade – que se dá no enunciado – provoca o lampejo da expressividade” (BAKHTIN, 2003, p. 312). Essa expressividade não existe no sistema da língua, mas sim no processo ativo de utilização dos enunciados concretos.

Ao refletir sobre essa visão dialógica da linguagem, Bakhtin (2003) propõe aos estudos de linguagem o conceito de polifonia, aprofundado nos pressupostos teóricos construídos no capítulo anterior desta dissertação. Após essa perspectiva de linguagem apresentada por

Bakhtin (2003), tivemos avanços nestes estudos com a sistematização da noção de gêneros do discurso proposta por Maingueneau (2011) através de critérios institucionais e situacionais, que serão discutidos no próximo subitem deste capítulo.

3.2.2 A perspectiva de Dominique Maingueneau

A partir da perspectiva aberta por Bakhtin (2003) e discutida no subitem anterior, avançamos aqui na proposta de operacionalização da noção de gêneros do discurso, concebida por Dominique Maingueneau (2011). O autor apresenta algumas semelhanças e diferenças em relação à visão bakhtiniana acerca de aspectos dos gêneros do discurso. Ele não ignora a visão dialógica da linguagem, no entanto, destaca a dimensão de estatuto dos gêneros, sendo definidos por critérios institucionais e situacionais.

Ao longo dos seus estudos, o autor trouxe novos critérios situacionais e uma abordagem institucional a essa perspectiva de linguagem, de base enunciativa. Nesse sentido, estes critérios contribuíram para uma análise de enunciados produzidos nos diversos contextos, sobretudo no campo da comunicação, foco de sua obra.

Segundo o autor, os gêneros do discurso seriam dispositivos de comunicação, evidenciados por meio de suas condições sócio-históricas. Esses gêneros pertencem aos diversos setores da sociedade e apresentam um caráter institucional, diferentemente da visão de Bakhtin (2003). Um exemplo utilizado pelo autor para elucidar essa perspectiva institucional é o hospital. Por meio desse setor de atividade da sociedade, perpassam múltiplos gêneros do discurso, tanto escritos, quanto orais, como, por exemplo, o laudo médico, as reuniões de serviço, as sessões de radiografia, a receita, o atestado, entre outros gêneros.

Para enfatizar a dimensão institucional presente nos gêneros do discurso, o autor apresenta três metáforas de diferentes domínios: jurídico (contrato), teatral (papel) e lúdico (jogo). A partir dessas metáforas, o autor procura delinear os gêneros como um dispositivo comunicacional, que duplamente é configurado por aspectos situacionais e textuais. Desse modo, as metáforas ressaltam a abordagem institucional que o autor propõe em sua noção de gêneros do discurso.

A partir dessa perspectiva, podemos observar como essas três metáforas se estruturam. A metáfora do contrato representa as normas pelas quais todos os gêneros do discurso são

regidos. Uma dessas normas é o conhecimento do número de participantes em uma interação. Assim, o interlocutor deve ter conhecimento dos traços do seu ouvinte, para elaborar seu discurso através de determinado gênero.

O autor também apresenta uma metáfora que realiza uma analogia entre a interação verbal e o teatro: o papel. Dessa maneira, cada interação verbal representa uma cena discursiva. Por meio destas cenas, os parceiros de uma interação podem assumir um papel diferente em cada situação de comunicação. Um exemplo citado pelo autor é do policial, que pode intervir como agente da ordem pública em determinado contexto e pai de família em outro, mudando assim seu papel de acordo com determinada situação de comunicação.

Além dessas duas metáforas, o autor também apresenta a metáfora ligada a uma visão lúdica, que seria a do jogo. O jogo seria o cruzamento das duas metáforas anteriores, isto é, a ênfase nas regras do discurso e na abordagem ligada ao teatro proposta pelo autor. As regras dos gêneros não são rígidas e apresentam variações e os interlocutores devem ter conhecimento dessas regras preestabelecidas. Dessa forma, transgredir essas regras faz o enunciador estar “fora do jogo”.

Assim como a visão institucional e suas metáforas, Maingueneau (2011) cita em sua obra o caráter ideológico que os gêneros do discurso podem apresentar. Ao longo da história da humanidade, podemos perceber a disseminação de diversos discursos em diferentes gêneros, pautados por uma ideologia. O autor cita exemplos como o discurso comunista, o discurso trabalhista, entre outros.

Ao longo de seus estudos sobre os textos de comunicação, o autor apresenta novos critérios de análise. Nesse sentido, o autor expõe tipologias comunicacionais de diferentes ordens que contribuem na compreensão dos aspectos de funcionamento desses textos. As tipologias seriam divididas de acordo com o uso que se faz do enunciado em determinados contextos, isto é, a sua orientação comunicacional. Elas apresentam funções tanto voltadas para a linguagem, quanto para a sociedade, e podem se dividir em abstratas ou mais próximas a questões sociais, como por exemplo, o discurso político, publicitário, ético, entre outros.

Para o autor, categorias como o lúdico sempre estiveram presentes na sociedade, enquanto o talk show não esteve eternamente presente na sociedade.

“Em toda sociedade, seja qual for a época, encontramos categorias tais como “didático”, “lúdico”, “prescritivo”, etc., enquanto o talk show ou o editorial nada têm de eterno. Poderíamos, assim, caracterizar um sociedade pelos gêneros do discurso que ela torna possível e que a tornam possível.” (MAINGUENEAU, 2011, p.61).

No trecho acima, também podemos observar a diferença entre gêneros e tipos de discursos. A diferenciação entre essas duas categorias é uma convergência entre diversos autores e estudiosos da linguagem. O autor propõe que dentro dos gêneros do discurso podem existir diversos tipos de discurso, relacionados aos vários setores de atividade da sociedade. Ele expõe o exemplo do talk show que seria um tipo de discurso no interior do gênero “televisivo”. O gênero “televisivo” faria parte de um conjunto ainda maior, o campo midiático, assim como os discursos da imprensa escrita e seus jornais impressos e os discursos radiofônicos.

Dessa forma, seguindo essa lógica apresentada por Maingueneau (2011), jornal impresso e telejornal seriam o suporte midiático e os enunciados produzidos nesses suportes seriam diversos gêneros distintos. Diferentemente dessa relação entre suporte e gênero, Bakhtin (2003) explora a noção de gênero e seus subgêneros. Essa noção é pautada nos enunciados produzidos dentro de um mesmo gênero, ou seja, os gêneros primários e secundários, discutidos no subitem anterior.

A partir dessas diferenciações, Maingueneau (2011) expõe em sua obra que os gêneros são atividades sociais e dessa forma são submetidos a critérios buscando o êxito, isto é, regras coercivas que compõem os gêneros, para que essa atividade social seja bem-sucedida. Desse modo, seguindo esses critérios, a comunicação verbal será assegurada sem qualquer interferência ou mal-entendido.

Nesse sentido, o autor apresenta condições necessárias para o bom desempenho da interação verbal através dos gêneros do discurso. As condições propostas pelo autor são: a finalidade, o estatuto de parceiros legítimos, as coordenadas de tempo e espaço, a organização textual e o aparato midiático, o mídiu.

Primeiramente, o autor aborda que para que um gênero seja bem-sucedido, é necessário identificar sua finalidade. Segundo o autor, o gênero apresenta um objetivo reconhecido por seus interlocutores, respondendo a questionamentos como: “Estamos aqui pra dizer ou fazer o quê?”. Assim, um exemplo desses questionamentos é o gênero publicitário que propõe persuadir o indivíduo através de vários mecanismos, visando à venda do produto divulgado. “A determinação correta dessa finalidade é indispensável para que o destinatário possa ter um comportamento adequado ao gênero de discurso utilizado” (MAINGUENEAU, 2011, p.66).

Em seguida, podemos observar o estatuto de parceiros legítimos, que também é importante para o bom funcionamento do gênero, É a partir desse estatuto que se define o papel em que o enunciador e o coenunciador devem assumir em uma interação. Esse papel

determina de quem parte a fala e pra quem se dirige e apresentam direitos e deveres, responsáveis pelo conhecimento dos parceiros legítimos acerca de um tema de uma interação.

Esse critério seria o papel que os interlocutores podem apresentar nas diversas atividades discursivas. O autor utiliza exemplos como: o discurso dos jovens, dos adultos, dos superiores, dos inferiores, entre outros. Dessa maneira, os interlocutores devem apresentar um conhecimento acerca dos gêneros de que participam e devem saber o papel que irão assumir em cada uma dessas interações verbais. Portanto, um jovem pode participar de outras categorias, com interlocutores diferentes, entretanto assumirá um novo estatuto.

Assim como esses dois critérios, o autor também expõe que as coordenadas de tempo e espaço são imprescindíveis para que uma interação seja bem sucedida. Essas coordenadas compreendem ao “lugar” e ao “momento” legítimos para a propagação de determinados gêneros.

O lugar da coordenada de espaço estudado por Maingueneau (2011) não é a localização geográfica, mas sim a organização de sua composição. Uma sala de aula, por exemplo, é um lugar onde o professor exerce sua atividade de trabalho e leciona a disciplina da qual é responsável. Por meio desse espaço, o professor necessita apresentar uma construção organizacional para exercer esse gênero como: a organização do turno de fala, o silêncio e a atenção das outras pessoas (alunos), a construção hierárquica entre professor e aluno, entre outros aspectos que caracterizem este gênero através dessa coordenada.

Essa reflexão também acontece com as coordenadas de tempo (momento). Sendo assim, esse critério não estabelece um estudo do tempo externo, mas como determinado gênero organiza o tempo. Dessa forma, as coordenadas podem ser divididas em quatro eixos: periodicidade, encadeamento, continuidade e validade. Ao retomarmos o exemplo do gênero aula, percebemos que esse gênero propõe um tempo dividido em períodos supostamente idênticos.

Com isso, a operacionalização dos gêneros do discurso também apresenta um aspecto referente ao texto: a organização textual. Cabe ao enunciador conhecer bem o gênero para ter uma consciência mais ou menos clara dos modos de encadeamento de seus constituintes. Algumas organizações são mais rígidas e formais como uma dissertação e outras são mais flexíveis como um roteiro.

Além desses critérios, o autor propõe o último aspecto importante para analisar textos do âmbito da comunicação, que seriam os seus suportes materiais. Os gêneros do discurso desse âmbito podem circular por diversos suportes materiais, dependendo do contexto e das

coordenadas de tempo e espaço. O autor cita diversos suportes midiáticos de gêneros ligados a comunicação social como: rádio, televisão, jornal impresso, internet, entre outros.

Sobre esses suportes, o autor cita a presença do conceito *mídiu*m. Esse conceito não seria apenas um meio pelo qual os discursos são proferidos, já que eles também podem imprimir certo aspecto a seus conteúdos e comandar seus usos. Um exemplo desse dispositivo comunicacional é o advento da internet, que revolucionou a natureza dos textos e os seus modos de consumo.

“As técnicas cada vez mais sofisticadas de gravação e de transporte de informação têm modificado os dispositivos de comunicação e, portanto, o estatuto dos enunciados verbais. O mundo contemporâneo caracteriza-se pelo surgimento de novas formas de oralidade que diferem totalmente da oralidade tradicional.” (MAINGUENEAU, 2011, p.81).

Como podemos observar, com essas técnicas cada vez mais avançadas, o dispositivo de comunicação é modificado. O advento da internet trouxe novos mecanismos de propagação dos enunciados e um consumo globalizado. Com esses novos modos de consumo, as instituições midiáticas tiveram que se adaptar a novos recursos para propagar suas notícias.

Dessa forma surgiram *sites*, *blogs*, redes sociais e diversos mecanismos de texto, áudio e vídeo através da *internet*. Com essa evolução, tivemos embates entre o que foi noticiado nos principais meios de comunicação e nas novas mídias alternativa. Esse embate será observado na análise desta dissertação e faz parte de um dos objetivos específicos descritos nas considerações iniciais.

3.3 O gênero notícia no campo da comunicação: os conceitos de imagem

Nos subitens anteriores, observamos conceitos essenciais para compreender os enunciados que são produzidos no campo da comunicação. Por meio dos postulados de Bakhtin (2003), percebemos que, para entender os gêneros do discurso, é necessária uma análise atrelada à presença do contexto enunciativo das diversas atividades humanas.

Em seguida, discutimos as contribuições de Maingueneau (2011) a essa concepção de linguagem. O autor propôs um caráter institucional e situacional à noção de gêneros do discurso e definiu critérios e metáforas para compreender o bom funcionamento desses enunciados.

Neste subitem, abordaremos uma materialidade extremamente importante para compreender os gêneros presentes no corpus desta pesquisa: a imagem. Seguiremos os postulados de Wolff (2005), que procura em sua obra refletir esse aspecto em diversos momentos da história da humanidade, até a atualidade, em que as imagens se tornaram amplamente divulgadas em diversas áreas de atividades humanas.

Esse aspecto é importante para a análise desta dissertação e para os estudos do campo da comunicação, pois visa entender a relação que as imagens têm com os homens nos principais meios de comunicação, sobretudo na televisão, gênero presente no corpus desta pesquisa. A parte visual é essencial para que os telespectadores possam compreender esse meio de comunicação e a sua relação com o que é dito, isto é, a relação entre a linguagem verbal e a não verbal.

3.3.1 O percurso da imagem em Wolff (2005)

Segundo Wolff (2005), os homens se caracterizam não só pela linguagem, por serem animais dotados de fala, como também pelo uso que fazem das imagens que são produzidas. Nesse sentido, o homem é o único animal na humanidade que fabrica e produz imagens. Essas imagens podem exercer sobre os seres humanos diversos efeitos consideráveis. Um exemplo desses efeitos são as imagens religiosas, que suscitam aclamação e fascínio por parte dos devotos e, muitas vezes, também de emoção e respeito às imagens contempladas.

Assim, as imagens podem provocar no imaginário social e na produção de subjetividade dos indivíduos, diversas emoções e paixões humanas como: dor, alegria, crença, esperança, respeito, entre outras.

“As imagens são capazes de suscitar aos poucos quase todas as emoções e paixões humanas, positivas e negativas, todas as emoções e paixões que as coisas ou pessoas reais que elas representam poderia suscitar: amor, ódio, desejo, crença, prazer, dor, alegria, tristeza, esperança, nostalgia, etc.” (WOLFF, 2005, p.20-21).

A partir da relação entre imagens e linguagem, o autor estabelece a tese de que o que explica os efeitos das imagens não são suas qualidades, mas sim seus defeitos. Seguindo essa lógica, podemos observar esses efeitos a partir daquilo que as imagens não podem fazer ou dizer e daquilo que a linguagem pode fazer e dizer. Nesse sentido, nessa relação com a

linguagem, as imagens apresentam quatro defeitos, ou seja, quatro concepções as quais ela não tem o poder de responder, entretanto a linguagem consegue: o conceito, a negação, o possível, o passado ou o futuro.

Ao refletirmos sobre essa teoria, percebemos que as imagens não conseguem raciocinar os conceitos, todavia o discurso apresenta esse recurso. A imagem consegue efetuar uma explicação, no entanto pode mostrar e despertar paixões, ao contrário da linguagem, que necessitaria realizar longas descrições. O autor cita o exemplo da fome na África, na qual uma imagem pode despertar diversas emoções diferentes, em oposição a um artigo sobre as dificuldades que o continente africano enfrenta, seria apresentado apenas em termos de informação e não provocaria paixões.

O autor também expõe o segundo defeito da imagem, que seria a única forma de mostrar algo a quem a visualiza. Essa forma é realizada pela afirmação, desconhecendo a negação, por exemplo. A imagem mostra o que é, e não consegue dizer o oposto, de mostrar o que não é. Dessa forma, a imagem é dogmática e não abre espaço para a discussão, para a dialética, apresentando apenas os planos do “real” e do “é assim”. A imagem não precisa dizer, pra afirmar o que significa aquela representação.

Como a imagem é voltada à afirmação, cabe à linguagem retratar a negação. Em sua obra, Wolff (2005) exemplifica a imagem do cachimbo, com a seguinte sentença: “isto não é um cachimbo” do pintor francês René Magritte. Neste exemplo, podemos compreender as relações entre linguagem e a imagem e suas limitações. A linguagem estabelece algo que a imagem não consegue, residindo neste ponto o seu segundo defeito.

Além desses dois defeitos, a imagem estabelece outro defeito em relação à linguagem. Ela se relaciona apenas com um tempo verbal e um modo de conjugação: o presente e o indicativo. Uma imagem sempre se apresentará no presente ou no co-presente e nunca retratará o subjuntivo, o talvez. As imagens religiosas, por exemplo, representam seres que viveram no passado, mas a imagem tem o poder de eternizá-las e torná-las presentes. Outro exemplo são as fotos de indivíduos que já faleceram e ganham vida através das imagens.

Não obstante, a linguagem se opõe à imagem nesse sentido e através dos discursos podem estabelecer embates, argumentações e diversos tempos e modos verbais da língua. Algo que não acontece na imagem que sempre representa o real ou aparente. Portanto, é através dos defeitos na relação com a linguagem, que a imagem demonstra seu poder singular.

Dessa maneira, a imagem apresenta três graus, pautados no modo como ela é capaz de tornar presente algo que esteja ausente: o acidentalmente ausente, o substancialmente ausente e o absolutamente ausente. Este primeiro aspecto referente ao acidentalmente ausente diz

respeito àquele que está longe no presente, mas que poderia estar presente e estará futuramente. Já no aspecto substancialmente ausente, podemos observar que ele se relaciona com um passado que nunca mais estará presente. É o caso de fotos da cidade do Rio de Janeiro em outros momentos da história ou de estátuas de pessoas que já faleceram.

Vale ressaltar que, esses dois aspectos apresentam diferenças em suas construções, isto é, efeitos inversos nos indivíduos. O substancialmente ausente proporciona a substituição de algo que está ausente, mas que pode voltar a estar presente, suavizando a saudade. No caso do aspecto substancialmente ausente, a imagem faz com que o indivíduo sinta nostalgia de um passado, que não voltará mais.

De acordo com o autor, além desses dois aspectos, podemos identificar um terceiro aspecto referente ao que está absolutamente ausente. Este aspecto refere-se a algo que nunca estará presente, ou seja, aos seres sobrenaturais, deuses e ao próprio Deus. Neste caso, podemos encontrar exemplos em várias religiões da história da humanidade, como no cristianismo, em que temos a presença das imagens dos santos católicos. Essas imagens podem elevar os devotos a outro mundo através da fé e da contemplação, havendo assim, uma gradação nas ausências expostas em cada aspecto.

“Em primeiro grau, a imagem pode representar – quer dizer, tornar presente -, a qualquer momento, o ausente ocasional, mas que poderia estar presente; em um segundo grau, a imagem pode representar o ausente definitivo, aquele que pode não estar presente, mas esteve; em terceiro grau, a imagem tem o poder (ou a pretensão) de representar aquele que não pode absolutamente estar presente.” (WOLFF, 2005, p.31).

Nesse sentido, podemos compreender que as imagens são criadoras de ilusões, e têm o poder de representar o que está ausente. Nasce desta relação com o passado e com a morte, a necessidade das imagens no imaginário dos indivíduos, pois é através delas que eles podem retomar o que já foram um dia e não poderão ser mais no futuro.

A partir desta ilusão, o autor expõe algumas observações acerca de uma possível confusão entre as imagens que representam a coisa com as imagens feitas pela coisa, especificamente no terceiro aspecto apresentado no parágrafo anterior. Neste ponto, os homens confundiriam as imagens com a realidade, instituindo assim, uma ilusão imaginária. É o momento em que a representação se torna conflituosa e observamos a consagração das imagens.

Nesta consagração de imagens, sobretudo no cristianismo, acontece uma mudança de estatuto e o momento em que o homem retrata as imagens de Deuses, se transforma na

manifestação desses Deuses em imagens perante os homens. A imagem se torna um objeto cheio de vida emanando diretamente daquilo que representa. Dessa forma, não teríamos uma imagem que represente este Deus, mas sim o próprio Deus se apresentando em forma de imagem, no momento em que esta imagem é finalizada pelo artesão.

Apesar deste exemplo voltado a imagens religiosas, qualquer imagem pode gerar esta ilusão imaginária, desde as mais sagradas, até as mais banais. Esta ilusão age na imagem para, deste modo, agir sobre a pessoa, na forma de um ritual mágico. Assim, a ilusão imaginária atribui à realidade o poder de representação, presente nas imagens.

“A ilusão imaginária consiste em crer que a realidade tem o poder de sua própria representação, em atribuir à realidade ausente representada pela imagem o poder de se apresentar ela mesma em imagem. É com ela, veremos adiante, que nossa modernidade reatou. (WOLFF, 2005, p.38).

Seguindo seus estudos, Wolff (2005) discute dois traços importantes para compreender esta ilusão imaginária: as imagens transparentes e opacas. As imagens transparentes seriam aquelas que geram esta ilusão, pois elas não aparecem ao fazer presente àquilo que está ausente, confundindo, assim, aquele que se depara com esta imagem. Os indivíduos ao olhar não enxergam mais a imagem, mas sim a coisa representada. Essa perspectiva contemporânea estabelece um diálogo com as formas arcaicas de ilusão citadas nos parágrafos acima: através da mágica e da religião.

Com o nascimento da arte, as imagens transparentes, até então, começaram a se tornar cada vez mais opacas. Elas não perderam sua transparência, entretanto, adquiriram ao longo do tempo ainda mais opacidade. As imagens opacas seriam aquelas que mostram além do objeto que representam. Neste sentido, elas se mostram como a figura que representa algo, e não a figura representada em si. “Uma imagem é opaca se não apenas representa alguma coisa, mas se representa a si mesma como imagem, quer dizer, como representante (...)” (WOLFF, 2005, p. 39)

Por meio da arte, podemos observar o valor artístico das imagens, quando, ao nos depararmos com elas, notamos a presença de seu autor. Assim, julgamos os traços e estilos do próprio artista, e o valor do objeto que representa algo. Nesta observação, a imagem se encontra de maneira opaca, como foi explicado no parágrafo anterior.

Com o advento da modernidade, as imagens sagradas e transparentes se tornaram opacas não só com a arte, como com outros mecanismos divididos em três fenômenos de opacidade, pelo autor. No primeiro fenômeno, podemos entender que as imagens sagradas se

humanizaram, isto é, com a criação do cinema, tivemos as primeiras encenações da paixão de Cristo, por exemplo. Dessa forma, temos a propagação do teatro e do cinema e a humanização de imagens sagradas, dando opacidade a estas imagens.

Além dessa humanização, o autor trabalha com outro fenômeno referente à opacidade das imagens sagradas. Esse fenômeno seria a presença da marca do autor nas obras, com seu valor artístico, como foi citado anteriormente. Em todas as obras, há traços, estilos e formas únicas, determinando o artista na história da arte. Assim como o valor artístico, os modos de representação também se apresentam como fenômeno de opacidade das imagens sagradas. Nesse sentido, o modo de representação se modifica partindo do olhar do agente homem sobre a imagem e não o contrário.

Dessa maneira, a imagem do representado pode gerar emoções no indivíduo, assim como a própria imagem e seu modo de representação, seu valor artístico. Portanto, a obra de arte pode tocar o indivíduo de dupla maneira: na obra e pela obra.

A partir da modernidade, as imagens e obras de arte se desvencilharam. Esta separação aconteceu devido à reprodutibilidade técnica das obras de arte. A reprodutibilidade e o nascimento da fotografia causaram dois problemas para os artistas: a dúvida sobre o real valor das imagens e o desaparecimento do mercado de pequenas imagens como: o retrato pessoal e a pequena pintura, que ficariam a cargo dos fotógrafos e dos pintores de paisagens.

Além desses dois fenômenos, o autor expõe a visão de alguns autores que caracterizam o terceiro fenômeno, que seria o nascimento da abstração. Segundo alguns autores como Kandinsky, Mondrian e Malevitch, a verdadeira arte deveria deixar de ser representativa, instaurando a crise da representação. Com isso, a produção de imagens ficou por conta da técnica automática em diversos mecanismos midiáticos como: cinema, televisão, fotografia, e não mais pela arte, pela criatividade.

“Pela primeira vez no processo de reprodução da imagem, a mão foi liberada das responsabilidades artísticas mais importantes, que agora cabiam unicamente ao olho. Como o olho apreende mais depressa do que a mão desenha, o processo de reprodução das imagens experimentou tal aceleração que começou a situar-se no mesmo nível que a palavra oral. (BENJAMIN, 1987, p.167).

Por meio dessa reprodução técnica, a produção de imagens aumentou consideravelmente, em diversos meios de propagação como: fotografia, cinema, televisão, imagens digitais, entre outras. Nesse sentido, atualmente, as imagens são produzidas e propagadas em grande escala pela televisão, criando, assim, uma nova ilusão: a idéia de que todos os telespectadores têm acesso a todas as culturas do mundo e a realidade deste mundo.

Assim, com esta nova ilusão presente na produção de imagens na televisão, a idéia de transparência é retomada. Pensar desta maneira é observar as imagens de modo transparente, não percebendo o seu poder de representar. Desta forma, os indivíduos não percebem este poder e naturalizam as imagens como se elas não fossem fabricadas e como se fossem um simples reflexo da realidade. “O mais perigoso poder da imagem é fazer crer que ela não é uma imagem, fazer-se esquecer como imagem.” (WOLFF, 2005, pg. 43)

Este é o perigo do poder das imagens transmitidas pelas emissoras de TV em tempo real, ao vivo. A idéia de que elas são um reflexo da realidade e não são representações de uma realidade. Não percebendo, assim, que “há homens que criam as imagens, por inteiro, um homem escolhe o enquadramento, suas cores, seleciona o que vai mostrar e o que vai esconder.” (WOLFF, 2005, pg. 44)

3.4 Caracterização do gênero notícia de telejornal

3.4.1 Introdução

Neste subitem, propomos uma sistematização dos aspectos fundamentais do gênero do discurso notícia de telejornal, considerando os referenciais teóricos abordados nos subitens anteriores. Por meio dos conceitos apresentados, pretendemos realizar uma caracterização deste gênero, privilegiando os critérios operacionais expostos pelo analista do discurso Dominique Maingueneau (2011).

Esse autor mantém em sua perspectiva de gêneros do discurso, aspectos como a visão dialógica da linguagem e a atitude responsiva ativa, propostas anteriormente, por Mikhail Bakhtin (2003). Todavia, Maingueneau (2011) acrescenta a esses estudos um caráter situacional e institucional a noção de gêneros do discurso.

Uma análise pautada na sistematização dos aspectos do gênero do discurso é importante, pois essa perspectiva de linguagem é atrelada ao contexto enunciativo. Através dessa perspectiva, poderemos analisar tanto aspectos textuais, quanto o seu contexto enunciativo, além de uma visão dialógica da linguagem, que pressupõe um interlocutor ativo. Essa visão difere de outras perspectivas, que colocam o interlocutor como um ser que recebe os enunciados de maneira passiva, dentro de uma interação verbal.

3.4.2 O gênero notícia de telejornal

Ao longo dos estudos de Maingueneau (2011) sobre os gêneros do discurso produzidos no campo da comunicação, o autor estabeleceu critérios operacionais, que procuram constituir mecanismos para que esses gêneros sejam bem-sucedidos. Estes critérios são: finalidade, estatuto dos enunciadores legítimos, coordenadas de tempo e espaço, organização textual e mídiun.

Assim, podemos observar que a finalidade de uma notícia jornalística veiculada pela televisão é de construir e divulgar aos telespectadores os fatos que se sucederam ao longo do dia, procurando deixá-los informados dos principais acontecimentos do mundo. Segundo os princípios editoriais das Organizações Globo, as notícias devem ser apresentadas de maneira isenta, imparcial e ouvir todos os lados e versões do evento que foi noticiado, dando voz a todos os envolvidos nos eventos discursivos apresentados.

“Nas definições contidas no Dicionário de Comunicação, notícia é o “relato de fatos ou acontecimentos atuais, de interesse e importância para a comunidade e capaz de ser compreendida pelo público”. (SQUIRRA, 2004, p.47).

Com isso, através de uma perspectiva dialógica da linguagem, o telejornal pode produzir sentidos através de suas notícias e de sua configuração estrutural e institucional. O principal sentido que identificamos ao longo do levantamento de materiais citado no item anterior, foi o de credibilidade.

Para analisarmos esse sentido, necessitamos retomar um conteúdo prévio referente ao JN e a rede Globo de televisão. Ao longo da história da emissora e desse telejornal, foi construído um etos discursivo e um valor institucional que a diferencia das demais emissoras do país: o chamado ‘padrão Globo de qualidade’.

Esse modelo foi criado nos anos sessenta e expandido pela emissora ao longo dos anos, estabelecendo assim, uma imagem de modelo consolidado e almejado pelas emissoras concorrentes, construindo a imagem de credibilidade⁷ da emissora. Por meio desta noção de

⁷ De acordo com princípios editoriais das organizações globo presentes em seu *site* na *internet*, o jornalista deve seguir determinados atributos para que o jornalismo produza conhecimento e apresente uma informação de qualidade a seus telespectadores. Esses atributos são: isenção, correção e agilidade. Além desses atributos, as organizações globo se intitulam laicas, apartidárias, independentes de qualquer governo e repudiam todas as formas de preconceito.

credibilidade e do caráter institucional do JN, a Rede Globo de Televisão tem se consolidado na liderança da audiência no horário do telejornal.

Ao refletirmos sobre os princípios editoriais das Organizações Globo, no que diz respeito à construção e divulgação das notícias, percebemos que este editorial relata que na apuração, edição e publicação das notícias, “os diversos ângulos que cercam os acontecimentos que ela busca retratar ou analisar devem ser abordados.” Um princípio constantemente verbalizado por seus âncoras em vários momentos da transmissão do telejornal, sobretudo nos dois meses abordados nesta dissertação. Além desse princípio, a emissora ganha uma isenção fiscal anual de 600 milhões.

Nesse sentido, percebemos esse posicionamento discursivo da emissora, ao observarmos o critério estatuto dos enunciadores presente na noção de gênero do discurso proposta por Maingueneau (2011). Este critério seria o papel que cada enunciador assume em uma interação, na visão dialógica da linguagem. Portanto, através desse estatuto, podemos compreender que âncoras e repórteres têm o direito de transmitir as notícias aos telespectadores.

Dessa forma, essa credibilidade é pré-determinada pelo discurso institucional da emissora, que estabelece através de sua construção discursiva o sentido de que seus enunciadores jornalistas (âncoras) apresentam credibilidade para exercer este papel no maior telejornal da emissora. Logo, a todo momento a emissora busca por essa credibilidade, como podemos observar no material do dia dezessete de junho de 2013, presente no levantamento de materiais (Anexo A) desta pesquisa.

Segundo a âncora do JN, “A TV Globo vem fazendo reportagens sobre as manifestações desde o seu início e sem nada a esconder. Os excessos da polícia, as reivindicações do movimento passe livre, o caráter pacífico dos protestos e quando houve depredações e destruições de ônibus. É nossa obrigação e dela nós não nos afastaremos. O direito de protestar e se manifestar pacificamente é um direito dos cidadãos.” (Notícia veiculada no 17 dia de junho de 2013 – Nº 20 do levantamento de materiais desta dissertação – Anexo A)

Como podemos observar com os questionamentos e as críticas da população as abordagens e ao monopólio dos grandes veículos de comunicação, a emissora buscou através desse pronunciamento, fortalecer o etos de credibilidade e isenção, aspectos destacados em seus princípios editoriais e que foram questionados pela população, no contexto das manifestações populares de 2013.

Assim como a finalidade e o estatuto legítimo, temos outros aspectos importantes na caracterização deste gênero: as coordenadas de tempo e espaço presentes nestas notícias. Ao

refletirmos sobre as coordenadas de tempo, notamos que esse telejornal tem um período fixo, especificamente entre duas telenovelas da emissora, de segunda a sábado. Desse modo, o telejornal apresenta aspectos temporais como: pontualidade, periodicidade diária, com exceção dos domingos. Para isso, o tempo do telejornal é gerido pelo tempo de cada notícia, no encadeamento de editoriais como: esportes, cultura, crimes, trânsito, tempo, política, economia, entre outros.

Ao observarmos a configuração do JN, percebemos que o telejornal é apresentado por um casal de enunciadores jornalistas, algo comum nas principais emissoras do país, e em outros telejornais da Rede Globo de Televisão. O casal se apresenta em trajes formais, sentados atrás de uma bancada, com o auxílio de um computador sobre essa bancada.

Além desse primeiro plano representado pela bancada, com a apresentação das notícias, temos a presença de um segundo plano, na parte de trás do cenário, atrás dos enunciadores jornalistas, com uma encenação de pessoas aparentemente trabalhando, algo semelhante ao ambiente de uma redação jornalística. Na redação, as notícias são organizadas e editadas e os jornalistas trabalham para montar a ordem das notícias a serem divulgadas aos telespectadores, cada uma em sua editoria. Como podemos perceber, o telespectador tem a simultaneidade dos dois planos, se aproximando virtualmente do ambiente de produção e apresentação das notícias.

A partir dessa aproximação, percebemos que há uma hierarquia entre os dois planos. Essa configuração do estúdio também visa estabelecer sentidos de credibilidade, autenticidade e imparcialidade na relação com o telespectador e se inspirou nos principais telejornais norte-americanos, que já exerciam essa composição de estúdio.

No início de cada edição, os enunciadores jornalistas responsáveis pela apresentação do telejornal, iniciam com um cordial ‘boa noite’ e comentam as principais manchetes de maneira alternada, convidando o telespectador através de seu discurso a acompanhar e se informar sobre os principais fatos que aconteceram no mundo, segundo a ótica do JN. Ao longo da apresentação do telejornal, os enunciadores jornalistas responsáveis pela apresentação convocam outros enunciadores para construir sentido através das notícias. Esses enunciadores são: os repórteres e o enunciador responsável por divulgar informações acerca do tempo em todas as regiões do país.

Além dos âncoras e repórteres, observamos a presença de outros integrantes que participam na elaboração do telejornal, mas não exercem o papel de exposição perante as câmeras. Esses integrantes são os redatores, revisores de texto, cinegrafistas, entre outros

profissionais, tanto da área da comunicação, como de áreas afins, que trabalham por trás das câmeras na construção e elaboração diária do telejornal.

Ao analisarmos a notícia em si, percebemos que a matéria pode ser divulgada ao vivo, portanto ao mesmo tempo em que o telejornal está no ar, com as externas dos repórteres ou gravada em determinado momento do dia. Com esse recurso, a televisão tem uma coordenada diferente de outros meios de comunicação de massa como o jornal impresso, que é o imediatismo. Desse modo, a qualquer momento da programação, as equipes de jornalismo das emissoras de TV podem divulgar um plantão, com novas informações e notícias sobre qualquer evento no mundo, algo inviável de acontecer no jornal impresso, por exemplo.

De acordo com as coordenadas de espaço, podemos observar que o JN apresenta os estúdios de TV, cuja cor predominante é o azul. Além da bancada, outros recursos no universo do estúdio onde é organizado e elaborado diariamente, o principal telejornal da emissora, são importantes para compreender como é construído esse gênero. Ao analisarmos esses aspectos, temos a presença de diversos recursos como o jogo de câmeras, a iluminação e o videotape que auxilia os âncoras em caso de qualquer eventualidade.

Em eventos especiais, notamos que pode haver um deslocamento dos âncoras para outros espaços, como nas eleições e na Copa do Mundo. Nesses eventos, um dos enunciadores jornalistas responsáveis pela apresentação do telejornal se desloca para outro ambiente, porém apesar da mudança geográfica de um dos âncoras, a alternância de vozes com o outro enunciador jornalista responsável pela apresentação do telejornal se mantém.

Ao contrário de outros produtos do campo da comunicação, transmitidos pelas emissoras de TV, o JN é voltado para o âmbito nacional. Ao observarmos outros telejornais da emissora, constatamos diferenças quanto ao público alvo. O público alvo do JN difere de outros telejornais, como o RJ-TV, que é voltado apenas para o estado do Rio de Janeiro.

O espaço instituído pela notícia se constrói no deslocamento entre o estúdio e as tomadas externas. Se assumirmos que se trata de um jornal pretensamente nacional, o espaço do estúdio parece figurar como um lugar “neutro”, ou seja, sem circunscrição geográfica, do qual se observa todo o território nacional. Neste local neutro instituído ideologicamente, é produzido um falar característico que visa atender a todos os falares da nação brasileira.

Dessa forma, este falar neutro atenderia a todas as variações linguísticas e falares do vasto território brasileiro, construindo assim, ideologicamente, um local onde se produz o falar da nação. Assim, podemos observar a idéia de nação presente no JN, algo construído ideologicamente e historicamente ao longo dos anos em que este telejornal se instituiu na liderança da audiência do gênero.

“Não podemos dizer que o sotaque do JN seja neutro, ou que não exista sotaque. O sotaque que foi definido como padrão pelo telejornalismo da Rede Globo possui marcas, assim como qualquer outro. No entanto, convencionou-se a não perceber tal sotaque ou considerá-lo inexistente por fatores extralinguísticos, como históricos, sociais, políticos e ideológicos”. (MENDES, 2006, p.22-23).

Em relação à organização textual, o texto divulgado na notícia é organizado como qualquer reportagem apresentada no telejornalismo brasileiro, fazendo referência a diversas vozes e retomando diversos momentos temporais dos casos noticiados. Como observamos na citação acima, os repórteres utilizam a norma culta da linguagem, dando credibilidade e autenticidade a este gênero. Apesar da formalidade que o discurso jornalístico estabelece, o telejornal apresenta uma linguagem híbrida, que transita entre a formalidade e a norma coloquial. “A linguagem do telejornalismo é, portanto, híbrida, pois pretende ser coloquial como a fala, mas precisa e clara como a escrita.” (MENDES, 2006, p. 20)

Por meio dessa configuração também temos a presença dos entrevistados e das vozes dos especialistas, que apresentam credibilidade pra assumir o papel de entrevistados sobre determinado assunto. Um exemplo é a entrevista que vários sociólogos concederam aos telejornais do país, ao longo desses dois meses de manifestações, tentando explicar as reais causas para que a população fosse às ruas protestar e as possíveis consequências desses eventos.

Além dos especialistas, temos a presença em determinados momentos de membros da sociedade em geral, selecionados por membros da instituição para conceder entrevista sobre determinado assunto. Ao observarmos os materiais presentes no levantamento (Anexo A) realizado nesta dissertação, percebemos que em algumas notícias, manifestantes foram entrevistados e tiveram suas vozes ouvidas pelo enunciator repórter.

Seguindo os estudos sobre textos de comunicação, Maingueneau (2011) propôs a noção de mídiium. Essa noção é referente ao aparato midiático em que os diversos gêneros podem ser veiculados no campo da comunicação. Ao analisarmos o gênero notícia divulgado em um telejornal, podemos compreender que uma das marcas deste gênero é o imediatismo.

Além desse imediatismo, podemos identificar outros aspectos desse gênero como: a entonação utilizada pelos jornalistas, às expressões faciais, as idas e vindas das câmeras, o deslocamento entre as tomadas externas ao vivo e reportagens gravadas, assim como o diálogo entre diversos enunciados anteriores, a antecipação de outros enunciados futuros e o embate entre várias vozes por trás das notícias divulgadas.

Seguindo os postulados de Wolff (2005), as imagens da televisão apresentam um perigoso paradoxo. Nesse sentido, elas podem suscitar uma ilusão imaginária exposta pelo

autor em sua obra. Essa ilusão pode ser observada nesta matéria jornalística, pois divulga apenas uma perspectiva da manifestação. Excluindo, assim, diversas outras perspectivas e pontos de vista acerca da manifestação noticiada.

4 OS SENTIDOS DAS MANIFESTAÇÕES DE ACORDO COM AS MODALIDADES DA LINGUAGEM

4.1 Introdução

Neste capítulo, realizaremos a análise dos dois materiais presentes no *corpus* desta pesquisa, com o objetivo de explicitar os embates entre as abordagens das manifestações de 2013 por parte da grande imprensa brasileira e das novas mídias alternativas, assim como evidenciar os possíveis sentidos atribuídos a esses eventos de acordo com uma análise que pretende investir no verbal e no não verbal.

Primeiramente, realizamos um estudo apurado das transcrições dos vídeos aqui analisados, e identificamos os melhores caminhos para uma entrada linguística da parte verbal desses materiais. Dessa forma, a partir da semântica global, seguimos a sugestão de Rocha (2014), com a análise dos performativos, visto que nos materiais presentes no *corpus* desta pesquisa podemos identificar que a linguagem pode ser compreendida como uma ação sobre o mundo, e que os eventos apresentados pelo JN não são empíricos, mas sim ações realizadas pela própria linguagem.

Para uma análise da parte verbal desses materiais, elaboramos uma transcrição pautada na divisão do texto a partir de blocos temporais, ou seja, de acordo com as mudanças do tempo e a progressão dos fatos da narrativa. Assim, a partir desses blocos, seguimos a sugestão de Rocha (2014), explicitada no parágrafo anterior, e construímos enunciados performativos, voltados a refletir a linguagem como forma de ação e compreender as ações desses eventos sendo construídas a partir da natureza verbal da notícia.

A partir da construção desses enunciados, também poderemos abordar os pressupostos, visando evidenciar as oposições entre as designações dos participantes da manifestação veiculada. Nesse sentido, também identificaremos as informações implícitas desses enunciados, assim como as designações mais recorrentes e os sentidos suscitados a partir delas.

Com o aprofundamento desse estudo, também poderemos identificar que os conectivos causais e concessivos são importantes na produção dos sentidos das manifestações apresentadas no telejornal. Por meio desses conectivos compreendemos os modos de coesão e

enunciação, presentes na semântica global, além dos possíveis sentidos que eles podem suscitar na análise da parte verbal das notícias.

Além da parte verbal da notícia, também discutiremos os sentidos que podem ser suscitados a partir das imagens e das vozes presentes nesses materiais. Sendo assim, a análise da parte não verbal será pautada na semântica global e nos seus planos constitutivos. Em relação às vozes presentes nessas duas notícias, procuraremos observar os sentidos atribuídos às cenas apresentadas, evidenciando qual participante é mais exposto, quais as vozes mais presentes e se há uma correspondência com o que veremos na parte verbal do material, ou seja, uma relação entre o que é falado e o que é mostrado ao telespectador.

Vale ressaltar que, apesar de as análises das duas modalidades da linguagem (verbal e não verbal) serem separadas por subitens, em vários momentos dessa análise, será destacada a importância da articulação entre essas modalidades para a compreensão dos possíveis sentidos produzidos nessas notícias, veiculadas na televisão. Com efeito, abordaremos os possíveis descolamentos que imagem (não verbal) e enunciado (verbal – transcrito nos anexos dessa pesquisa) podem apresentar nesse gênero, especificamente no contexto das manifestações populares de 2013.

Com um emprego recorrente, percebemos que a grande quantidade de advérbios é essencial na construção dos sentidos em torno das manifestações veiculadas no telejornal. Essa estratégia procura constituir a notícia como uma narrativa, através de um detalhamento de tempo e espaço e de uma progressão lógica das cenas midiáticas. Com essa reflexão acerca dos advérbios, poderemos realizar um contraponto e analisar as diferenças entre as abordagens da imprensa brasileira e das novas mídias alternativas.

Primeiramente, abordaremos o conteúdo dessas notícias, procurando explicitar o momento histórico do evento selecionado para esta análise. Nesse sentido, as notícias presentes no *corpus* desta dissertação tematizam um caso de grande repercussão, veiculado nos dias 23 e 24 de julho de 2013 no Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão. Trata-se da polêmica prisão do estudante Bruno Ferreira Telles, em uma manifestação em frente ao Palácio Guanabara, sede do governo do estado do Rio de Janeiro, por ocasião da visita do Papa Francisco.

Inicialmente acusado de lançar um artefato explosivo contra policiais durante a manifestação, o estudante ficou detido por uma noite na delegacia, algo veiculado na primeira notícia aqui analisada. No dia seguinte, a divulgação nas redes sociais de vídeos produzidos pela imprensa alternativa no momento da prisão apresentou uma nova versão do caso, distinta

daquela sustentada pela acusação, comprovando que o estudante não portava qualquer tipo de explosivo no momento da prisão.

A ampla divulgação do vídeo que apresenta uma versão distinta daquela sustentada pela acusação contra o estudante proporcionou a emergência da polêmica, abrindo o cenário midiático para debater diferentes versões sobre um mesmo caso. Tal cenário de emergência de versões polêmicas pôde ganhar as telas dos noticiários de grande circulação graças ao papel exercido pelas mídias alternativas e sua ampla divulgação nas redes sociais. Dessa forma, essa nova perspectiva do caso foi apresentada na segunda notícia aqui analisada, contrapondo-se assim à visão veiculada no JN, no dia anterior.

Sendo assim, além do interesse no tipo de ocorrência citado no parágrafo anterior com o intuito de pensar o lugar da mídia na sociedade, podemos compreender que para uma perspectiva discursiva esse tipo de situação pode evidenciar o forte vínculo entre os eventos e a linguagem. Assim, muito do que se noticia como evento empírico, pode ser na verdade algo elaborado pela própria linguagem e poderemos aprofundar esse sentido através dos estudos dos performativos e da parte verbal das notícias aqui analisadas.

Cabe salientar que, além dos dois vídeos do JN presentes no *corpus* desta dissertação, utilizaremos dois vídeos do grupo mídia NINJA no último item desta análise, pois esses vídeos são essenciais para compreendermos os sentidos atribuídos através das polêmicas instauradas entre as duas mídias (grande imprensa e mídia alternativa) aqui analisadas. Além disso, nesse último item, realizaremos um contraponto entre as abordagens dessas duas mídias.

Em relação ao primeiro vídeo dessa mídia alternativa, podemos observar uma pequena entrevista do estudante Bruno Ferreira Telles, concedida ao grupo mídia NINJA, ao lado dos advogados responsáveis por defendê-lo no caso. Nessa entrevista, o estudante solicita ao grupo que procure o vídeo do momento de sua prisão, visando obter uma prova para a sua absolvição no caso. Em seguida, esse vídeo foi encontrado e amplamente divulgado nas redes sociais e compõe o segundo material desse grupo, presente no levantamento de materiais (Anexo A). Esse vídeo foi produzido, ao vivo, no momento da prisão do estudante, no dia 22 de julho de 2013.

Vale ressaltar que, ambos os vídeos elaborados por essa mídia alternativa foram citados nas duas notícias do JN. Porém, esses vídeos foram citados de maneiras diferentes em cada dia que o caso foi veiculado no telejornal e podem suscitar diversos sentidos ao caso e as manifestações em geral, algo que será analisado e aprofundado a partir do próximo subitem deste capítulo.

Após esses comentários acerca do conteúdo das notícias, analisaremos esses vídeos seguindo os aparatos teórico-metodológicos e as materialidades linguísticas elucidadas nesta introdução. Para isso, dividiremos os itens seguintes separando os dois dias em que o caso foi noticiado pelo JN. Na última parte da análise, elaboraremos um subitem realizando um contraponto entre as abordagens apresentadas pelas duas mídias aqui analisadas.

Cabe salientar que, nesta análise selecionaremos alguns trechos considerando os objetivos deste trabalho e a tensão entre as abordagens da grande imprensa brasileira e das novas mídias alternativas, investindo nas duas modalidades da linguagem: verbal e não verbal.

4.1.1 Notícia do dia 23 de julho

Ao refletirmos sobre as designações dos eventos e seus participantes, selecionamos um estudo apurado sobre os pressupostos e os performativos, visando estabelecer uma relação entre análise do discurso e pragmática. Assim, por meio dessa relação também poderemos compreender que a linguagem vai muito além de ser uma representação de mundo.

Em primeiro lugar, ao observarmos as duas notícias, percebemos que essas narrativas apresentam poucos trechos argumentativos. Durante toda a parte verbal dessas notícias, identificamos que existem muitos trechos narrativos e descritivos, porém a argumentação explicitamente aparece em poucos momentos. Desse modo, compreendemos que o intuito desse gênero pretende sustentar-se em um projeto de informar, descrevendo as circunstâncias de tempo e espaço, visando construir uma narrativa pautada em uma sequência lógica dos fatos, conforme podemos observar em sua edição, que tenta se assemelhar a uma notícia transmitida ao vivo aos telespectadores.

Portanto, com essa finalidade manifestada e a construção do modo de dizer, os trechos argumentativos não são aprofundados, não havendo uma reflexão sobre aquilo que é apresentado ao telespectador. Sendo assim, podemos identificar que é através da narração dos fatos que pressupostos vão sendo construídos e os sentidos vão sendo reformulados ao longo da progressão dos acontecimentos.

Para isso, especificamente nesse contexto enunciativo, os sentidos construídos são pautados em cenas de embates, caracterizando dois grupos distintos e em oposição. A partir dessa construção, o comportamento de ambos foi bastante discutido ao longo desses dois

meses de manifestações por todo o Brasil: manifestantes x policiais. Trata-se de cena de embate fortemente cristalizada que merece um breve comentário. Diferente do que pareceu ser objeto de mera informação pela grande imprensa, não é natural que manifestações populares encontrem no Estado, através da polícia, elemento de oposição. Nesse sentido, percebemos que, além da narrativa, o grupo de ações (performativos) traz para a cena midiática oposições diante da polêmica criada no contexto das manifestações de 2013.

A partir disso, através da observação dessas designações, construímos um quadro (Tabelas 1 ao 6) que aponta as oposições entre os manifestantes e policiais (referente às pessoas), assim como as designações da manifestação em si e do lugar (referentes à situação) em que este evento está inserido. Vale ressaltar que, esse quadro foi segmentado considerando as sequências de blocos temporais de cada notícia.

4.1.2 As alianças e oposições entre os participantes a partir de suas designações

Bloco Temporal 1: Patrícia Poeta: “A passeata até a sede do governo do estado do Rio, onde o Papa Francisco recebeu as boas vindas ontem, começou pacífica, mas terminou em confronto. A polícia militar foi criticada por ter prendido um integrante do mídia NINJA. É um grupo que transmite as manifestações pela internet.”

Performativos:

Houve uma passeata até a sede do governo do estado do Rio

O Papa Francisco recebeu as boas vindas na sede do governo do estado do Rio

A Passeata começou pacífica

A Passeata terminou em confronto

A Polícia militar foi criticada

Polícia militar prende integrante do mídia NINJA

Pessoas integram o grupo mídia NINJA

Mídia NINJA transmite as manifestações pela internet

Por meio deste primeiro bloco temporal, percebemos logo no primeiro performativo que há uma impessoalidade através de uma nominalização (Passeata). Com esta nominalização, podemos compreender que as designações das pessoas que participam dessa

manifestação são ocultadas, podendo suscitar sentidos de distanciamento e apagamento da ação de realizar uma passeata. Ao construirmos os enunciados performativos, esta impessoalidade persiste através do verbo haver: “Houve uma passeata até a sede do governo do estado do Rio”.

Desse modo, com esse verbo impessoal os agentes que participaram desse evento não podem ser identificados através da leitura do texto. Assim, constrói-se o efeito de distanciamento do enunciador, que parece constatar um evento apenas, sem se mostrar apresentando uma qualificação para ele.

Além destes exemplos, esta oposição entre manifestantes e policiais através das designações também pode ser observada no quadro do primeiro bloco temporal, em que o integrante do grupo mídia NINJA é colocado ao lado dos manifestantes e do outro lado temos a presença da polícia militar.

Tabela 1 – Designações referentes à pessoas do 1º bloco temporal

Designações dos Manifestantes		Designações dos Policiais
Integrante do Mídia NINJA	X	Polícia Militar

Em seguida, ao observarmos as designações referentes à manifestação presentes neste bloco temporal, percebemos que há uma diferenciação clara entre o comportamento de seus participantes. Essa transição temporal será marcada ao longo dessa notícia e é evidenciada já na introdução da enunciativa jornalista através do seguinte enunciado: “Começou pacífica (Manifestação), mas terminou em confronto.”

Tabela 2 – Designações referentes à situação do 1º bloco temporal

Manifestação	Lugar
Pacífica	Sede do governo do estado do Rio
Em confronto	

Portanto, através deste pressuposto, podemos destacar que a manifestação começou pacífica, porém não terminou da mesma maneira, algo que se confirma no próximo enunciado performativo: “A Passeata terminou em confronto”. Com isso, apresentam-se duas qualidades distintas de movimentos populares, binarizados em “pacíficos” e “tumultuados”. Estas evidências podem suscitar sentidos negativos à manifestação, pois já expõe na introdução a

perspectiva que o telejornal irá abordar durante grande parte da notícia: os confrontos entre dois grupos distintos.

Bloco Temporal 2: “Por volta das cinco da tarde, os manifestantes começaram a se reunir na praça do largo do Machado. O bairro é vizinho a Laranjeiras, onde fica o palácio Guanabara, sede do governo do estado. Era uma manifestação pacífica que durou duas horas e quarenta e cinco minutos. Entre a cerca de trezentas pessoas, com faixas e cartazes, havia integrantes de partidos políticos e de movimentos de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais. O grupo ocupou as escadarias de uma igreja, onde peregrinos cantavam músicas católicas e promoveu um beijo contra a homofobia.”

Performativos:

Manifestantes se reúnem em praça

Pessoas se manifestam pacificamente

Pessoas levam faixas e cartazes

Algumas pessoas integram partidos políticos

Algumas pessoas integram o movimento de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais

O grupo ocupa as escadarias de uma igreja

Peregrinos cantam músicas católicas

O grupo se beija contra a homofobia

No segundo bloco temporal desta notícia, podemos compreender que nesta construção narrativa existem trechos extremamente descritivos. No entanto, neste momento da notícia, a descrição é apenas de um grupo, especificamente dos manifestantes. As designações referentes aos manifestantes de determinado grupo social (LGBT) deixa implícito que nem sempre há integrantes desses movimentos nas manifestações, sugerindo certo destaque, como grupos à parte, ou ainda minorias frente a maiorias que, por extensão, não seriam LGBT.

Nesse sentido, não temos a designação das pessoas que não integram este grupo social ou algum partido político. Assim, não temos a delimitação nesse bloco temporal das pessoas que não integram esses movimentos, não informando ao telespectador quem são as diversas pessoas que estavam nas ruas, mas não integram estes grupos informados a partir da parte verbal do texto. Assim, novamente podemos destacar a impessoalidade, que oculta os responsáveis por determinados atos construídos através da natureza verbal dos enunciados.

Além disso, podemos identificar os possíveis sentidos de uma transição entre manifestação pacífica para um confronto entre grupos, através do enunciado performativo: “Era uma manifestação pacífica que durou duas horas e quarenta e cinco minutos.” Dessa forma, novamente a transição de uma manifestação pacífica para o confronto é exposta através dos pressupostos. Este pressuposto pode ser evidenciado através verbo ser no pretérito imperfeito “era”.

Com isso, no enunciado performativo “Pessoas se manifestam pacificamente” temos a presença de um pressuposto, que retrata uma informação de maneira implícita: nem sempre as manifestações são pacíficas, através do destaque do vocábulo “pacificamente”. Este pressuposto pode suscitar sentidos negativos à manifestação, pois pressupõe que as manifestações podem não ser pacíficas, ou seja, violentas e com confrontos.

Desse modo, esse enfoque nos possíveis sentidos das motivações e do ato de protestar pacificamente é retratado apenas nos dois primeiros blocos temporais dessa notícia. De acordo com o que podemos observar na modalidade verbal da língua, a partir do quarto bloco, a notícia é pautada de maneira explícita nos confrontos entre as oposições citadas nos primeiros blocos: manifestantes x policiais, com diversas designações que estão expostas no quadro presente nos anexos deste trabalho.

Seguindo essa lógica, podemos explicitar a não existência de confrontos nos primeiros blocos temporais, ilustrando a análise com a parte do quadro de designações (Tabela 1 a 6). A parte destacada é do segundo bloco temporal em que há um vazio nas designações dos policiais e apenas alguns membros de grupos sociais, religiosos e políticos são apresentados nas designações dos manifestantes.

Tabela 1 – Designações referentes à pessoas do 2º bloco temporal

Designações dos Manifestantes		Designações dos Policiais
Manifestantes	X	(Vazio)
Integrantes de partidos políticos		
+ Integrantes de movimentos de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais	X	(Vazio)
Grupo	X	(Vazio)

Bloco Temporal 3: “Pouco depois das seis da tarde, os manifestantes saíram em caminhada em direção ao palácio Guanabara, onde autoridades davam as boas vindas ao Papa Francisco. No caminho, mais pessoas se juntaram a passeata, que chegou a reunir mil e quinhentos participantes, segundo a polícia militar.

Performativos:

Os manifestantes saíram em caminhada em direção ao palácio Guanabara

Autoridades davam boas-vindas ao Papa

Mais pessoas se juntaram a passeata

Mil e quinhentos participantes se juntaram a passeata

No terceiro bloco temporal, podemos identificar diversas transformações incorporais nas designações do grupo responsável por organizar e ir às ruas protestar, a partir dos acontecimentos e das ações presentes neste bloco. Essas transformações nas designações seguiram a sequência: “manifestantes”, “pessoas” e “participantes”. Com isso, essas mudanças podem suscitar sentidos de imprecisão quanto aos reais participantes dessas manifestações e suas motivações.

Portanto, na parte verbal dessa notícia, especificamente neste bloco temporal, temos constantes transformações incorporais através das designações dos manifestantes e da modulação dos signos na mídia. Essas transformações ocultam diversos segmentos da sociedade que também participaram das manifestações, assim como as motivações e demandas sociais responsáveis pela construção e disseminação desses protestos por todo o país.

Dessa forma, podemos identificar um descolamento do que é apresentado na parte textual em relação às imagens desse suporte midiático, pois apenas com a modalidade não verbal da língua, poderemos identificar diversos outros segmentos da sociedade, que não são apresentados ou enunciados na parte verbal dessa notícia.

Para ilustrar essas transformações incorporais por parte das designações dos manifestantes, podemos elucidar essa análise com o quadro de designações do terceiro bloco temporal. Com efeito, podemos observar que não há, assim como nos dois primeiros blocos, um confronto direto entre os dois grupos: manifestantes x policiais.

O que podemos notar na última designação de ambos os grupos, é um discurso relatado da polícia militar informando o número de participantes da manifestação e não um confronto

entre eles: “No caminho, mais pessoas se juntaram a passeata, que chegou a reunir mil e quinhentos participantes, segundo a polícia militar”

Tabela 1 – Designações referentes à pessoas do 3º bloco temporal

Designações dos Manifestantes		Designações dos Policiais
Manifestantes	X	(Vazio)
Mais pessoas	X	(Vazio)
Participantes	X	Polícia Militar

Bloco Temporal 4: “Em frente ao bloqueio montado pela PM, a cerca de duzentos metros da sede do governo, manifestantes queimaram um boneco que representava o governador Sérgio Cabral. O grupo permaneceu no local sem que houvesse confronto, por cerca de meia hora, até a chegada de pessoas mascaradas e vestidas de preto. Houve gritos contra a PM.

Performativos:

Manifestantes queimaram um boneco

Um boneco representava o governador Sérgio Cabral.

Não houve confronto na manifestação

Pessoas mascaradas e vestidas de preto chegaram à manifestação

Houve confronto com a chegada de pessoas mascaradas e vestidas de preto

(Agente não identificado) entre em confronto

Houve gritos contra a PM

(Agente não identificado) grita com a PM

Nos performativos exemplificados acima, referentes ao quarto bloco temporal, podemos observar um pressuposto que pode suscitar sentidos extremamente negativos às manifestações populares. Este pressuposto está presente no enunciado: “Não houve confronto na manifestação”, e deixa implícito que em toda manifestação popular talvez haja confronto. A informação implícita é construída através do verbo haver, ou seja, dessa vez não houve confrontos, apesar de serem recorrentes em manifestações. Nesse sentido, percebemos que através de uma negação podem haver diversos argumentos implícitos, através do pressuposto destacado acima. Note-se que apenas quando se inicia a cena de confronto é que designações relativas à presença da polícia militar passam a ocorrer.

Por meio desses pressupostos, a construção desse enunciado pode suscitar sentidos extremamente negativos às manifestações de maneira geral. Com isso, o ato de se manifestar pode ser atrelado e caracterizado como agressivo, em que sempre haverá confronto, baderna e caos urbano. Esses sentidos são extremamente negativos e podem afastar o cidadão de atos públicos como os ocorridos no contexto do *corpus* desta pesquisa.

Além desse pressuposto, podemos observar através do quadro de designações dos dois grupos o destaque de três oposições. Além disso, podemos observar que ao contrário dos três primeiros blocos, temos a transição de uma manifestação pacífica para confrontos entre manifestantes e policiais. Dessa forma, há uma tendência a evidenciar um equilíbrio entre ambas as partes.

Tabela 1 – Designações referentes à pessoas do 4º bloco temporal

Designações dos Manifestantes		Designações dos Policiais
Manifestantes	X	Bloqueio montado pela PM
Grupo	X	(Vazio)
Pessoas mascaradas e vestidas de preto	X	PM

Logo, através dessa última oposição, podemos compreender que existe o esvaziamento de um dos lados no seguinte enunciado performativo: “Houve gritos contra a PM”. Desse modo, o enunciado pode sugerir e reforçar o sentido de que a polícia militar não reagiu aos gritos dessas pessoas, ou ainda que teria sido provocada primeiro, podendo ser apenas vítima dentro da situação de comunicação e evidenciando novamente a possibilidade de suscitar sentidos negativos, pois não há um contexto anterior na parte verbal que justifique a atitude das pessoas.

Ainda sobre esse enunciado, podemos notar que não há uma relação semântica evidente com o enunciado anterior: “O grupo permaneceu no local sem que houvesse confronto, por cerca de meia hora, até a chegada de pessoas mascaradas e vestidas de preto”. Com isso, através da impessoalidade do verbo haver, não há como identificar os responsáveis pelos gritos contra a corporação, ao observarmos apenas a parte verbal da notícia.

Cabe salientar que, por meio dessa oposição, podemos perceber que os mascarados são designações referentes aos manifestantes, em oposição à polícia militar. O uso de máscaras passa a uma designação “os mascarados” que os torna diferentes das demais pessoas que

participavam da manifestação. O elemento “até” também sugere uma mudança na sequência dos eventos, indicando que a partir de então pode ser que houvesse confronto. Essa sugestão ainda avança em outro aspecto: se eles não tivessem chegado, talvez não houvesse confronto.

Além disso, podemos observar duas ações distintas que são unidas por uma relação causal nos seguintes enunciados performativos: “Houve confronto com a chegada de pessoas mascaradas e vestidas de preto”. Nesse sentido, o JN coloca como a chegada de pessoas máscaras de vestidas de preto como causa direta para a transição de uma manifestação pacífica (nos primeiros três blocos temporais) para o início dos confrontos (do quarto bloco temporal em diante).

Bloco Temporal 5: “Depois que o papa Francisco deixou o palácio Guanabara, as grades que bloqueavam a rua foram derrubadas. Não é possível identificar por quem. Começou uma batalha. De um lado, pedras. Do outro, balas de borracha. Os mascarados lançaram coquetéis molotov contra os policiais. Um PM foi atingido pelo fogo e se jogou no chão na tentativa de apagar as chamas.

Performativos:

O Papa deixou o Palácio Guanabara

(Agente não identificado) Bloqueia as ruas

(Agente não identificado) derruba grades

(Agente não identificado) Começa uma batalha

Os mascarados lançaram coquetéis molotov contra os policiais

Um PM foi atingido pelo fogo

(Agente não identificado) atinge PM com fogo

Um PM se jogou no chão

Um PM tentou apagar as chamas

Ao analisarmos os performativos do quinto bloco temporal dessa notícia, observamos diversas ações em que o agente responsável não é identificado. Com isso, percebemos um distanciamento das ações do confronto, não responsabilizando qualquer pessoa pelos atos de bloquear as ruas, derrubar as grades e começar a batalha, quando se sabe que o bloqueio fora realizado pela PM.

Nesse sentido, o JN não deixa claro através da parte verbal dessa notícia quem iniciou os confrontos entre manifestantes e policiais e evidencia um equilíbrio entre ambas as partes.

Esse equilíbrio ao mesmo tempo em que explicita o embate, também reforça o distanciamento.

Assim, percebemos através desse bloco temporal que a parte verbal da notícia evidencia um equilíbrio entre ambas as partes, omitindo, no entanto, parte dos agentes em cena. Esse aparente equilíbrio se realiza sobretudo na primeira oposição entre os participantes dessas manifestações, que podemos ilustrar através do quadro de designações abaixo.

Tabela 1 – Designações referentes à pessoas do 5º bloco temporal

Designações dos Manifestantes		Designações dos Policiais
Pedras	X	Balas de borracha
Mascarados + Coquetéis Molotov	X	Policiais
(Vazio)	X	PM atingido

Com efeito, podemos observar que esse aparente equilíbrio não corresponde a uma evidência da cena, mas antes a uma construção cuidadosa da produção da notícia. Desse modo, esse equilíbrio é antes um efeito de sentido do que um fato exterior meramente noticiado pelo telejornal.

O mesmo efeito de equilíbrio se pretende no seguinte enunciado referente à primeira oposição: “De um lado, pedras. Do outro, balas de borracha”. Esse efeito é aqui conseguido por meio de uma estrutura paralela “de um lado... de outro”. No entanto, se se observar a oposição entre “pedras” e “balas de borracha”, percebe-se um desequilíbrio no acesso às “armas em combate”. “Pedras”, por exemplo, são conseguidas na rua e não necessariamente implicam um projeto de confronto. Já as “balas de borracha” indicam um projeto de segurança pública militarizada, previamente preparada para um confronto com civis desarmados, ou “armados” casualmente. Com esse paralelismo estrutural, suscitam-se sentidos de uma manifestação violenta, de ambas as partes, tanto dos manifestantes, quanto dos policiais, não responsabilizando qualquer lado pelo início dos confrontos.

Além desses sentidos, podemos observar nos primeiros enunciados desse bloco temporal uma relação semântica de concessão, de acordo com o modo de coesão da notícia. As orações referentes a essa relação semântica são: “Depois que o papa Francisco deixou o Palácio Guanabara, as grades que bloqueavam a rua foram derrubadas. [Embora] Não é possível identificar por quem.”

Esse conectivo pode semanticamente suscitar os seguintes sentidos às manifestações, numa relação dialógica com o telespectador: a ausência do grupo responsável por derrubar as grades de proteção, novamente evidenciando um equilíbrio no confronto.

O aparente equilíbrio entre ambos os grupos também pode ser evidenciado ao identificarmos a designação referente à manifestação: “Começou uma batalha”. Dessa forma, a “manifestação pacífica” dá lugar a uma “batalha”, vocábulo que pode suscitar sentidos extremamente negativos ao ato, trazendo não apenas o traço de violência como também a ideia de compartilhamento dessa violência por ambos os lados.

No entanto, também é possível identificar um vazio por parte das designações dos manifestantes ao se referir ao momento em que um PM foi atingido por um coquetel molotov e se jogou no chão na tentativa de apagar as chamas. Com isso, esse vazio sugere que não houve vítimas do lado dos manifestantes, mas sim apenas do lado dos policiais. A ideia que os performativos e as oposições reforçam pode suscitar os sentidos de um ato violento por parte de apenas um grupo, ou ainda de uma “batalha” que se realiza de modo desigual.

Porém, o aparente equilíbrio é novamente exposto ao nos debruçarmos numa análise sobre o sexto bloco temporal dessa notícia. Nesse bloco, a parte verbal da notícia evidencia a reação da polícia, até então oculta na voz do enunciador repórter.

Bloco Temporal 6: “A polícia reagiu com bombas de efeito moral, gás lacrimogêneo, balas de borracha e jatos d’água. Houve correria e a confusão se espalhou por outras ruas. Numa delas, os PMS encontraram uma mochila com vários coquetéis molotov.”

Performativos:

A polícia lançou com bombas de efeito moral,

A polícia lançou com gás lacrimogêneo

A polícia lançou com balas de borracha

A polícia lançou com jatos d’água.

Houve correria.

(Agente não identificado) corre

A confusão se espalhou por outras ruas

(Agente não identificado) se espalhou por outras ruas

PMS encontraram uma mochila

(Agente não identificado) guardou vários coquetéis molotov em uma mochila

Com essa reação da corporação temos a oposição entre: bombas de efeito moral, gás lacrimogêneo, balas de borracha e jatos d'água (por parte da polícia) x Correria e Confusão (por parte dos manifestantes). Essa reação evidencia novamente o equilíbrio entre ambas as partes, tanto por parte dos manifestantes, quanto dos policiais, ao tentar mostrar que ambos os lados foram agressivos em determinado momento da manifestação.

Tabela 1 – Designações referentes à pessoas do 6º bloco temporal

Designações dos Manifestantes		Designações dos Policiais
Correria + Confusão	X	Bombas de efeito moral, gás lacrimogêneo, balas de borracha e jatos d'água.
Mochila com coquetéis molotov	X	PMS

Ainda sobre esse bloco temporal, podemos identificar um vocábulo (objeto) que adquiriu uma significação extremamente negativa no contexto de situação das manifestações de 2013: um artefato explosivo, chamado coquetel molotov. Nesse bloco, a polícia encontrou uma mochila com vários explosivos. Com a análise dos performativos, recupera-se que alguém escondeu coquetéis na mochila e que ainda não se sabe quem.

Novamente, é destacada a polícia como possível vítima da situação e o explosivo, objeto que pode demonstrar premeditação e agressividade, associado aos manifestantes. Essa configuração pode ser compreendida através do enunciado produzido por um dos policiais no sétimo bloco temporal. “Coquetel molotov. Isso aqui mata um policial”.

Além disso, podemos notar que em alguns dos enunciados performativos desse bloco temporal, o JN elabora seu texto utilizando as formas mais apagadas de se referir a uma ação. Essa forma é construída através de nominalizações e voz passiva, trazendo a impessoalidade e não evidenciando os responsáveis pelos atos destacados. Ao analisarmos as nominalizações, tivemos grande dificuldade de transformar esses nomes em verbos de ação para compor os enunciados performativos, de tão apagada que é a construção da sentença, sobretudo no enunciado: “A confusão se espalhou por outras ruas.”

Bloco Temporal 13: “Na internet, foram postados vídeos que, após o tumulto, dois homens correm em direção à barreira da polícia. Um deles tira a camisa. Eles parecem se identificar e são autorizados a passar. Por telefone, o coronel Frederico Caldas reconheceu que policiais do

serviço reservado, à paisana, acompanham a manifestação com o objetivo de identificar agressores e coletar provas. Mas ele disse que não é possível afirmar, que os homens mostrados nos vídeos sejam policiais.

Performativos:

Vídeos foram postados na internet após o tumulto

(Agente não identificado) postou vídeos na internet

Dois homens correram em direção à barreira da polícia

Um dos homens tirou a camisa

Os homens foram autorizados a passar

O coronel Frederico Caldas reconheceu a existência de policiais do serviço reservado à paisana

Policiais acompanharam a manifestação à paisana para identificar agressores

Policiais acompanharam a manifestação à paisana para coletar provas

Ao observarmos o décimo terceiro bloco temporal, podemos compreender que uma atitude controversa do grupo da polícia é destacada: o ato de infiltrar membros da corporação, sem farda nos protestos. Com isso, podemos destacar as seguintes oposições: Pessoas que acompanhavam a manifestação x PMs infiltrados, sem farda. Por meio dessas críticas, diversos sentidos negativos podem ser suscitados referentes às atitudes da polícia nessa manifestação, reforçando as críticas das redes sociais.

Porém, logo após o JN expor que há críticas nas redes sociais quanto a essa atitude e evidenciar um vídeo em que dois homens são autorizados a passar por um bloqueio policial, o telejornal reforça a imagem da polícia através de um discurso relatado de um coronel, responsável pelas relações públicas da corporação. Essa defesa das atitudes do grupo de policiais reforça uma oposição diferente da apresentada no bloco temporal anterior: Agressores x Policiais do serviço reservado, à paisana.

Tabela 1 – Designações referentes à pessoas do 13º bloco temporal

Designações dos Manifestantes		Designações dos Policiais
(Vazio)	X	Dois homens correm em direção à barreira da polícia
Agressores	X	Policiais do serviço reservado, à paisana

(Vazio)	X	O coronel Frederico Caldas
---------	---	----------------------------

Bloco Temporal 17: Eduardo Lima Neto (procurador): “Quem atira um coquetel, um explosivo conta uma multidão, seja policial, seja manifestante, seja que for, está assumindo o risco de matar alguém.”

Performativos:

Eduardo Lima Neto disse

Quem atira um coquetel contra uma multidão está assumindo o risco de matar alguém

Ao encerrar a notícia com esse enunciado, o JN pode suscitar sentidos que criminalizam o estudante Bruno Ferreira Telles. Na relação dialógica da linguagem, o telespectador pode interpretar dessa maneira, pois temos a presença de um procurador, uma autoridade responsável por investigar atos intitulados como vandalismo nas manifestações. Para isso, essa citação com força performativa e institucional pode suscitar sentidos negativos às manifestações, colocando um manifestante como responsável por um ato criminoso.

Dessa forma, podemos identificar uma aliança entre as vozes atribuídas ao procurador Eduardo Lima Neto e à polícia se opondo ao manifestante (o estudante Bruno), podendo suscitar o sentido das manifestações atreladas aos crimes urbanos e a criminalização do estudante, no caso em que foi acusado de lançar um coquetel molotov contra policiais.

Tabela 1 – Designações referentes à pessoas do 17º bloco temporal

Designações dos Manifestantes		Designações dos Policiais
Manifestante	X	Eduardo Lima Neto + Policial

4.1.3 O embate de vozes reportadas nas manifestações de 2013

Ao aprofundarmos uma análise sobre a parte não verbal da notícia, selecionamos os objetivos desta pesquisa: identificar as vozes presentes nesses eventos e analisar as imagens construídas acerca dos participantes e suas motivações. Com isso, podemos destacar algumas

diferenças em relação ao que foi encontrado na parte verbal da notícia e elucidado no subitem acima.

Dessa forma, em relação às vozes, percebemos que não há uma busca por equilíbrio, como encontramos no texto da notícia. A maioria das vozes que adquirem destaque nessa notícia (dia 23 de julho) é referente a apenas um grupo: da polícia, com autoridades que apresentam uma imagem institucional para debater sobre os assuntos presentes nesse contexto enunciativo. Se, por um lado, as designações atribuídas às pessoas que participavam da manifestação ocorrem com mais frequência, por outro, percebe-se que as vozes reportadas são principalmente atribuídas à polícia militar.

Nesse sentido, podemos destacar as vozes de um membro da corporação policial ao encontrar a mochila com explosivos, do procurador, responsável pela comissão que investigou os possíveis atos intitulados de vandalismo nas manifestações de 2013 e do relações públicas da polícia militar, o coronel Frederico Caldas, através de um discurso relatado pelo repórter Paulo Renato Soares, assim como um discurso relatado da polícia militar sobre a quantidade de manifestantes presentes a essa manifestação, algo comum e que gerou bastante polêmica nesses dois meses de manifestações pelo país.

Ambas as vozes podem reforçar a imagem da corporação e condenar atos que são destacados como responsabilidade apenas dos manifestantes. Para isso, apenas o lado da polícia é defendido através tanto de citação, quanto de um discurso relatado, não havendo a predominância de um aparente equilíbrio que foi explorado pela parte verbal da notícia. Logo, na parte não verbal, dando ênfase às vozes presentes nessa notícia, podemos observar a possibilidade de suscitar sentidos como: a associação dos manifestantes a atos propalados vandalismo e agressividade, e o estudante Bruno, como culpado pelo ato em que foi acusado.

As vozes reportadas atribuídas aos manifestantes são apenas do membro do grupo mídia NINJA Filipe Peçanha e o estudante Bruno Ferreira Telles, com duas rápidas aparições, comentando sobre dois casos de prisões arbitrárias. Desse modo, não há uma busca por equilíbrio entre ambas as partes, havendo diferenças entre o que é falado na parte verbal e o que é mostrado na parte não verbal da notícia.

Sendo assim, o “lado” da polícia é defendido através do destaque das vozes de membros da corporação. Com isso, podemos discutir o plano constitutivo da intertextualidade, presente na semântica global. Um exemplo dessa intertextualidade é a citação presente no sétimo bloco temporal dessa notícia, em que um grupo de aproximadamente cinco policiais encontraram mochilas com diversos artefatos explosivos (coquetéis molotov).

PM: “É isso que vocês têm que filmar.”

Jornalista: “Isso aqui é o que guerreiro”

PM: “Coquetel molotov. Isso aqui mata um policial.”

(Imagem: Enquadre do chão da rua molhado e com alguns coquetéis molotov dentro de uma mochila sendo retirados por um grupo de 5 policiais, altamente armados, com coletes e capacetes. Esses policiais dialogam com jornalistas.)

(2’ 18’’ a 2’ 23’’ – Notícia 23 de julho de 2013 – Anexo C)

Como podemos observar, a voz do policial ganha destaque nesse contexto enunciativo através dessa intertextualidade. A imagem dos manifestantes pode ser afetada, com um possível efeito de realidade, ou seja, uma associação da figura dos manifestantes com pessoas que vão as ruas apenas com o intuito de vandalizar ou cometer crimes tanto contra o patrimônio público, como contra membros da corporação da polícia (civil e militar).

Nesse exemplo, percebemos a importância das duas modalidades da linguagem: verbal e não verbal. Com efeito, tanto a imagem dos explosivos na mochila, quanto os enunciados verbalizados pelo policial são importantes na compreensão dos possíveis sentidos e dos efeitos de realidade produzidos nessa notícia. Ao observarmos o enunciado, por exemplo, percebemos que o membro da corporação destaca que aquele artefato pode matar um policial, dando ênfase a oposição retratada no item anterior: manifestantes x policiais.

Sobre as vozes dos manifestantes, temos a figura de um integrante do grupo mídia NINJA, Filipe Peçanha que é associado aos manifestantes e relata sua prisão como arbitrária. Dessa maneira, a citação do integrante dessa mídia alternativa pode afetar a imagem dos policiais, pois ele criticou a maneira como foi tratado pelos policiais militares. “Me trouxeram aqui pra fazer uma averiguação. Eu fiquei aqui esperando. Fui bem tratado pela policia civil, mas a polícia militar me colocou a força, sem nenhum tipo de justificativa, sem nenhum tipo de alegação.” (3’ 28’’ a 3’ 50’’ – Notícia do dia 23 de julho de 2013 – Anexo C).

No entanto, ao observarmos o quadro referente às vozes presentes nesses eventos, dividida entre os dois grupos: manifestantes x policiais, percebemos que praticamente não há um confronto de vozes entre esses grupos, em que o lado dos manifestantes se defenda de acusações feitas num mesmo bloco temporal. Assim, podemos compreender que existe apenas uma voz por bloco temporal, ou seja, enquanto a voz é concedida a um dos grupos, não há uma resposta direta do outro grupo, no mesmo bloco temporal.

Dessa forma, a não existência desse confronto de ideias e imagens discursivas podem gerar sentidos de que o lado mais destacado (policiais) está com a razão, devido ao seu caráter institucional e ao desequilíbrio em relação ao outro grupo. O grupo dos manifestantes aparece apenas se defendendo de acusações, como foi o caso do estudante Bruno, acusado de lançar um coquetel molotov contra policiais ou criticando o comportamento da polícia militar no momento de uma prisão, como foi o caso do integrante do grupo mídia NINJA.

Entretanto, ao observarmos o décimo segundo bloco temporal, de três minutos e cinquenta segundos a quatro minutos e quatorze segundos, há um confronto entre pessoas nas redes sociais e membros da corporação policial, Porém, devido à ambiguidade da frase enunciada pelo repórter, não há como identificar de onde as pessoas que emitiram as críticas acompanharam as manifestações, ou seja, se estiveram presente nas ruas protestando ou se acompanharam pela internet, em casa, como podemos observar na citação abaixo.

Paulo Renato Soares (repórter): “Hoje nas redes sociais, pessoas que acompanhavam a manifestação acusaram a PM de ter infiltrado policiais sem farda no protesto, para provocar o tumulto. O relações públicas da polícia militar, coronel Frederico Caldas, se disse enojado com essa acusação e que considera um absurdo imaginar que um policial possa agredir um colega.”

(Imagem: Novamente o enquadre do lançamento de um coquetel molotov contra um bloqueio policial, com barreiras de ferro jogadas no chão. Ainda nessa imagem, podemos observar o bloqueio policial atirando balas de borracha e utilizando jatos d’água pra conter os focos de incêndio. A câmera focaliza os focos de incêndio e a correria entre os policiais, assim como 2 cinegrafistas registrando o momento.)

(2’ 18’’ a 2’ 23’’ – Notícia 23 de julho de 2013 – Anexo C)

Nesse sentido, não podemos definir como um confronto entre manifestantes e policiais, devido à ambiguidade apresentada. Contudo, apesar da origem dessas críticas não serem definidas, o JN concede o direito de resposta a esses policiais, a críticas que podem afetar a imagem dessa corporação. Nessa defesa, através de um discurso relatado, temos a presença do relações públicas da polícia militar, o coronel Frederico Caldas, justificando através do relato de seu comportamento, isto é, ao se sentir “enojado” com a acusação.

Com isso, novamente o lado dos policiais tem mais destaque e se defende com mais frequência, evidenciando assim, o oposto do que percebemos na parte verbal. Na análise da parte verbal da notícia, percebemos a tentativa de destacar um aparente equilíbrio entre os dois grupos, através da impessoalidade, das nominalizações e da voz passiva.

Esse aparente equilíbrio não se sustenta quando confrontado com a parte não verbal. Mais uma vez, o que se atesta é exatamente a ideia de que o “equilíbrio” entre as “partes” é mais um efeito do que uma evidência empírica exterior à notícia. Já na parte não verbal, através das vozes presentes nesses eventos, percebemos que há um desequilíbrio na maneira em que ambos os grupos são expostos, com a polícia sendo mais ouvida e tendo mais destaque nessa primeira notícia. Logo, neste próximo item, esse desequilíbrio será ratificado através das imagens das manifestações, de acordo com a semântica global e as polêmicas entre a imprensa brasileira e as novas mídias alternativas.

4.1.4 As imagens das manifestações nas narrativas midiáticas

Ainda sobre a parte não verbal da notícia, podemos destacar as imagens e os sentidos que podem ser suscitados a partir delas. Dessa forma, além das materialidades linguísticas discutidas nos subitens anteriores, poderemos identificar ao longo da análise dos diversos planos constitutivos da semântica global, os sentidos através das imagens dos participantes e das motivações dessas manifestações.

Como pudemos observar no segundo capítulo, a semântica global aborda através de seus planos constitutivos, a ideia do embate de posicionamentos discursivos nos vários campos possíveis, estabelecendo, assim, a emergência de diversas polêmicas a serem analisadas. Assim, para uma maior compreensão desta análise ilustraremos os momentos dessa narrativa com citações das transcrições das imagens presentes nos anexos C e D desta pesquisa.

Com isso, através da notícia do dia 23 de julho, podemos identificar por meio da exposição das motivações dos participantes dessa manifestação, que o JN apresenta na parte inicial da notícia imagens de diversas demandas sociais e vozes erguendo várias bandeiras na luta por seus direitos. Ao observarmos essas imagens, destacamos bandeiras e cartazes de segmentos e grupos sociais, políticos e religiosos como “DCE UFRJ” e “PSTU”, como podemos observar no trecho abaixo.

“Grupo de centenas de pessoas, próximo à estação de metrô do Largo do Machado. Algumas delas seguram bandeiras brancas e vermelhas, é possível identificar bandeira de “DCE UFRJ” e “PSTU”. Nos dizeres dos cartazes “em cada beijo uma revolução”, “vem pra rua bicha”.”

(19” a 26” – Notícia dia 23 de julho de 2013 – Anexo C)

Por meio deste enquadre, observamos que o JN destaca a heterogeneidade das motivações dos manifestantes, evidenciada pela presença de diversos segmentos da sociedade lutando por seus direitos. Sendo assim, podemos notar a presença de diversas lutas de resistência e contestação às várias redes de poder instituídas durante a vida da população brasileira e destacadas na manifestação aqui analisada. Desse modo, esse enquadre pode suscitar sentidos positivos a manifestação popular, como um ato democrático, pacífico e cidadão.

Além dessas diversas bandeiras, podemos identificar nas imagens de outros momentos dessa notícia a aliança de dois grupos historicamente e socialmente distintos. Nesse sentido, a heterogeneidade de demandas sociais pode ser evidenciada ao percebermos que dois grupos: um social (LGBT) e um religioso (Católicos da Jornada Mundial da Juventude), aparentemente opostos, encontram-se em aliança durante essa manifestação. Essa aliança pode ser destacada a partir da citação abaixo com um beijo entre duas mulheres e peregrinos cantando nas escadarias de uma igreja após um rápido movimento de câmeras.

Nela, podemos identificar os cristãos entoando cânticos em um contexto de Jornada Mundial da Juventude, ao lado de uma minoria social que é discriminada e sofre forte preconceito no Brasil, o grupo LGBT (com a presença de gays, lésbicas, transexuais e bissexuais).

Enunciado pelo Repórter - Paulo Renato Soares: "(...) e promoveu um beijaço contra a homofobia (...)."

“Duas moças se beijando em primeiro plano e pessoas ao fundo [Câmera em movimento rápido]. Após a rápida imagem do beijo, a câmera retorna aos peregrinos cantando ao lado desse ato, nas escadarias de uma igreja.”

(50” a 53” – Notícia dia 23 de julho de 2013 – Anexo C)

Todavia, ao observarmos a relação dessas imagens com o que é enunciado pelo repórter ao telespectador, podemos compreender que há um deslocamento entre as duas modalidades da linguagem. Esse descolamento ocorre ao observarmos que o beijaço contra homofobia, comentando pelo enunciatador repórter, pode passar praticamente despercebido aos olhos do telespectador, devido ao rápido movimento de câmera. Ao transcrevermos a notícia, percebemos que a construção do texto da narrativa retrata o grupo LGBT e os católicos como dois grupos distintos, sem qualquer possibilidade de conviver juntos.

Esse exemplo reforça a ideia exposta nos parágrafos anteriores, sobre a relação entre as duas modalidades da linguagem: verbal e não verbal. A ideia de que pode haver um descolamento da imagem em relação ao áudio da notícia. Em outras palavras, podemos identificar a possibilidade de diferenças entre o que é mostrado e o que é falado aos telespectadores. Assim, como discutimos nos parágrafos anteriores, essa percepção e a produção desse sentido só são possíveis com a presença do não verbal.

No entanto, essa visão pautada nas motivações e em uma manifestação pacífica e democrática, com várias demandas sociais e urgências, sofrem um deslocamento a partir da chegada de mascarados nas imagens e segundo a locução do repórter. Assim, podemos analisar o vocabulário da notícia, pautado nos possíveis sentidos adquiridos na situação de comunicação, das manifestações brasileiras, sendo atribuídos como signos de pertencimento, e gerando embates entre posicionamentos discursivos. Segundo a maneira que a notícia foi apresentada, através das modalidades da linguagem, a manifestação foi pacífica até a chegada de “pessoas mascaradas” e “vestidas de preto”.

Enunciado pelo Repórter - Paulo Renato Soares: "(...) até a chegada de pessoas mascaradas e vestidas de preto (...)."

“Enquadre com pessoas com máscaras e vestidas preto, em primeiro plano e diagonalmente. Na parte de cima da imagem, podemos ver um espaço de rua vazio, assim como policiais com um bloqueio montado, a frente desse espaço. [Câmera em movimento rápido].”

(50’’ a 53’’ – Notícia dia 23 de julho de 2013 – Anexo C)

Para isso, pelo recorte da imagem através da edição, é possível identificar um descolamento desse pequeno grupo em relação às pessoas presentes na manifestação nas primeiras imagens. Esse exemplo demonstra que o não verbal é extremamente importante

para compreendermos a possibilidade desse sentido, de uma diferenciação entre os dois grupos: mascarados e manifestantes, através da mudança de postura na manifestação e do sentido negativo que o objeto máscara adquiriu nesse contexto enunciativo.

Após a chegada desses indivíduos estabelecidos pelos vocábulos elucidados no parágrafo anterior, começaram os confrontos entre manifestantes e policiais, com cenas de enfrentamento e briga territorial. Nesse sentido, esses vocábulos podem adquirir dentro desse contexto enunciativo um sentido que não teria sem a determinação da situação de comunicação.

Desse modo, de acordo com o que foi veiculado nessa notícia, o vocábulo e a imagem do objeto ‘máscara’ podem adquirir um sentido extremamente negativo, atrelado a manifestantes que não querem ser identificados e foram às ruas apenas para criar atrito, quebrar prédios públicos e realizar atos propalados como vandalismo, estabelecendo, assim, a rua como um local de enfrentamento e briga territorial. O sentido de briga territorial está ligado a ideia da impossibilidade de carros transitarem pelas ruas da cidade, devido ao bloqueio desses manifestantes, causando um caos urbano.

Logo, como podemos observar na notícia aqui analisada, de acordo com a perspectiva de uma dêixis discursiva, a partir da presença dos mascarados, o espaço rua pode adquirir sentidos negativos para uma manifestação popular pacífica e democrática. Como citamos no parágrafo anterior, através da relação dialógica da linguagem e da mudança de perspectiva das imagens, podemos ter um sentido negativo, da rua como briga territorial e entre mascarados e policiais, algo evidenciado na transcrição da imagem em que o grupo de mascarados está à frente do bloqueio policial.

Através da relação entre as materialidades verbal e não verbal, as imagens mostram esse confronto, com manifestantes correndo para todos os lados, aparentando medo e desespero com os confrontos. Assim, esse enfrentamento pode suscitar os sentidos de uma representação de cidade que é extremamente recorrente nos noticiários do país, pautada na violência urbana. Ou seja, a violência urbana é um tema específico do telejornal, na atualidade.

“As representações que hoje são feitas do homem, da violência e das instituições que o cercam são em sua grande maioria construídas pelos meios de comunicação de massa. Percebemos como fruto desse processo a imagem do Rio de Janeiro associada à violência, tema recorrente na mídia.” (FREITAS; OLIVEIRA, 2011, p.134).

A partir dessa perspectiva, tivemos o embate de posicionamentos no poder político e nas redes sociais sobre o uso de máscaras nas manifestações, como discutimos no subitem sobre

os desdobramentos das manifestações no primeiro capítulo desta dissertação. Desse modo, foi aprovada a lei que proíbe a utilização de máscaras em manifestações de rua, mostrando todo o contorno negativo que este vocábulo e o objeto adquiriram nesse contexto enunciativo.

Com isso, as motivações e as imagens de uma manifestação pacífica e heterogênea dão lugar a uma batalha, vocábulo utilizado pelo repórter Paulo Renato Soares ao relatar os acontecimentos sob a ótica do JN, unindo-se a imagens de enfrentamento entre os dois grupos destacados na análise da parte verbal: manifestantes x policiais. Com o lançamento de artefatos explosivos (coquetel molotov) por parte dos mascarados e balas de borracha e jatos d'água por parte dos policiais.

Dessa forma, os atos livres e democráticos de se manifestar e lutar por seus direitos podem suscitar sentidos de crime e retratados de maneira negativa, conforme podemos observar na transcrição da imagem abaixo.

Enunciado pelo Repórter - Paulo Renato Soares: "(...) Os mascarados lançaram coquetéis molotov contra os policiais (...)"

“Nessa imagem, observamos um bloqueio policial, um fotógrafo à frente e sequência das imagens anteriores. Dessa forma, temos o lançamento de um artefato explosivo contra policiais e focos de incêndios pelo chão. Além disso, podemos observar que os policiais atiraram balas de borracha nessas imagens.”
(1' 47" a 1' 50" – Notícia dia 23 de julho de 2013 – Anexo C)

Em outro momento da notícia, identificamos mais imagens que podem suscitar sentidos negativos às manifestações, retratando a dêixis enunciativa como enfrentamento e briga territorial. Essas imagens são reforçadas com a força dos vocábulos enunciados pelo repórter Paulo Renato Soares: ‘confusão’, ‘tumulto’ e ‘empurra-empurra’.

Nessas imagens temos cenas de desespero por parte de comerciantes que tiveram que fechar as portas de seus estabelecimentos devido a um novo enfrentamento. Dessa vez, esse enfrentamento era entre policiais e cerca de trezentas pessoas que pediam a liberação dos presos em frente à delegacia do Catete. Com isso, por meio da união desses vocábulos e das imagens citadas abaixo, a notícia pode nesse momento suscitar efeitos de realidade, aproximando-se a violência urbana.

Enunciado pelo Repórter - Paulo Renato Soares: "(...) No tumulto, comerciantes foram obrigados a fechar as portas.(...)"

Grupo de aproximadamente 5 policiais nas Ruas do Rio de Janeiro. [Câmera em movimento rápido] Após esse giro, temos a imagem de 3 comerciantes fechando seus estabelecimentos, apesar de lotados.

(3' 11'' a 3' 16'' – Notícia dia 23 de julho de 2013 – Anexo C)

Mais adiante, por meio da relação entre as modalidades da linguagem: verbal e não verbal podemos observar as imagens dos confrontos, com pessoas fugindo das cenas de enfrentamento e caos urbano. Essas imagens podem estabelecer sentidos extremamente negativos aos telespectadores, colocando as manifestações como um evento violento, perigoso, podendo assustar e suscitar medo em quem assiste.

Em outro momento, as imagens mostram policiais encontrando uma mochila com artefatos explosivos (coquetéis molotov), alegando o perigo desses objetos, que podem levar outros membros da corporação a óbito. Os possíveis sentidos dessa mochila serão reforçados nos enquadres que retratam a prisão do estudante Bruno Ferreira Telles, atrelando o objeto ao estudante, como veremos nos parágrafos a seguir.

Nos enquadres seguintes da notícia, a visão institucional é reforçada através das polêmicas estabelecidas, com o relato da prisão do integrante da mídia NINJA, Filipe Peçanha. O integrante concedeu uma entrevista a Globo News e criticou a polícia militar, assim como pessoas nas redes sociais, que acusaram PMs de trabalharem infiltrados para tumultuar os protestos e foram citadas através do discurso relatado do repórter.

No enquadre (4' 14'' a 4' 42''), o coronel reforça a ideia de que alguns policiais trabalham à paisana para acompanhar e reconhecer agressores e coletar provas. Essa acusação foi relatada através das imagens da internet expostas na notícia, em que duas pessoas correram em direção aos policiais e foram liberadas, podendo ser policiais infiltrados.

Ao refletirmos sobre o plano constitutivo da intertextualidade, o telejornal realiza uma intertextualidade externa ao mostrar um pequeno trecho de uma entrevista do estudante Bruno Ferreira Telles a mídia NINJA, se defendendo da acusação e dizendo que não portava qualquer artefato explosivo (coquetel molotov). No entanto, o trecho é curto e o repórter apenas cita que o estudante ficou preso, mas seu advogado conseguiu habeas corpus na manhã seguinte.

“Enquadre do rosto do estudante Bruno Ferreira Telles em uma entrevista concedida ao grupo Mídia NINJA, sentado em uma sala. O JN colocou a seguinte legenda: Bruno Ferreira Telles, em entrevista ao Mídia Ninja.” (5’ 00’’ a 5’ 07’’ Notícia do dia 23 de julho de 2013 – Anexo C)

Dessa maneira, destaca-se a possibilidade do sentido negativo da prisão do estudante e sua possível responsabilidade no lançamento do explosivo. Para isso, podemos compreender que a notícia faz referência a um enunciado produzido através da entrevista com o procurador Eduardo Lima Neto, responsável pela comissão criada pelo governo do Rio de Janeiro para investigar atos de vandalismo nas manifestações de rua.

Essa citação abaixo é a última da notícia e o modo de dizer do procurador é enérgico, incisivo e com muitos gestos. Assim, segundo os enunciados produzidos pelo procurador, o estudante pode ser colocado na posição de culpado e responsável pelo lançamento do coquetel molotov contra os policiais. Logo, essa intertextualidade externa reforça a possibilidade de um sentido negativo da manifestação, como batalha e confusão e pode condenar o estudante em um primeiro momento, podendo suscitar, assim, o sentido de um manifestante como responsável por um ato que poderia levar qualquer pessoa a óbito.

Eduardo Lima Neto (procurador): “Quem atira um coquetel, um explosivo contra uma multidão, seja policial, seja manifestante, seja que for, está assumindo o risco de matar alguém.”

(Imagem: Enquadre do procurador Eduardo Lima Neto em sua sala. Nessa imagem, podemos observar o procurador concedendo uma entrevista ao JN, falando e gesticulando sobre a prisão do estudante, com um tom enfático. O JN colocou a seguinte legenda: Eduardo Lima Neto – procurador) (5’ 34’’ a 5’ 45’’ da Notícia do dia 23 de julho de 2013 - transcrita no Anexo C)

Portanto, ao analisarmos essa primeira notícia, percebemos que apesar da pequena referência a entrevista do estudante a mídia alternativa, o grande destaque é a possibilidade do sentido negativo que a referência à entrevista do procurador estabelece, praticamente culpando o estudante pelo ato, podendo suscitar esse sentido aos telespectadores do telejornal.

Com isso, as imagens do estudante podem suscitar sentidos de apenas de ilustração, pois a notícia é finalizada com os fortes enunciados do procurador, através de vocábulos enunciados num tom enérgico como: “Quem atira um coquetel... está assumindo o risco de matar alguém”.

Essa citação é exposta e o telejornal autoafirma sua posição institucional e as imagens e valores instituídos ao longo do desenvolvimento do ‘Padrão Globo de Qualidade’: credibilidade e imparcialidade. Seguindo essa lógica, o possível efeito de realidade é que o estudante não tem credibilidade em sua entrevista, por ter sido concedida a uma mídia (NINJA) sem qualquer vínculo institucional, ao contrário do procurador e do relações públicas da polícia militar.

De acordo com o que observamos à luz do estatuto dos enunciadores legítimos, o JN dá voz e credibilidade ao procurador na entrevista e apenas mostra um trecho da mídia alternativa. Desse modo, podemos entender que se instaura a interincompreensão através da citação, pois o telejornal reforça a imagem de credibilidade, possuindo, assim, o direito de informar a população, ao contrário de uma mídia alternativa (NINJA), que não apresenta qualquer vínculo institucional. Logo, através da alteridade e da autoafirmação sobre o Outro, temos a formação da identidade discursiva.

Ao observarmos essa ideia, percebemos que as mídias alternativas têm um pequeno espaço nessa notícia. No entanto as vozes referentes à mídia NINJA são apresentadas sem qualquer legitimidade, pois em seguida é dado o direito de voz a pessoas com credibilidade institucional como o procurador e o relações públicas da polícia militar.

Como observamos nos parágrafos anteriores, apenas nos primeiros enquadres da manifestação o caráter pacífico dos protestos foi retratado, podendo construir assim, um sentido extremamente negativo às manifestações, ligando-as a crimes, caos urbano e batalha territorial.

A partir de uma reflexão acerca dos poderes que estão em jogo e das lutas de resistência, compreendemos que existe uma rede de poder sobre o campo midiático em que a imprensa brasileira demonstrou resistência a presença de uma mídia alternativa, sem qualquer vínculo institucional. Além disso, podemos identificar a própria manifestação através das demandas sociais apresentadas no início dessa notícia como uma forma de resistência e contestação aos diversos poderes instituídos que assujeitam os indivíduos de diversas naturezas: social, política, religiosa, cultural, midiática, entre outras.

Dessa forma, podemos compreender que nessa primeira notícia há um descolamento em determinados momentos do que é falado em relação ao que é mostrado ao telespectador. Esse

descolamento pode ser observado ao articularmos as duas modalidades da linguagem. Sendo assim, ratificamos a importância tanto do verbal, quanto do não verbal para a compreensão dos possíveis sentidos e efeitos de realidade que as notícias veiculadas na televisão podem suscitar aos telespectadores, em uma relação dialógica da linguagem.

Nesse sentido, existem dois possíveis efeitos distintos ao observarmos a relação do verbal com o não verbal. Na parte verbal, podemos identificar uma tendência a um aparente equilíbrio entre ambos os grupos destacados nos dois meses de manifestações: manifestantes e policiais, através da impessoalidade, da nominalização e da voz passiva. No entanto, ao observarmos a parte não verbal, podemos compreender que esse equilíbrio não permanece, havendo assim, um destaque maior as vozes dos policiais em detrimento da presença dos manifestantes.

Como citamos nas considerações iniciais, através do caráter institucional e do posicionamento discursivo, o JN constitui um etos de credibilidade e cristaliza a visão de que suas notícias são a verdade concreta dos fatos. Entretanto, no próximo item, analisaremos o segundo vídeo desta dissertação e poderemos desnaturalizar esse pensamento através da discussão da relação entre duas modalidades da linguagem: verbal e não verbal, da ilusão imaginária exposta por Wolff (2005) e do grande destaque que a mídia NINJA teve no caso aqui analisado.

Além disso, podemos continuar a discussão acerca dos possíveis sentidos e efeitos de realidade atribuídos às manifestações pela imprensa brasileira, por meio das duas modalidades da linguagem e debatendo os poderes que estão em jogo e as possíveis lutas resistência a eles.

4.2 Notícia do dia 24 de julho

Neste item, realizaremos a análise do segundo vídeo do *corpus* desta dissertação, seguindo os mesmos parâmetros da análise do item anterior, através dos postulados de uma semântica global e da polêmica da interincompreensão. A partir desta notícia, poderemos observar embates entre diferentes posicionamentos discursivos e uma mudança de abordagem do telejornal, após a inserção e divulgação de um vídeo de uma mídia alternativa, o grupo mídia NINJA nas diversas redes sociais da atualidade.

Nesse sentido, realizaremos a mesma construção teórico-metodológica da notícia anterior, iniciando a análise pelas designações atribuídas aos eventos e seus participantes, a

partir de um estudo da parte verbal, seguindo os postulados da pragmática, com os pressupostos e os performativos, através da sugestão de Rocha (2014).

4.2.1 As alianças e oposições entre os participantes a partir de suas designações

Ao observarmos as designações dessa notícia, podemos identificar algumas diferenças em relação à oposição exposta na matéria do dia anterior: manifestantes x polícia. Nessa notícia, o equilíbrio aparente é substituído por uma tentativa de justificar a possível acusação indireta que ocorreu no dia anterior, colocando o estudante Bruno como culpado do caso em que ele era acusado.

Com isso, o confronto só é enfatizado após o telejornal destacar as contradições das informações da corporação por meio das redes sociais e documentos. Diante dessas informações, podemos compreender que algumas oposições podem suscitar sentidos positivos às manifestações, pois destaca contradições de um grupo, que ficou isento na primeira notícia, a polícia, conforme podemos identificar nas designações apresentadas no quadro e nos performativos abaixo.

Bloco Temporal 1: Willian Bonner: “O Jornal Nacional teve acesso com exclusividade ao inquérito policial sobre a prisão de um estudante acusado de ter lançado coquetéis molotov contra policiais, nos confrontos de segunda-feira, no Rio de Janeiro, perto do palácio Guanabara. Ao contrário do que tinha sido divulgado em várias notas oficiais das polícias, militar e civil, o estudante Bruno Ferreira Telles não portava explosivos no momento da prisão, segundo relatos do próprio policial que o deteve.”

Performativos:

O Jornal Nacional teve acesso com exclusividade ao inquérito policial

O inquérito policial era sobre a prisão de um estudante

O estudante foi acusado de ter lançado coquetéis molotov contra policiais

O estudante Bruno Ferreira Telles não portava explosivos no momento da prisão

Tabela 3 – Designações referentes à pessoas do 1º bloco temporal

Designações dos Manifestantes		Designações dos Policiais
Um estudante + Coquetéis molotov	X	Policiais
(Vazio)	X	Notas oficiais das policias, militar e civil
O estudante não portava mochila e artefato explosivo	X	Policiais que o deteve

Dessa forma, neste primeiro bloco temporal, o enunciador jornalista evidencia as contradições do grupo da polícia, algo que não foi mostrado na primeira notícia. Nestas oposições temos a contradição na informação do policial que deteve o estudante. Esse policial relatou que o estudante não portava mochila e artefato explosivo no momento da prisão.

Com isso, essa ideia pode suscitar sentidos positivos à manifestação, pois prova que o estudante é inocente no caso e não está associado a crime urbano ou vandalismo, demonstrando assim, que existem manifestantes pacíficos, ou seja, voltados a participar de uma manifestação pacífica, democrática e cidadã.

Além disso, podemos notar a presença do advérbio “exclusivamente” que reforça implicitamente a ideia de que o JN é um telejornal diferente e mais qualificado que os demais, pois obteve os documentos antes das emissoras concorrentes e detém a credibilidade de trazer novas informações ao telespectador.

Após esse bloco temporal, o JN elucida diversas contradições das polícias: civil e militar através de documentos e páginas no *twitter* das corporações. Sendo assim, essa construção visa suavizar a imagem do telejornal, que pode ter sido afetada, ao ser possivelmente desmentida por uma mídia sem qualquer vínculo institucional (NINJA). Para isso, o telejornal evidencia as contradições da corporação, podendo colocar indiretamente a culpa apenas na polícia. Estas contradições podem ser destacadas no bloco temporal 6 citado abaixo.

Bloco Temporal 6: “O juiz do plantão daquela noite que negou o pedido de relaxamento da prisão em flagrante de Bruno, argumentou que pela narrativa dos policiais militares que o prenderam, o estudante teria cometido o crime de resistência e de lesão corporal. Citou ainda

que Bruno teria dado um soco no pescoço e uma unhada em um dos policiais, havendo, assim, prova de existência dos crimes.”

Performativos:

O juiz do plantão argumentou que o estudante teria cometido o crime de resistência e de lesão corporal.

Bruno teria dado um soco no pescoço

Bruno teria dado uma unhada em um dos policiais

Pode haver prova da existência dos crimes

Ao observarmos os performativos acima, percebemos que as contradições da polícia ganham destaque na cena midiática, algo que não ocorreu na primeira notícia aqui analisada. Para isso, identificamos trechos de documentos das polícias: civil e militar, referente à prisão do estudante Bruno Ferreira Telles.

Nessas contradições evidenciadas pela notícia temos designações de atos violentos referentes ao manifestante Bruno, tentando justificar sua prisão como podemos observar nas oposições a seguir: Coquetel Molotov x Policial / crime de resistência e de lesão corporal x policial / soco no pescoço + unhada x policiais. Ou seja, três justificativas diferentes para uma prisão arbitrária. Assim, a estratégia do JN, de através dos modos de enunciação evidenciar um aparente equilíbrio entre ambas as partes, cede espaço para contradições de um dos grupos, o da polícia.

Tabela 3 – Designações referentes à pessoas do 6º bloco temporal

Designações dos Manifestantes		Designações dos Policiais
Bruno	X	Policiais militares
Estudante + crime de resistência e de lesão corporal	X	Policiais
	X	Policiais
Bruno + soco no pescoço + unhada		

Bloco Temporal 11: “e o vídeo acabou postado nas redes sociais. Bruno passa no canto direito do vídeo. Neste momento não aparenta ter nada nas mãos, nem usa mochila. Um policial e um homem de camisa preta o perseguem. O cinegrafista amador corre para acompanhar a cena. Mais a frente, o estudante cai no chão. Um policial chega e usa uma arma não-letal contra o peito de Bruno. Ele parece estar desacordado. O vídeo termina com o estudante sendo carregado pelos policiais.

Performativos:

O vídeo foi postado nas redes sociais

(Agente não identificado) postou vídeos nas redes sociais

Bruno passa no canto direito do vídeo.

O estudante não aparenta ter nada nas mãos

O estudante não usava mochila

Um policial e um homem de camisa preta perseguem o estudante

O cinegrafista amador corre para acompanhar a cena.

O estudante cai no chão

Um policial usa uma arma não-letal contra o peito de Bruno.

O estudante parece estar desacordado

O estudante é carregado pelos policiais.

Mais adiante, as atitudes autoritárias da polícia ganham ainda mais destaque, especificamente no décimo primeiro bloco temporal desta notícia. Esse bloco é referente a um trecho do vídeo transmitido, ao vivo, pelo grupo mídia NINJA na internet. Nele, podemos identificar atitudes agressivas e autoritárias como a utilização de uma arma não letal contra o peito do estudante, ainda desacordado.

Um vocábulo importante para compreender a polêmica entre as abordagens da imprensa brasileira e das novas mídias alternativas é “amador”, isto é, desconhecido. Ou seja, o JN através da parte verbal da notícia não atribui o crédito e não faz referência ao cinegrafista de uma mídia sem qualquer vínculo institucional, que solucionou o caso, o grupo mídia NINJA.

Tabela 3 – Designações referentes à pessoas do 11º bloco temporal

Designações dos Manifestantes		Designações dos Policiais
Bruno	X	(Vazio)

“não aparenta ter nada nas mãos, nem usa mochila (Designação implícita)	X	(Vazio)
“o perseguem”	X	Um policial e um homem de camisa preta
O estudante	X	(Vazio)
Bruno	X	Um policial
Ele	X	(Vazio)
O estudante	X	Policiais

Sobre as oposições entre as designações de ambos os grupos destacados durante as duas notícias aqui analisadas, podemos observar que há uma mudança de sentido em relação ao estudante Bruno. Na primeira notícia, a possibilidade de sentido exposta foi a de um manifestante culpado pelo ato do qual era acusado (lançar um coquetel molotov contra policiais).

No entanto, não é o que podemos observar através da parte verbal dessa segunda notícia. Nessa nova narrativa, é evidenciada a inocência do estudante, que é colocado como vítima da situação, ao ser perseguido por policiais e um homem de preto e, sobretudo, por aparentar não ter nada nas mãos ou carregar mochila.

Bloco Temporal 12: “Nestas outras imagens, Bruno já aparece em pé, sem camisa, cercado por policiais e com um colete de metal no peito. Um dos PMS acusa o rapaz.

PM: “Foi ele que tacou o primeiro coquetel molotov, ele tacou o primeiro coquetel molotov.”

Bruno Ferreira Telles: “Eu estava no posto.”

Jornalista: “Um policial pergunta para outro PM.”

PM: “Ele é preso de quem?”

Bruno Ferreira Telles: “Quem me pegou aí?”

Outro PM: “Foi o P2 que pegou ele.”

Bruno Ferreira Telles: “Cadê o P2?”

Repórter: “P2 é como são chamados os policiais que trabalham sem farda, infiltrados entre os manifestantes. Outra dúvida levantada sobre a prisão de Bruno, diz respeito a uma mochila que teria sido usada para carregar explosivos.”

Performativos:

Bruno está em pé

Bruno está sem camisa

Bruno é cercado por policiais

Bruno está com um colete de metal no peito

Um dos PMS acusa o rapaz

PM diz que estudante tacou o primeiro coquetel molotov

Bruno diz que estava no posto

Um policial pergunta a outro quem foi o responsável pela prisão

O PM responde que foi o P2 que prendeu o estudante

P2 são os policiais que trabalham, sem farda, infiltrados nas manifestações

Ao observarmos as designações desse bloco temporal, através da oposição entre manifestantes e policiais, temos a presença de uma nova designação no caso da prisão do estudante Bruno, o P2. Essa designação se refere aos policiais que trabalham sem farda, à paisana, infiltrados nas manifestações.

Por meio desse exemplo, a imagem do polícia pode ser afetada e retomar uma discussão que foi defendida por uma voz com força institucional no primeiro material analisado, o relações públicas da polícia militar, coronel Frederico Caldas. Essa discussão é referente a policiais que trabalham à paisana em manifestações populares, algo criticado através das redes sociais e mídias alternativas.

Assim, podemos identificar a nova designação no quadro abaixo, além de perceber a mudança de um estudante/manifestante possivelmente culpado da primeira notícia, para um inocente no caso do qual foi acusado.

Tabela 3 – Designações referentes à pessoas do 12º bloco temporal

Designações dos Manifestantes		Designações dos Policiais
Bruno (em pé, sem camisa e com um colete de metal no peito)	X	Policiais
Rapaz	X	PMS
Ele que tacou o primeiro coquetel molotov	X	(Vazio)

Eu	X	(Vazio)
Ele é preso de quem?	X	Policial + PM
Quem me pegou ai?	X	P2
Manifestantes	X	P2 – policiais que trabalham sem farda infiltrados
Bruno + Mochila	X	(Vazio)

Todavia, nesta notícia, a figura do P2 pode suscitar sentidos negativos à corporação, de maneira oposta ao que foi exemplificado na notícia anterior. Para isso, nessa notícia não há uma defesa institucional por parte de um dos membros da corporação a essas atitudes. As atitudes dos policiais infiltrados são apenas relatadas pelo enunciador repórter, havendo a possibilidade de um deslocamento de sentido referente a esses policiais.

Bloco Temporal 13: “Esta imagem mostra o momento em que a polícia, encontra uma bolsa cheia de coquetéis molotov. O local fica a cerca de setecentos metros de onde o Bruno foi preso. Imagens feitas por um cinegrafista da globo mostram que antes do início dos confrontos, o rapaz não estava com mochila.

Performativos:

A polícia encontrou uma bolsa cheia de coquetéis molotov

O local fica a cerca de setecentos metros de onde o Bruno foi preso

Um cinegrafista da globo fez imagens da manifestação

O rapaz não estava de mochila no início dos confrontos

Neste bloco temporal, podemos identificar novamente a autoafirmação da Rede Globo, em meio à polêmica entre as abordagens da imprensa brasileira e as novas mídias alternativas. Essa relação é evidenciada quando o JN afirma que um cinegrafista Globo fez imagens da manifestação, ou seja, diferenciando esse cinegrafista (representante de uma mídia institucional) do cinegrafista do bloco temporal 12: amador (sem qualquer vínculo institucional).

Além disso, este bloco temporal reforça a ideia de mais um contradição da polícia militar, pois segundo essa nova narrativa, o estudante não utiliza mochila em outros momentos da manifestação, algo que não foi destacado na primeira notícia. Logo, ele não era

o responsável pela mochila encontrada pelos policiais, já que o local fica a cerca de setecentos metros de onde o Bruno foi preso.

Tabela 3 – Designações referentes à pessoas do 13º bloco temporal

Designações dos Manifestantes		Designações dos Policiais
Bolsa cheia de coquetéis molotov	X	Polícia
Bruno	X	(Vazio)
O rapaz	X	(Vazio)

Portanto, através da parte verbal dessa segunda notícia, podemos perceber uma mudança de postura por parte da imprensa brasileira, especificamente do JN. Nesse sentido, identificamos que o telejornal tentou evidenciar um equilíbrio entre os dois grupos na primeira notícia: manifestantes e policiais.

Ao contrário desse aparente equilíbrio, na segunda notícia, as contradições da polícia ganham destaque no cenário midiático, juntamente com o vídeo do grupo mídia NINJA, que soluciona o caso e evidencia polêmicas referentes às abordagens da grande imprensa e das novas mídias alternativas, assim como modifica os possíveis sentidos das manifestações através da modalidade verbal das notícias. No próximo subitem, realizaremos uma análise do embate entre as vozes presentes nessa notícia, assim como ocorreu na análise do primeiro material desta pesquisa.

4.2.2 O embate das vozes reportadas nas manifestações de 2013

Em relação à parte não verbal, sobretudo nas vozes presentes nessa notícia, percebemos uma mudança em relação à notícia da noite anterior. Dessa vez, a voz do estudante Bruno Ferreira Telles ganha destaque, assim como a interferência de uma mídia alternativa, sem qualquer vínculo institucional, o grupo mídia NINJA. Portanto, a interferência dessa mídia alternativa no caso da prisão do estudante reforça o embate de posicionamentos discursivos aprofundado neste trabalho.

Apesar do lado dos policiais serem retratados em grande quantidade nessa notícia, podemos identificar uma mudança de postura e um possível deslocamento de sentido através de como as vozes dos policiais foram retratadas nessa segunda notícia. Diferentemente da notícia da noite anterior, dessa vez as vozes da corporação policial e suas alianças são destacadas para evidenciar as contradições da prisão do estudante Bruno Ferreira Telles.

Com isso, ao contrário do que pudemos observar na notícia anterior, a entrevista do estudante concedida ao grupo mídia NINJA adquire destaque e torna-se essencial para a solução do caso e na compreensão dos possíveis sentidos e efeitos de realidade suscitados nessa notícia, como podemos identificar na citação abaixo, que retrata parte da entrevista do estudante exposta no JN.

Bruno Ferreira Telles: “Foi na primeira, na primeira hora que eles fizeram o pessoal correr.”

Membro da mídia ninja: “Sim, a gente estava lá.”

Bruno Ferreira Telles: “Eu queria pedir pra vocês me ajudarem, a encontrar o vídeo onde eu corri da polícia, eles me prenderam e disseram que eu estava com uma garrafa de molotov e eu não estava.”

(Imagem: Enquadre da entrevista do estudante Bruno Ferreira Telles concedida ao grupo mídia NINJA. O JN destacou a seguinte legenda: Bruno Ferreira Telles – Em entrevista ao Mídia Ninja.)

(3’ 18’’ a 3’ 41’’ – Notícia do dia 24 de julho de 2013, transcrita no Anexo D)

Por meio dessas contradições, podemos identificar uma estratégica discursiva da Rede Globo de televisão através do seu telejornal, buscando evidenciar as contradições da polícia para suavizar os possíveis danos ao etos de credibilidade e imparcialidade do JN. Essas imagens podem ter sido afetadas diante da abordagem da noite anterior, e da presença do vídeo do grupo mídia NINJA, que desmentiu a versão inicial do caso e a perspectiva da grande imprensa. Levar ao ar uma nova versão parece reforçar um pretense distanciamento frente aos embates construídos pela própria notícia. Um etos que se reatualiza no apagamento de suas próprias implicações com a produção de uma cena midiática de confronto.

Além disso, nessa notícia temos a repetição da citação do procurador Eduardo Lima Neto, que finalizou a matéria jornalística do dia anterior. Dessa vez, os sentidos suscitados por essa citação podem sofrer um deslocamento. Com efeito, na primeira notícia, o possível

sentido gerado dessa citação é a imagem do estudante Bruno como culpado. No entanto, nessa narrativa os possíveis sentidos ganham novos contornos e identificamos que eles podem ser voltados ao intuito de evidenciar as contradições da polícia e suas alianças no caso do estudante, suavizando a imagem do JN.

Eduardo Lima Neto (procurador): “Quem atira um coquetel, um explosivo contra uma multidão, seja PM, seja manifestantes, seja quem for, está assumindo o risco de matar alguém.”

(2’ 45’’ a 2’ 54’’ – Notícia do dia 24 de julho de 2013, transcrita no Anexo D)

(Imagem (Enquadre do procurador Eduardo Lima Neto em sua sala. Um relato do procurador sobre a prisão do estudante. O JN destacou a seguinte legenda: Eduardo Lima Neto – Procurador.)

(2’ 45’’ a 2’ 54’’ – Notícia do dia 24 de julho de 2013, transcrita no Anexo D)

Ainda nesta notícia, outras vozes se aliam ao estudante e ganham destaque, mesmo que através de um discurso relatado, como o desembargador Paulo de Oliveira Lanzelotti Baldez, que afirmou que o estudante não possuía qualquer artefato explosivo no momento da prisão.

Assim, os vídeos do grupo mídia NINJA são mais explorados nessa segunda notícia, devido à solução do caso e a voz do estudante adquire destaque no cenário midiático. No entanto, esse destaque só acontece devido à imposição de um tema específico, a interferência do grupo mídia NINJA, provando a inocência do estudante no caso e instaurando uma polêmica acerca das abordagens entre a grande imprensa brasileira e as novas mídias alternativas, algo que será aprofundado no próximo item sobre as imagens dessa manifestação.

4.2.3 As imagens das manifestações nas narrativas midiáticas

Ao iniciar essa notícia jornalística, o enunciador jornalista cita o vocábulo “exclusividade” para referir-se aos documentos apresentados na narrativa. Nesse sentido, podemos identificar, novamente, o intuito discursivo na busca pela credibilidade, ao alegar que foi a primeira emissora a divulgar documentos e imagens que comprovavam a inocência

do estudante Bruno Ferreira Telles, no caso citado no dia anterior. O que parece se reiterar é a ideia de que se busca o melhor acesso a algo que é exterior à própria notícia.

Por meio da articulação entre esse advérbio e a imagem do enunciador jornalista nos estúdios da Rede Globo de televisão, podemos notar a construção da imagem institucional e ideológica através do ‘Padrão Globo de Qualidade’, ou seja, a primeira emissora que teve acesso aos documentos que comprovam a inocência do estudante.

Nessa notícia, entendemos que as polêmicas são estabelecidas no sentido, que a perspectiva abordada na primeira notícia é desmentida por uma mídia sem qualquer vínculo institucional, evidenciando contradições da grande imprensa, e afetando diretamente a imagem de credibilidade do JN.

Assim, o telejornal de maior audiência do país se vê na obrigação de retificar o que foi veiculado na notícia do dia anterior. Para isso, como citamos no parágrafo anterior, o vocábulo “exclusividade”, se mostra como um recurso discursivo na tentativa de novamente afirmar o etos de credibilidade no campo midiático, aspecto que pode ser prejudicado devido à polêmica e as tensões e contradições presentes neste evento discursivo. Vale ressaltar que, o vocábulo “exclusividade” também foi destacado pelo repórter Paulo Renato Soares no bloco temporal 4.

William Bonner: “O Jornal Nacional teve acesso com exclusividade ao inquérito policial sobre a prisão de um estudante acusado de ter lançado coquetéis molotov contra policiais, nos confrontos de segunda-feira, no Rio de Janeiro, perto do palácio Guanabara. Ao contrário do que tinha sido divulgado em várias notas oficiais das polícias, militar e civil, o estudante Bruno Ferreira Telles não portava explosivos no momento da prisão, segundo relatos do próprio policial que o deteve.”

(Imagem: O jornalista William Bonner, em primeiro plano, no estúdio do telejornal. Em segundo plano, bancadas com computadores ligadas e pessoas trabalhando. Ao fundo, em tela horizontal, ícone do Jornal Nacional (JN).)

(0’’ a 30’’ – Notícia do dia 24 de julho de 2013 - transcrita no Anexo D)

Antes da divulgação do vídeo da mídia alternativa, a notícia faz referência a uma relação de intertextualidade externa com diversos documentos e páginas no *twitter* (rede social) das polícias civil e militar, em que evidenciam um embate de posicionamentos discursivos na

designação dos manifestantes e nas perspectivas abordadas por ambas as mídias. Por meio dessa citação, percebemos um possível deslocamento de sentido, com o JN reforçando as contradições da polícia, tentando, assim, justificar a abordagem da notícia anterior.

Portanto, temos a intertextualidade externa com documentos de outros campos discursivos, mas que são passíveis de serem citados por um telejornal. Com esses documentos, o sentido da prisão do estudante pode ser modificado, desmentindo a versão da notícia do dia anterior. Assim, esses documentos são citados em virtude do forte apelo das redes sociais e da publicação do vídeo que inocentou o estudante. Com isso, percebemos que esses vídeos desmontam as designações e vozes que apresentavam a perspectiva de um manifestante agressivo e culpado pelo ato.

“Um dos PMS diz que um manifestante não identificado, lançou o primeiro coquetel molotov. Logo depois, outro coquetel foi aceso e entregue a Bruno, que segundo o policial também o lançou. O mesmo policial afirmou que nenhum coquetel molotov foi encontrado com o estudante. Essa declaração contraria todas as notas divulgadas pelas polícias militar e civil no dia da manifestação e também no dia seguinte.”

(Imagem: Nessa imagem, o JN destaca a parte do documento em que relata ocorrido na noite do dia anterior, aumentando a fonte de trechos do conteúdo da nota.)

(1' 40'' a 1' 53'' – Notícia do dia 24 de julho de 2013 - transcrita no Anexo D)

De acordo com que foi apresentado nessa notícia, temos a imposição de um tema, por motivos externos ao telejornal, ou seja, a intervenção de uma mídia alternativa e sem qualquer vínculo institucional, algo incomum nos temas específicos do JN, devido à instauração do etos de credibilidade que a instituição tenta impor com o ‘Padrão Globo de Qualidade’, sendo diferente e mais qualificada que as demais emissoras. Logo, esse tema imposto por uma mídia alternativa que desmente a versão da edição do dia anterior do telejornal, coloca em dúvida a credibilidade desse programa.

Nesse sentido, ocorreu um embate de posicionamentos discursivos quanto aos possíveis sentidos apresentados para o mesmo tema. Na notícia do dia anterior, as prisões podem suscitar sentidos como se os manifestantes detidos fossem agressivos e como se o estudante fosse culpado. Porém, esse sentido pode ser modificado completamente através da imposição

desse tema e do forte apelo popular, inocentando o estudante de todas as acusações arroladas contra ele e trazendo as contradições dos atos da polícia militar para as cenas midiáticas.

Com isso, ao contrário da criminalização do evento, e do possível caráter extremamente negativo retratado na notícia do dia anterior, agora temos um tema imposto que destaca as contradições presentes nessa perspectiva adotada pelo JN e evidenciam as ilusões imaginárias propostas por Wolff (2005). Essas ilusões imaginárias demonstram que as perspectivas abordadas pelo JN em suas notícias não são a verdade concreta e absoluta dos fatos, pois as mídias alternativas trouxeram novos dispositivos e diferentes abordagens de um mesmo evento.

Ao observarmos o estatuto dos interlocutores, ou seja, os papéis que cada um deles exercem em uma interação verbal, podemos observar que um discurso institucional apresentado pelo JN pode adquirir um novo sentido, dessa vez, inocentando o estudante. Esse discurso foi do desembargador Paulo de Oliveira Lanzelotti Baldez, que criticou a prisão arbitrária do estudante, conforme trecho abaixo.

“Também ontem pela manhã, os advogados do estudante conseguiram um habeas corpus. Na decisão, o desembargador Paulo de Oliveira Lanzelotti Baldez afirma que nenhum artefato explosivo foi apreendido com Bruno e que a prisão em flagrante não tinha fundamento idôneo e concreto.”

(Imagem: Enquadre de novos trechos do documento referente à prisão do estudante, com relatos do desembargador Paulo de Oliveira Lanzelotti Baldez.)
(3' 03'' a 3' 13'' – Notícia do dia 24 de julho de 2013 - transcrita no Anexo D)

Além disso, podemos compreender que a voz do estudante adquire legitimidade e se torna imprescindível para o entendimento da notícia e para a solução do caso. Nesta segunda notícia, a entrevista do estudante concedida à mídia NINJA, assim como o momento de sua prisão são evidenciados, trazendo uma nova perspectiva à notícia retratada no dia anterior e evidenciando as ilusões imaginárias propostas por Wolff (2005).

Ao contrário do que observamos na notícia do dia anterior, em que foram privilegiadas as vozes que representam discursos institucionais, nessa notícia a voz do estudante é exposta devido ao clamor popular nas redes sociais e à presença do vídeo da mídia alternativa. Desse modo, temos nas duas notícias, maneiras diferentes de abordar a entrevista do estudante

concedida à mídia alternativa. Com a imposição do tema, temos a mudança de estatuto na voz e na credibilidade das palavras do estudante em sua entrevista.

“Bruno deu uma entrevista ao grupo mídia ninja, falando sobre o momento de sua prisão.”

Bruno Ferreira Telles: “Foi na primeira, na primeira hora que eles fizeram o pessoal correr.”

Membro da mídia ninja: “Sim, a gente estava lá.”

Bruno Ferreira Telles: “Eu queria pedir pra vocês me ajudarem, a encontrar o vídeo onde eu corri da polícia, eles me prenderam e disseram que eu estava com uma garrafa de molotov e eu não estava.”

“Imagem: Enquadre da entrevista do estudante Bruno Ferreira Telles concedida ao grupo mídia NINJA. O JN destacou a seguinte legenda: Bruno Ferreira Telles – Em entrevista ao “Mídia Ninja.”

(3’ 18” a 3’ 41” - Notícia do dia vinte e quatro de julho de 2013 - transcrita no Anexo D)

Assim, temos um deslocamento no sentido, com a exposição dos desmandos e atos agressivos da polícia militar, aspectos criticados pela população nas redes sociais. Logo, percebemos um jogo de poder entre as duas mídias, com a instauração de polêmicas através da interincompreensão, assim como a resistência do JN à presença da mídia NINJA no primeiro vídeo e a possível obrigação de retratar o conteúdo dessa mídia, sem qualquer vínculo institucional, desmentindo assim, a abordagem inicial dos fatos.

Sobre a dêixis enunciativa, isto é, as coordenadas de tempo e espaço presentes nos discursos, percebemos que no início da notícia, o JN retoma as imagens do dia anterior, para citar as contradições apresentadas nos documentos das polícias civil e militar. O sentido que pode ser estabelecido por essas imagens é do espaço rua, local de passagem de carros e transeuntes, como briga territorial e obstrução de carro e pedestres.

Na parte final da notícia, o espaço rua adquire um novo sentido ao ser evidenciado o vídeo do momento da prisão do estudante. Com isso, temos a apresentação de uma prisão arbitrária e de atitudes contraditórias da polícia militar. Esses fatos reconstróem os sentidos do caso e desmentem a versão veiculada no dia anterior.

Sendo assim, não temos mais o possível sentido negativo de manifestações agressivas e perigosas, com um manifestante criminoso, mas sim atitudes contraditórias e agressivas por parte de uma corporação que pretensamente é responsável por proteger os cidadãos nas manifestações populares que se expandiram pelas ruas do Brasil, em 2013.

Retomando a polêmica entre a imprensa brasileira e as mídias alternativas, podemos evidenciar a tentativa do JN de novamente afirmar sua credibilidade perante os telespectadores, ao relatar que as imagens de um cinegrafista da instituição mostraram que o estudante não portava mochila no momento do lançamento do artefato explosivo contra os policiais. No entanto, essas imagens só foram destacadas, após o estudante ter sido inocentado através dos vídeos do grupo mídia NINJA.

“Esta imagem mostra o momento em que a policia, encontra uma bolsa cheia de coquetéis molotov. O local fica a cerca de setecentos metros de onde o Bruno foi preso. Imagens feitas por um cinegrafista da Globo mostram que antes do início dos confrontos, o rapaz não estava com mochila

(Imagem: “Enquadre do momento em que policiais encontram uma mochila repleta de artefatos explosivos, perto de uma banca de jornal em uma das ruas do Rio de Janeiro. Essas imagens também foram reproduzidas na notícia do dia anterior. Ao final dessa imagem, o JN coloca abaixo do vídeo o nome do editor de imagens da matéria jornalística: Bruno Motta.”)

(4’ 59’’ a 5’ 10’’ - Notícia do dia vinte e quatro de julho de 2013 - transcrita no Anexo D)

Ao refletirmos sobre os modos de coesão, percebemos através dessa reviravolta no caso do estudante devido a motivações externas, que as notícias do JN são fragmentos editados, ou seja, ela é construída coesivamente através da redação, que edita e estabelece as relações anafóricas, voltadas a refletir a notícia como narrativa e a progressão lógica dos fatos. Ao contrário dessa composição, por exemplo, a mídia NINJA, transmitiu as manifestações ao vivo, apesar das limitações técnicas, aspectos que serão discutidos no próximo subitem deste capítulo.

Essas relações evidenciam novamente a questão das diferentes abordagens e perspectivas acerca das manifestações e as notícias do telejornal como uma das possíveis

perspectivas da realidade, dependendo do posicionamento da câmera, da opção da redação, entre outros fatores institucionais, que contribuem com a construção dos sentidos das notícias veiculadas. Sendo assim, essas polêmicas podem evidenciar a noção de ilusões imaginárias, expostas por Wolff (2005).

4.3 Diferentes Abordagens: Grande Imprensa x Mídia NINJA

Neste item, realizaremos um contraponto entre as duas mídias aqui analisadas: a grande imprensa, através do JN e as mídias alternativas, representadas pelo grupo que transmitiu as manifestações de 2013 através da internet, mídia NINJA. Esse contraponto pode ser evidenciado através da semântica global e seus planos constitutivos e da polêmica interincompreensão, que estabelece os sentidos dos discursos e a identidade discursiva por meio da alteridade, ou seja, do simulacro do Outro.

Desse modo, neste item aprofundaremos as diferenças entre os posicionamentos linguísticos, as construções das duas narrativas, os modos de dizer, a legitimação institucional, a ideia da citação como autoafirmação sobre o Outro no campo midiático e que pode ser evidenciado na teoria da polêmica da interincompreensão.

Em primeiro lugar, ao identificarmos essa relação de interincompreensão e embate de posicionamentos discursivos entre as duas mídias aqui analisadas, como foi apresentado na metodologia desta pesquisa, através de um estudo apurado do *corpus* desse trabalho, procuramos identificar o melhor caminho para uma entrada linguística na análise.

Dessa forma, através de diversas leituras das transcrições dos materiais, percebemos que a materialidade linguística mais evidente foi o grande número de advérbios presentes na construção das notícias do JN, como uma narrativa dos fatos veiculados.

Por meio da construção da notícia como narrativa, percebemos que para uma compreensão dos sentidos atribuídos às manifestações de 2013, a utilização de um grande número de advérbios foi uma estratégia essencial. Essa estratégia destaca a discussão sobre a visão limitada do advérbio nas gramáticas tradicionais, em que essa classe gramatical é colocada no grupo de termos acessórios.

No entanto, ao observarmos a materialidade linguística dessas duas notícias, compreendemos que os advérbios não são termos acessórios, mas sim essenciais nesse gênero, sobretudo para a compreensão dos sentidos atribuídos a manifestação veiculada e para

a construção da narrativa. Nesse sentido, podemos identificar através de uma análise das notícias veiculadas no JN, alguns elementos atrelados a elaboração de uma narrativa como: enredo, tempo, espaço e foco narrativo.

Ao analisarmos essa estratégia, percebemos que o foco da construção narrativa nos adjuntos adverbiais visa contribuir para um maior detalhamento de cada momento do evento e uma progressão lógica das ações apresentadas. Além disso, essa estratégia aproxima a notícia editada pela redação de uma transmissão ao vivo, procurando estabelecer, assim, as imagens de verdade e credibilidade importantes na construção institucional do JN.

Nesse sentido, percebemos que, na primeira notícia, a ênfase desse detalhamento é nos adjuntos adverbiais de tempo e espaço, que reforçam noções importantes para a análise do discurso de base enunciativa, sobretudo de Maingueneau (2013b), como a topografia (espaço) e a cronografia (tempo). Ao unirmos essas duas noções, podemos constituir o conceito de etos discursivo, ou seja, da autoimagem que um indivíduo ou instituição constroem através de diversos aspectos numa interação verbal e num campo discursivo.

Na primeira notícia presente no *corpus*, do dia 23 de julho, podemos identificar na introdução elucidada pela enunciativa jornalista, essa estratégia de progressão e detalhamento das ações presentes, através da utilização de adjuntos adverbiais. Nesse primeiro exemplo, a ênfase é nos advérbios de tempo e lugar (espaço), como podemos verificar na citação abaixo.

“(…) A passeata até a sede do governo do estado do Rio, onde o Papa Francisco recebeu as boas vindas ontem, começou pacífica, mas terminou em confronto. A polícia militar foi criticada por ter prendido um integrante do mídia ninja. É um grupo que transmite as manifestações pela internet.”

(Noticiado JN veiculada em 23 de julho de 2013 - transcrita no Anexo C)

Como podemos observar acima, essa estratégia de uma progressão das ações veiculadas, através de um passo a passo de uma notícia editada pela redação jornalística, simulando o ao vivo, foi construída durante toda transmissão da notícia e pode ser identificada já na introdução formulada pela enunciativa jornalista do JN.

Por meio dos advérbios de lugar (A passeata até a sede do governo do estado do Rio) e de tempo (Ontem), podemos apontar a possibilidade de suscitar os sentidos de credibilidade e imparcialidade, pois com esses advérbios o JN tenta se aproximar de uma construção ao vivo, progredindo os fatos através do tempo e do espaço (lugar) em que ocorreram os fatos. A ênfase excessiva nessas coordenadas parece conferir à notícia uma proximidade aos eventos

empíricos supostamente exteriores a ela, uma espécie de efeito de pretensa “ancoragem na realidade”.

Essa aproximação tenta demonstrar que o JN tem a legitimidade de ‘tudo dizer’, de maneira clara e imparcial, e uma credibilidade institucional, construída através de quarenta e cinco anos, tempo em que o telejornal está no ar, na Rede Globo de televisão. Essa credibilidade procura abranger a legitimidade do JN, que pode retratar um dito particular com autoridade institucional e credibilidade perante a sociedade.

Além dessa construção de narrativa, também podemos apontar que o exemplo apresenta um advérbio de lugar (Pela internet). Esse advérbio estabelece uma mistura de espaços, visando demonstrar a ampliação dos lugares explorados pelo telejornal e a notícia como uma verdade concreta do fato divulgado, através de uma combinação entre os espaços: físico e virtual.

Nesse sentido, os etos de verdade e credibilidade citados nos parágrafos acima são construídos, unindo-se a um etos pré-discursivo, excessivamente difundido durante os quarenta e cinco anos em que o telejornal está no ar: o Padrão Globo de Qualidade. Logo, esse modo de dizer, através da combinação de espaços pode suscitar sentidos positivos e favorecer a imagem do JN, como um telejornal que transita por todos os espaços, tanto o físico, quanto o virtual, em prol de informar os cidadãos brasileiros.

“Ainda que o jornal não se limite à veiculação de notícias no sentido estrito da palavra, essa forma comunicativa tem lastreado nos último dois séculos a ideia moderna do jornalismo, na medida em que dá margem À construção e manutenção de toda a mitologia da neutralidade que se atribui a uma mercadoria e que, portanto, sustenta os coeficientes de confiabilidade pública nos relatos.” (CABRAL, 2009, p.14).

Ao longo da notícia, essa simulação do ao vivo é construída e a transição entre os advérbios de tempo e espaço se torna ainda mais evidente e concreta, como a materialidade linguística essencial na construção de sentidos e na progressão dos fatos noticiados. No exemplo abaixo, podemos compreender essa estratégia que apresenta um detalhamento dos acontecimentos através desses vocábulos. Portanto, essa estratégia pode suscitar sentidos e efeitos que se assemelham a uma notícia ao vivo

“(…) Por volta das cinco da tarde, os manifestantes começaram a se reunir na praça do largo do machado. O bairro é vizinho a laranjeiras, onde fica o

palácio Guanabara, sede do governo do estado. Era uma manifestação pacífica que durou duas horas e quarenta e cinco minutos.”

(Noticiado JN veiculada em 23 de julho de 2013 - transcrita no Anexo C)

Conforme podemos observar na progressão dos fatos, em alguns momentos da narrativa, identificamos uma espécie de polissemia em alguns advérbios, como é o caso de ‘No Caminho’, no trecho: “No caminho mais pessoas se juntaram a passeata, que chegou a reunir mil e quinhentos participantes, segundo a polícia militar.”

Esse advérbio pode ser classificado através de duas circunstâncias: lugar e tempo. Ao analisarmos este vocábulo como temporal, pensamos no caminho similar a durante, isto é, mais pessoas se juntaram a passeata durante aquele espaço de tempo. Porém, ao analisarmos este vocábulo como uma circunstância espacial, podemos compreender o caminho como um lugar específico, onde outras pessoas se juntaram a passeata.

Nessa primeira notícia, além dos advérbios de tempo e espaço, outras circunstâncias são utilizadas, podendo estabelecer sentidos diferentes na relação dialógica da linguagem, com o telespectador. Esses advérbios produzem sentidos de causa e finalidade e podem suscitar sentidos de convencimento e constituir o etos de credibilidade, como podemos exemplificar na citação abaixo

“Segundo a polícia militar, um menor foi apreendido e sete pessoas foram detidas por desacato, incitação a violência, formação de quadrilha, exposição ao perigo, resistência e dano qualificado.”

(Noticiado no JN - veiculada em 23 de julho de 2013 - transcrita no Anexo C)

Com isso, essa construção procura convencer o telespectador de que as pessoas foram detidas por terem cometido esses crimes: “desacato, incitação a violência, formação de quadrilha, exposição ao perigo, resistência e dano qualificado”. Sobre o sentido de finalidade, podemos destacar o enunciado produzido no décimo terceiro bloco temporal da primeira notícia analisada, reforçando a defesa do relações públicas da polícia aos policiais infiltrados, tentando suscitar sentidos de convencimento sobre o trabalho desses membros da corporação: “policiais do serviço reservado, à paisana, acompanham a manifestação com o objetivo de identificar agressores e coletar provas.”

Na notícia do dia 24 de julho também podemos identificar a mesma construção de narrativa pautada em advérbios de tempo e espaço, seguindo uma progressão lógica dos fatos

e um detalhamento do evento, aproximando-se de uma transmissão ao vivo. Essa progressão temática pode ser observada na citação abaixo:

“Nos confrontos de segunda-feira à noite perto do palácio Guanabara, sete pessoas foram presas. Horas depois do início do tumulto, a polícia militar do Rio, divulgou em seu twitter oficial, a informação de que vinte coquetéis molotov tinham sido apreendidos com um manifestante.”

(Noticiado no JN - veiculada em 24 de julho de 2013 - transcrita no Anexo C)

Ao realizarmos um contraponto com os vídeos do grupo mídia NINJA, podemos compreender que os materiais desse grupo são elaborados ao vivo, apesar das dificuldades técnicas, e transmitidos em tempo real, pela internet. No momento da prisão do estudante, ficou explícita a edição do JN, pois diversas atitudes autoritárias e arbitrarias da corporação policial foram excluídas da edição. No entanto, o telejornal se viu na obrigação de retratar o vídeo, devido ao apelo nas redes sociais e a solução do caso, por uma mídia alternativa e sem qualquer vínculo institucional.

Na transcrição dos vídeos desse grupo, percebemos que há pouca locução, e muito som ambiente. Nesse vídeo não existe uma narração linear, como o JN tenta construir, conforme foi exemplificado nos parágrafos acima, através dos advérbios de tempo e lugar. Entretanto, o vídeo retrata perfeitamente o momento da prisão do estudante (manifestante) e as contradições da polícia militar, e oposição que foi construída ao longo de um estudo dos performativos e das designações nos itens anteriores. Tais aspectos parecem indicar etos distintos do enunciador-jornalista: de um lado, um etos comedido, pautado em edições que fazem emergir traços de pretensão equilíbrio na apuração, distanciamento na apresentação, de outro, um etos de autenticidade, proveniente do ideal de “tudo mostrar”, proximidade dos eventos e parcialidade das apresentações.

De acordo com o *site* do grupo mídia NINJA, podemos compreender que o grupo tenta construir uma produção de sua memória, porém ainda de maneira inicial. Desse modo, a presença dessa mídia alternativa trouxe para o campo midiático uma polêmica que se formou no contexto das manifestações de 2013. Essa polêmica é em torno das abordagens da grande imprensa brasileira no principal veículo de comunicação do país, a televisão.

Diante dessa polêmica, foram realizadas duras críticas a imagem dos veículos de comunicação do país nas redes sociais e em *sites* e revistas alternativas. Com isso, temos o retorno da discussão sobre o monopólio da comunicação brasileira, que é voltada a pequenos

grupos de famílias economicamente privilegiadas. Assim, como observamos no primeiro capítulo desta dissertação, há uma luta de diversas mídias alternativas por um espaço nesse campo discursivo, visando democratizar a comunicação brasileira e estabelecer o fim desse monopólio.

Como podemos observar na análise desse trabalho, a polêmica entre a grande imprensa e as mídias alternativas foi construída e o JN evidenciou durante a primeira notícia, valores de credibilidade, imparcialidade e força institucional. Essa forma pôde ser observada através da auto-afirmação de imagens e valores constituídos através do “Padrão Globo de Qualidade”, construção institucional que impera na emissora ao longo dos anos, tentando, se colocar como diferente e acima das demais concorrentes, procurando legitimar, assim, o seu dizer.

Logo, podemos compreender que através dessa autoafirmação e das polêmicas, se instaura a interincompreensão. De acordo com o que discutimos no capítulo anterior, essa perspectiva pode ser construída através da citação. Com a citação presente na primeira notícia, referente ao grupo mídia NINJA, o JN procura se autoafirmar no campo midiático, procurando legitimar o seu dizer através do caráter institucional, se opondo a esse grupo, que não apresenta qualquer vínculo institucional. Portanto, é através da alteridade e da autoafirmação sobre o Outro, que se constrói a identidade discursiva.

No entanto, na segunda notícia há um deslocamento nesse sentido, e o JN se vê na possível obrigação de retratar um vídeo do grupo mídia NINJA, que foi responsável pela absolvição do estudante Bruno Ferreira Telles no caso. Com isso, podemos desnaturalizar a ideia de que todas as notícias presentes no JN são a verdade única e concreta dos fatos.

Nesse sentido, essa ideia é desnaturalizada, ao observarmos que a abordagem exposta na primeira notícia foi desmentida por uma mídia que teve sua formação recentemente, mas que tem condições de divulgar notícias e informar os cidadãos da mesma maneira que o JN, apesar dos poucos recursos nesse início. Portanto, ainda teremos diversas discussões acerca desse monopólio comunicacional, e esta dissertação procura contribuir para uma discussão extremamente importante sobre a relação entre as duas modalidades da linguagem: verbal e não verbal e sobre os rumos dos veículos de comunicação do país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dessa análise, compreendemos que, no contexto de manifestações populares no Brasil, em 2013, houve um embate entre o que foi apresentado pela grande imprensa brasileira e pelas novas mídias alternativas, com diferentes posicionamentos discursivos e a instauração de polêmicas.

Diante desse embate, ao refletirmos sobre as designações dos eventos e seus participantes, percebemos que na primeira notícia o JN tentou em vários momentos da construção da narrativa suscitar sentidos de um aparente equilíbrio entre os dois grupos que protagonizaram as manifestações populares de 2013: manifestantes x policiais. Esse pretense equilíbrio foi, no entanto, compreendido como um efeito de sentido produzido pela própria notícia e não uma suposta característica dos eventos.

Essa oposição pode ser evidenciada através do estudo pragmático dos performativos e dos pressupostos. No entanto, em determinados momentos esse pretense equilíbrio apresentou um deslocamento, e o grupo da polícia foi evidenciado como vítima da situação comunicativa, em determinados blocos temporais presentes nos anexos desta pesquisa.

Com efeito, percebemos que o JN utilizou a estratégia de apagar as formas das ações através de nominalizações, verbos impessoais e voz passiva. Com esse apagamento, o aparente equilíbrio é evidenciado, pois não conseguimos identificar o agente responsável por determinados atos e qual o grupo iniciou os confrontos.

Além disso, durante essa notícia, também podemos identificar a questão institucional, aspecto muito importante na condução do trabalho, pois segundo a perspectiva de Dominique Maingueneau (2008b), o discurso ao ser produzido se localiza em um quadro institucional e é legitimado por ele. Assim, o JN apresenta aspectos institucionais que autorizam as vozes dos enunciadores jornalistas, como a credibilidade e a imparcialidade.

Nesse sentido, no contexto das manifestações populares de 2013, foi instaurada a polêmica no campo midiático entre as abordagens da grande imprensa e das novas mídias alternativas. Desse modo, o grupo mídia NINJA foi apresentado pelo JN no primeiro vídeo analisado nesta dissertação, através de pequenos trechos, atribuindo voz a enunciadores pertencentes a instituições ligadas ao caso. Com isso, percebemos que o JN utilizou a citação, como forma de autoafirmação de seus princípios editoriais e do caráter institucional, pautado no “Padrão Globo de qualidade”, através da polêmica da interincompreensão,

Sendo assim, ao analisarmos a parte não verbal dessa primeira notícia, podemos perceber que houve um deslocamento entre o que foi apresentado na parte verbal da notícia. Dessa forma,

reafirma-se a ideia de que esse equilíbrio é antes um efeito de sentido, quando se observa que esse mesmo efeito não é evidenciado nas vozes presentes nessa narrativa. Por meio de uma construção institucional, as vozes dos policiais, do relações públicas da corporação e do procurador adquiriram um grande destaque na primeira notícia, sendo importantes na composição dos sentidos atribuídos a essas notícias.

Assim, as vozes das pessoas que representavam o grupo dos manifestantes foram marcadas pelo integrante do grupo mídia NINJA, Filipe Peçanha, ao JN destacar sua prisão, e do estudante Bruno Ferreira Telles. Neste ponto, percebemos que não há o mesmo equilíbrio encontrado na parte verbal da notícia, entendida como uma narrativa.

Em relação às imagens dessa notícia, podemos identificar por meio de uma análise pautada nos planos constitutivos da semântica global e da polêmica da interincompreensão, que a grande imprensa destacou em grande parte das duas notícias, a violência na manifestação e o confronto entre manifestantes e policiais. Com isso, compreendemos que o JN pode ter suscitados sentidos negativos as manifestações, sobretudo com a chegada dos “mascarados”. No contexto das manifestações, o vocábulo-objeto “máscara” adquiriu sentidos extremamente negativos, sendo responsáveis pelo anonimato e criminalizados através de uma lei aprovada pela instância política.

Portanto, as motivações heterogêneas e diversas vozes que lutavam por várias demandas sociais foram apresentadas apenas nos três primeiros blocos temporais do primeiro vídeo, havendo um deslocamento dos sentidos com a chegada dos mascarados. A presença dos mascarados modificando o comportamento da manifestação em geral pode suscitar sentidos extremamente negativos, através do confronto entre policiais e manifestantes. Esses sentidos podem colocar as manifestações como eventos perigosos e violentos. Ao observarmos as coordenadas de tempo e espaço dessa manifestação, percebemos que em grande parte da rua foi retratada como um espaço de enfrentamento, caos urbano e violência urbana. Essa violência urbana é um tema específico do telejornal, sendo recorrente na atualidade.

Além disso, no caso da prisão do estudante Bruno Ferreira Telles, através das vozes institucionais (relações públicas da polícia militar, procurador e policiais) os possíveis sentidos suscitados são de um manifestante culpado pelo ato no qual era acusado (lançar um coquetel molotov contra um bloqueio policial). Novamente, os possíveis sentidos negativos das manifestações são destacados, através desse caso, ao retratar um manifestante como culpado por um crime.

Ao observarmos o segundo vídeo, através da análise da parte verbal da segunda notícia, percebemos um deslocamento nos possíveis sentidos suscitados pelas designações dos dois grupos: manifestantes e policiais. Ao contrário da primeira notícia, que procurava evidenciar um aparente equilíbrio entre ambas as partes, a segunda notícia retrata contradições da corporação da

polícia, visando suavizar as possíveis arranhaduras que a imagem de credibilidade do JN possa ter recebido ao ser desmentido por um vídeo do grupo mídia NINJA. Assim, o telejornal constrói a narrativa, através das contradições da polícia, por meio de documento, boletins de ocorrência e do *habeas corpus* do estudante.

Em seguida, também percebemos um deslocamento de sentidos na parte não verbal, que pode ser observado através do destaque que a voz do estudante Bruno, em entrevista concedida ao grupo mídia NINJA, adquire nesse segunda notícia. Ao contrário do que foi apresentado na primeira notícia, em que a voz do grupo dos manifestantes não teve destaque como as vozes institucionais dos policiais e de seus aliados, nessa segunda notícia, a voz do estudante é essencial para compreendermos o caso e os possíveis sentidos e efeitos de realidade na relação com o telespectador.

Com o segundo vídeo analisado, percebemos a instauração de diversas polêmicas e as tensões entre a grande imprensa brasileira e as novas mídias alternativas. Por meio dessas tensões, podemos retomar diversas discussões que perpassam por esses dois meses de intensas manifestações por diversas capitais do país como: a desmilitarização da polícia, a reforma política, o debate sobre a utilização de máscaras e as criminalização dos protestos e a democratização da mídia.

Através de um vídeo de uma nova mídia alternativa (NINJA), sem qualquer vínculo institucional, o caso da prisão arbitrária do estudante Bruno Ferreira Telles foi solucionado, desmentindo o telejornal mais assistido do país, que construiu sua imagem institucional pautada na credibilidade e na imparcialidade, legitimando, assim, o seu diz. Dessa forma, a polêmica foi instaurada e a mídia alternativa impôs um tema, desmentindo o JN.

Por meio dessas tensões, podemos compreender que a mídia NINJA não apresentou qualquer vínculo institucional e transmitiu ao vivo na internet as manifestações, se colocando como uma mídia alternativa ao monopólio da imprensa tradicional. Entretanto a mídia NINJA apresentou uma nova perspectiva quanto ao caso da prisão do estudante Bruno e colocou em dúvida a credibilidade e a imparcialidade do JN.

Sendo assim, podemos compreender através dos paradoxos da imagem, estudados por Wolff (2005), que a televisão estabelece uma ilusão imaginária, no qual apresenta um sentido de realidade única e concreta, algo cristalizado na sociedade. No entanto, essa ideia pode ser desnaturalizada ao percebermos que as notícias apresentadas pelo telejornal são apenas uma das diversas perspectivas daquele evento discursivo. Essa ideia pode ser evidenciada através das ilusões imaginárias que são construídas por meio do jogo de câmeras e do enfoque de determinado assunto.

Nesse sentido, ao realizarmos um contraponto entre essas duas mídias, identificamos a grande quantidade de advérbios no texto do telejornal. Com efeito, esses advérbios podem construir uma narrativa e evidenciar a progressão lógica dos fatos, aproximando-se assim, de uma notícia transmitida ao vivo. Ao contrário dessa construção editada, o grupo mídia NINJA transmitiu ao vivo as manifestações, apesar das limitações técnicas. Dessa forma, através da transcrição dos vídeos desse grupo, identificamos pouca locução do cinegrafista e a Ênfase no som ambiente.

Portanto, com a análise desses dois vídeos, percebemos a instauração de polêmicas e as tensões entre a grande imprensa e as mídias alternativas que se expandiram com a disseminação das manifestações populares e da forte presença das redes sociais nesse contexto. Além disso, diversas redes de poder estão em jogo nos eventos e podem ser observadas através das motivações dos participantes, de diversas demandas sociais e lutas de resistência, assim como as contradições entre as duas mídias analisada.

O caso aqui analisado destaca a necessidade de uma maior discussão da sociedade e da instância política acerca da democratização da mídia e do fim do monopólio econômico dos meios de comunicação do Brasil. Por meio da semântica global e dos estudos pragmáticos, pudemos compreender os possíveis sentidos das manifestações apresentados pelo JN, que retratou em determinado momento o caráter pacífico desses eventos e a heterogeneidade das motivações. Entretanto, na maioria das cenas, o confronto entre polícia e manifestantes foi destacado.

Além disso, um manifestante inocente foi praticamente considerado culpado através das entrevistas de caráter institucional. Como pudemos observar, a mídia alternativa foi retratada inicialmente como um vídeo de caráter anônimo e sem credibilidade para legitimar o dizer dessa organização. Todavia, o caso foi solucionado através de novos dispositivos midiáticos unidos ao clamor das redes sociais, que foram tidas como responsáveis pela organização e disseminação das manifestações por todo o Brasil.

Ao refletirmos sobre o problema de pesquisa apresentado nas *considerações iniciais* desta dissertação, podemos responder que os sentidos atribuídos as manifestações foram de que esses eventos em grande parte tiveram confrontos entre manifestantes e policiais e foram associados a temas recorrentes do JN atualmente, como o crime urbano. Além disso, percebemos que as diversas motivações e demandas sociais foram pouco exploradas pelo JN, havendo um enfoque maior nos momentos de conflito.

Nesse sentido, através da construção de uma pesquisa com diversos materiais, a documentação desse momento histórico demonstra que as atitudes discutidas aqui não são exceção, pois apareceram em diversos outros momentos desses dois meses de manifestações por todo Brasil.

Com isso, através da busca pelos sentidos atribuídos as manifestações pela grande imprensa brasileira, percorremos por uma polêmica, que evidenciou aspectos extremamente importantes deste estudo em diversas áreas como a linguística e a comunicação social.

Por fim, caba ressaltar que, esta dissertação futuramente apresentará desdobramentos, devido à riqueza do material e das manifestações populares de 2013, que será um tema bastante debatido e constantemente abordado em teses e dissertações no mundo acadêmico, nas diversas áreas de atuação e campos de pesquisa. Um assunto bastante atual e com diversos aspectos a serem explorados em futuros trabalhos de pesquisa.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é um dispositivo?*. Tradução de Nilcéia Valdati. Santa Maria: Palloti, 2006.

ALDÉ, Alessandra. *A construção da política*. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

ATEM, Guilherme. *O pensamento atacado: comunicação, política e produção de apatia*. Rio de Janeiro: E-papers, 2001.

_____. O imaterial: fundamentos filosófico-semióticos da produção de subjetividades. In: I COLÓQUIO DE SEMIÓTICA, 1., 2007, Rio de Janeiro. *Atas do IX Felin - I Colsemi*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. Marxismo e filosofia da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. São Paulo, Brasiliense, 1987. (Obras Escolhidas, v. 1).

BOLAÑO, César. *Mercado brasileiro de televisão*. 2. ed. [Aracajú]: Editora UFS, [2004?].

BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *Cidadania: um projeto em construção*. 1.ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

CABRAL, M. S. A. . *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. v. 1. 287p .

_____. *Antropológica do espelho*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. v. 1. 268 p.

_____. *O monopólio da fala*. Petrópolis: Ed. Vozes.1977.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

_____. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CASTELO BRANCO, Guilherme. As resistências ao poder em Michel Foucault. *Trans/form/ação*, v. 24, n. 1, 2001.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação da tradução: Fernanda Komesu. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

COIMBRA, C. M. B. NASCIMENTO, M. L. Sobreimplicação: práticas de esvaziamento político?. In: Maria Livia do Nascimento; Esther Arantes; Tania Galli Fonseca. (Org.). *Práticas psi: inventando a vida*. Niterói: EDUFF, 2007, v. , p. 27-36.

_____. Análise de implicações: desafiando nossas práticas de saber/poder. In: Geisler, A. R. R.; Abrahão, A. L. e Coimbra, C. (Org.). *Subjetividade, violência e direitos humanos: produzindo novos dispositivos na formação em saúde*. Niterói: EDUFF, 2008.

COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*. São Paulo. Companhia das Letras, 2005.

DEBORD, Guy. *A sociedade de espetáculo*. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro; Contraponto, 1997.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 20 de novembro de 1923: postulados da linguística. In: _____; _____. *Mil platôs, v.2: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2005. p. 11-60.

_____. *Mil platôs, v. 1: capitalismo e esquizofrenia*, Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DIOGO, Walter. *História dos presidentes: amor e ódio nas eleições do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro; WD Editorial, 2012.

DREYFUS, H; RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica)*. Tradução: Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à linguística, v.1*. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. *Introdução à linguística, v.2*. São Paulo: Contexto, 2003.

FOUCAULT, M. Soberania e disciplina. In: _____. *Microfísica do poder*. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. *A arqueologia do saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FREITAS, Ricardo de; SILVA, Janete (Org.). *Olhares urbanos: estudos sobre a metrópole comunicacional*. São Paulo: Summus, 2011.

GALVÃO, Carlos Fernando; MEFFE, Corinto. *Democracia: do conceito a prática, da representação à participação*. São Paulo: Ed. Claridade 2010. (Saber de tudo).

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2005. p.33-50.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: 5. ed. Jorge Zahar, 2008.

LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2005. (Princípios).

MARCELLO, Fabiana de Amorim. Sobre os modos de produzir sujeitos e práticas na cultura: o conceito de dispositivo em questão. *Currículo sem Fronteiras*, v. 9, p. 226-241, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. *Cenas da enunciação*. Organização: Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. São Paulo. Parábola, 2008a.

_____. *Gênese do discurso*. Tradução: Sírio Possenti. São Paulo, Parábola Editorial, 2008b.

_____. *Novas tendências da análise do discurso*; Tradução Freda Indursky; revisão de textos originais da tradução: Solange Maria Ledda Gallo, Maria da Glória de Deus Vieira de Moraes. Campinas, São Paulo: Pontes, 3ª Ed, 1997.

_____. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

MARICATO, Ermínia... et al. *Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. 1. ed. São Paulo. Boitempo: Carta Maior, 2013.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MENDES, Conrado. *O falar do 'Jornal Nacional': produção e recepção de um sotaque de natureza ideológica*. [Belo Horizonte]: UFMG, 2006.

MISKOLCI, R. *Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência*. Estudos feministas. Florianópolis, v. 14, n.3, p. 272, set. – dez. 2006.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX, v. I: neurose*. São Paulo: Forense Universitária, 1977.

MUSSALIM, F; BENTES, C. *Introdução à linguística, v.1*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Introdução à linguística, v.2*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Introdução à linguística, v.3*. São Paulo: Cortez, 2001.

NICOLAU, Jairo. *Eleições no Brasil: do Império aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PACHECO, Nathalia da Silva. *De ameaça à renovação: imagens discursivas de um candidato à presidência da república em programas do horário político gratuito eleitoral*. 2013.

PAULON, S. M. A análise de implicação como ferramenta na pesquisa-intervenção. *Psicologia e Sociedade*, v. 17, p. 16-23, 2005.

ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno. Análise de conteúdo e Análise do discurso: o linguístico e seu entorno. *DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 22, n.1, p. 29-52, 2006.

ROCHA, Décio. Agenciamentos coletivos de enunciação em o homem que copiava. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 12, n. 2, p. 403-413ago., 2007.

_____. Representar e intervir: linguagem, prática discursiva e performatividade. *Linguagem em (Dis)curso (Online)*, v. 14, p. 619-632, 2014.

SANTUCCI, Jane. *Cidade rebelde: as revoltas populares no Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. [Rio de Janeiro]: Nova Fronteira, 2008.

SOARES, Leonardo Barros; MIRANDA, Luciana Lobo. Produzir subjetividade: o que significa? *Estudos e pesquisas em psicologia*. Rio de Janeiro, v.9, n.2, p. 408-424, 2. sem. 2009.

SQUIRRA, Sebastião Carlos de. *Aprender telejornalismo: produção e técnica*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

WOLFF, Francis. *Por trás do espetáculo: o poder das imagens*. In. NOVAES, Adauto. *Muito além do espetáculo*. São Paulo: Editora SENAC, 2005.

Sites

Princípios editoriais do grupo globo. Disponível em: <<http://extra.globo.com/principios-editoriais/>>. Acesso em 20 ago. 2014.

Pesquisa Brasileira de Mídia – 2014. Disponível em: <<http://observatorioidaimprensa.com.br/download/PesquisaBrasileiradeMidia2014.pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2015.

Fotos com diversos cartazes das manifestações de dois mil e treze. <<http://g1.globo.com/sao-paulo/fotos/2013/06/fotos-veja-cartazes-dos-manifestantes-em-sp.html#F842784>>. Acesso em: 21 ago. 2014.

Entrevista com o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes concedida ao jornal impresso ‘o globo’ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/em-campanha-paes-tenta-vincular-sua-imagem-as-transformacoes-feitas-por-pereira-passos-5433676>>. Acesso em: 15 maio 2014.

Black Blocs – Wikipédia . Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Black_bloc>. Acesso em: 20 mar. 2014.

Notícia sobre a proibição do uso de máscaras em manifestações populares - Relato do deputado Paulo Melo (PMDB) - Portal G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/09/projeto-de-lei-que-proibe-mascaras-em-protestos-e-aprovado-no-rio.html>>. Acesso em: 17 set. 2014.

Notícia de um protesto contra proibição do uso de máscaras em manifestações populares - Relato do deputado Marcelo Freixo (PSOL) - Portal G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/09/tres-sao-detidos-no-rio-em-protesto-contralei-que-proibe-mascara-em-atos.html>>. Acesso em: 17 set. 2014.

Site do Movimento Passe Livre. Disponível em: <<http://saopaulo.mpl.org.br/apresentacao/>>. Acessado em: 19 mar. 2014.

Lista de Votação PEC 37. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/06/lista-de-votacao-pec-37.html>>. Acesso em: 19 set. 2014.

PEC - PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO, Nº 51 de 2013. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/atividade/materia/detalhes.asp?p_cod_mate=114516>. Acesso em: 11 out. 2014.

Site da Fundação Nacional de Democratização da Mídia. Disponível em: <<http://www.fndc.org.br/>>. Acesso em: 19 set. 2014.

ANEXO A – Levantamento de materiais

	Data	Título	Gênero	Veículo	Duração
1	6 de junho de 2013	Manifestantes entram em confronto com polícia de SP contra aumento da passagem de ônibus	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	2 minutos e 47 segundos
2	7 de junho de 2013	Protesto contra aumento de passagens causa nova confusão em São Paulo	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	3 minutos e 35 segundos
3	10 de junho de 2013	Manifestantes protestam contra aumento na passagem de ônibus no Rio de Janeiro	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	1 minuto e oito segundos
4	11 de junho de 2013	Manifestantes voltam a protestar contra o aumento do preço das passagens em SP	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	1 minuto e 33 segundos
5	12 de junho de 2013	Manifestantes danificam estação do metrô e mais de 80 ônibus durante protesto em SP	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	3 minutos e 28 segundos
6	13 de junho de 2013	Avenida Paulista segue bloqueada nos dois sentidos por causa dos protestos	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	53 segundos
7	13 de junho de 2013	Manifestantes fazem novos protestos contra	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	58 segundos

		aumento das passagens no Rio			
8	13 de junho de 2013	Manifestantes entram em confronto com a polícia no Rio de Janeiro	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	58 segundos
9	13 de junho de 2013	Manifestantes voltam às ruas de São Paulo e enfrentam a PM	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	2 minutos e 31 segundos
10	14 de junho de 2013	Capital paulista vive mais um dia de protesto contra aumento das passagens	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	5 minutos e 59 segundos
11	14 de junho de 2013	Manifestações terminam com atos de vandalismo e três feridos no Rio	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	2 minutos e 17 segundos
12	14 de junho de 2013	Comissão de Direitos Humanos da OAB declara ser inaceitável a postura adotada pela PM	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	17 segundos
13	15 de junho de 2013	Insatisfação com transporte público em SP é a maior em 26 anos de pesquisas	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	3 minutos e 24 segundos
14	15 de junho de 2013	Protesto em Niterói (RJ) tem confusão e PM lança bombas de efeito moral	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	31 segundos
15	15 de junho de 2013	Cerca de 65 mil pessoas protestam contra	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	4 minutos e 16 segundos

		aumento da tarifa do transporte público em SP			
16	17 de junho de 2013	Manifestação reúne 100 mil pessoas e se espalha pelo centro do Rio de Janeiro	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	3 minutos e 24 segundos
17	17 de junho de 2013	Manifestantes se dividem pela Zona Sul de São Paulo	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	53 segundos
18	17 de junho de 2013	São Paulo tem manifestação pacífica nesta segunda-feira (17)	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	3 minutos e 36 segundos
19	17 de junho de 2013	Situação no Rio segue tensa	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	53 segundos
20	17 de junho de 2013	TV Globo faz reportagens sobre as manifestações desde o início	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	21 segundos
21	18 de junho de 2013	Dilma Rousseff fala pela primeira vez sobre onda de protestos	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	1 minuto e 35 segundos
22	18 de junho de 2013	Grupo de manifestantes atea fogo em carro de reportagem em São Paulo	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	23 segundos
23	18 de junho de 2013	Grupo de manifestantes depreda centro histórico do Rio de Janeiro	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	3 minutos e 12 segundos
24	18 de junho de 2013	Grupo tenta invadir sede do Governo de São Paulo	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	1 minuto e 46 segundos
25	18 de junho	Mais de 65 mil manifestantes	Telejornalismo	Jornal Nacional	2 minutos e 56 segundos

	de 2013	caminham por seis horas em São Paulo		(Rede Globo)	
26	18 de junho de 2013	Manifestantes voltam às ruas de São Paulo nesta terça-feira (18)	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	5 minutos e 55 segundos
27	18 de junho de 2013	Milhares de pessoas fazem passeata pacífica e histórica no Rio de Janeiro	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	2 minutos e 46 segundos
28	18 de junho de 2013	Polícia Militar isola prédio da Secretaria de Segurança Pública de São Paulo	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	45 segundos
29	18 de junho de 2013	Prefeito de São Paulo abre possibilidade de rever o preço das passagens de ônibus	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	2 minutos e 11 segundos
30	18 de junho de 2013	Protestos no Brasil ganham destaque na imprensa internacional	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	1 minuto e 10 segundos
31	18 de junho de 2013	Sérgio Cabral diz que está aberto para ouvir manifestantes	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	2 minutos e 28 segundos
32	19 de junho de 2013	Eduardo Paes anuncia redução no preço das passagens no Rio	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	2 minutos e 45 segundos
33	19 de junho de 2013	Grupo de manifestantes tenta invadir prédio da prefeitura de São Paulo	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	6 minutos e 31 segundos
34		Manifestações	Telejornalismo	Jornal	1 minuto e 13

	19 de junho de 2013	no Brasil viram destaque na imprensa internacional		Nacional (Rede Globo)	segundos
35	19 de junho de 2013	Manifestantes protestam em vários lugares da região metropolitana de São Paulo	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	2 minutos e 37 segundos
36	19 de junho de 2013	Milhares de pessoas interditam Rodovia Anchieta em São Paulo	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	1 minuto e 03 segundos
37	19 de junho de 2013	Polícia fecha Ponte Rio-Niterói durante protesto	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	57 segundos
38	19 de junho de 2013	Protesto deixa trânsito confuso em São Paulo	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	44 segundos
39	19 de junho de 2013	Rio de Janeiro e São Paulo revogam aumento das passagens	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	2 minutos e 31 segundos
40	19 de junho de 2013	Situação segue tensa durante manifestação em Niterói	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	48 segundos
41	19 de junho de 2013	Trânsito é liberado na Ponte Rio-Niterói	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	42 segundos
42	19 de junho de 2013	Uma das pistas da Avenida Paulista segue fechada por causa de protesto	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	47 segundos
43	20 de junho de 2013	Não há registro de confusão em São Paulo	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	3 minutos e 22 segundos

44	21 de junho de 2013	Após início pacífico, grupo de arruaceiros parte para violência na prefeitura do Rio	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	1 minuto e 39 segundos
45	21 de junho de 2013	Batalhão de choque tenta retirar manifestantes da Rodovia Castelo Branco, em SP	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	35 segundos
46	21 de junho de 2013	Protesto no Rio termina em confronto entre manifestantes radicais e polícia	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	3 minutos e 31 segundos
47	21 de junho de 2013	Rio de Janeiro soma mais de 300 mil manifestantes	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	35 segundos
48	21 de junho de 2013	Cerca de 100 mil pessoas participam da manifestação desta quinta (20) em São Paulo	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	2 minutos e 23 segundos
49	21 de junho de 2013	Cerca de 500 manifestantes estão na frente do prédio onde mora Governador do Rio	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	46 segundos
50	21 de junho de 2013	Imagens exclusivas mostram momentos de vandalismo em protesto do Rio	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	4 minutos e 08 segundos
51	21 de junho de 2013	Manifestação reúne mais de 300 mil pessoas no Rio	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	1 minuto e 50 segundos

52	21 de junho de 2013	Manifestações em todo o Brasil voltam a ganhar destaque na imprensa internacional	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	1 minutos e 31 segundos
53	21 de junho de 2013	Manifestantes voltam às ruas na capital do Rio e Baixada Fluminense	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	1 minuto e 25 segundos
54	21 de junho de 2013	Marginal Tietê ainda está bloqueada para quem chega a São Paulo	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	47 segundos
55	21 de junho de 2013	Repórter é atingido por bala de borracha disparada por Polícia Militar do Rio	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	39 segundos
56	21 de junho de 2013	Representantes do Movimento Passe Livre anunciam fim dos protestos em São Paulo	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	2 minutos e 10 segundos
57	21 de junho de 2013	Rodovia Castelo Branco é liberada nos dois sentidos em São Paulo	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	42 segundos
58	21 de junho de 2013	Secretário de Segurança do Rio de Janeiro afirma que o Exército pode ser acionado	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	2 minutos e 53 segundos
59	21 de junho de 2013	Seis rodovias de São Paulo estão fechadas por causa de manifestações	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	1 minuto e 09 segundos
60	21 de junho	Transito é complicado	Telejornalismo	Jornal Nacional	49 segundos

	de 2013	em rodovia de São Paulo por causa de manifestação		(Rede Globo)	
61	22 de junho de 2013	Brasileiros fazem protestos no exterior	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	24 segundos
62	22 de junho de 2013	Dilma Rousseff propõe grande pacto para melhorar serviços públicos	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	2 minutos e 31 segundos
63	22 de junho de 2013	Manifestantes acusam a polícia de abusos em manifestação no Rio de Janeiro	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	3 minutos e 43 segundos
64	22 de junho de 2013	Protesto contra PEC 37 leva 30 mil pessoas às ruas de São Paulo	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	1 minuto e 26 segundos
65	22 de junho de 2013	Rio de Janeiro registra pelo menos três manifestações neste sábado (22)	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	28 segundos
66	24 de junho de 2013	Dilma Rousseff propõe cinco pactos nacionais	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	4 minutos e 08 segundos
67	24 de junho de 2013	Governo de São Paulo anuncia que não haverá aumento nos pedágios nas rodovias estaduais	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	21 segundos
68	24 de junho de 2013	Manifestantes voltam às ruas no Rio de Janeiro	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	39 segundos

69	24 de junho de 2013	Protesto fecha uma das vias de acesso ao Porto de Santos em São Paulo	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	32 segundos
70	25 de junho de 2013	Centenas de pessoas fazem manifestação nas Zonas Sul e Leste de São Paulo	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	52 segundos
71	25 de junho de 2013	Manifestantes fazem protesto pacífico na região central de Niterói (RJ)	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	1 minuto e 08 segundos
72	25 de junho de 2013	Moradores das favelas da Rocinha e do Vidigal pedem melhorias no Rio de Janeiro	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	2 minutos e 25 segundos
73	27 de junho de 2013	Governador do Rio recebe grupo de manifestantes	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	44 segundos
74	27 de junho de 2013	Milhares de pessoas fazem ato pacífico no Centro do Rio	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	1 minuto e 31 segundos
75	27 de junho de 2013	São Paulo tem mais um dia de protestos	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	1 minuto e 27 segundos
76	28 de junho de 2013	Governo de São Paulo divulga medidas para tornar possível diminuição das tarifas	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	1 minutos e 46 segundos
77	28 de junho de 2013	Manifestantes interditam a Via Dutra em Guarulhos (SP)	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	25 segundos
78	01 de julho	Protesto próximo ao	Telejornalismo	Jornal Nacional	1 minuto e 46 segundos

	de 2013	Maracanã termina e confusão		(Rede Globo)	
79	03 de julho de 2013	Protesto contra tarifas de pedágio termina em vandalismo em no interior de São Paulo	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	1 minuto e 15 segundos
80	11 de julho de 2013	Cinco mil pessoas se reúnem no Centro do Rio em passeata	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	3 minutos e 31 segundos
81	11 de julho de 2013	Manifestantes fazem passeata na Avenida Paulista por mais de quatro horas	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	2 minutos e 47 segundos
82	13 de julho de 2013	Polícia detém 40 pessoas após tumulto em manifestações no Rio	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	3 minutos e 17 segundos
83	18 de julho de 2013	Imagens exclusivas mostram ação dos vândalos no Rio	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	2 minutos e 35 segundos
84	18 de julho de 2013	Marcas deixadas por vândalos durante protesto continuavam nas ruas do Rio nesta quinta	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	2 minutos e 29 segundos
85	18 de julho de 2013	Protesto pacífico contra governador do Rio termina em vandalismo	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	3 minutos e 26 segundos
86	22 de julho de 2013	Protesto perto do palácio do governo do	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede	1 minuto e 02 segundos

		Rio termina em confusão		Globo)	
87	22 de julho de 2013	O primeiro molotov, Prisão do Bruno e muito mais.	Mídia NINJA	Youtube	12 minutos e 33 segundos
88	22 de julho de 2013	Bruno pede vídeos que demonstrem sua inocência - Mídia Ninja.	Mídia NINJA	Youtube	4 minutos e 4 segundos
89	23 de julho de 2013	Passeata perto da sede do governo do Rio durante visita do Papa termina em confronto	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	5 minutos e 52 segundos
90	24 de julho de 2013	Estudante preso durante manifestação no Rio não portava explosivos	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	5 minutos e 49 segundos
91	25 de julho de 2013	Governador do Rio diz que prisão de estudante durante protestos será investigada	Telejornalismo	Jornal Nacional (Rede Globo)	4 minutos
92	14 de junho de 2013	Protesto no centro acaba em pancadaria	Jornal Impresso	Jornal Extra	Jornal Impresso
93	14 de junho de 2013	Confronto se agrava em São Paulo, com mais prisões e feridos	Jornal Impresso	Jornal O Globo	Jornal Impresso
94	18 de junho de 2013	Brasil Assombrado	Jornal Impresso	Jornal Extra	Jornal Impresso
95	18 de junho de 2013	Manifestação sem controle	Jornal Impresso	Jornal Extra	Jornal Impresso
96	19 de junho de 2013	Capitais já baixam tarifas; protestos continuam	Jornal Impresso	Jornal O Globo	Jornal Impresso

97	21 de junho de 2013	Sem controle	Jornal Impresso	Jornal O Globo	Jornal Impresso
98	21 de junho de 2013	Não foi passageiro	Jornal Impresso	Jornal Extra	Jornal Impresso
99	22 de junho de 2013	Arrastão não é manifestação	Jornal Impresso	Jornal Extra	Jornal Impresso
100	23 de junho de 2013	Quem é a geração que não curtiu e cutucou	Jornal Impresso	Jornal Extra	Jornal Impresso
101	25 de julho de 2013	Rio passa vergonha	Jornal Impresso	Jornal Extra	Jornal Impresso

ANEXO B – *Links* com os materiais levantados nessa dissertação

1- Manifestantes entram em confronto com polícia de SP contra aumento da passagem de ônibus

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/manifestantes-entram-em-confronto-com-policia-de-sp-contr-aumento-da-passagem-de-onibus/2620082/>

2 - Protesto contra aumento de passagens causa nova confusão em São Paulo

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/protesto-contr-aumento-de-passagens-causa-nova-confusao-em-sao-paulo/2622559/>

3 - Manifestantes protestam contra aumento na passagem de ônibus no Rio de Janeiro

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/manifestantes-protestam-contr-aumento-na-passagem-de-onibus-no-rio-de-janeiro/2626835/>

4 - Manifestantes voltam a protestar contra o aumento do preço das passagens em SP

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/manifestantes-voltam-a-protestar-contr-o-aumento-do-preco-das-passagens-em-sp/2629048/>

5 - Manifestantes danificam estação do metrô e mais de 80 ônibus durante protesto em SP

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/manifestantes-danificam-estacao-do-metro-e-mais-de-80-onibus-durante-protesto-em-sp/2631377/>

6 - Avenida Paulista segue bloqueada nos dois sentidos por causa dos protestos

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/avenida-paulista-segue-bloqueada-nos-dois-sentidos-por-causa-dos-protestos/2633646/>

7 - Manifestantes fazem novos protestos contra aumento das passagens no Rio

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/manifestantes-fazem-novos-protestos-contr-aumento-das-passagens-no-rio/2633564/>

8 - Manifestantes entram em confronto com a polícia no Rio de Janeiro

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/manifestantes-entram-em-confronto-com-a-policia-no-rio-de-janeiro/2633640/>

9 - Manifestantes voltam às ruas de São Paulo e enfrentam a PM

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/manifestantes-voltam-as-ruas-de-sao-paulo-e-enfrentam-a-pm/2633556/>

10 – Capital paulista vive mais um dia de protesto contra aumento das passagens

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/capital-paulista-vive-mais-um-dia-de-protesto-contr-aumento-das-passagens/2635824/>

11 - Manifestações terminam com atos de vandalismo e três feridos no Rio

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/manifestacoes-terminam-com-atos-de-vandalismo-e-tres-feridos-no-rio/2635831/>

12 - Comissão de Direitos Humanos da OAB declara ser inaceitável a postura adotada pela PM

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/comissao-de-direitos-humanos-da-oab-declara-ser-inaceitavel-a-postura-adotada-pela-pm/2635832/>

13 - Insatisfação com transporte público em SP é a maior em 26 anos de pesquisas

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/insatisfacao-com-transporte-publico-em-sp-e-a-maior-em-26-anos-de-pesquisas/2637345/>

14 - Protesto em Niterói (RJ) tem confusão e PM lança bombas de efeito moral

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/protesto-em-niteroi-rj-tem-confusao-e-pm-lanca-bombas-de-efeito-moral/2637335/>

15 - Cerca de 65 mil pessoas protestam contra aumento da tarifa do transporte público em SP

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/cerca-de-65-mil-pessoas-protestam-contr-aumento-da-tarifa-do-transporte-publico-em-sp/2640004/>

16 - Manifestação reúne 100 mil pessoas e se espalha pelo centro do Rio de Janeiro

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/manifestacao-reune-100-mil-pessoas-e-se-espalha-pelo-centro-do-rio-de-janeiro/2640018/>

17 - Manifestantes se dividem pela Zona Sul de São Paulo

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/manifestantes-se-dividem-pela-zona-sul-de-sao-paulo/2640090/>

18 - São Paulo tem manifestação pacífica nesta segunda-feira (17)

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/sao-paulo-tem-manifestacao-pacifica-nesta-segunda-feira-17/2640011/>

19 – Situação no Rio segue tensa

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/situacao-no-rio-segue-tensa/2640089/>

20 – TV Globo faz reportagens sobre as manifestações desde o início

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/tv-globo-faz-reportagens-sobre-as-manifestacoes-desde-o-inicio/2640010/>

21 – Dilma Rousseff fala pela primeira vez sobre onda de protestos

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/dilma-rousseff-fala-pela-primeira-vez-sobre-onda-de-protestos/2642186/>

22 – Grupo de manifestantes atea fogo em carro de reportagem em São Paulo

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/grupo-de-manifestantes-atea-fogo-em-carro-de-reportagem-em-sao-paulo/2642177/>

23 – Grupo de manifestantes depreda centro histórico do Rio de Janeiro

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/grupo-de-manifestantes-depreda-centro-historico-do-rio-de-janeiro/2642197/>

24 – Grupo tenta invadir sede do Governo de São Paulo

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/grupo-tenta-invadir-sede-do-governo-de-sao-paulo/2642178/>

25 – Mais de 65 mil manifestantes caminham por seis horas em São Paulo

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/mais-de-65-mil-manifestantes-caminham-por-seis-horas-em-sao-paulo/2642174/>

26 – Manifestantes voltam às ruas de São Paulo nesta terça-feira (18)

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/manifestantes-voltam-as-ruas-de-sao-paulo-nesta-terca-feira-18/2642169/>

27 – Milhares de pessoas fazem passeata pacífica e histórica no Rio de Janeiro

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/milhares-de-pessoas-fazem-passeata-pacifica-e-historica-no-rio-de-janeiro/2642193/>

28 – Polícia Militar isola prédio da Secretaria de Segurança Pública de São Paulo

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/policia-militar-isola-predio-da-secretaria-de-seguranca-publica-de-sao-paulo/2642248/>

29 – Prefeito de São Paulo abre possibilidade de rever o preço das passagens de ônibus

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/prefeito-de-sao-paulo-abre-possibilidade-de-rever-o-preco-das-passagens-de-onibus/2642183/>

30 – Protestos no Brasil ganham destaque na imprensa internacional

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/protestos-no-brasil-ganham-destaque-na-imprensa-internacional/2642221/>

31 – Sérgio Cabral diz que está aberto para ouvir manifestantes

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/sergio-cabral-diz-que-esta-aberto-para-ouvir-manifestantes/2642200/>

32 – Eduardo Paes anuncia redução no preço das passagens no Rio

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/eduardo-paes-anuncia-reducao-no-preco-das-passagens-no-rio/2644386/>

33 – Grupo de manifestantes tenta invadir prédio da prefeitura de São Paulo

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/grupo-de-manifestantes-tenta-invadir-predio-da-prefeitura-de-sao-paulo/2644420/>

34 – Manifestações no Brasil viram destaque na imprensa internacional

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/manifestacoes-no-brasil-viram-destaque-na-imprensa-internacional/2644463/>

35 – Manifestantes protestam em vários lugares da região metropolitana de São Paulo

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/manifestantes-protestam-em-varios-lugares-da-regiao-metropolitana-de-sao-paulo/2644375/>

36 – Milhares de pessoas interditam Rodovia Anchieta em São Paulo

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/milhares-de-pessoas-interditam-rodovia-anchieta-em-sao-paulo/2644370/>

37 – Polícia fecha Ponte Rio-Niterói durante protesto

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/policia-fecha-ponte-rio-niteroi-durante-protesto/2644385/>

38 – Protesto deixa trânsito confuso em São Paulo

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/protesto-deixa-transito-confuso-em-sao-paulo/2644448/>

39 – Rio de Janeiro e São Paulo revogam aumento das passagens

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/rio-de-janeiro-e-sao-paulo-revogam-aumento-das-passagens/2644367/>

40 – Situação segue tensa durante manifestação em Niterói

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/situacao-segue-tensa-durante-manifestacao-em-niteroi/2644470/>

41 – Trânsito é liberado na Ponte Rio-Niterói

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/transito-na-ponte-rio-niteroi-e-liberado/2644411/>

42 – Uma das pistas da Avenida Paulista segue fechada por causa de protesto

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/uma-das-pistas-da-avenida-paulista-segue-fechada-por-caoa-de-protesto/2644468/>

43 – Não há registro de confusão em São Paulo

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/nao-ha-registro-de-confusao-em-sao-paulo/2646418/>

44 – Após início pacífico, grupo de arruaceiros parte para violência na prefeitura do Rio

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/apos-inicio-pacifico-grupo-de-arruaceiros-parte-para-violencia-na-prefeitura-do-rio/2648872/>

45 – Batalhão de choque tenta retirar manifestantes da Rodovia Castelo Branco, em SP

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/batalhao-de-choque-tenta-retirar-manifestantes-da-rodovia-castelo-branco-em-sp/2648925/>

46 – Protesto no Rio termina em confronto entre manifestantes radicais e polícia

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/protesto-no-rio-termina-em-confronto-entre-manifestantes-radicaais-e-policia/2646424/>

47 – Rio de Janeiro soma mais de 300 mil manifestantes

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/rio-de-janeiro-soma-mais-de-300-mil-manifestantes/2646410/>

48 – Cerca de 100 mil pessoas participam da manifestação desta quinta (20) em São Paulo

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/cerca-de-100-mil-pessoas-participam-da-manifestacao-desta-quinta-20-em-sao-paulo/2648960/>

49 – Cerca de 500 manifestantes estão na frente do prédio onde mora Governador do Rio

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/cerca-de-500-manifestantes-estao-na-frente-do-predio-onde-mora-governador-do-rio/2648980/>

50 – Imagens exclusivas mostram momentos de vandalismo em protesto do Rio

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/imagens-exclusivas-mostram-momentos-de-vandalismo-em-protesto-do-rio/2648889/>

51 - Manifestação reúne mais de 300 mil pessoas no Rio

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/manifestacao-reune-mais-de-300-mil-pessoas-no-rio/2648867/>

52 – Manifestações em todo o Brasil voltam a ganhar destaque na imprensa internacional

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/manifestacoes-em-todo-o-brasil-voltam-a-ganhar-destaque-na-imprensa-internacional/2648976/>

53 – Manifestantes voltam às ruas na capital do Rio e Baixada Fluminense

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/manifestantes-voltam-as-ruas-na-capital-do-rio-e-baixada-fluminense/2648861/>

54 – Marginal Tietê ainda está bloqueada para quem chega a São Paulo

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/marginal-tiete-ainda-esta-bloqueada-para-quem-chega-a-sao-paulo/2648982/>

55 – Repórter é atingido por bala de borracha disparada por Polícia Militar do Rio

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/reporter-e-atingido-por-bala-de-borracha-disparada-por-policia-militar-do-rio/2648896/>

56 – Representantes do Movimento Passe Livre anunciam fim dos protestos em São Paulo

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/representantes-do-movimento-passe-livre-anunciam-fim-dos-protestos-em-sao-paulo/2648964/>

57 – Rodovia Castelo Branco é liberada nos dois sentidos em São Paulo

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/rodovia-castelo-branco-e-liberada-nos-dois-sentidos-em-sao-paulo/2648955/>

58 - Secretário de Segurança do Rio de Janeiro afirma que o Exército pode ser acionado

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/secretario-de-seguranca-do-rio-de-janeiro-afirma-que-o-exercito-pode-ser-acionado/2648895/>

59 – Seis rodovias de São Paulo estão fechadas por causa de manifestações

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/seis-rodovias-de-sao-paulo-estao-fechadas-por-causa-de-manifestacoes/2648851/>

60 – Trânsito é complicado em rodovia de São Paulo por causa de manifestação

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/transito-e-complicado-em-rodovia-de-sao-paulo-por-causa-de-manifestacao/2648952/>

61 – Brasileiros fazem protestos no exterior

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/brasileiros-fazem-protestos-no-exterior-em-apoio-a-reivindicacoes-feitas-no-brasil/2642246/>

62 – Dilma Rousseff propõe grande pacto para melhorar serviços públicos

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/dilma-rousseff-propoe-grande-pacto-para-melhorar-servicos-publicos/2650545/>

63 – Manifestantes acusam a polícia de abusos em manifestação no Rio de Janeiro

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/manifestantes-acusam-a-policia-de-abusos-em-manifestacao-no-rio-de-janeiro/2650588/>

64 – Protesto contra PEC 37 leva 30 mil pessoas às ruas de São Paulo

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/protesto-contrapec-37-leva-30-mil-pessoas-as-ruas-de-sao-paulo/2650609/>

65 – Rio de Janeiro registra pelo menos três manifestações neste sábado (22)

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/rio-de-janeiro-registra-pelo-menos-tres-manifestacoes-neste-sabado-22/2650592/>

66 – Dilma Rousseff propõe cinco pactos nacionais

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/dilma-rousseff-propoe-cinco-pactos-nacionais/2653107/>

67 – Governo de São Paulo anuncia que não haverá aumento nos pedágios nas rodovias estaduais

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/governo-de-sao-paulo-anuncia-que-nao-havera-aumento-nos-pedagios-nas-rodovias-estaduais/2653172/>

68 – Manifestantes voltam às ruas no Rio de Janeiro

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/manifestantes-voltam-as-ruas-no-rio-de-janeiro/2653105/>

69 – Protesto fecha uma das vias de acesso ao Porto de Santos em São Paulo

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/protesto-fecha-uma-das-vias-de-acesso-ao-porto-de-santos-em-sao-paulo/2653171/>

70 – Centenas de pessoas fazem manifestação nas Zonas Sul e Leste de São Paulo

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/centenas-de-pessoas-fazem-manifestacao-nas-zonas-sul-e-leste-de-sao-paulo/2655465/>

71 – Manifestantes fazem protesto pacífico na região central de Niterói (RJ)

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/manifestantes-fazem-protesto-pacifico-na-regiao-central-de-niteroi-rj/2655470/>

72 – Moradores das favelas da Rocinha e do Vidigal pedem melhorias no Rio de Janeiro

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/moradores-das-favelas-da-rocinha-e-do-vidigal-pedem-melhorias-no-rio-de-janeiro/2655461/>

73 – Governador do Rio recebe grupo de manifestantes

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/governador-do-rio-recebe-grupo-de-manifestantes/2660015/>

74 – Milhares de pessoas fazem ato pacífico no Centro do Rio

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/milhares-de-pessoas-fazem-ato-pacifico-no-centro-do-rio/2660011/>

75 – São Paulo tem mais um dia de protestos

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/sao-paulo-tem-mais-um-dia-de-protestos/2660017/>

76 – Governo de São Paulo divulga medidas para tornar possível diminuição das tarifas

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/governo-de-sao-paulo-divulga-medidas-para-tornar-possivel-diminuicao-das-tarifas/2662229/>

77 – Manifestantes interditam a Via Dutra em Guarulhos (SP)

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/manifestantes-interditam-a-via-dutra-em-guarulhos-sp/2662167/>

78 – Protesto próximo ao Maracanã termina e confusão

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/protestos-proximo-ao-maracana-termina-e-confusao/2666321/>

79 – Protesto contra tarifas de pedágio termina em vandalismo em no interior de São Paulo

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/protesto-contratarifas-de-pedagio-termina-em-vandalismo-em-no-interior-de-sao-paulo/2670997/>

80 – Cinco mil pessoas se reúnem no Centro do Rio em passeata

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/cinco-mil-pessoas-se-reunem-no-centro-do-rio-em-passeata/2687442/>

81 – Manifestantes fazem passeata na Avenida Paulista por mais de quatro horas

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/manifestantes-fazem-passeata-na-avenida-paulista-por-mais-de-quatro-horas/2687413/>

82 – Polícia detém 40 pessoas após tumulto em manifestações no Rio

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/policia-detem-40-pessoas-apos-tumulto-em-manifestacoes-no-rio/2689914/>

83 – Imagens exclusivas mostram ação dos vândalos no Rio

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/imagens-exclusivas-mostram-acao-dos-vandalos-no-rio/2701629/>

84 – Marcas deixadas por vândalos durante protesto continuavam nas ruas do Rio nesta quinta

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/marcas-deixadas-por-vandalos-durante-protesto-continuavam-nas-ruas-do-rio-nesta-quinta/2701634/>

85 – Protesto pacífico contra governador do Rio termina em vandalismo

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/protesto-pacifico-contr-governador-do-rio-termina-em-vandalismo/2701628/>

86 – Protesto perto do palácio do governo do Rio termina em confusão

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/protesto-perto-do-palacio-do-governo-do-rio-termina-em-confusao/2708976/>

87 - 22/07/2013 - O primeiro molotov, Prisão do Bruno e muito mais.

<https://www.youtube.com/watch?v=W5d1QHewj14>

88 - Bruno pede vídeos que demonstrem sua inocência - Mídia Ninja.

<https://www.youtube.com/watch?v=qbairkHTtjQ>

89 – Passeata perto da sede do governo do Rio durante visita do Papa termina em confronto

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/passeata-perto-da-sede-do-governo-do-rio-durante-visita-do-papa-termina-em-confronto/2711401/>

90 – Estudante preso durante manifestação no Rio não portava explosivos

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/estudante-preso-durante-manifestacao-no-rio-nao-portava-explosivos/2713906/>

91 – Governador do Rio diz que prisão de estudante durante protestos será investigada

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/governador-do-rio-diz-que-prisao-de-estudante-durante-protestos-sera-investigada/2716003/>

92, 94, 95, 98, 99, 100 e 101

<http://extra.globo.com/>

93, 96 e 97

<http://oglobo.globo.com/>

Anexo C – Transcrição do Vídeo 1: 23 de julho de 2013

Duração: 5 minutos de 52 segundos.

Tempo	Áudio	Vídeo (Imagem)
0'' – 15''	Patrícia Poeta: “A passeata até a sede do governo do estado do Rio, onde o Papa Francisco recebeu as boas vindas ontem, começou pacífica, mas terminou em confronto. A polícia militar foi criticada por ter prendido um integrante do mídia ninja. É um grupo que transmite as manifestações pela internet.”	A jornalista Patrícia Poeta, em primeiro plano, no estúdio do telejornal. Em segundo plano, bancadas com computadores ligadas e pessoas trabalhando. Ao fundo, em tela horizontal, ícone do Jornal Nacional (JN).
15'' – 17''	Paulo Renato Soares (Repórter): “Por volta das cinco da tarde...”	Grupo de mulheres fantasiadas na Praça do Largo do Machado. Ao fundo, podemos observar o Palácio Guanabara.
17'' – 18''	Os manifestantes começaram	Enquadre em aproximadamente 30 pessoas, algumas segurando bandeiras brancas e vermelhas, cruzando esquina.
18'' – 19''	a se reunir	Outro grupo de aproximadamente 20 pessoas. Em destaque, duas pessoas com bandeiras do Brasil nas costas.
19'' – 26''	Na praça do largo do machado. O bairro é vizinho a laranjeiras, onde fica o palácio Guanabara, sede do governo do estado.	Grupo de centenas de pessoas, próximo à estação de metrô do Largo do Machado. Algumas delas seguram bandeiras brancas e vermelhas, é possível identificar bandeira de “DCE UFRJ” e “PSTU”. Nos dizeres dos cartazes “em cada beijo uma revolução”, “vem pra rua bicha”.
26'' – 34''	Era uma manifestação pacífica que durou cerca de duas horas e quarenta e cinco minutos.	Imagem noturna com foco na escadaria de uma Igreja tomada de pessoas, batendo palmas. [Câmera em giro de 180°] e a bandeira do movimento LGBT.
34'' – 38''	Entre a cerca de trezentas pessoas, com faixas e cartazes,	Centenas de pessoas em escadaria de Igreja. Destaque para rapaz segurando cartaz com os seguintes dizeres:

		“Nem o café do Papa escapou do superfaturamento: café, água e biscoito, R\$ 850 mil;”[Câmera abre o foco]
38’’ – 41’’	havia integrantes de partidos políticos e de movimentos de lésbicas, gays	Escadaria com muitas pessoas e repórteres à frente filmando. [Foco aberto]
41’’ – 43’’	Bissexuais	Grupo de aproximadamente 50 pessoas caminhando, com bandeiras do movimento LGBT e do DCE UFRJ. [Câmera filmando as costas dessas pessoas]
43’’ – 44’’	e transexuais	Grupo de aproximadamente 50 pessoas entoando palavras de ordem (não é possível identificar essas palavras). Nesse grupo, diversos cinegrafistas com câmeras nas mãos e mochila nas costas. Além disso, podemos observar duas pessoas com a bandeira do movimento LGTB nas costas.
44’’ – 47’’	O grupo ocupou as escadarias de uma igreja	Grupo de aproximadamente 30 pessoas nas escadarias de uma igreja. Entre essas pessoas, podemos observar cinegrafistas com câmeras nas mãos. Nessa imagem, também temos a bandeira do movimento LGBT.
47’’ – 50’’	onde peregrinos cantavam músicas católicas-	Pessoas com camisa da Jornada Mundial da Juventude, segurando cartaz com imagem de santos católicos e uma mensagem em língua inglesa.
50’’ – 53’’	e promoveu um beijaço contra a homofobia	Duas moças se beijando em primeiro plano e pessoas ao fundo [Câmera em movimento rápido]. Após a rápida imagem do beijo, a câmera retorna aos peregrinos cantando ao lado desse ato, nas escadarias de uma igreja.
53’’ – 57’’	Pouco depois das seis da tarde, os manifestantes saíram	Grupo de aproximadamente 80 pessoas caminhando pelas ruas do Rio de Janeiro. Nessa imagem, podemos observar

		<p>cinégrafistas com câmeras nas mãos e mochila nas costas, diversos cartazes com dizeres que não podemos identificar e as bandeiras do movimento LGBT e do DCE UFRJ.</p>
57'' – 1' 00''	em caminhada em direção ao palácio Guanabara,	<p>Enquadre com um grupo de aproximadamente 80 pessoas caminhando pela rua. Além disso, nessa imagem podemos observar cartazes como: "Odeio corrupção".</p>
1' 00'' – 1' 03''	onde autoridades davam as boas vindas ao Papa Francisco.	<p>Em primeiro plano, soldados da PM [de costas para a câmera]. Ao fundo, várias pessoas, viradas para a esquerda. Rua vazia entre os dois grupos.</p>
1' 03'' – 1' 05''	No caminho, mais pessoas se juntaram	<p>Um grupo de aproximadamente 50 pessoas. Entre essas pessoas, podemos observar cinégrafistas com câmeras nas mãos. Pessoas se abraçando em uma das ruas do Rio de Janeiro.</p>
1' 05'' – 1' 10''	a passeata, que chegou a reunir mil e quinhentos participantes, segundo a polícia militar.	<p>Enquadre com um grupo de aproximadamente cem pessoas. Muitas delas com o rosto coberto por camisas. Nessa imagem, podemos ver bandeiras e cartazes. Porém não podemos identificar o conteúdo dessas mensagens. [Câmera em movimento lento].</p>
1' 10'' – 1' 17''	Em frente ao bloqueio montado pela PM, a cerca de duzentos metros da sede do governo,	<p>Grupo de pessoas a frente de um bloqueio composto por policiais. Os Policiais apresentam escudos e capacetes. Entre esses dois grupos, podemos observar uma distância, ou seja, uma parte da rua vazia entre eles. [Câmera em movimento rápido].</p>
1' 17'' – 1' 21''	manifestantes queimaram um boneco que representava o governador Sérgio Cabral	<p>Enquadre de um manifestante atendo foco em um boneco. Esse boneco está amarrado em uma placa de trânsito. [no primeiro plano] Já no segundo</p>

		plano, podemos observar a imagem das mãos de cinegrafistas filmando e fotografando a imagem do boneco.
1' 21'' – 1' 25''	O grupo permaneceu no local sem que houvesse confronto, por cerca de meia hora	Grupo de aproximadamente 80 pessoas. Nesse grupo podemos observar cinegrafistas com câmeras nas mãos, pessoas mascaradas, um enorme cartaz com o seguinte dizer: “Abaixo o estado fascista”. Além disso, podemos observar a bandeira do MFP (Movimento feminino popular). [Câmera em movimento rápido]. Após esse movimento, podemos ver uma pessoa utilizando a máscara do personagem V, do filme V de Vingança.
1' 25'' – 1' 31''	até a chegada de pessoas mascaradas e vestidas de preto	Enquadre com pessoas com máscaras e vestidas preto, em primeiro plano e diagonalmente. Na parte de cima da imagem, podemos ver um espaço de rua vazio, assim como policiais com um bloqueio montado, a frente desse espaço. [Câmera em movimento rápido]
1' 31'' – 1' 37''	Houve gritos contra a PM. Depois que o papa Francisco deixou o palácio Guanabara	Enquadre com um grupo de aproximadamente 80 pessoas. Entre elas, podemos observar pessoas com máscaras e vestidas de preto, outras pessoas com mochilas e sem máscaras e um cartaz com a seguinte frase: “Fora corrupção. Fora Ladrões. Queremos justiça” [Câmera em movimento rápido] Após esse movimento de câmera, podemos identificar o conteúdo da palavra de ordem entoada contra a polícia: “A PM é a vergonha do Brasil”. Na parte de cima da imagem, temos a imagem do bloqueio policial.

1' 37'' – 1' 43''	as grades que bloqueavam a rua foram derrubadas. Não é possível identificar por quem.	Imagem noturna com diversos cinegrafistas com câmeras nas mãos filmando o evento. [Câmera em movimento rápido] Após esse movimento, podemos observar um grande número de policiais efetuando um bloqueio, com escudos e capacetes. A frente desse bloqueio policial observamos um espaço de rua vazio e um fotógrafo agachando tirando foto. Ao lado desse fotógrafo, temos grades de feto jogadas no chão. Na parte direito do vídeo, podemos notar mais um cinegrafista registrando o momento. Do lado das pessoas, notamos a presença de um manifestante à frente acenando para o bloqueio policial.
1' 43'' – 1' 47''	Começou uma batalha. De um lado, pedras. Do outro, balas de borracha.	Enquadre de um grupo de aproximadamente 30 pessoas. Entre elas, podemos observar a presença de pessoas utilizando máscara e cobrindo o rosto com camisas e de cinegrafistas com câmeras nas mãos.
1' 47'' – 1' 50''	Os mascarados lançaram coquetéis molotov contra os policiais	Nessa imagem, observamos um bloqueio policial, um fotógrafo à frente e sequência das imagens anteriores. Dessa forma, temos o lançamento de um artefato explosivo contra policiais e focos de incêndios pelo chão. Além disso, podemos observar que os policiais atiraram balas de borracha nessas imagens.
1' 50'' – 1' 58''	Um PM foi atingido pelo fogo e se jogou no chão na tentativa de apagar as chamas.	Enquadre de um PM com a perna em chamas. Nesse momento, ele se joga no chão e tenta apagar o fogo. Em volta deste PM, temos outros policiais tentando desviar dos focos de incêndio.

1' 58'' – 2' 02''	A polícia reagiu com bombas de efeito moral,	Enquadre de uma Rua do Rio de Janeiro extremamente deserta. Com um carro da tropa de choque. E dois da polícia. Também podemos observar explosões e balas de borracha.
2' 02'' – 2' 03''	gás lacrimogêneo	Enquadre extremamente confuso. Cerca de 10 fotógrafos correndo e tentando registrar o momento.
2' 03'' – 2' 04''	balas de borracha	Nessa imagem, temos um policial acima de um tanque. [Câmera em movimento rápido] Após esse movimento, temos outro policial fora do tanque, portando uma arma.
2' 04'' – 2' 06''	e jatos d'água	Enquadre policiais lançando jatos d'água contra um grupo de 50 pessoas que estavam próximas a um posto de gasolina. Nesse imagem, um fotógrafo passa a frente da câmera e outra tenta registrar o momento na parte direita do vídeo.
2' 06'' – 2' 12''	Houve correria e a confusão se espalhou por outras ruas	Cerca de 5 pessoas correndo numa rua estreita do Rio de Janeiro. Nessa mesma imagem, temos três explosões.
2' 12'' – 2' 15''	Numa delas, os PMS encontraram uma mochila	Um grupo de 5 pessoas correndo, todas tapando os ouvidos pra evitar as explosões. Nessa mesma imagem, podemos observar uma mulher com máscara hospitalar tampando os ouvidos e com um semblante de desespero.
2' 15'' – 2' 18''	com várias garrafas de coquetel molotov	Enquadre de uma banca de jornal do Rio de Janeiro, com fotógrafos em volta e policiais manuseando explosivos no chão da rua. Nesse momento, as garrafas de coquetel molotov são focalizadas.
2' 18'' – 2' 23''	PM: “É isso que vocês têm que filmar. Jornalista: “Isso aqui é o que guerreiro” PM: “Coquetel molotov. Isso aqui mata um policial.	Enquadre do chão da rua molhado e com alguns coquetéis molotov dentro de uma mochila sendo retirados

		por um grupo de 5 policiais, altamente armados, com coletes e capacetes. Esses policiais dialogam com jornalistas.
2' 23'' - 2' 34''	Muitos policiais estavam sem identificação nas fardas. Esta manifestante aborda um deles. Ela pede para que o PM se identifique, mas ele se nega.	Enquadre de dois carros e ao fundo 3 policiais com máscaras e sem identificação. Nessa cena, temos a presença de uma mulher que mostra um documento para um PM e pede sua identificação. No entanto, o pedido é negado.
2' 34'' - 2' 39''	Segundo a polícia militar, um menor foi apreendido e sete pessoas foram detidas por desacato	Enquadre de cerca de 20 policiais fortemente armados, com capacete e colete a frente de uma delegacia do Rio de Janeiro.
2' 39'' - 2' 45''	incitação a violência, formação de quadrilha, exposição ao perigo	Enquadre de aproximadamente 200 pessoas a frente de uma delegacia no Rio de Janeiro. Muitas pessoas com mochilas nas costas [Imagem das costas das pessoas] - [Câmera em movimento rápido] Novas imagens de policiais em frente a delegacia, enfileirados e encostados na parede do local.
2' 45'' - 2' 58''	resistência e dano qualificado. Depois das prisões, um grupo de trezentas pessoas se concentrou em frente ao prédio da delegacia do catete, pedindo a liberação dos detidos.	Enquadre de aproximadamente 300 pessoas agachadas no meio de uma das Ruas do Rio de Janeiro entoando palavras de ordem (não conseguimos identificar essas palavras). Essas palavras eram comandadas por duas pessoas em pé e reproduzidas pelas pessoas que estavam agachadas ou sentadas no chão. Em volta deste grupo, fotógrafos registravam o momento.
2' 58'' - 3' 04''	Foi o início de nova confusão. Carros da tropa de choque foram cercados.	Enquadre de um carro da polícia cercado por aproximadamente 80 pessoas. Entre eles, podemos observar: pessoas com máscaras hospitalares, pessoas com proteção no rosto, fotógrafos e

		jornalistas.
3' 04'' - 3' 11''	Policias tentaram liberar a pista e houve um empurra-empurra. PMS usavam spray de pimenta e o grupo se dispersou pelas ruas do bairro.	Grupo de aproximadamente 40 pessoas no meio de uma das Ruas do Rio de Janeiro, Entre essas pessoas, temos a presença de 10 policiais e um carro da corporação. Nessas imagens, notamos que policiais utilizaram spray de pimenta contra essas pessoas. Entre essas pessoas, também observamos a presença de fotógrafos tentando registrar o momento.
3' 11' - 3' 16''	No tumulto, comerciantes foram obrigados a fechar as portas.	Grupo de aproximadamente 5 policiais nas Ruas do Rio de Janeiro. [Câmera em movimento rápido] Após esse giro, temos a imagem de 3 comerciantes fechando seus estabelecimentos, apesar de lotados.
3' 16'' - 3' 19''	Seis detidos foram liberados, porque teriam praticado crimes	Enquadre de aproximadamente 30 policiais enfileirados a frente de uma das delegacias do Rio de Janeiro.
3' 19'' - 3' 21''	de menor potencial ofensivo.	Enquadre de aproximadamente 10 fotógrafos correndo com câmeras nas mãos entre dois carros, tentando registrar o momento.
3' 21'' - 3' 28''	Entre eles, estava Felipe Peçanha, conhecido como carioca. Ele é integrante da mídia ninja,	Enquadre de um rapaz, integrante do grupo mídia NINJA saindo da delegacia, abraçado com um advogado e sendo cumprimentando. Esse rapaz estava cercado por diversos fotógrafos e cinegrafistas.
3' 28'' - 3' 50''	grupo que tem se dedicado a transmitir as manifestações ao vivo, pela internet. Filipe conversou com um repórter da globo news e disse que não sabia porque tinha sido preso.” Felipe Peçanha: “Me trouxeram aqui pra fazer uma averiguação. Eu fiquei aqui	Enquadre no rosto do rapaz, durante uma entrevista concedida a uma emissora de TV. Durante a entrevista, o JN colocou a seguinte legenda: Filipe Peçanha, integrante do Mídia Ninja.

	esperando. Fui bem tratado pela policia civil, mas a polícia militar me colocou a força, sem nenhum tipo de justificativa, sem nenhum tipo de alegação.	
3' 50'' – 4' 14''	Paulo Renato Soares (repórter): Hoje nas redes sociais, pessoas que acompanhavam a manifestação acusaram a PM de ter infiltrado policiais sem farda no protesto, para provocar o tumulto. O relações públicas da polícia militar, coronel Frederico Caldas, se disse enojado com essa acusação e que considera um absurdo imaginar que um policial possa agredir um colega.	Novamente o enquadre do lançamento de um coquetel molotov contra um bloqueio policial, com barreiras de ferro jogadas no chão. Ainda nessa imagem, podemos observar o bloqueio policial atirando balas de borracha e utilizando jatos d'água pra conter os focos de incêndio. A câmera focaliza os focos de incêndio e a correria entre os policiais, assim como 2 cinegrafistas registrando o momento.
4' 14'' – 4' 29''	“Na internet, foram postados vídeos que, após o tumulto, dois homens correm em direção à barreira da polícia. Um deles tira a camisa. Eles parecem se identificar e são autorizados a passar. Por telefone, o coronel Frederico Caldas reconheceu	Imagens divulgadas na internet: Enquadre de dois homens correndo em direção a um bloqueio policial. O JN marca a imagem dos homens, visando mostrá-los ao telespectador, e um deles tira a camisa. Aparentemente, após a identificação, esses dois homens foram autorizados a passar por este bloqueio.
4' 29'' – 4' 42''	que policiais do serviço reservado, à paisana, acompanham a manifestação com o objetivo de identificar agressores e coletar provas. Mas ele disse que não é possível afirmar,	Enquadre de uma das ruas do Rio de Janeiro com muita fumaça de gás lacrimogêneo. Nessa imagem, dois manifestantes chutam o objeto jogado pela polícia e tentam se proteger do gás com uma camisa prendendo a respiração. Também podemos observar uma cinegrafista registrando o momento e dois carros da polícia.
4' 42'' – 4' 46''	que os homens mostrados nos vídeos sejam policiais	Novamente o enquadre com dois homens sendo autorizados a passar por um bloqueio policial é mostrado ao telespectador.

4' 46'' – 4' 54''	De todas as pessoas detidas ontem, apenas Bruno Ferreira Telles ficou preso durante toda a madrugada, por porte de artefato explosivo	Enquadre do rosto do estudante Bruno Ferreira Telles em uma entrevista concedida ao grupo Mídia NINJA, sentado em uma sala
4' 54'' – 5' 00''	ou incendiário e por desacato. Hoje de manhã, o advogado dele conseguiu um habeas corpus.	Novamente o enquadre de um artefato explosivo sendo lançado contra um bloqueio policial.
5' 00'' – 5' 07''	Bruno Ferreira Telles (estudante detido): “Me prenderam e disseram que eu estava com uma garrafa de molotov e eu não estava.	Enquadre do rosto do estudante Bruno Ferreira Telles em uma entrevista concedida ao grupo Mídia NINJA, sentado em uma sala. O JN colocou a seguinte legenda: Bruno Ferreira Telles, em entrevista ao Mídia Ninja.
5' 07'' – 5' 27''	Paulo Renato Soares (repórter): “A comissão criada pelo governo do Rio, na semana passada, para investigar os atos de vandalismo durante as manifestações, se reuniu hoje, pela primeira vez. Representantes do ministério público e das policiais militar e civil decidiram que todas as informações, processos, fotos e vídeos ficarão numa única delegacia.	Enquadre do repórter Paulo Renato Soares com microfone, em frente à sede do Ministério Público, no Rio de Janeiro. Nessa imagem, podemos observar ao fundo, a placa do prédio do Ministério Público. O JN colocou a legenda com o nome do repórter e a cidade onde ele estava.
5' 27'' – 5' 34''	Mais cedo, o presidente da comissão disse que vai denunciar Bruno Ferreira Telles, por tentativa de homicídio.	Enquadre da placa do prédio Ministério Público do estado do Rio de Janeiro. (Da entrada do prédio). [Câmera sendo elevada lentamente] O JN colocou a seguinte legenda, referente à edição: Edição – Thaisa Coelho / Bruno Motta.
5' 34'' – 5' 45''	Eduardo Lima Neto (procurador): “Quem atira um coquetel, um explosivo conta uma multidão, seja policial, seja manifestante, seja que for, está assumindo o risco de matar alguém.”	Enquadre do procurador Eduardo Lima Neto em sua sala. Nessa imagem, podemos observar o procurador concedendo uma entrevista ao JN, falando e gesticulando sobre a prisão do estudante, com um tom enfático. O JN colocou a seguinte legenda: Eduardo Lima Neto – procurador.

5' 45'' – 5' 52''	William Bonner (âncora do JN): “Cinco manifestantes e dois policiais militares ficaram feridos nos confrontos. Todos já receberam alta e passam bem.”	Enquadre do estúdio do telejornal com o âncora William Bonner em primeiro plano. Em segundo plano, bancadas com computadores ligadas e pessoas trabalhando. Ao fundo, em tela horizontal, o mapa mundi em tom de azul.
-------------------	---	--

Anexo D – Transcrição do Vídeo 2: 24 de julho de 2013

Duração: 5 minutos de 49 segundos.

Tempo	Áudio	Vídeo (Imagem)
0'' – 30''	Willian Bonner: “O Jornal Nacional teve acesso com exclusividade ao inquérito policial sobre a prisão de um estudante acusado de ter lançado coquetéis molotov contra policiais, nos confrontos de segunda-feira, no Rio de Janeiro, perto do palácio Guanabara. Ao contrário do que tinha sido divulgado em várias notas oficiais das policcias, militar e civil, o estudante Bruno Ferreira Telles não portava explosivos no momento da prisão, segundo relatos do próprio policial que o deteve.”	O jornalista William Bonner, em primeiro plano, no estúdio do telejornal. Em segundo plano, bancadas com computadores ligadas e pessoas trabalhando. Ao fundo, em tela horizontal, ícone do Jornal Nacional (JN).
30'' – 40''	Os confrontos de segunda-feira à noite perto do palácio Guanabara, sete pessoas foram presas. Horas depois do início do tumulto, a polícia militar do Rio	Novamente imagens do lançamento de um artefato explosivo contra policiais e focos de incêndios pelo chão. Enquadre de um PM com a perna em chamas. Nesse momento, ele se joga no chão e tenta apagar o fogo. Em volta deste PM, temos outros policiais tentando desviar dos focos de incêndio.
40'' – 47''	divulgou em seu twitter oficial, a informação de que vinte coquetéis molotov tinham sido apreendidos com um manifestante.	Enquadre do twitter oficial da polícia militar. Nessa imagem, o JN destaca aos telespectadores a postagem que divulga a informação acerca das prisões e dos coquetéis molotov apreendidos na manifestação do dia anterior.
47'' – 56''	Minutos depois, uma nova mensagem: duas pessoas	Enquadre de novas postagens do twitter da

	tinham sido presas, uma portando material explosivo e outra por desacato	polícia militar. Novamente, o JN destaca as postagens aos telespectadores, aumentando o tamanho da fonte do conteúdo das mensagens.
56'' – 58''	Por volta da meia noite.	Enquadre de um documento da polícia civil com informações acerca das prisões da manifestação do dia anterior. Nessa imagem são destacadas a data e o horário em que o documento da polícia civil foi elaborado.
58'' – 1' 05''	Duas pessoas presas, um menor apreendido, cinco pessoas autuadas	O destaque de informações contidas no documento da polícia civil que informava a quantidade de pessoas presas na manifestação do dia anterior. Nessa imagem, o JN aumenta a fonte das informações relatadas pelo repórter (áudio)
1' 05'' – 1' 13''	e um número diferente da informação da polícia militar. Teriam sido onze os coquetéis molotov apreendidos.	Enquadre de informações destacadas contidas em um documento da polícia civil.
1' 13'' – 1' 24''	Na mesma nota, a polícia civil afirmava textualmente que Bruno Ferreira Telles era o único preso por portar artefato explosivo. Ele também foi acusado de desacato.”	Destaque da informação contida no documento da polícia civil sobre os motivos da prisão do estudante Bruno Ferreira Telles.
1' 24'' – 1' 31''	Na manhã seguinte, a polícia militar em nota oficial, reafirmou a apreensão dos vinte coquetéis molotov com um dos presos	Enquadre do site da polícia militar, em que continha uma nota reafirmando a apreensão dos vinte coquetéis molotov. Novamente, o JN aumenta a fonte e destaca determinados trechos do conteúdo da nota.
1' 31'' – 1' 40''	O Jornal Nacional teve acesso com exclusividade aos depoimentos dos	Enquadre do documento com os depoimentos dos policiais responsáveis pela

	policiais responsáveis pela prisão de Bruno Ferreira Telles.	prisão de Bruno Ferreira Telles.
1' 40'' – 1' 43''	Um dos PMS diz que um manifestante não identificado lançou o primeiro coquetel molotov.	Nessa imagem, o JN destaca a parte do documento em que relata ocorrido na noite do dia anterior, aumentando a fonte de trechos do conteúdo da nota.
1' 43'' – 1' 53''	Logo depois, outro coquetel foi aceso e entregue a Bruno, que segundo o policial também o lançou.	Destaque de mais uma parte do documento, aumentando a fonte e aproximando trechos do conteúdo do documento.
1' 53'' – 2' 07''	O mesmo policial afirmou que nenhum coquetel molotov foi encontrado com o estudante. Essa declaração contraria todas as notas divulgadas pelas policiais militar e civil no dia da manifestação e também no dia seguinte.	Destaque de mais uma parte do documento, aumentando a fonte e aproximando trechos do conteúdo do documento.
2' 07'' – 2' 14''	O juiz do plantão daquela noite que negou o pedido de relaxamento da prisão em flagrante de Bruno argumentou	Enquadre de um grupo de aproximadamente 30 pessoas no lado esquerdo do vídeo. Entre essas pessoas, podemos observar pessoas utilizando máscaras, pessoas protestando e cinegrafistas com câmeras nas mãos. Nessas imagens, podemos observar o estudante Bruno Ferreira Telles sem mochila e máscara, a frente de outras pessoas. Na parte de cima do vídeo, podemos identificar um bloqueio policial e uma pequena parte da Rua vazia, entre o grupo de pessoas e o bloqueio da corporação.
2' 14'' – 2' 16''	que pela narrativa dos policiais militares que o prenderam	Enquadre de um documento acerca da prisão do estudante.
2' 16'' – 2' 28''	o estudante teria cometido	Enquadre destacado de

	o crime de resistência e de lesão corporal. Citou ainda que Bruno teria dado um soco no pescoço e uma unhada em um dos policiais	trechos do documento que relata os crimes cometidos pelo estudante, segundo a relatos dos policiais envolvidos no caso.
2' 28'' – 2' 31''	havendo, assim, prova de existência dos crimes	Novas imagens destacadas de outros trechos que enfatizam a existência dos crimes cometidos pelo estudante na manifestação da noite anterior.
2' 31'' – 2' 34''	Bruno passou a madrugada na cadeia.	Enquadre do rosto do estudante Bruno Ferreira Telles em entrevista concedida ao grupo mídia NINJA. O estudante encontra-se numa sala, com um computador atrás dele.
2' 34'' – 2' 45''	Ontem de manhã, o presidente da comissão criada pelo governo do Rio para investigar os atos de vandalismo declarou que o ministério público ia denunciar o manifestante por tentativa de homicídio	Enquadre do procurador Eduardo Lima Neto em sua sala. Nessa imagem, o procurador está sentado em uma sala, gesticulando bastante. Em sua mesa, podemos identificar um telefone, um documento (provavelmente sobre o caso da prisão do estudante), uma caneta, um celular e um copo d'água.
2' 45'' – 2' 54''	Eduardo Lima Neto (procurador): “Quem atira um coquetel, um explosivo contra uma multidão, seja PM, seja manifestantes, seja quem for, está assumindo o risco de matar alguém.”	Enquadre do procurador Eduardo Lima Neto em sua sala. Um relato do procurador sobre a prisão do estudante. O JN destacou a seguinte legenda: Eduardo Lima Neto – Procurador.
2' 54'' – 3' 03''	Também ontem pela manhã, os advogados do estudante conseguiram um habeas corpus. Na decisão, o desembargador Paulo de Oliveira Lanzelotti Baldez	Enquadre do documento habeas corpus referente à prisão do estudante.
3' 03'' – 3' 09''	afirma que nenhum artefato explosivo foi apreendido com Bruno	Enquadre destacado do documento do desembargador Paulo de Oliveira Lanzelotti Baldez.

3' 09'' – 3' 13''	e que a prisão em flagrante não tinha fundamento idôneo e concreto.	Enquadre de novos trechos do documento referente à prisão do estudante, com relatos do desembargador Paulo de Oliveira Lancelotti Baldez.
3' 13'' – 3' 18''	Bruno deu uma entrevista ao grupo mídia ninja, falando sobre o momento de sua prisão	Novamente um enquadre do rosto do estudante em sua entrevista concedida ao grupo mídia NINJA.
3' 18'' – 3' 41''	Bruno Ferreira Telles: “Foi na primeira, na primeira hora que eles fizeram o pessoal correr.” Membro da mídia ninja: “Sim, a gente estava lá.” Bruno Ferreira Telles: “Eu queria pedir pra vocês me ajudarem, a encontrar o vídeo onde eu corri da polícia, eles me prenderam e disseram que eu estava com uma garrafa de molotov e eu não estava.”	Enquadre da entrevista do estudante Bruno Ferreira Telles concedida ao grupo mídia NINJA. O JN destacou a seguinte legenda: Bruno Ferreira Telles – Em entrevista ao Mídia Ninja.
3' 41'' – 3' 49''	e o vídeo acabou postado nas redes sociais. Bruno passa no canto direito do vídeo. Neste momento não aparenta ter nada nas mãos,	Imagens noturnas do momento da prisão do estudante Bruno Ferreira Telles. No início das imagens, podemos observar a rua extremamente vazia com apenas uma viatura do batalhão de choque. Ao fundo, o estudante passa correndo pela calçada e o JN destaca o corpo do estudante com uma marcação circular, visando identificá-lo diante de uma imagem noturna.
3' 49'' – 3' 58''	nem usa mochila. Um policial e um homem de camisa preta o perseguem. O cinegrafista amador corre para acompanhar a cena.	Imagens noturnas do momento da prisão do estudante Bruno Ferreira Telles. Nessas imagens, podemos identificar um policial e um homem de camisa preta perseguindo o estudante. Esses homens são marcados pelo JN, para

		uma melhor identificação do telespectador.
3' 58'' – 4' 05''	Mais a frente, o estudante cai no chão.	Imagens noturnas do momento da prisão do estudante Bruno Ferreira Telles. Essas imagens são bastante prejudicadas devido ao balanço da câmera do cinegrafista ao correr em direção ao estudante que caiu no meio de uma das ruas do Rio de Janeiro.
4' 05'' – 4' 11''	Um policial chega e usa uma arma não-letal contra o peito de Bruno. Ele parece estar desacordado.	Imagens noturnas do momento da prisão do estudante Bruno Ferreira Telles. Nessas imagens, o JN faz uma marcação circular do momento em que um policial usa uma arma não-letal contra o peito do estudante, que aparenta estar desacordado no meio de uma das ruas do Rio de Janeiro. Além disso, podemos observar um rapaz de camisa amarela pedindo calma ao policial. Também podemos observar que um dos policiais empurra um rapaz de camisa branca que tentava chegar próximo ao corpo do estudante.
4' 11'' – 4' 27''	O vídeo termina com o estudante sendo carregado pelos policiais. Nestas outras imagens, Bruno já aparece em pé, sem camisa, cercado por policiais e com um colete de metal no peito. Um dos PMS acusa o rapaz.	Imagens noturnas do momento da prisão do estudante Bruno Ferreira Telles. 'Imagens do estudante desacordado no chão de uma das ruas do Rio de Janeiro. Além disso, podemos observar que policiais arrastam o estudante pela rua.
4' 27'' – 4' 37''	PM: "Foi ele que tacou o primeiro coquetel molotov, ele tacou o primeiro coquetel molotov."	Nessas imagens, o estudante está em pé, cercado por diversos policiais. Ele está sem camisa e com um colete de

	Bruno Ferreira Telles: “Eu estava no posto.”	metal no peito. Ainda podemos observar um policial gritando, acusando o estudante de um crime. Além disso, o JN utiliza uma legenda na parte de baixo do vídeo com as falas do policial e do estudante.
4’ 37’’ – 4’ 59’’	<p>Jornalista: “Um policial pergunta para outro PM.”</p> <p>PM: “Ele é preso de quem?”</p> <p>Bruno Ferreira Telles: “Quem me pegou aí?”</p> <p>Outro PM: “Foi o P2 que pegou ele.”</p> <p>Bruno Ferreira Telles: “Cadê o P2?”</p> <p>Repórter: “P2 é como são chamados os policiais que trabalham sem farda, infiltrados entre os manifestantes. Outra dúvida levantada sobre a prisão de Bruno, diz respeito a uma mochila que teria sido usada para carregar explosivos.”</p>	Enquadre do estudante cercado por policiais e da indagação de um dos membros da corporação sobre o responsável pela prisão. Também podemos observar um dos policiais segurando o colete de metal que estava contra o peito do estudante nas imagens anteriores, assim como fotógrafos, cinegrafistas e repórteres em volta tentando registrar o caso. Assim, observamos uma repórter da equipe de jornalismo da Bandeirantes através do microfone da emissora. Além disso, o JN utiliza uma legenda na parte de baixo do vídeo com as falas do policial. Ao final dessa imagem, o JN coloca abaixo do vídeo os nomes dos editores da matéria jornalística: Thaisa Coelho e André Szapiro.
4’ 59’’ – 5’ 10’’	Esta imagem mostra o momento em que a polícia, encontra uma bolsa cheia de coquetéis molotov. O local fica a cerca de setecentos metros de onde o Bruno foi preso.	Enquadre do momento em que policiais encontram uma mochila repleta de artefatos explosivos, perto de uma banca de jornal em uma das ruas do Rio de Janeiro. Essas imagens também foram reproduzidas na notícia do dia anterior. Ao final dessa imagem, o JN coloca abaixo do vídeo o nome do editor de imagens da matéria jornalística: Bruno

		Motta.
5' 10'' – 5' 18''	Imagens feitas por um cinegrafista da globo mostram que antes do início dos confrontos, o rapaz não estava com mochila	Enquadre de pessoas mascaradas e cinegrafistas em diagonal abaixo do vídeo. Na parte de cima, em diagonal, podemos avistar um bloqueio policial. Entre esses dois grupos temos um espaço de rua vazio. Nessas imagens, o estudante é marcado por um círculo pelo JN, visando uma melhor identificação ao telespectador. Dessa forma, podemos observar que o estudante estava sem mochila nesse momento da manifestação.
5' 18'' – 5' 25''	... (som ambiente)	Enquadre de pessoas mascaradas e cinegrafistas em diagonal abaixo do vídeo. Na parte de cima, em diagonal, podemos avistar um bloqueio policial. Entre esses dois grupos temos um espaço de rua vazio. Nessas imagens, o estudante é marcado por um círculo pelo JN, visando uma melhor identificação ao telespectador.
5' 25'' – 5' 40''	Bruno Ferreira Telles: “Dá pra ver que eu não tenho mochila nenhuma. Eu acredito que como eu fiquei na frente lá. Falei muito, protestei muito, eu fiquei meio que com o rosto marcado. Porque eu não sei máscara. Não vejo motivo pra usar máscara, num momento que não está errado	Enquadre do rosto do estudante na entrevista concedida ao grupo mídia NINJA. O estudante explica sua versão do caso e gesticula. O JN expõe a seguinte legenda ao telespectador: Bruno Ferreira Telles – em entrevista ao Mídia Ninja.
5' 40'' – 5' 49''	Paulo Renato Soares (repórter): “O ministério público informou hoje que	Enquadre do repórter Paulo Renato Soares aparentemente em um

	está analisando o processo referente à prisão de Bruno Ferreira Telles. E deve anunciar uma decisão na segunda-feira	corredor. O JN expõe a seguinte legenda ao telespectador: Paulo Renato Soares – Rio de Janeiro.
--	--	---

Anexo E – Transcrição do vídeo: 22 de julho de 2013 (Mídia NINJA)

Mídia NINJA: Duração de doze minutos e trinta e dois segundos.

Tempo	Áudio	Vídeo (Imagem)
01'' – 08''	Áudio do som ambiente, com pessoas gritando: “Ei, para... para...”	Grupo de aproximadamente 15 cinegrafistas acompanhando e filmando a manifestação em frente a um bloqueio policial. Nessas imagens, podemos perceber muita correria e tensão.
08'' – 20''	Som ambiente de uma explosão. Além disso, percebemos o som dos tiros de bala de borracha.	Nesse momento, percebemos que um explosivo é lançado em direção ao bloqueio policial. Com a explosão, podemos identificar diversos focos de incêndio pela rua. Percebe-se também muita correria, fumaça e balas de borracha atiradas pelos policiais.
20'' – 27''	Som ambiente com diversas explosões. Também podemos ouvir alguns xingamentos.	Enquadre de muitos focos de incêndios, fumaça e balas de borracha atiradas pelos policiais.
27'' – 28''	Som ambiente.	[Rápida mudança de lado da câmera]. Nesse momento, podemos observar pessoas vestidas de preto correndo no lado oposto. Além disso, podemos notar cenas de caos urbano e enfrentamento entre policiais e esses manifestantes.
28'' – 34''	Áudio de diversas explosões.	Enquadre de muito fogo nas ruas e jatos ‘d’água lançados pela polícia para conter os focos de incêndio.
34'' – 41''	Áudio apenas do som ambiente com pessoas gritando:	Enquadre de enfrentamento e caos urbano, com jatos d’água, balas de borracha, muitas explosões e focos

	“Calma cara... Calma”	de incêndio. Além disso, podemos verificar a placa da Rua Pinheiro Machado. Nessas imagens, a cinegrafista gira a câmera diversas vezes, possivelmente procurando o melhor local para filmar e registrar as imagens do momento.
41’’ – 45’’	Som ambiente com diversas explosões.	Enquadre de um grupo de aproximadamente 15 fotógrafos e cinegrafistas acompanhando o enfrentamento.
45’’ – 55’’	Áudio apenas do som ambiente com pessoas gritando e xingando.	[Giro na câmera] Enquadre de muita fumaça nas ruas, com focos de incêndio e pessoas e cinegrafistas correndo (em torno de 8 pessoas).
55’’ – 59’’	Áudio apenas do som ambiente com pessoas gritando e xingando.	[Giro na câmera] Novamente imagens da placa das ruas e de fumaça, foco de incêndio e jatos d’água
59’’ – 1’ 03’’	Áudio apenas do som ambiente com pessoas gritando e xingando.	[Giro na câmera] Novamente imagens de aproximadamente 10 cinegrafistas com câmeras filmando e registrando o ocorrido.
1’ 03’’ – 1’ 13’’	Áudio apenas do som ambiente.	[Giro na câmera] Enquadre de aproximadamente 45 policiais avançando seu bloqueio e derrubando as grades que cercavam o evento que recebeu o Papa na cidade.
1’ 13’’ – 1’ 17’’	Gritos de cuidado e nova explosão.	Enquadre de aproximadamente 45 de policiaas avançando o bloqueio e uma nova explosão, com foco de incêndio na rua.
1’17’’ – 1’ 27’’	Som ambiente, com muitos gritos	Enquadre do avanço do bloqueio policial, jatos d’água pra controlar o foco de incêndio e diversos fotógrafos e cinegrafista

		acompanhando o evento.
1' 27'' – 1' 46''	Som ambiente e gritos de: “Sai, abre espaço” da polícia.	Enquadre de jatos d’água e de aproximadamente 45 policiais adiantando seu bloqueio.
1' 46'' – 1' 51''	Som ambiente e muita gritaria na rua com o avanço do bloqueio da polícia	[Giro na câmera] Enquadre de dois policiais acima de um tanque.
1' 51'' – 2' 18''	Som ambiente: Muita gritaria no avanço do bloqueio policial. Gritos como: “Junta aqui, não vamos dispersar.”	Enquadre de toda movimentação policial, com o avanço do bloqueio da tropa de choque. Um dos policiais aponta para frente, aparentemente dando coordenadas aos membros da corporação.
2' 18'' – 2' 44''	Som ambiente: Muita gritaria no avanço do bloqueio policial.	Enquadre do avanço do tanque da polícia. Em volta, aproximadamente 15 cinegrafistas registrando o momento e mais de 50 policiais abrindo passagem para o tanque. Após a passagem do tanque, duas viaturas passam em velocidade.
2' 44'' – 3' 03''	Muita gritaria, sons de buzina e bombas.	Enquadre de um batalhão de fotógrafos e cinegrafistas em frente ao posto Esso acompanhando o enfrentamento. Além disso, podemos observar aproximadamente mais de 50 policiais na rua.
3' 03'' – 3' 30''	Áudio de pessoas comentando “É muita polícia” Além disso, podemos ouvir muita gritaria e bombas.	Enquadre de aproximadamente mais de 80 policiais na rua e um caminhão de pequeno porte da polícia. Em determinado momento, o cinegrafista aplica um zoom na filmagem e registra uma explosão distante do local onde ele se encontrava. No momento da filmagem, o cinegrafista balança bastante a câmera, aparentemente devido à tensão do momento e a

		escassez de recursos técnicos.
3' 30'' – 4' 12''	Som ambiente: buzina, fogos, muita gritaria nas ruas.	O cinegrafista caminha por dentro do posto de gasolina e se depara com imagens de um batalhão de choque com proteção e caminhando pelas ruas do Rio de Janeiro. Em volta, diversas pessoas com máscaras e com câmeras de celulares filmando e registrando tudo (aproximadamente 25). Nesse momento, o cinegrafista registra um bloqueio com aproximadamente 50 policiais avançando pelas ruas do Rio de Janeiro.
4' 12'' – 4' 51''	Som ambiente. Tropa de choque gritando: "Vamos"	O cinegrafista caminha e acompanha o avanço da tropa de choque, fortemente armada. Além disso, podemos observar cachorros e um carro da tropa de choque que avança pelas ruas do Rio de Janeiro.
4' 51'' – 5' 10''	Som ambiente: bombas e gritaria.	Enquadre do estudante Bruno Ferreira Telles correndo na calçada de uma Rua do Rio de Janeiro. Nesse momento a imagem fica prejudicada devido ao cinegrafista correr com a câmera pra divulgar o momento.
5' 10'' – 5' 20''	Áudio de cinegrafista falando: "Já está no chão, já"	Enquadre de Bruno Ferreira Telles desacordado no chão. Nesse momento, um dos policiais utiliza uma arma não letal contra seu peito. Outro homem de camisa preta acompanha toda operação. Um homem, aparentemente cinegrafista, tenta ajudar Bruno e criticar a atuação da PM, mas é retirado de maneira

		agressiva por um dos membros da corporação.
5' 20'' – 5' 28''	<p>Áudio de um policial retirando cinegrafista de perto do estudante: “Tu ta maluco. Polícia... Sai. Eu sou polícia.</p> <p>Um integrante do grupo mídia NINJA diz: “Tá no chão”</p>	Enquadre de Bruno Ferreira Telles desacordado. Além disso, temos um policial sendo extremamente agressivo com um cinegrafista, que reclamava do comportamento e da utilização de uma arma não letal contra uma pessoa desacordada.
5' 28'' – 5' 56''	Um policial diz: “Tira ele daqui. Leva ele, algema, ele. Ele ta preso. Vamos.”	Enquadre do estudante sendo carregado por aproximadamente 5 policiais.
5' 56'' – 6' 25''	<p>Um integrante do grupo mídia NINJA diz: “O cara está desacordado”</p> <p>“É só um cara só, que está desacordado. Estão levando ele, calma”</p> <p>“é um cara, é um cara, um cara, um cara”</p> <p>“É um rapaz desacordado.”</p> <p>“Calma, calma ai, é um cara desacordado, tão levando”</p>	Enquadre do estudando no chão no meio de diversos policiais. Cinegrafias e câmeras tentam registrar o momento. [Momento de tensão e muita confusão]
6' 25'' – 7' 20''	<p>Um policia grita: “Sai, sai, sai”</p> <p>Um integrante do grupo mídia NINJA diz: “Calma, calma, eu estou aqui na calçada, cara”</p> <p>Muitos policiais gritam e xingam: “Sai, p....”</p> <p>Integrante do grupo mídia NINJA: “Estou na calçada, to na calçada, tem tempo, dá pra passar, gente”</p>	Enquadre de muitos polícias em volta do estudante. Nesse momento, pessoas são empurradas, mascarados e até cinegrafistas.

	Um dos policiais diz: “Não pode mostrar, não”	
7’ 20’’ – 7’ 55’’	Outro policial grita: “Olha a imprensa ai” Integrante do grupo mídia NINJA: “é um rapaz que foi preso, ele está sendo carregado. É só isso”	Enquadre de muitos policiais em volta do estudante. Nesse momento, pessoas são empurradas, mascarados e até cinegrafistas.
7’ 55’’ – 8’ 43’’	Um policial diz: “Olha aqui oh” Um integrante do grupo mídia NINJA diz: “A gente vai filmar, mostra que a gente filma.” Integrante do grupo mídia NINJA: “um cara ai, arrumou confusão e saiu correndo depois. Ai vocês pegaram ele, mas já estão levando ele preso, já.”	Enquadre do estudante (já de pé) cercado por diversos policiais e cinegrafistas. Um momento extremamente confuso.
8’ 43’’ – 9’ 11’’	Policial: “De quem é esse colete?” Integrante do grupo mídia NINJA: “Vou filmar.” Bruno: “Me solta, p...” Outro policial: “Não precisa disso, cara, já prendeu ele” Outro policial grita: “Quem é você, quem é você” Outros pedem calma e dizem que não precisa agir daquela maneira.	Enquadre de um policial forçando o estudante a colocar um colete pra ser filmado e fotografado. (evidenciando, assim, a utilização de um colete por parte do estudante). Nessas imagens, podemos observar diferentes abordagens da polícia. Alguns muito agressivos, outros policiais tentando conter os membros da corporação envolvidos na prisão do estudante.
9’ 11’’ – 9’ 30’’	Um policial grita: “Foi ele que tacou o primeiro coquetel molotov, Ele tacou o primeiro coquetel molotov” Bruno “Eu estava no	Enquadre do estudante cercado por policiais e com um colete de metal no peito.

	<p>posto”</p> <p>Outros policiais: “Vamos embora”</p>	
9’ 30’’ – 9’ 48’’	<p>Bruno: “Eu estava no posto, todo mundo viu”</p> <p>Repórter: “Foi você que tacou?”</p> <p>Bruno: ”Eu estava no posto”</p> <p>Policial: “Isso aqui é o que? Pra que que serve esse colete aqui?”</p> <p>Bruno: ”Por causa da repressão de vocês. Eu não sei se a televisão vai mostrar isso”</p>	<p>Enquadre do estudante concedendo pequenas palavras a uma repórter da Rede Bandeirantes de televisão.</p> <p>Além disso, podemos observar imagens do estudante sendo acusado pelos policiais.</p>
9’ 48’’ – 10’ 14’’	<p>Bruno: “Calma, não vai me prender, não.”</p> <p>Policial: “Cara, você tá preso”</p>	<p>Enquadre de um policial sendo extremamente agressivo, pressionando a cabeça do estudante para baixo.</p>
10’ 14’’ – 10’ 23’’	<p>Ao fundo, podemos ouvir a repórter comentando que: “De acordo com a polícia, esse foi o rapaz que lançou o primeiro coquetel molotov contra o reforço policial”</p> <p>Policial: “Aqui o colete dele aqui”</p>	<p>Enquadre de diversos policiais em volta do estudante Bruno Ferreira Telles. Nesse momento, podemos observar uma abordagem extremamente confusa e agressiva da polícia militar.</p>
10’ 23’’ – 1’ 44’’	<p>Policial: Ele é preso de quem?</p> <p>Bruno: “Quem me prendeu aí?”</p> <p>Policial: “Foi o P2 que pegou ele”</p> <p>Bruno: “Cadê o P2? Quero o nome do P2”</p>	<p>Enquadre do estudante cercado por aproximadamente 30 policiais.</p>

	<p>Policial: “Calma, você vai pra delegacia”</p>	
10’ 44’’ – 11’ 09’’	<p>Bruno: “Vocês viram, eu tava no posto ali. Apareci na frente deles. Estava com um colete, sim, pra me proteger de repressão.”</p> <p>Polícia “O colete aqui”</p> <p>Bruno: “Não tinha motivo pra eles agir desse jeito. Não teve. Alguém atacou, beleza, alguém atacou vocês.</p> <p>Bruno pede a repórter: “Anota o nome dele.”(Do P2 que o prendeu)</p> <p>A repórter pergunta: “Qual seu nome, eu queria o seu”</p>	<p>Enquadre de Bruno concedendo pequena entrevista a uma repórter da Rede Bandeirantes de televisão.</p> <p>Um policial novamente força o estudante a vestir o colete.</p>
11’ 09’’ – 11’ 32’’	<p>Bruno: “Vê o nome daquele garoto, por favor.”</p> <p>Polícia: “Garoto, não. Senhor policial”</p>	<p>Enquadre do estudante cercado por policias, cinegrafista repórteres e advogados.</p>
11’ 32’’ – 12’ 18’’	<p>Advogado; “Amigo. Olha só, eu sou da OAB. Não fala mais nada, não fala mais nada, fica calado nesse momento. Agora não tem jeito de resolver. Não fale mais nada aqui, a minha orientação é essa.”</p> <p>“Não fala mais nada, a minha orientação é essa, não tem jeito de sair daqui”</p> <p>Bruno: “Vai ter que provar isso”</p> <p>Integrante da mídia NINJA: “Escuta o advogado, irmão, escuta o advogado”</p>	<p>Enquadre do estudante cercado por policias, cinegrafista repórteres e advogados. Nesse momento, temos a intervenção de um advogado, orientando o estudante no caso.</p>

	<p>Advogado: “Fica calado agora, não fala mais nada. A gente vai pra delegacia”</p> <p>Policia: “Não adianta ficar de bate-papo aqui, a gente vai pra delegacia</p>	
12’ 18’’ – 12’ 32’’	<p>Bruno: “Advogado, arruma meu casaco, por favor.”</p> <p>Policia: “Você está algemado”</p> <p>Bruno: “Não é pra tirar, só arrumar ai”</p>	Enquadre do estudante cercado por policia, cinegrafista repórteres e advogados.

Anexo F – Transcrição do vídeo: 22 de julho de 2013 (Mídia NINJA)

Mídia NINJA: Duração: quatro minutos e três segundos.

Tempo	Áudio	Vídeo (Imagem)
0'' – 03''	<p>Integrante do grupo mídia NINJA: “Diga lá”</p> <p>Bruno Ferreira Telles: “Pode falar?”</p> <p>Integrante do grupo mídia NINJA: “Pode falar”</p>	Enquadre do rosto do estudante Bruno Ferreira Telles em entrevista concedida ao grupo mídia NINJA.
03'' – 22''	Bruno Ferreira Telles: “é... eu queria pedir ai pra vocês ajudarem a encontrar o vídeo onde eu corri da polícia. Eles me prenderam e disseram que eu tava com uma garrafa de molotov. E eu não estava. Eu só peço só isso mesmo, que vocês procurem esse vídeo e colaborem.	Enquadre do rosto do estudante Bruno Ferreira Telles em entrevista concedida ao grupo mídia NINJA. O estudante comenta e gesticula sobre o caso.
22'' – 27''	Integrante do grupo mídia NINJA: “Em que circunstância foi essa. Você tava em que ponto, que horas mais ou menos era?”	Enquadre do rosto do estudante Bruno Ferreira Telles em entrevista concedida ao grupo mídia NINJA. Nesse momento, o estudante ouve atentamente a pergunta do integrante do grupo mídia NINJA.
27'' – 33''	Bruno Ferreira Telles: “Foi na primeira... na primeira hora que eles fizeram o pessoal correr. Foi na hora que o pessoal estava muito tenso	Enquadre do rosto do estudante Bruno Ferreira Telles em entrevista concedida ao grupo mídia NINJA. Nesse momento, o estudante além de comentar sobre o caso, gesticula sobre o momento de sua prisão.
33'' – 34''	Integrante do grupo mídia NINJA: “Sim, a gente estava lá”	Enquadre do rosto do estudante Bruno Ferreira Telles em entrevista concedida ao grupo mídia NINJA. Nesse momento, o estudante além de comentar sobre o caso,

		gesticula sobre o momento de sua prisão.
34'' – 48''	Bruno Ferreira Telles: “eles fizeram todo mundo correr. Eu fiquei... eu falei, eu não vou correr, porque, poxa, eu saio de casa quero protestar. Agora, eu não vou ficar em casa porque tem cara quebrando lojas, botando fogo. Alguns policiais...”	Enquadre do rosto do estudante Bruno Ferreira Telles em entrevista concedida ao grupo mídia NINJA. Nesse momento, o estudante além de comentar sobre o caso, gesticula sobre o momento de sua prisão.
48'' – 1' 31''	“...também agindo de forma incorreta.	Enquadre de uma câmera nas mãos do estudante Bruno Ferreira Telles em entrevista concedida ao grupo mídia NINJA
51'' – 1' 08''	Bruno Ferreira Telles: “Eu não vou ficar em casa por causa disso. Por mais que a mídia fale pra você. Ah.. tá errado, porque tem vandalismo. Você tem que fazer sua parte e só isso que importa. Sai de casa, faça sua parte, não se preocupe com os outros. Faça sua parte, só isso. E se você achar esse vídeo aí, eu agradeço, pra poder provar minha inocência.	Enquadre do rosto do estudante Bruno Ferreira Telles em entrevista concedida ao grupo mídia NINJA. Nesse momento, o estudante além de comentar sobre o caso, gesticula sobre o momento de sua prisão.
1' 08'' – 1' 11''	Integrante do grupo mídia NINJA: “Porque eles estão te acusando de quê? De ter atirado um coquetel molotov.”	Enquadre do rosto do estudante Bruno Ferreira Telles em entrevista concedida ao grupo mídia NINJA
1' 11'' – 1' 36''	Bruno Ferreira Telles: “É, a garrafa. Mas eu tenho, eu tenho um próprio vídeo que eu filmei. Eu tava fazendo meio que um vídeo documentário. E... vários lances aqui no vídeo com o filme falando dá pra ver que eu não tenho mochila nenhuma. Eu acredito como eu fiquei na frente lá, falei muito, protestei muito, fiquei	Enquadre do rosto do estudante Bruno Ferreira Telles em entrevista concedida ao grupo mídia NINJA. Nesse momento, o estudante além de comentar sobre o caso, gesticula sobre o momento de sua prisão.

	meio que com o rosto marcado, entendeu? Por que eu não usei máscara. Eu acho que não tem motivo pra você usar máscara, no momento que tu não está errado.”	
1’ 36’’ – 1’ 40’’	Integrante do grupo mídia NINJA: “E quando você foi preso, você foi acusado de ter um artefato?”	Enquadre do rosto do estudante Bruno Ferreira Telles em entrevista concedida ao grupo mídia NINJA
1’ 40’’ – 1’ 40’’	Bruno Ferreira Telles: “É, só que não...”	Enquadre do rosto do estudante Bruno Ferreira Telles em entrevista concedida ao grupo mídia NINJA
1’ 41’’ – 1’ 44’’	Integrante do grupo mídia NINJA: “E essa prova, entre aspas, ela foi apresentada.	Imagem do rosto do estudante Bruno Ferreira Telles em entrevista concedida ao grupo mídia NINJA
1’ 44’’ – 1’ 58’’	Bruno Ferreira Telles: “Não. A prova, não teve prova. Teve só palavras. E... eu não entendo muito desse lance, não. Mas, se um policial falar que você cometeu algum crime, mas ele não colaborar. Você já fica preso provisoriamente.	Enquadre do rosto do estudante Bruno Ferreira Telles em entrevista concedida ao grupo mídia NINJA. Ao final desse trecho, o estudando se vira para outra pessoa na sala, que complementa sua fala.
1’ 58’’ – 1’ 59’’	Outra pessoa presente no momento da entrevista: “Detido”	Enquadre do rosto do estudante Bruno Ferreira Telles em entrevista concedida ao grupo mídia NINJA. Ao final desse trecho, o estudando se vira para outra pessoa na sala, que complementa sua fala.
1’ 59’’ – 2’ 10’’	Bruno Ferreira Telles: “Fica detido. E isso acabou se perdendo tempo. Você fica preso, perde tua moral, entendeu. E acontece tudo isso aí, por uma coisa que eu não sei o que é que acontece.”	Enquadre do rosto do estudante Bruno Ferreira Telles em entrevista concedida ao grupo mídia NINJA
2’ 10’’ – 2’ 18’’	Integrante do grupo mídia NINJA: “E o vídeo que a gente está atrás é de você	Enquadre do rosto do estudante Bruno Ferreira Telles em entrevista

	na multidão sem uma mochila ou o vídeo de onde houve...”	concedida ao grupo mídia NINJA
2' 18'' – 2' 20''	Outro integrante do grupo mídia NINJA: “Você estava perto do posto de gasolina?”	Enquadre do rosto do estudante Bruno Ferreira Telles em entrevista concedida ao grupo mídia NINJA. Nesse trecho, o estudante vira seu rosto para ouvir os questionamentos dos integrantes do grupo mídia NINJA.
2' 20'' – 2' 22''	Bruno Ferreira Telles: “É.. quando...”	Enquadre do rosto do estudante Bruno Ferreira Telles em entrevista concedida ao grupo mídia NINJA
2' 22'' – 2' 26'	Um dos advogados: “O vídeo vai ajudar, mas não acho que vai ser fator determinante, não, entendeu?”	Enquadre do rosto do estudante Bruno Ferreira Telles em entrevista concedida ao grupo mídia NINJA. Nesse trecho, o estudante vira seu rosto para ouvir os questionamentos de um dos advogados.
2' 26'' – 2' 27''	Bruno Ferreira Telles: “Vai, porque...”	Enquadre do rosto do estudante Bruno Ferreira Telles em entrevista concedida ao grupo mídia NINJA
2' 27'' – 2' 29''	Um dos advogados: “É interessante conseguir...”	Enquadre do rosto do estudante Bruno Ferreira Telles em entrevista concedida ao grupo mídia NINJA. Nesse trecho, o estudante vira seu rosto para ouvir os as falas de um dos seus advogados.
2' 29'' – 2' 32''	Um dos advogados de Bruno: “... alguma imagem dele sem esse, essa mochila, isso é legal”	Enquadre de um dos advogados de Bruno.
2' 32'' – 2' 33''	Bruno Ferreira Telles: “Mas todo vídeo vai mostrar que eu estou sem mochila e nem taquei nada.”	Enquadre de um dos integrantes do grupo mídia NINJA.

2' 33'' – 2' 52''	Um dos advogados de Bruno: “Mas o que eu estou querendo falar é o seguinte. Beleza, isso vai ajudar, mas, evidentemente, não pode ser fator determinante pra gente ter êxito agora nessa empreitada, entendeu? Tem que ver qual crime ele está sendo acusado, que eu ainda não sei qual é, e se for o caso, a gente vai conseguir uma liberdade provisória agora no plantão.	Enquadre de um dos advogados de Bruno.
2' 52'' – 2' 57''	Integrante do grupo mídia NINJA: “Então, mas se é uma palavra contra a outra, se não é uma prova física, ele ainda sim fica detido?”	Enquadre de um dos advogados de Bruno. Nesse trecho, outra pessoa pode ser observada ao fundo.
2' 57'' – 3' 00''	“Em tese, ele é completamente inocente, até que provem o contrário.	Enquadre de um dos advogados de Bruno. Nesse trecho, outra pessoa (aparentemente outro advogado) pode ser observada ao fundo.
3' 00'' – 3' 02''	Integrante do grupo mídia NINJA: “É...então, é isso que eu estou questionando. A presunção de inocência	Enquadre de um dos advogados de Bruno. Nesse trecho, outra pessoa (aparentemente outro advogado) pode ser observada ao fundo.
3' 02'' – 3' 05''	Outra integrante do grupo mídia NINJA: “O juiz de plantão, qual o nome dele agora?”	Enquadre de outra pessoa (aparentemente outro advogado)
3' 05'' – 3' 07''	Um dos advogados de Bruno: “Não posso falar, não posso divulgar essa informação... não posso	Enquadre do rosto do estudante Bruno Ferreira Telles em entrevista concedida ao grupo mídia NINJA
3' 07'' – 3' 10''	Um dos advogados de Bruno: “...não posso veicular isso.” Outra pessoa (aparentemente outro advogado): “Tem no site do Tribunal do Rio de	Enquadre de outra pessoa (aparentemente outro advogado)

	Janeiro.”	
3’ 10’’ – 3’ 15’’	Outra pessoa (aparentemente outro advogado): “No site do Tribunal você consegue esse informação.	Enquadre de outra pessoa (aparentemente outro advogado)
3’ 15’’ – 3’ 22’’	Outra integrante do grupo mídia NINJA: “Pessoal, vamos pressionar o juiz de plantão.”	Enquadre do estudante Bruno Ferreira Telles conversando com um dos integrantes do grupo mídia NINJA que digitava a entrevista.
3’ 22’’ – 4’ 01’’	<p>Integrante do grupo mídia NINJA: “Como você se chama, cara?”</p> <p>Bruno: “É... meu nome é Bruno Ferreira Telles. Eu peço que ajudem ai, até pra poder acabar com a... tem policial correto e tem policial que reprime, entendeu. Nem todos estão ligados a esse sistema. Tem policial bom sim, eu acredito nisso. Tanto que o comandante que me trouxe que eu esqueci o nome, foi muito educado comigo, me tratou muito bem. E infelizmente temos policiais que não ajudam, que quer fazer você ficar dentro de casa. Não fiquem, saiam. Se tiver que dar o sangue, dar arranhão, se machucar, façam isso, que é melhor do que você morrer num hospital ai., público. Ou uma violência por falta de educação do governo, entendeu. Então saiam de casa, não ficam com medo, não”</p>	Enquadre do rosto do estudante na entrevista concedida ao grupo mídia NINJA.

4' 01'' – 4' 03''	Integrante do grupo mídia NINJA: “Obrigado, cara”	Enquadre do rosto do estudante na entrevista concedida ao grupo mídia NINJA.
-------------------	--	---

Anexo G – Transcrição do vídeo 1: 23 de julho de 2013 (Performativos)

Duração do vídeo: cinco minutos e cinquenta e cinco segundos.

Bloco Temporal 1: Patrícia Poeta: “A passeata até a sede do governo do estado do Rio, onde o Papa Francisco recebeu as boas vindas ontem, começou pacífica, mas terminou em confronto. A polícia militar foi criticada por ter prendido um integrante do mídia ninja. É um grupo que transmite as manifestações pela internet.”

Performativos:

Houve uma passeata até a sede do governo do estado do Rio

O Papa Francisco recebeu as boas vindas na sede do governo do estado do Rio

A Passeata começou pacífica

A Passeata terminou em confronto

A Polícia militar foi criticada

Polícia militar prende integrante do mídia NINJA

Pessoas integram o grupo mídia NINJA

Mídia NINJA transmite as manifestações pela internet

Bloco Temporal 2: “Por volta das cinco da tarde, os manifestantes começaram a se reunir na praça do largo do machado. O bairro é vizinho a laranjeiras, onde fica o palácio Guanabara, sede do governo do estado. Era uma manifestação pacífica que durou duas horas e quarenta e cinco minutos. Entre a cerca de trezentas pessoas, com faixas e cartazes, havia integrantes de partidos políticos e de movimentos de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais. O grupo ocupou as escadarias de uma igreja, onde peregrinos cantavam músicas católicas e promoveu um beijaço contra a homofobia.”

Performativos:

Manifestantes se reúnem em praça

Pessoas se manifestam pacificamente

Pessoas levam faixas e cartazes

Algumas pessoas integram partidos políticos

Algumas pessoas integram o movimento de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais

O grupo ocupa as escadarias de uma igreja

Peregrinos cantam músicas católicas
O grupo se beija contra a homofobia

Bloco Temporal 3: “Pouco depois das seis da tarde, os manifestantes saíram em caminhada em direção ao palácio Guanabara, onde autoridades davam as boas vindas ao Papa Francisco. No caminho, mais pessoas se juntaram a passeata, que chegou a reunir mil e quinhentos participantes, segundo a polícia militar.

Performativos:

Os manifestantes saíram em caminhada em direção ao palácio Guanabara
Autoridades davam boas-vindas ao Papa
Mais pessoas se juntaram a passeata
Mil e quinhentos participantes se juntaram a passeata

Bloco Temporal 4: “Em frente ao bloqueio montado pela PM, a cerca de duzentos metros da sede do governo, manifestantes queimaram um boneco que representava o governador Sérgio Cabral. O grupo permaneceu no local sem que houvesse confronto, por cerca de meia hora, até a chegada de pessoas mascaradas e vestidas de preto. Houve gritos contra a PM.

Performativos:

Manifestantes queimaram um boneco
Um boneco representava o governador Sérgio Cabral.
Não houve confronto na manifestação
Pessoas mascaradas e vestidas de preto chegaram a manifestação
Houve confronto com a chegada de pessoas mascaradas e vestidas de preto
(Agente não identificado) entre em confronto
Houve gritos contra a PM
(Agente não identificado) grita com a PM

Bloco Temporal 5: “Depois que o papa Francisco deixou o palácio Guanabara, as grades que bloqueavam a rua foram derrubadas. Não é possível identificar por quem. Começou uma batalha. De um lado, pedras. Do outro, balas de borracha. Os mascarados

lançaram coquetéis molotov contra os policiais. Um PM foi atingido pelo fogo e se jogou no chão na tentativa de apagar as chamas.

Performativos:

O Papa deixou o Palácio Guanabara

(Agente não identificado) Bloqueia as ruas

(Agente não identificado) derruba grades

(Agente não identificado) Começa uma batalha

Os mascarados lançaram coquetéis molotov contra os policiais

Um PM foi atingido pelo fogo

(Agente não identificado) atinge PM com fogo

Um PM se jogou no chão

Um PM tentou apagar as chamas

Bloco Temporal 6: “A polícia reagiu com bombas de efeito moral, gás lacrimogêneo, balas de borracha e jatos d’água. Houve correria e a confusão se espalhou por outras ruas. Numa delas, os PMS encontraram uma mochila com vários coquetéis molotov.”

Performativos:

A polícia lançou com bombas de efeito moral,

A polícia lançou com gás lacrimogêneo

A polícia lançou com balas de borracha

A polícia lançou com jatos d’água.

Houve correria.

(Agente não identificado) corre

A confusão se espalhou por outras ruas

(Agente não identificado) se espalhou por outras ruas

PMS encontraram uma mochila

(Agente não identificado) guardou vários coquetéis molotov em uma mochila

Bloco Temporal 7: PM: “É isso que vocês têm que filmar.

Jornalista: “Isso aqui é o que guerreiro”

PM: “Coquetel molotov. Isso aqui mata um policial

Performativos:

É isso que um jornalista tem que filmar

Coquetel molotov mata um policial

Bloco Temporal 8: “Muitos policiais estavam sem identificação nas fardas. Esta manifestante aborda um deles. Ela pede para que o PM se identifique, mas ele se nega. Segundo a policia militar, um menor foi apreendido e sete pessoas foram detidas por desacato, incitação a violência, formação de quadrilha, exposição ao perigo, resistência e dano qualificado.”

Performativos:

Muitos policiais não se identificaram nas fardas

A manifestante aborda um policial

A manifestante pede para que o PM se identifique

O PM se nega a se identificar

Um menor foi apreendido

Sete pessoas foram detidas

Sete pessoas desacatarem

Sete pessoas foram detidas

Sete pessoas incitaram a violência

Sete pessoas formam quadrilha

Sete pessoas expõem ao perigo

Sete pessoas resistem

Sete pessoas danificam qualificadamente

Bloco Temporal 9: “Depois das prisões, um grupo de trezentas pessoas se concentrou em frente ao prédio da delegacia do catete, pedindo a liberação dos detidos. Foi o início de nova confusão. Carros da tropa de choque foram cercados. Policias tentaram liberar a pista e houve um empurra-empurra. PMS usavam spray de pimenta e o grupo se dispersou pelas ruas do bairro. No tumulto, comerciantes foram obrigados a fechar as portas.”

Performativos:

Trezentas pessoas se concentraram em frente ao prédio da delegacia do catete

Um grupo de trezentas pessoas pediu a liberação dos detidos.

Houve o início de uma nova confusão

Carros da tropa de choque foram cercados

Policias tentaram liberar a pista

Houve um empurra-empurra

PMS usavam spray de pimenta

O grupo se dispersou pelas ruas do bairro

Comerciantes foram obrigados a fechar as portas

Bloco Temporal 10: “Seis detidos foram liberados, porque teriam praticado crimes de menor potencial ofensivo. Entre eles, estava Felipe Peçanha, conhecido como carioca. Ele é integrante da mídia ninja, grupo que tem se dedicado a transmitir as manifestações ao vivo, pela internet. Felipe conversou com um repórter da globo news e disse que não sabia porque tinha sido preso.”

Performativos:

Seis detidos foram liberados

Eles praticaram crimes de menor potencial ofensivo.

Felipe Peçanha é conhecido como Carioca

Felipe Peçanha é integrante da mídia ninja

O mídia ninja transmite as manifestações ao vivo pela internet

Felipe conversa com um repórter da globo news

Felipe disse que não sabia por que tinha sido preso

Bloco Temporal 11: Felipe Peçanha: “Me trouxeram aqui pra fazer uma averiguação. Eu fiquei aqui esperando. Fui bem tratado pela policia civil, mas a polícia militar me colocou a força, sem nenhum tipo de justificativa, sem nenhum tipo de alegação.

Performativos:

Felipe disse que foi levado para uma averiguação

Felipe disse que ficou esperando

Felipe disse que foi bem tratado pela polícia civil

Felipe disse que a polícia militar o colocou a força,

Felipe disse que não houve nenhum tipo de justificativa

Felipe disse que houve nenhum tipo de alegação

Bloco Temporal 12: “Hoje nas redes sociais, pessoas que acompanhavam a manifestação acusaram a PM de ter infiltrado policiais sem farda no protesto, para provocar o tumulto. O relações públicas da polícia militar, coronel Frederico Caldas, se disse enojado com essa acusação e que considera um absurdo imaginar que um policial possa agredir um colega.

Performativos:

Pessoas acompanharam a manifestação

Pessoas acusaram a PM de ter infiltrado policiais sem farda no protesto

Pessoas acusaram a PM de provocar tumulto

Frederico Caldas é relações públicas da polícia militar

Frederico Caldas é coronel

Frederico Caldas se disse enojado com essa acusação

Frederico Caldas critica a acusação

Frederico Caldas diz que é um absurdo imaginar um policial possa agredindo um colega.

Bloco Temporal 13: “Na internet, foram postados vídeos que, após o tumulto, dois homens correm em direção à barreira da polícia. Um deles tira a camisa. Eles parecem se identificar e são autorizados a passar. Por telefone, o coronel Frederico Caldas reconheceu que policiais do serviço reservado, à paisana, acompanham a manifestação com o objetivo de identificar agressores e coletar provas. Mas ele disse que não é possível afirmar, que os homens mostrados nos vídeos sejam policiais.

Performativos:

Vídeos foram postados na internet após o tumulto

(Agente não identificado) postou vídeos na internet

Dois homens correram em direção à barreira da polícia

Um dos homens tirou a camisa

Os homens foram autorizados a passar

O coronel Frederico Caldas reconheceu a existência de policiais do serviço reservado à paisana

Policiais acompanharam a manifestação à paisana para identificar agressores

Policiais acompanharam a manifestação à paisana para coletar provas
Frederico Caldas disse que não é possível afirmar, que os homens mostrados nos vídeos sejam policiais.

Bloco Temporal 14: “De todas as pessoas detidas ontem, apenas Bruno Ferreira Telles ficou preso durante toda a madrugada, por porte de artefato explosivo ou incendiário e por desacato. Hoje de manhã, o advogado dele conseguiu um habeas corpus.

Performativos:

Bruno Ferreira Telles ficou preso durante toda a madrugada
Bruno Ferreira Telles ficou preso por porte de artefato explosivo ou incendiário
Bruno Ferreira Telles ficou preso por desacato.
O advogado dele conseguiu um habeas corpus

Bloco Temporal 15: Bruno Ferreira Telles (estudante detido): “Me prenderam e disseram que eu estava com uma garrafa de molotov e eu não estava.

Performativos:

Bruno disse que foi preso
Bruno disse que foi acusado de estar com uma garrafa de molotov
Bruno disse que não estava com uma garrafa de molotov

Bloco Temporal 16: Paulo Renato Soares (repórter): “A comissão criada pelo governo do Rio, na semana passada, para investigar os atos de vandalismo durante as manifestações, se reuniu hoje, pela primeira vez. Representantes do ministério público e das policiais militar e civil decidiram que todas as informações, processos, fotos e vídeos ficarão numa única delegacia. Mais cedo, o presidente da comissão disse que vai denunciar Bruno Ferreira Telles por tentativa de homicídio.

Performativos:

Uma comissão foi criada pelo governo do Rio
A comissão vai investigar atos de vandalismo durante as manifestações
Representantes do ministério público e das policiais militar e civil decidiram que todas as informações, processos, fotos e vídeos ficarão numa única delegacia.

O presidente da comissão disse que vai denunciar Bruno Ferreira Telles

Bloco Temporal 17: Eduardo Lima Neto (procurador): “Quem atira um coquetel, um explosivo conta uma multidão, seja policial, seja manifestante, seja que for, está assumindo o risco de matar alguém.”

Performativos:

Eduardo Lima Neto disse

Quem atira um coquetel contra uma multidão está assumindo o risco de matar alguém

Bloco Temporal 18: William Bonner (âncora do JN): “Cinco manifestantes e dois policiais militares ficaram feridos nos confrontos. Todos já receberam alta e passam bem.”

Performativos:

Cinco Manifestantes ficaram feridos nos confrontos

Dois policiais militares ficaram feridos nos confrontos

Todos já receberam alta

Todos passam bem

Anexo H – Transcrição do vídeo 2: 24 de julho de 2013 (Performativos)

Duração do vídeo: cinco minutos e quarenta e nove segundos.

Bloco Temporal 1: Willian Bonner: “O Jornal Nacional teve acesso com exclusividade ao inquérito policial sobre a prisão de um estudante acusado de ter lançado coquetéis molotov contra policiais, nos confrontos de segunda-feira, no Rio de Janeiro, perto do palácio Guanabara. Ao contrário do que tinha sido divulgado em várias notas oficiais das policias, militar e civil, o estudante Bruno Ferreira Telles não portava explosivos no momento da prisão, segundo relatos do próprio policial que o deteve.”

Performativos:

- O Jornal Nacional teve acesso com exclusividade ao inquérito policial
- O inquérito policial era sobre a prisão de um estudante
- O estudante foi acusado de ter lançado coquetéis molotov contra policiais
- O estudante Bruno Ferreira Telles não portava explosivos no momento da prisão

Bloco Temporal 2: “Os confrontos de segunda-feira à noite perto do Palácio Guanabara, sete pessoas foram presas. Horas depois do início do tumulto, a polícia militar do Rio, divulgou em seu twitter oficial, a informação de que vinte coquetéis molotov tinham sido apreendidos com um manifestante. Minutos depois, uma nova mensagem: duas pessoas tinham sido presas, uma portando material explosivo e outra por desacato.”

Performativos:

- Houve confrontos perto do Palácio Guanabara
- Sete pessoas foram presas
- A polícia militar do Rio divulgou uma informação
- Vinte coquetéis molotov tinham sido apreendidos com um manifestante
- Duas pessoas tinham sido presas
- Uma pessoa portava material explosivo
- Outra pessoa foi presa por desacato

Bloco Temporal 3: “Por volta da meia noite, foi a policia civil que divulgou um balanço. Duas pessoas presas, um menor apreendido, cinco pessoas autuadas e um número

diferente da informação da polícia militar. Teriam sido onze os coquetéis molotov apreendidos. Na mesma nota, a polícia civil afirmava textualmente que Bruno Ferreira Telles era o único preso por portar artefato explosivo. Ele também foi acusado de desacato.”

Performativos:

A polícia civil divulgou um balanço

Duas pessoas foram presas

Um menor foi apreendido

Cinco pessoas foram autuadas

A polícia civil divulgou um balanço diferente da informação da polícia militar

Onze coquetéis molotov foram apreendidos

A polícia civil afirmou que Bruno Ferreira Telles era o único preso por portar artefato explosivo

O estudante foi acusado de desacato.

Bloco Temporal 4: “Na manhã seguinte, a polícia militar em nota oficial, reafirmou a apreensão dos vinte coquetéis molotov com um dos presos. O Jornal Nacional teve acesso com exclusividade aos depoimentos dos policiais responsáveis pela prisão de Bruno Ferreira Telles.”

Performativos:

A polícia militar reafirmou a apreensão dos vinte coquetéis molotov com um dos presos

O Jornal Nacional teve acesso com exclusividade aos depoimentos dos policiais responsáveis pela prisão de Bruno Ferreira Telles.

Bloco Temporal 5: Um dos PMS diz que um manifestante não identificado lançou o primeiro coquetel molotov. Logo depois, outro coquetel foi aceso e entregue a Bruno, que segundo o policial também o lançou. O mesmo policial afirmou que nenhum coquetel molotov foi encontrado com o estudante. Essa declaração contraria todas as notas divulgadas pelas policiais militar e civil no dia da manifestação e também no dia seguinte.”

Performativos:

PM diz que um manifestante não identificado lançou o primeiro coquetel molotov.

Outro coquetel foi aceso

Um coquetel foi entregue a Bruno

Policial afirmou que nenhum coquetel molotov foi encontrado com o estudante

Bloco Temporal 6: “O juiz do plantão daquela noite que negou o pedido de relaxamento da prisão em flagrante de Bruno, argumentou que pela narrativa dos policiais militares que o prenderam, o estudante teria cometido o crime de resistência e de lesão corporal. Citou ainda que Bruno teria dado um soco no pescoço e uma unhada em um dos policiais, havendo, assim, prova de existência dos crimes.”

Performativos:

O juiz do plantão argumentou que o estudante teria cometido o crime de resistência e de lesão corporal.

Bruno teria dado um soco no pescoço

Bruno teria dado uma unhada em um dos policiais

Pode haver prova da existência dos crimes

Bloco Temporal 7: “Bruno passou a madrugada na cadeia. Ontem de manhã, o presidente da comissão criada pelo governo do Rio para investigar os atos de vandalismo declarou que o ministério público ia denunciar o manifestante por tentativa de homicídio.”

Performativos:

Bruno passou a madrugada na cadeia

O presidente da comissão declarou que o ministério público ia denunciar o manifestante

Bloco Temporal 8: Eduardo Lima Neto (procurador): “Quem atira um coquetel, um explosivo contra uma multidão, seja PM, seja manifestantes, seja quem for, está assumindo o risco de matar alguém.”

Performativos:

Eduardo Lima Neto disse

Quem atira um coquetel contra uma multidão pode matar alguém

Bloco Temporal 9: “Também ontem pela manhã, os advogados do estudante conseguiram um habeas corpus. Na decisão, o desembargador Paulo de Oliveira Lanzelotti Baldez afirma que nenhum artefato explosivo foi apreendido com Bruno e que a prisão em flagrante não tinha fundamento idôneo e concreto.”

Performativos:

Os advogados do estudante conseguiram um habeas corpus.

Paulo de Oliveira Lanzelotti Baldez é desembargador

Paulo de Oliveira Lanzelotti Baldez afirma que nenhum artefato explosivo foi apreendido com Bruno

Paulo de Oliveira Lanzelotti Baldez afirma que a prisão em flagrante não tinha fundamento idôneo e concreto

Bloco Temporal 10: “Bruno deu uma entrevista ao grupo mídia ninja, falando sobre o momento de sua prisão.”

Bruno Ferreira Telles: “Foi na primeira, na primeira hora que eles fizeram o pessoal correr.”

Membro da mídia ninja: “Sim, a gente estava lá.”

Bruno Ferreira Telles: “Eu queria pedir pra vocês me ajudarem, a encontrar o vídeo onde eu corri da polícia, eles me prenderam e disseram que eu estava com uma garrafa de molotov e eu não estava.”

Performativos:

Bruno deu entrevista ao mídia NINJA

Bruna falou sobre sua prisão na entrevista

O membro do mídia NINJA diz que também estava na manifestação

Bruno pede ajuda

Bruno pede para que o mídia NINJA encontre o vídeo do momento de sua prisão

Bruno diz que não estava com uma garrafa de molotov

Bloco Temporal 11: “e o vídeo acabou postado nas redes sociais. Bruno passa no canto direito do vídeo. Neste momento não aparenta ter nada nas mãos, nem usa mochila. Um policial e um homem de camisa preta o perseguem. O cinegrafista amador corre para acompanhar a cena. Mais a frente, o estudante cai no chão. Um policial chega e usa uma arma

não-letal contra o peito de Bruno. Ele parece estar desacordado. O vídeo termina com o estudante sendo carregado pelos policiais.

Performativos:

O vídeo foi postado nas redes sociais

(Agente não identificado) postou vídeos nas redes sociais

Bruno passa no canto direito do vídeo.

O estudante não aparenta ter nada nas mãos

O estudante não usava mochila

Um policial e um homem de camisa preta perseguem o estudante

O cinegrafista amador corre para acompanhar a cena.

O estudante cai no chão

Um policial usa uma arma não-letal contra o peito de Bruno.

O estudante parece estar desacordado

O estudante é carregado pelos policiais.

Bloco Temporal 12: “Nestas outras imagens, Bruno já aparece em pé, sem camisa, cercado por policiais e com um colete de metal no peito. Um dos PMS acusa o rapaz.

PM: “Foi ele que tacou o primeiro coquetel molotov, ele tacou o primeiro coquetel molotov.”

Bruno Ferreira Telles: “Eu estava no posto.”

Jornalista: “Um policial pergunta para outro PM.”

PM: “Ele é preso de quem?”

Bruno Ferreira Telles: “Quem me pegou aí?”

Outro PM: “Foi o P2 que pegou ele.”

Bruno Ferreira Telles: “Cadê o P2?”

Repórter: “P2 é como são chamados os policiais que trabalham sem farda, infiltrados entre os manifestantes. Outra dúvida levantada sobre a prisão de Bruno, diz respeito a uma mochila que teria sido usada para carregar explosivos.”

Performativos:

Bruno está em pé

Bruno está sem camisa

Bruno é cercado por policiais

Bruno está com um colete de metal no peito
 Um dos PMS acusa o rapaz
 PM diz que estudante tacou o primeiro coquetel molotov
 Bruno diz que estava no posto
 Um policial pergunta a outro quem foi o responsável pela prisão
 O PM responde que foi o P2 que prendeu o estudante
 P2 são os policiais que trabalham, sem farda, infiltrados nas manifestações

Bloco Temporal 13: “Esta imagem mostra o momento em que a polícia, encontra uma bolsa cheia de coquetéis molotov. O local fica a cerca de setecentos metros de onde o Bruno foi preso. Imagens feitas por um cinegrafista da globo mostram que antes do início dos confrontos, o rapaz não estava com mochila.

Performativos:

A polícia encontrou uma bolsa cheia de coquetéis molotov
 O local fica a cerca de setecentos metros de onde o Bruno foi preso
 Um cinegrafista da globo fez imagens da manifestação
 O rapaz não estava de mochila no início dos confrontos

Bloco Temporal 14: Bruno Ferreira Telles: “Dá pra ver que eu não tenho mochila nenhuma. Eu acredito que como eu fiquei na frente lá. Falei muito, protestei muito, eu fiquei meio que com o rosto marcado. Porque eu não sei máscara. Não vejo motivo pra usar máscara, num momento que não está errado.

Performativos:

O estudante diz que estava sem mochila
 O estudante acredita que ficou marcado por estar na frente
 O estudante é contra a utilização de máscara

Bloco Temporal 15: Paulo Renato Soares (repórter): “O ministério público informou hoje que está analisando o processo referente à prisão de Bruno Ferreira Telles. E deve anunciar uma decisão na segunda-feira.”

Performativos:

O ministério público informou que está analisando o processo da prisão de Bruno Ferreira Telles

O ministério público deve anunciar uma decisão na segunda-feira

TABELAS

TABELA 1 - Quadro de designações entre a oposição: Manifestantes x Policiais (Notícia de 23 de julho de 2013):

Bloco Temporal	Designações dos Manifestantes (Referente à Pessoas)		Designações dos Policiais (Referente à Pessoas)
1	Integrante do Mídia NINJA	X	Polícia Militar
2	Manifestantes Integrantes de partidos políticos + Integrantes de movimentos de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais	X X	(Vazio) (Vazio)
	Grupo	X	(Vazio)
3	Mais pessoas Participantes	X X	(Vazio) Polícia Militar
4	Manifestantes Grupo Pessoas mascaradas e vestidas de preto	X X X	Bloqueio montado pela PM (Vazio) PM
5	Pedras Mascarados + Coquetéis Molotov (Vazio)	X X X	Balas de borracha Policiais PM atingido
6	Correria + Confusão	X	Bombas de efeito moral, gás lacrimogêneo, balas de borracha e jatos d'água.
	Mochila com coquetéis molotov	X	PMS
7	Coquetel Molotov	X	Policial
8	Manifestante Ela Um menor + Sete pessoas presas (incitação a violência, formação de quadrilha, exposição ao perigo, resistência e dano qualificado)	X X X	Policial PM - Ele Polícia militar
9	Um grupo de trezentas pessoas	X	(Vazio)
	Detidos	X	"Detidos" - implicitamente o ato refere-se a membros da corporação (policial)
	(Vazio)	X	Carros da tropa de choque

	Empurra-Empurra Grupo - Dispersão	X X	Policiais PMS - Spray de Pimenta
10	Seis detidos - de menor potencial ofensivo	X	"Detidos" - implicitamente o ato refere-se a membros da corporação (policial)
	Felipe Peçanha (integrante do grupo Mídia NINJA)	X	(Vazio)
11	Eu - me	X	Polícia Civil (Bem tratado) / Polícia Militar (Mal tratado)
12	Pessoas que acompanhavam a manifestação	X	PMS infiltrados, sem farda
	Acusação	X	O relações públicas da polícia militar, coronel Frederico Caldas
13	(Vazio)	X	Dois homens correm em direção à barreira da polícia
	Agressores	X	Policiais do serviço reservado, à paisana
	(Vazio)	X	O coronel Frederico Caldas
14	Pessoas Detidas	X	"Detidas" - implicitamente o ato refere-se a membros da corporação (policial)
	Bruno Ferreira Telles	X	desacato
15	Me + Eu + Coquetel Molotov	X	Disseram
16	Atos de vandalismo	X	A comissão criada pelo governo do Rio
	(Vazio)	X	Representantes do ministério público e das policiais militar e civil
	Bruno Ferreira Telles	X	O presidente da comissão
17	Manifestante	X	Eduardo Lima Neto + Policial
18	Cinco manifestantes	X	Dois policiais

TABELA 2 - Quadro de designações do Evento e o lugar (23 de julho de 2013)

Bloco Temporal	Manifestação (Referente à Situação)	Lugar (Referente à Situação)
1	Pacífica Em confronto	Sede do governo do estado do Rio
2	Pacífica	Praça do largo do machado O bairro é vizinho a laranjeiras, onde fica o palácio Guanabara, sede do governo do estado As escadarias de uma igreja
3	(Vazio)	Palácio Guanabara No caminho
4	(Vazio)	Em frente ao bloqueio montado pela PM Sede do governo No local
5	(Vazio)	Palácio Guanabara
6	(Vazio)	Outras ruas Numa delas
7	(Vazio)	(Vazio)
8	(Vazio)	(Vazio)
9	Nova confusão Empurra-Empurra	Em frente ao prédio da delegacia do catete Ruas do Bairro
10	As manifestações	Pela internet
11	(Vazio)	(Vazio)
12	(Vazio)	Nas redes sociais
13	(Vazio)	Na internet Por telefone Nos vídeos
14	(Vazio)	(Vazio)
15	(Vazio)	(Vazio)
16	As manifestações	Única delegacia
17	(Vazio)	(Vazio)

18	Nos confrontos	(Vazio)
----	----------------	---------

Tabela 3: Quadro de designações entre a oposição: Manifestantes x Policiais (Notícia de 24 de julho de 2013):

Bloco Temporal	Designações dos Manifestantes (Referente à Pessoas)		Designações dos Policiais (Referente à Pessoas)
1	Um estudante + Coquetéis molotov (Vazio) O estudante não portava mochila e artefato explosivo	X X X X	Policiais Notas oficiais das polícias, militar e civil Policiais que o deteve
2	Sete pessoas Um Manifestante Duas pessoas + outra	X X X	Presas (A Ação que implicitamente retrata o ato de membros da corporação policial) A polícia militar do Rio + Twitter Oficial Presas (A Ação que implicitamente retrata o ato de membros da corporação policial)
3	Duas pessoas, + um menor + cinco pessoas Bruno Ferreira Telles Ele	X X X	Polícia Civil + Balanço (Informações) + Presas, Apreendido e Autuadas (A Ação que implicitamente retrata o ato de membros da corporação policial) Polícia Civil Acusado (A Ação que implicitamente retrata o ato de membros da corporação policial)
4	Presos Bruno Ferreira Telles	X X	Polícia Militar + Nota Oficial (Informação) Policiais responsáveis pela prisão
5	Manifestante não identificado + Coquetel Molotov Coquetel + Bruno Estudante (Vazio)	X X X X	Um dos PMS Policial Policial Notas divulgadas pelas polícias militar e civil
6	Bruno	X	Policiais militares

	Estudante + crime de resistência e de lesão corporal	X	Policiais
	Bruno + soco no pescoço + unhada	X	Policiais
7	Bruno	X	(Vazio)
	O Manifestante	X	Presidente da Comissão
8	Manifestante	X	Eduardo Lima Neto + Policial
9	Estudante	X	(Vazio)
	Bruno	X	Desembargador Paulo de Oliveira Lancelotti Baldez
10	Bruno	X	(Vazio)
	(Vazio)	X	Eles
	Eu	X	(Vazio)
	Eu	X	Polícia
	Me	X	Eles
	“que eu estava com uma garrafa de molotov e eu não estava”	X	Disseram
11	Bruno	X	(Vazio)
	“não aparenta ter nada nas mãos, nem usa mochila (Designação implícita)	X	(Vazio)
	“o perseguem”	X	Um policial e um homem de camisa preta
	O estudante	X	(Vazio)
	Bruno	X	Um policial
	Ele	X	(Vazio)
	O estudante	X	Policiais
12	Bruno (em pé, sem camisa e com um colete de metal no peito)	X	Policiais
	Rapaz	X	PMS

	Ele que tacou o primeiro coquetel molotov	X	(Vazio)
	Eu	X	(Vazio)
	Ele é preso de quem?	X	Policial + PM
	Quem me pegou ai?	X	P2
	Manifestantes	X	P2 – policiais que trabalham sem farda infiltrados
	Bruno + Mochila	X	(Vazio)
13	Bolsa cheia de coqueteis molotov	X	Polícia
	Bruno	X	(Vazio)
	O rapaz	X	(Vazio)
14	Eu	X	(Vazio)
	Eu	X	(Vazio)
	Eu	X	(Vazio)
	Eu	X	(Vazio)
	Eu	X	(Vazio)
15	Bruno Ferreira Telles	X	(Vazio)

Tabela 4: Quadro de designações do Evento e o lugar (24 de julho de 2013)

Bloco Temporal	Manifestação (Referente à Situação)	Lugar (Referente à Situação)
1	(Vazio)	No Rio de Janeiro, perto do Palácio Guanabara Notas Oficiais Momento da prisão
2	(Vazio)	Perto do Palácio Guanabara Twitter Oficial
3	(Vazio)	Na mesma nota
4	(Vazio)	Nota oficial
5	Manifestação	Palácio Guanabara
6	(Vazio)	(Vazio)
7	(Vazio)	Na cadeia
8	(Vazio)	(Vazio)
9	(Vazio)	(Vazio)
10	(Vazio)	Momento Lá Onde
11	(Vazio)	Nas redes sociais Canto direito do vídeo Neste momento Mais a frente No chão
12	(Vazio)	No posto
13	(Vazio)	O momento O local Onde
14	(Vazio)	Na frente Num momento
15	(Vazio)	(Vazio)

Tabela 5: Quadro de Vozes entre a oposição: Manifestantes x Policiais (Notícia de 23 de julho de 2013):

Bloco Temporal	Vozes dos Manifestantes		Vozes dos Policiais
1	(Vazio)	X	(Vazio)
2	(Vazio)	X	(Vazio)
3	(Vazio)	X	No caminho, mais pessoas se juntaram a passeata, que chegou a reunir mil e quinhentos participantes, segundo a polícia militar (Discurso Relatado)
4	Houve gritos contra a PM – Imagem: O conteúdo da palavra de ordem entoada contra a polícia: “A PM é a vergonha do Brasil”.	X	(Vazio)
5	(Vazio)	X	(Vazio)
6	(Vazio)	X	(Vazio)
7	(Vazio)	X	PM: “É isso que vocês têm que filmar. Jornalista: “Isso aqui é o que guerreiro” PM: “Coquetel molotov. Isso aqui mata um policial
8	(Vazio)	X	(Vazio)
9	(Vazio)	X	(Vazio)
10	(Vazio)	X	(Vazio)
11	Felipe Peçanha: “Me trouxeram aqui pra fazer uma averiguação. Eu fiquei aqui esperando. Fui bem tratado pela polícia civil, mas a polícia militar me colocou a força, sem nenhum tipo de justificativa, sem nenhum tipo de alegação.	X	(Vazio)
12	(Vazio)	X	O relações públicas da polícia militar, coronel Frederico Caldas, se disse enojado com essa acusação e que considera um absurdo imaginar que um policial possa agredir um colega.
13	(Vazio)	X	Por telefone, o coronel Frederico Caldas reconheceu que policiais do serviço reservado, à paisana, acompanham a manifestação com o objetivo de identificar agressores e coletar provas. Mas ele disse que não é possível afirmar, que os homens mostrados nos vídeos sejam policiais.

14	(Vazio)	X	(Vazio)
15	Bruno Ferreira Telles (estudante detido): “Me prenderam e disseram que eu estava com uma garrafa de molotov e eu não estava.	X	(Vazio)
16	(Vazio)	X	(Vazio)
17	(Vazio)	X	Eduardo Lima Neto (procurador): “Quem atira um coquetel, um explosivo conta uma multidão, seja policial, seja manifestante, seja que for, está assumindo o risco de matar alguém.”
18	(Vazio)	X	(Vazio)

Tabela 6: Quadro de Vozes entre a oposição: Manifestantes x Policiais (Notícia de 24 de julho de 2013):

Bloco Temporal	Designações dos Manifestantes		Designações dos Policiais
1	(Vazio)	X	(Vazio)
2	(Vazio)	X	Os confrontos de segunda-feira à noite perto do Palácio Guanabara, sete pessoas foram presas. Horas depois do início do tumulto, a polícia militar do Rio, divulgou em seu twitter oficial, a informação de que vinte coquetéis molotov tinham sido apreendidos com um manifestante. Minutos depois, uma nova mensagem: duas pessoas tinham sido presas, uma portando material explosivo e outra por desacato (Dá voz a polícia através de documentos institucionais)
3	(Vazio)	X	Por volta da meia noite, foi a polícia civil que divulgou um balanço. Duas pessoas presas, um menor apreendido, cinco pessoas autuadas e um número diferente da informação da polícia militar. Teriam sido onze os coquetéis molotov apreendidos. Na mesma nota, a polícia civil afirmava textualmente que Bruno Ferreira Telles era o único preso por portar artefato explosivo. Ele também foi acusado de desacato. (Dá voz a polícia através de documentos institucionais)
4	(Vazio)	X	Na manhã seguinte, a polícia militar em nota oficial, reafirmou a apreensão dos vinte coquetéis molotov com um dos presos.
5	(Vazio)	X	Um dos PMS diz que um manifestante não identificado lançou o primeiro coquetel molotov. Logo depois, outro coquetel foi aceso e entregue a Bruno, que segundo o policial também o lançou. O mesmo policial afirmou que nenhum coquetel molotov foi encontrado com o estudante. (Discurso Relatado)

6		X	O juiz do plantão daquela noite que negou o pedido de relaxamento da prisão em flagrante de Bruno, argumentou que pela narrativa dos policiais militares que o prenderam, o estudante teria cometido o crime de resistência e de lesão corporal. Citou ainda que Bruno teria dado um soco no pescoço e uma unhada em um dos policiais, havendo, assim, prova de existência dos crimes (Discurso Relatado)
7	(Vazio)	X	Ontem de manhã, o presidente da comissão criada pelo governo do Rio para investigar os atos de vandalismo declarou que o ministério público ia denunciar o manifestante por tentativa de homicídio (Discurso Relatado)
8	(Vazio)	X	Eduardo Lima Neto (procurador): “Quem atira um coquetel, um explosivo contra uma multidão, seja PM, seja manifestantes, seja quem for, está assumindo o risco de matar alguém.”
9	(Vazio)	X	O desembargador Paulo de Oliveira Lanzelotti Baldez afirma que nenhum artefato explosivo foi apreendido com Bruno e que a prisão em flagrante não tinha fundamento idôneo e concreto
10	Bruno Ferreira Telles: “Foi na primeira, na primeira hora que eles fizeram o pessoal correr.” Membro da mídia ninja: “Sim, a gente estava lá.” Bruno Ferreira Telles: “Eu queria pedir pra vocês me ajudarem, a encontrar o vídeo onde eu corri da polícia, eles me prenderam e disseram que eu estava com uma garrafa de molotov e eu não estava.”	X	(Vazio)
11	(Vazio)	X	(Vazio)
12	Bruno Ferreira Telles: “Eu estava no posto.”	X	PM: “Foi ele que tacou o primeiro coquetel molotov, ele tacou o

	Bruno Ferreira Telles: “Quem me pegou aí”	X	primeiro coquetel molotov.”
	Bruno Ferreira Telles: “Cadê o P2?”	X	PM: “Ele é preso de quem? Outro PM: “Foi o P2 que pegou ele.”
13	(Vazio)	X	(Vazio)
14	Bruno Ferreira Telles: “Dá pra ver que eu não tenho mochila nenhuma. Eu acredito que como eu fiquei na frente lá. Falei muito, protestei muito, eu fiquei meio que com o rosto marcado. Porque eu não sei máscara. Não vejo motivo pra usar máscara, num momento que não está errado.	X	(Vazio)
15	(Vazio)	X	Paulo Renato Soares (repórter): “O ministério público informou hoje que está analisando o processo referente à prisão de Bruno Ferreira Telles. E deve anunciar uma decisão na segunda-feira.” (Discurso Relatado)